

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

DIVA DA CONCEIÇÃO GONÇALVES

**MIDIATIZAÇÃO E CONTEXTO RURAL
análise dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos em comunidades
da Reserva Extrativista Chico Mendes, Acre**

SÃO LEOPOLDO, RS

2014

DIVA DA CONCEIÇÃO GONÇALVES

MIDIATIZAÇÃO E CONTEXTO RURAL

**análise dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos em comunidades
da Reserva Extrativista Chico Mendes, Acre**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira

SÃO LEOPOLDO, RS

2014

G643c

Gonçalves, Diva da Conceição.

Midiatização e contexto rural: análise dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos em comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes, Acre / Diva da Conceição Gonçalves. – 2014.

198 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2014.

"Orientador: Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira."

1. Midiatização. 2. Mediação. 3. Circulação. 4. Família. 5. Meio rural. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

DIVA DA CONCEIÇÃO GONÇALVES

"MIDIATIZAÇÃO E CONTEXTO RURAL ANÁLISE DOS USOS E APROPRIAÇÕES
DE DISPOSITIVOS MUDIÁTICOS EM COMUNIDADES DA RESERVA
EXTRATIVISTA CHICO MENDES, ACRE"

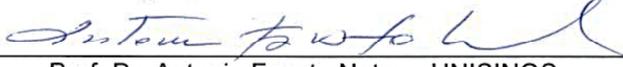
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 04 de junho de 2014

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ada Cristina Machado Silveira – UFSM



Prof. Dr. Antonio Fausto Neto – UNISINOS



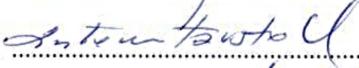
Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira – UNISINOS

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO PÚBLICA Nº 016/2014

Aos quatro dias do mês de junho de dois mil e quatorze, realizou-se na Sala de Palestras do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, a sessão de *Arguição Pública da Dissertação* “**MIDIATIZAÇÃO E CONTEXTO RURAL análise dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos em comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes, Acre**” apresentada pela aluna **Diva da Conceição Gonçalves**, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, nível Mestrado, à Comissão Examinadora constituída pelos professores doutores *Ada Cristina Machado Silveira* (UFSM), *Antonio Fausto Neto* (UNISINOS) e *Jairo Getúlio Ferreira* (Orientador). Desenvolvidos os trabalhos nos termos do Regimento Interno, Capítulo VI e registrados os resultados nas Planilhas de Avaliação, a Comissão atribuiu ao aluno, o grau 10,0.

Comissão Examinadora:

Ada Cristina Machado Silveira 

Antonio Fausto Neto 

Jairo Getúlio Ferreira (Orientador) 

À Danyele,
pela paciência e compreensão pelas coisas adiadas na longa espera,
com amor.

AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento é para Deus, por munir-me de fé e perseverança para realizar este percurso e por ensinar-me a conviver com a distância de casa e com a ausência das pessoas que amo.

À Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), pela oportunidade de realizar esta pesquisa, especialmente aos colegas da Embrapa Acre: Priscila Viudes, pelo apoio nas questões logísticas; Aldeci Oliveira, pela parceria na realização dos trabalhos de campo nas comunidades extrativistas; e Daniel Papa, pela contribuição no tratamento dos dados geográficos da pesquisa.

À Embrapa Uva e Vinho, pelo apoio na fase pré-exploratória, com um obrigado especial à colega Viviane Zanella, pelo apoio e carinho nos primeiros momentos da pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos: Jairo Ferreira, pela orientação na pesquisa; José Luiz Braga e Antônio Fausto Neto, pelo compartilhamento do conhecimento, pelas contribuições nos encaminhamentos iniciais do estudo e sugestões na banca de qualificação do projeto.

Às famílias de agricultores dos distritos de Tuiuty e Pinto Bandeira (Bento Gonçalves, RS) e às famílias extrativistas dos seringais Floresta (Xapuri, AC) e Porvir e Filipinas (Brasileia, AC), pela receptividade com que me acolheram durante a realização da pesquisa.

À minha família, pelas orações, pela torcida e encorajamento em todos os momentos. Um agradecimento muito especial à minha mãe Maria Alzira, mulher de fibra, que com força, coragem e sabedoria vislumbrou um futuro melhor para os filhos, quando migrou dos longínquos seringais amazônicos para a pequena cidade de Boca do Acre (AM), em busca de condições de vida mais dignas para a família.

A Francisco de Assis Correa Silva, pelo incentivo e apoio durante essa caminhada e sempre, sobretudo, por cuidar da “nossa princesinha” na minha ausência.

“Como qualquer outro elemento que integra a sociedade, a comunicação somente tem sentido e significado em termos das relações sociais que a originam, nas quais ela se integra e sobre as quais influi. Quer dizer que a comunicação que se dá entre as pessoas manifesta a relação social que existe entre essas mesmas pessoas. Neste sentido, os meios de comunicação devem ser considerados não como meios de informação, mas como intermediários técnicos nas relações sociais”.

Juan Díaz Bordenave (1983, p. 12)

“Só investigamos de verdade o que nos afeta [...] [e] afetar vem de afeto”.

Martín-Barbero (2004, p. 25)

RESUMO

Esta pesquisa estuda a constituição do processo de midiática em três comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes: seringal Floresta (município de Xapuri) e seringais Porvir e Filipinas (município de Brasileia), no Acre. Investigam-se experiências individuais e coletivas na perspectiva da midiática, levando-se em consideração a presença de distintas mediações no processo. Nessa articulação entre midiática, sujeito rural e mediações buscou-se compreender como os extrativistas se inscrevem em dispositivos midiático-comunicacionais, ingressando em circuitos de oferta midiática e como essa relação constitui processos de comunicação e interações sociais. Como resultado do estudo evidenciou-se que os usos e apropriações de dispositivos midiáticos se desenvolvem profundamente marcados por aspectos contextuais, que são ultrapassados por novas referências interacionais construídas cotidianamente, influenciando as relações sociais. Na interseção desses processos identificamos formatos de uma *mediática periférica*.

Palavras-chave: Midiática. Mediação. Circulação. Família. Meio Rural.

ABSTRACT

This research studies the constitution of mediatization process in three communities of the Chico Mendes extractive reserve: Seringal Floresta (municipality of Xapuri) and Seringais Porvir e Filipinas (municipality of Brasileia) in Acre. Investigates individual and collective experiences in the perspective of mediatization, taking into consideration the presence of different mediations in the process. In this joint between mediatization, country man and mediations we seek to understand how the extraction workers are enrolled in media-communication device and join in the media supply circuits and how this relationship constitutes communication processes and social interactions. As a result of the study it was evidenced that the uses and appropriations in media devices to develop deeply marked by determinations that are outdated by new interactive references that it's build, influencing the social relations. At the intersection of these processes we identify a *peripheral mediatization* formats.

Keywords: Mediatization. Mediation. Circulation. Family. Countryside.

LISTA DE SIGLAS

| | |
|------------|--|
| AC | - Acre |
| AM | - Amazonas |
| AM | - Amplitude modulada |
| AMOPREB | - Associação dos Moradores e Produtores Extrativistas de Brasileia |
| CNPUV | - Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho – Embrapa Uva e Vinho |
| COOPERACRE | - Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre |
| EMATER | - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural |
| EMBRAPA | - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária |
| GPS | - Global Positioning System (Sistema de Posicionamento Global) |
| IBAMA | - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente |
| IBGE | - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| ICMBio | - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade |
| INCRA | - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária |
| IVC | - Instituto Verificador de Circulação |
| PUCRS | - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul |
| RESEX | - Reserva Extrativista |
| RS | - Rio Grande do Sul |
| SBT | - Sistema Brasileiro de Televisão |
| TV | - Televisão |
| UERJ | - Universidade Estadual Rural do Rio de Janeiro |
| UFBA | - Universidade Federal da Bahia |
| UFPE | - Universidade Federal de Pernambuco |
| UFRGS | - Universidade Federal do Rio Grande do Sul |
| UFSM | - Universidade Federal de Santa Maria |
| UnB | - Universidade de Brasília |
| UNISINOS | - Universidade do Vale do Rio dos Sinos |
| USP | - Universidade de São Paulo |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1 | Justificativa | 16 |
| 1.2 | O problema de pesquisa | 18 |
| 1.3 | Objetivos | 20 |
| 1.4 | Articulações da pesquisa | 21 |
| 2 | CONTEXTO TEÓRICO-REFLEXIVO | 25 |
| 2.1 | Da sociedade de massa à midiatização social | 25 |
| 2.2 | Midiatização – referências gerais à construção do objeto | 33 |
| 2.3 | A circulação como catalisadora da midiatização | 35 |
| 2.4 | O dispositivo como operador de interações | 41 |
| 2.5 | Zonas de tensão | 43 |
| 2.5.1 | O <i>habitus</i> como resistência | 43 |
| 2.5.2 | A mediação como chave de leitura das apropriações simbólicas | 45 |
| 2.5.3 | Redes de comunicação cotidiana - uma perspectiva interacional | 50 |
| 3 | APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO | 55 |
| 3.1 | A construção do objeto | 55 |
| 3.2 | O método | 56 |
| 3.3 | Metodologias | 60 |
| 3.3.1 | Técnicas de coleta e análise de dados | 64 |
| 3.3.2 | A pesquisa da pesquisa | 69 |
| 3.3.3 | A pesquisa exploratória | 74 |
| 3.3.4 | A pesquisa sistemática | 81 |
| 4 | CONSTITUIÇÃO DE PROCESSOS MUDIATIZADOS EM COMUNIDADES RURAIS DO RIO GRANDE DO SUL E DO ACRE | 88 |
| 4.1 | Analogia entre contextos comunicacionais: diferenças e similitudes | 90 |
| 4.2 | Experiências midiáticas entre agricultores familiares gaúchos | 95 |
| 4.2.1 | Descrição dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos | 98 |
| 4.3 | Experiências midiáticas entre extrativistas no Acre | 113 |
| 4.3.1 | Análise dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos | 126 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 157 |
| 5.1 | Codas em contexto teórico ampliado | 162 |
| 5.1.1 | Memórias e comunicação | 162 |
| 5.1.2 | A oralidade como referência para o processo de interação | 164 |
| 5.1.3 | Táticas de usos e invenção social | 166 |
| 5.1.4 | O ativista midiático | 169 |
| 5.1.5 | Uma paisagem de usos | 171 |
| 5.1.6 | Nuances da midiatização | 172 |
| | REFERÊNCIAS | 182 |
| | APÊNDICE A – MAPAS | 189 |
| | APÊNDICE B–GRÁFICOS | 192 |
| | ANEXOS | 196 |

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta como tema a constituição de processos midiáticos em três comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes (Resex): seringal Floresta, no município de Xapuri e nos seringais Porvir e Filipinas, ambos em Brasileia, no Acre (AC). Nestas localidades, os meios de comunicação assumem importante papel na interação dos extrativistas tanto em seus processos comunicacionais internos como na interação com o meio urbano. No seu desenvolvimento situamos o objeto de estudo como constituído pelos usos¹ e apropriações² e pelos processos desencadeados a partir dessa relação com as mídias, procurando-se perceber como tais processos práticas de comunicação e interações sociais nas comunidades extrativistas.

Os meios de comunicação ou dispositivos midiáticos, como também são nomeados nesta pesquisa, estão presentes no cotidiano das pessoas de diferentes maneiras, configurando, em cada contexto, uma realidade comunicacional específica, de acordo com a oferta midiática, as condições em que se desenvolvem as relações com estas tecnologias, sobretudo em um quadro de usos (PROULX, 2013) e apropriações desenvolvido pelos indivíduos. Símbolos da modernidade, os meios de comunicação contribuem para um novo paradigma comunicacional que o campo acadêmico da comunicação vem discutindo, por meio de diversas linhagens teóricas, e que envolve modos distintos como a sociedade se relaciona com estas tecnologias.

O propósito da pesquisa é investigar os usos e apropriações em dispositivos midiáticos por moradores de comunidades rurais, a partir de questões acentuadas pela perspectiva da midiática social, processo que se caracteriza pela presença cada vez mais intensa de uma cultura midiática como parâmetro para as interações sociais. Como matriz semântica do processo de midiática, a mídia deve ser entendida não somente como meios de comunicação social – como o rádio, a televisão, os jornais impressos e a internet – para a transmissão de informações e mensagens, mas especialmente como dispositivo estruturante da vida cotidiana e das ações de indivíduos e instituições em seus processos sociais.

¹O conceito de usos como operador metodológico é discutido nos capítulos II e IV desta pesquisa. A partir da perspectiva teórica de Proulx (2013), definimos os usos como referência nas interações com as dimensões técnicas e tecnológicas em dispositivos, enfatizando as materialidades da relação com os meios.

²O conceito de apropriação, em tensão com o conceito de usos, remete à dimensão simbólica das interações, cuja constituição é mediada pela linguagem. Trata-se de estudar como indivíduos integrantes de um grupo social específico, no caso os habitantes rurais, se apropriam de dispositivos e mensagens midiáticas, ressignificando-os como processos criados, no desenvolvimento de seus processos comunicacionais e de interação social. Esses aspectos também serão desenvolvidos nos capítulos II e IV.

Essa mudança de paradigma na comunicação vem se constituindo desde a segunda metade do século XX, entretanto, nas últimas duas décadas, com a expansão das novas tecnologias da informação e comunicação tornou-se mais acentuada. As transformações políticas, socioeconômicas e culturais, resultantes de processos como a globalização, possibilitaram o avanço tecnológico e o uso dos meios de comunicação em escala cada vez mais global. Os avanços tecnológicos ampliaram a oferta midiática para a sociedade, levando os indivíduos a um consumo intensivo e diversificado, entretanto, é preciso considerar que o Brasil, com suas cidades globais, conectadas em tempo real, também possui extensas áreas territoriais rurais ainda pouco inseridas em processos midiáticos, com modos de vida essencialmente locais.

De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), 15,6% da população brasileira - o correspondente a 30 milhões de pessoas - vivem no meio rural. Este contingente inclui populações que habitam desde localidades mais remotas que, de acordo com Steinbrenner (2011) assumem condições periféricas no acesso a bens e serviços básicos, e formam um imenso mosaico cultural e distintas realidades sociais expressas nos diversos aspectos da vivência rural, especialmente nos processos de comunicação e de interação social.

Em regiões consideradas *periféricas*, como a Amazônia, subsiste um complexo universo social que mistura parâmetros de modernidade e urbanidade a aspectos de sociedades tradicionais, profundamente rudimentares no que diz respeito à infraestrutura de acesso aos meios de comunicação. Nesses lugares *periféricos*, instalou-se ao longo do tempo, no que diz respeito ao campo da comunicação, um modelo de midiatização também *periférica*, que reproduz na região o padrão de concentração e controle midiático, que se dá em modo global e nacionalmente, porém de forma mais precária em termos de oferta midiática, alcance e conteúdo (STEINBRENNER, 2011).

A *midiatização periférica*³ surge como resultado das precariedades estruturais e vícios institucionais que se instalaram em países de modernização recente, onde, durante décadas, imperou o subdesenvolvimento antidemocrático baseado na dependência externa (BELTRÁN, 2005, apud STEINBRENNER, 2011). Sem desconsiderar as limitações e dificuldades com as quais muitas comunidades rurais ainda convivem neste estudo o *caráter periférico* do processo de midiatização no meio rural está relacionado principalmente aos modos

³Construído a partir da noção de *modernização periférica*, trabalhada por Jessé Souza (2003), e do entendimento de *periferia*, trabalhado por Milton Santos (2007), o conceito de *midiatização periférica* é desenvolvido por Steinbrenner (2011) para revelar e desconstruir o campo midiático em relação à atuação e funcionamento de rádios comunitárias na Amazônia, em abordagem que revela a precariedade e insuficiência dos meios de comunicação na região.

particulares com que seus habitantes se relacionam com as tecnologias, ou seja, como utilizam e se apropriam de dispositivos midiáticos e como desenvolvem seus processos comunicacionais e suas interações sociais a partir dessa relação.

Na sociedade contemporânea, a mídia constitui uma nova configuração societária, regida por lógicas econômicas, políticas e culturais, na qual coexistem novos e velhos padrões de acumulação, exclusão e inclusão, conformados por novas formas de conduta e apreensão do mundo. O campo midiático tornou-se a base dos processos sociais, com o uso crescente de dispositivos tecnoinformacionais, por indivíduos e instituições, mas é preciso considerar que o Brasil, com suas cidades globais, conectadas em tempo real, também possui extensas áreas territoriais rurais ainda pouco inseridas nos processos midiáticos (IANNI, 2000).

Embora se observe uma ampla presença da mídia na sociedade, o acesso aos meios de comunicação ainda é profundamente desigual e a sua utilização e apropriação acontece de maneiras distintas e em condições diferenciadas. As assimetrias no acesso às tecnologias da comunicação ficam mais evidentes em localidades onde as diferenças sociais se mostram mais acentuadas pelas condições geográficas de isolamento e por processos históricos marcados pela ausência de políticas públicas para a melhoria da infraestrutura necessária para o consumo e apropriação de bens e serviços essenciais, inclusive os meios de comunicação. Esta é a realidade de regiões inteiras no interior da Amazônia brasileira, principalmente as áreas mais distantes dos centros urbanos, onde os meios de comunicação tradicionais são escassos e as novas tecnologias não chegam⁴. Neste contexto se inserem as comunidades rurais extrativistas que integram este estudo.

Enquanto processo social, a midiaticização se efetiva nas interações dos indivíduos com as tecnologias de comunicação e com a própria sociedade, mas este processo acontece mediado por diferentes instâncias que participam do cotidiano social. Deste modo, a problemática desta pesquisa envolve pensar os processos comunicacionais e interacionais na perspectiva da midiaticização, considerando distintas mediações presentes nos diversos contextos de vivência dos extrativistas e que se expressam na relação destes indivíduos com os meios de comunicação.

Neste sentido, o estudo considera aspectos socioantropológicos, tecno-tecnológicos e sêmió-discursivos presentes nos processos de comunicação e nas interações que se

⁴Steinbrenner (2011) considera que as desigualdades sociais na Amazônia brasileira, assim como em outras regiões da América Latina, África e Ásia - de histórica escassez econômica e indigência institucional - são resultado dos vícios e equívocos dos modelos de desenvolvimento pensados de 'fora pra dentro', que findam por limitar o acesso de uma maioria a bens sociais públicos como saúde, educação, transporte e também o direito à comunicação.

desenvolvem em relação com as mídias. Essas três dimensões se constituem como mediação e operam justapostas na problemática, oferecendo ângulos distintos para o processo analítico no desenvolvimento da pesquisa. Embora a comunicação seja um processo essencialmente mediado, as mediações não configuram condicionantes nem determinações unívocas da midiaticização, mas, ao contrário, são elementos que participam de modo relacional da constituição deste processo. Por sua diversidade, as mediações possibilitam pensar a midiaticização social em distintas configurações, a partir das ações constituídas nos usos e apropriações dos indivíduos com as mídias.

Nesta perspectiva, dois eixos centrais atuam de forma articulada na pesquisa: o processo de midiaticização – como construtos sociocomunicacionais, que se desenvolvem na interação com os meios de comunicação; e o processo de mediação – como matrizes históricas, socioeconômicas, geográficas, políticas e culturais constitutivas da prática social e comunicacional, que se interseccionam nas materialidades e na dimensão simbólica dos dispositivos. Tais processos aparecem imbricados na comunicação cotidiana dos extrativistas, não podendo ser considerados de forma isolada devido à relação de complementariedade que desenvolvem nas relações sociais, com ênfase nos processos comunicacionais e interacionais.

Deste modo, não se investiga uma mídia ou produto cultural específico, mas os processos comunicacionais e as relações sociais constituídas, inseridas nas práticas cotidianas de indivíduos rurais moradores de comunidades extrativistas, a partir de interações em dispositivos. O que se busca é um mapa lógico dos usos e apropriações dos meios de comunicação, que permita identificar como estes indivíduos inscrevem seus processos comunicacionais e interacionais na oferta midiática disponível e como essa relação estrutura a comunicação e as práticas sociais, resultando em processos interacionais. Sendo assim, é por meio das experiências cotidianas com as mídias que buscamos compreender o processo de midiaticização em comunidades rurais extrativistas, espaços geográficos entendidos nesta pesquisa como *lugares periféricos*⁵, compreensão construída do ponto de vista da comunicação midiática.

⁵O sentido do termo periférico como diferença em relação ao que está no centro ou é central pode ser compreendido na hierarquia das classes nas pesquisas sociométricas, na diferença topo/base da pirâmide do consumo de bens, dos salários, do poder aquisitivo, mas também na relação entre países e cidades com maior ou menor desenvolvimento, sendo que a segunda situação está relacionada também ao acesso a objetos técnicos e às distâncias geográficas, conforme evidenciado em estudos realizados por Milton Santos (2002). No contexto desta pesquisa os *lugares periféricos* são entendidos como aquelas localidades cujas condições limitadas de acesso aos meios de comunicação e a outros serviços primários, associadas a contextos diversos que integram o meio rural e a vida cotidiana neste ambiente (geográficos e socioculturais), contribuem para um quadro de singularidades nos modos de usos e apropriações destas tecnologias, em seus aspectos material e simbólico.

Nestas localidades rurais os processos de comunicação e as interações sociais se desenvolvem profundamente marcados por aspectos contextuais (materiais e simbólicos), especialmente o contexto geográfico, o sistema de trabalho, as relações familiares, a tradição de oralidade e, sobretudo, a necessidade de interagir e o sentido coletivo que a relação com os meios de comunicação adquire. Tais aspectos contextuais, embora se condensem em mediações na relação com os dispositivos midiáticos, são ultrapassados por novas referências interacionais, construídas cotidianamente, que possibilitam a inserção dos extrativistas em realidades mais globais e atribuem formatos periféricos ao processo de midiaticização neste contexto.

No desenvolvimento da pesquisa utilizamos como aporte teórico os pressupostos de Braga (2006, 2007, 2008, 2011, 2012, 2013), Ferreira (2006, 2007, 2010, 2013) e Fausto Neto (2006, 2008, 2010) sobre o processo de midiaticização social; as concepções de Serge Proulx (2013) sobre usos e apropriações; e o pensamento de Martín-Barbero (2009) sobre a problemática das mediações, além de contribuições de outros autores do campo da comunicação e áreas de estudo afins.

1.1 Justificativa

O interesse por estudar o processo de midiaticização no meio rural se desenvolveu em duas direções: de um lado a percepção sobre a presença cada vez maior da mídia na sociedade e da sua influência nos processos sociais; de outro, a constatação, durante experiências profissionais em comunidades rurais, que apesar da proliferação dos meios de comunicação entre um grande número de pessoas que moram no espaço rural, em localidades mais distantes o uso dessas tecnologias ainda é restrito, mas nem por isso seus habitantes estão fora de um contexto midiaticizado. O que se observa nas comunidades extrativistas estudadas é que, mesmo vivendo no interior da floresta, as pessoas estão em “conexão” com o mundo globalizado, seja pelas ondas do rádio, pelas antenas parabólicas que dão acesso à programação da televisão ou via sinais de telefonia celular, portanto, são sujeitos implicados no processo de midiaticização, ainda que convivam com um reduzido espectro midiático.

Os meios de comunicação estão inseridos nos processos comunicacionais e interacionais desses indivíduos, entretanto, a relação com estas tecnologias se desenvolve fortemente marcada pela carência tecnológica e em condições específicas de um contexto rural caracterizado por um modo de vida próprio e por grandes distâncias geográficas que

dificultam o acesso e atribuem particularidades aos usos e apropriações de dispositivos midiáticos.

Se por um lado os extrativistas convivem com dificuldades que restringem a oferta tecnológica, por outro, esse quadro situacional restritivo inspira o desenvolvimento de estratégias e táticas de acesso e uso que lhes possibilitam constituírem-se como consumidores midiáticos e sujeitos do processo de midiatização, mesmo que este processo se apresente matizado em virtude dos modos como se relacionam com os dispositivos e se apropriam das informações. Além disso, diferentemente do que acontece nas cidades, onde a comunicação tende a ser cada vez mais constituída por processos individualizados e que se efetivam à distância – pelo uso crescente das tecnologias digitais – nas comunidades extrativistas percebemos os processos comunicacionais vinculados exclusivamente ao uso de mídias tradicionais e à interação presencial e fortemente marcados pela oralidade e por laços de proximidade com a família e com a vizinhança, aspectos que nesta pesquisa são entendidos como centrais para o funcionamento do processo de midiatização, constituído por um quadro de usos e apropriações singulares de dispositivos midiáticos.

Na escolha do tema da pesquisa pesaram as inquietações sobre a crescente participação da mídia na vida social e os modos como a população rural lida com as assimetrias no acesso às tecnologias da comunicação, mas também a forte presença do rural na minha trajetória de vida. De origem seringueira, passei parte da infância transitando entre o campo e a cidade e cresci ouvindo histórias que mesclam fantasias e realidades da vida na floresta e que também revelam uma incrível força e capacidade de superação que caracteriza a população dos seringais amazônicos. Esse mundo, de íntima relação com a natureza e com a ordem econômica – outrora imposta pelo modelo capitalista de exploração da força de trabalho seringueira, operacionalizado pelo famigerado *sistema de aviamento*⁶, cujo caráter de dominação se diluiu em outras formas de manifestação do capitalismo – ganhou novos contornos na modernidade, com a presença de tecnologias da comunicação. Os diferentes níveis de acesso e as distintas modalidades e complexidades de usos e apropriações dessas tecnologias definem arquiteturas comunicacionais também diversas no meio rural.

⁶Sistema de fornecimento de mercadorias a crédito, baseado no endividamento prévio e contínuo do seringueiro com o patrão (donos dos seringais), que funcionou durante décadas nos antigos seringais amazônicos, marcando as relações de exploração do trabalho seringueiro. Ao final de cada mês, o seringueiro entregava a produção de borracha no barracão, como pagamento às mercadorias que lhes eram fornecidas e quase sempre a borracha produzida não era suficiente para sanar a dívida mensal, fazendo com que o seringueiro permanecesse continuamente endividado e sem “saldo” (recursos) para pagar integralmente a dívida com o seringalista.

A partir dessa ligação quase umbilical com o meio rural e da diversidade de realidades comunicacionais aí existentes, concebo esse contexto como um cenário vinculado a reminiscências de infância e, principalmente, como espaço para descobertas – primeiro como jornalista de uma empresa que desenvolve tecnologias para a população que vive no campo, depois, no desenvolvimento de processos de pesquisa com enfoque comunicacional. Essa percepção do ambiente da pesquisa como algo que “toca” o pesquisador, se expressa de forma cristalina na opinião de Martín-Barbero (2004) quando, aludindo aos dizeres de Gramsci, afirma que a escolha do objeto de estudo é sempre influenciada por uma profunda relação de afetividade do pesquisador com o objeto pesquisado. No sentido mais estrito da palavra, aqui *afeto* diz respeito àquilo que, de alguma forma, interpela, inquieta e instiga perspectiva que coloca o objeto desta investigação para além de um recorte científico e pragmático.

Ao mesmo tempo em que essa relação de afetividade com o rural representou uma motivação para a pesquisa, também implicou um desafio constante no sentido de monitorar proximidades em relação ao foco pesquisado, já que localizar o ato da investigação – demarcando o lugar desde onde se pensa [e observa] – pode remeter a generalidades acerca do objeto investigado (MARTÍN-BARBERO, 2004).

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para o debate no campo da comunicação sobre esse paradigma comunicacional que vem se tornando referência para a interação na sociedade contemporânea (BRAGA, 2008) – a midiatização. Em um mundo com tantas possibilidades de interpretação não existem respostas definitivas, mas é possível uma postura engajada no sentido produzir reflexões críticas que contribuam para enriquecer as perspectivas teórico-conceituais no processo de compreensão do caráter heterogêneo das interações midiatizadas e da constituição e funcionamento do processo de midiatização em espaços considerados *periféricos*.

1.2 O problema de pesquisa

Os meios de comunicação estão inseridos na vida cotidiana de famílias rurais e, por esta via, indivíduos e grupos podem *conectar-se* ao mundo, em seu aspecto mais global. Todos os dias as pessoas interagem com conteúdos midiáticos para se informar ou como alternativa de entretenimento. Assim, as mídias não são apenas artefatos técnicos para transmitir informação aos indivíduos ou para entreter, elas são objetos que integram as pessoas em práticas cotidianas de diferentes formas e em distintas realidades comunicacionais, constituindo-se instrumentos de comunicação e interação social.

A problemática desta pesquisa se desenvolve a partir da articulação de perguntas e proposições que questionam o modo de constituição de processos midiáticos em espaços rurais, de maneira geral, e de modo específico em comunidades extrativistas. A investigação busca verificar como se desenvolvem os usos e apropriações (PROULX, 2013) de dispositivos midiáticos (FERREIRA, 2006) e como as práticas com as tecnologias da comunicação configuram o processo de midiaticização no contexto rural extrativista. O ponto de partida para essa compreensão teve como base a produção de inferências, operadas por analogias, a partir da observação empírica das experiências com os meios de comunicação, em diferentes contextos rurais. Procuramos localizar pistas sobre a constituição e funcionamento de processos midiáticos em comunidades rurais de regiões distintas, estabelecendo analogias entre as realidades comunicacionais observadas.

Nesta perspectiva, escolhemos como observáveis duas comunidades rurais agrícolas de Bento Gonçalves (RS) e três comunidades extrativistas localizadas nos municípios de Xapuri e Brasileia (AC). É importante destacar que o cotejo entre os processos comunicacionais de agricultores do Rio grande do Sul e extrativistas do Acre não pretendeu atribuir valor ou referências comparativas à pesquisa, mas sim perceber que lógicas e processos práticos entram em ação na relação de indivíduos rurais com os meios massivos de comunicação, em distintos espaços rurais, e quais elementos incidem na constituição do processo de midiaticização nos contextos observados.

Deste modo, cada grupo de comunidades ocupa papel distinto nesta pesquisa. As comunidades agrícolas, do Sul do Brasil, figuram como o lugar de onde extraímos elementos para o processo analógico em relação ao objeto pesquisado. Já as comunidades extrativistas, do Acre, constituem o lugar de circunscrição do objeto da investigação. Os dados coletados nas comunidades gaúchas são apresentados em formato descritivo, como inferências metafóricas no corpo deste trabalho, enquanto os dados relativos às experiências midiáticas nas comunidades extrativistas são tratados de forma analítica e apresentados em forma de inferências primárias e abduativas desenvolvidas em torno da constituição e funcionamento do processo de midiaticização.

Ao constatarmos que a relação dos extrativistas com os meios de comunicação tem como maior motivação o sistema de trabalho e que o contato com dispositivos midiáticos se inicia sempre na família e se expande para a comunidade, em seu aspecto simbólico, superando formas anteriores de comunicação e sociabilidade, a proposição principal desta pesquisa é que esse processo de compartilhamento e circulação de informações midiáticas gera interações que se sobrepõem aos tempos originais dos processos de comunicação e

interação social, em articulação com as condições oferecidas pelos contextos geográfico, familiar e sociocultural. Essas condições remetem a um déficit tecnológico nas comunidades extrativistas, demarcado tanto pela precariedade ou falta de acesso a sistemas de energia elétrica quanto por restrições no acesso às mídias (rádio, televisão e celular).

O processo de analogia permitiu, por um lado, identificar especificidades em cada realidade comunicacional, por outro, perceber lógicas transversais aos dois contextos investigados (Acre e Rio Grande do Sul), em distintos graus de intensidade, contribuindo para a compreensão da midiáticação como um processo heterogêneo e do modo específico com que se manifesta e funciona no meio rural. A oralidade como sistema de referência para as interações sociais – demarcando o consumo sistemático dos meios de comunicação, os modos de circulação de conteúdos midiáticos e as relações sociais amparadas por laços de afetividade – configura-se como elemento estruturante dos processos midiaticados nas comunidades rurais extrativistas. Por fim, acredita-se que, quando operacionalizadas em contextos distintos, essas lógicas produzem diferentes nuances da midiáticação, corroborando nossa percepção sobre o caráter heterogêneo deste processo social.

O processo investigativo repousa em duas questões centrais sobre o processo de midiáticação em comunidades rurais extrativistas. A primeira indaga sobre como os usos de dispositivos midiáticos se articulam com processos de apropriação de mensagens pelos extrativistas e como esse quadro de interações sociotécnicas se relaciona com processos comunicacionais; a segunda busca perceber como dispositivos específicos constituídos na relação com as tecnologias comunicacionais se articulam com a formação de processos midiaticados nesse contexto rural. Estes aspectos orientaram todo o desenvolvimento da pesquisa, na busca por uma compreensão sobre o processo de midiáticação em sua heterogeneidade.

1.3 Objetivos

Com base nos materiais empíricos, definimos como objetivo geral da pesquisa compreender a constituição e funcionamento do processo de midiáticação no meio rural. Trata-se de investigar de que maneira a midiáticação é estruturante da comunicação e da interação de indivíduos ou coletividades que habitam diferentes localidades rurais.

De modo específico, investigam-se os usos e apropriações de dispositivos midiáticos como constituintes de dispositivos singulares de interações comunicacionais entre indivíduos rurais extrativistas. Também se investiga a incidência de lógicas de constituição e

funcionamento de processos mediados neste contexto. A partir desse direcionamento, busca-se identificar as relações entre os aspectos tecno-tecnológicos e simbólicos na interação com os meios de comunicação e categorizar as mediações incidentes nesse processo.

1.4 Articulações da pesquisa

A partir do problema de pesquisa, construído com base em perguntas e proposições em relações, passamos a desenvolver reflexões teóricas com foco nos usos e apropriações (PROULX, 2013) constituídos em dispositivos midiáticos (FERREIRA, 2006). Tais reflexões tomaram como referência um intenso processo de circulação de informações, aspecto considerado como chave de explicação para os processos de comunicação e interação que se desenvolvem em relação com dispositivos midiáticos, na medida em que engendram e transformam as relações sociais. Esse consumo e a circulação de informações midiáticas entre os extrativistas se caracterizam por modos muito próprios de comunicar e interagir que vão se desenvolvendo em relação com os contextos.

Dentro das especificidades apontadas pela pesquisa, destaca-se que os extrativistas não estão inscritos em dispositivos midiáticos (como ocorre, por exemplo, com tecnologias digitais, em processos caracterizados como recepção produtiva, pela ação dos interatores, etc.)⁷, entretanto, como usuários ativos eles constituem tais dispositivos para além da oferta midiática, no acionamento da circulação de conteúdos, processo que tem por base a oralidade e a interação presencial. Mesmo que este aspecto da comunicação não seja uma característica da mediação em sua configuração "mais avançada" e que neste modo de interação a produção discursiva se constitua por narrativas oralizadas e de caráter volátil, pela ausência de registros escritos do discurso, esse modo particular de comunicar indica a coexistência de processos interacionais de bases distintas na sociedade em mediação (BRAGA, 2006; MATTA, 1999), concepção frequentemente retomada nesta pesquisa.

⁷O campo semântico relativo a esse processo é variado, conforme o contexto reflexivo. O conceito de interator é de Proulx (2013): "Estamos diante de "interatores", não mais usuários passivos e sim usuários que selecionam, orientam, recebem, interpretam, remixam, criam, transmitem mensagens. Estas tecnologias interativas definem a atividade de criação de conteúdos pelos usuários como elemento central de um novo ambiente informacional". Em apontamentos recentes Ferreira (2013) afirma que "o campo observacional que nos leva a essa proposição é a participação mais ativa do receptor na produção em dispositivos midiáticos. Essa participação é central no funcionamento dos próprios dispositivos". Tal observação levou ao conceito de recepção produtiva ou produção consumidora, desenvolvido pelo autor para explicar o próprio conceito de mediação. Nos meios massivos anteriores essa presença do receptor ocorria pós-produção ou no âmbito de uma produção em que uma série de discursos da instituição midiática era interposta. Nos dispositivos atuais, os receptores passam a participar como construtores desses discursos, ocupando lugares antes só realizáveis pelos técnicos ou especialistas contratados para isso. (FERREIRA, 2013, p. 145).

A diversidade de usos e apropriações dos meios de comunicação, observada nas comunidades estudadas, favorecem o atendimento de demandas individuais e coletivas e sempre levam à interação social. Além disso, os usos e as apropriações constituem invenções criativas que se desenvolvem na tentativa de superar limitações técnicas e tecnológicas na relação com os meios de comunicação. Mais do que transbordar os dispositivos, tais restrições os constituem de forma singular, criando processos de comunicação e interação também singulares, atribuindo à midiatização uma formulação específica no meio rural extrativista.

Ao observarmos tais aspectos na relação com os meios, emerge o seguinte questionamento: esse comportamento direciona ao que se conhece como cultura midiática, característica que diferencia a sociedade em midiatização da sociedade dos meios?

Matta (1999) adverte que a cultura midiática não constitui exclusivamente um estado mais avançado na troca de produtos culturais, no desenvolvimento das tecnologias comunicacionais destinadas à produção de mensagens, assim como no uso dessas tecnologias. Constituiria, ao contrário, um novo desenho nos modos de comunicar e interagir socialmente, uma nova forma de estruturação das práticas sociais, marcada pela existência dos meios. Nesse sentido, concepções teóricas desta autora acentuam os processos coletivos de produção de significados⁸, por meio dos quais os grupos sociais se comunicam e que vêm se modificando a partir do desenvolvimento das tecnologias e de meios de produção e transmissão de informação. Contudo, é preciso reconhecer que essa transformação não é uniforme uma vez que enseja diferentes formas de relacionamento com as tecnologias.

Certamente, qualquer que seja a situação em nível de interação tecnológica com os meios é possível falar de usos e apropriação em dispositivos, onde os agentes expressam sua autonomia na modernidade ou na sociedade em midiatização (PROULX, 2012). Neste sentido, o uso pode ser entendido como as experiências individuais ou coletivas dos sujeitos com as tecnologias também inscritas em dispositivos, ou seja, o que os extrativistas fazem efetivamente, aspecto que permeia todo o processo analítico da pesquisa. Já a apropriação em dispositivos se apresenta como um processo de constituição pessoal e social, como uma matriz simbólica constituinte do dispositivo (FERREIRA, 2013), integração significativa e criadora de sentidos na vida cotidiana e de possibilidades de reinvenção do uso (PROULX, 2012). Assim, cada indivíduo ou coletividade vai se constituir, enquanto sujeito social, a partir das práticas que desenvolvem em dispositivos.

⁸Matta (1999) não faz uma diferenciação, como desenvolvemos nesta pesquisa, entre as dimensões material (processos de usos) e simbólica (processos de apropriação) no relacionamento com as mídias.

Contudo, argumentamos que os usos e as apropriações, por não serem neutros, se situam em um contexto específico de práticas sociais e devem ser pensados a partir dessa perspectiva. Isto porque o usuário experiencia um universo específico de significações subjetivas, inscrevendo-as em um sistema de relações e valores sociais específicos – no caso desta pesquisa o microespaço extrativista. Por outro lado, os usos se inscrevem em uma história já constituída de práticas sociais e comunicacionais específicas, neste caso com as mídias tradicionais, agregando novas realidades comunicacionais. Nesse sentido, as experiências midiáticas dos extrativistas apontam para rupturas e continuidades no processo de mediação.

Os usos constituídos em uma lógica própria do meio rural são compreendidos como táticas de resistência (CERTEAU, 2012) às limitações e dificuldades de acesso aos meios, que configuram materialidades técnico-tecnológicas, desencadeiam processos simbólicos de referência *periférica* e possibilitam interações. Esses processos interacionais vão se constituindo como redes cotidianas de comunicação, que integram os extrativistas no contexto das comunidades e entre o local e o global. Nessa perspectiva, a relação com os meios de comunicação se insere em uma temporalidade rural que direciona usos e apropriações de dispositivos, que em termos de historicidade pode ser definida por um *habitus*⁹ *mediático* (BOURDIEU, 2012), construído cotidianamente no relacionamento dos extrativistas com os meios de comunicação.

Situamos, então, a mediação como um processo abrangente, mas que não atinge a sociedade de maneira única (MATTA, 1999), apresentando nuances em sua formulação e funcionamento. Assim, a análise da constituição de processos mediados busca a interface entre os processos sociais em relação com as tecnologias e a presença de elementos de mediação refletidos em dispositivo mediático, como objeto dinâmico constituído nos usos e apropriações dos extrativistas, enfatizando aspectos contextuais (materiais e simbólicos) e particularidades do processo.

A pesquisa está estruturada em cinco capítulos que contemplam as etapas percorridas no trabalho investigativo. O primeiro capítulo – *Introdução* – apresenta o contexto da pesquisa, o tema investigado, o problema, os objetivos e as articulações teóricas.

No segundo capítulo, intitulado *Contexto Teórico-reflexivo*, aborda as bases teóricas que auxiliaram na construção da pesquisa e que serviram para problematizar o objeto,

⁹A noção de *habitus* é buscada a partir de Pierre Bourdieu (1999) para identificar práticas e situações do consumo como marcas de uma experiência singular, ativadas por modos peculiares de uso dos meios de comunicação e onde se manifestam percepções, valores e formas de compreensão dos sujeitos.

direcionando a articulação entre midiatização e mediações. As concepções teóricas advindas do campo da comunicação, e de áreas afins, contribuíram para a elucidação dos conceitos de *midiatização, mediação, dispositivo e circulação* como operadores cognitivos dos processos comunicacionais e interacionais, que emergem na relação com os meios de comunicação e, nesta investigação, são centrais para a compreensão dos modos de constituição da midiatização no meio rural.

O terceiro capítulo – *Aporte teórico-metodológico* – aborda os procedimentos metodológicos que orientam a construção da pesquisa. Descreve detalhadamente os métodos de seleção, coleta e análise de dados, evidenciando-se o processo de desconstrução e construção do objeto em estudo, na perspectiva do movimento ascendente, descendente e circular, enfatizando uma articulação constante entre a teoria e a prática de pesquisa.

O quarto capítulo – *Constituição de processos midiatizados em comunidades rurais do Rio Grande do Sul e do Acre* – é dedicado à descrição das experiências midiáticas em comunidades rurais agrícolas do Rio Grande do Sul e extrativistas do Acre, com apresentação de inferências analógicas sobre as realidades comunicacionais investigadas. Apontam-se correlações na relação com os meios de comunicação, similitudes e diferenças entre as realidades estudadas, assim como singularidades em cada contexto. Realiza-se a análise inferencial das experiências midiáticas em comunidades extrativistas, a partir dos usos e apropriações de dispositivos, indicando modos de constituição da midiatização neste contexto.

As *Considerações Finais* – que compõem o quinto capítulo – apresentam, de forma sistematizada, inferências centrais sobre a constituição e funcionamento do processo de midiatização no contexto rural (agrícola e extrativista) elaboradas a partir de diferentes percepções do objeto investigado, em articulação com distintos aportes teóricos, no decorrer do processo de pesquisa.

2 CONTEXTO TEÓRICO-REFLEXIVO

O presente capítulo apresenta construções teóricas que embasaram o desenvolvimento deste estudo, buscando um ângulo de aproximação com o campo da pesquisa em comunicação. Busca-se destacar como os autores pensam a comunicação midiaticizada e realiza-se uma discussão sobre o processo de midiaticização, enfatizando os conceitos de circulação e dispositivo. Em seguida, apresenta-se uma abordagem sobre o processo de midiaticização social, mediações e circuitos comunicacionais. As diferentes visões teóricas acionadas nesta pesquisa possibilitaram construir caminhos para avançar no entendimento da midiaticização, enquanto processo extensivo a toda a sociedade, mas que também apresenta modos particulares de constituição e funcionamento.

2.1 Da sociedade de massa à midiaticização social

O desenvolvimento tecnológico e o crescente avanço dos meios de comunicação, nas distintas esferas sociais, modificaram os modos de interagir de indivíduos e instituições, tornando o campo midiático um espaço fértil para as pesquisas em comunicação. Assim, a midiaticização, ou processos midiáticos como é denominada na área de concentração do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, envolve processos que se desenvolvem mesmo quando não estamos diante da mídia, portanto, não acontece somente quando se está produzindo ou recebendo informação pelos meios de comunicação, mas o processo inicia antes e continua depois do momento de interação com os dispositivos midiáticos.

Temos a compreensão que mídia e mediações são aspectos inerentes aos processos comunicacionais, portanto, funcionam como processos interligados. A mídia possui como principal característica a mediação técnica, enquanto a midiaticização transcende as características tecnológicas dos meios de comunicação, engendrando novas formas de organização de processos sociais e novos modos de agir com as tecnologias, o que ultrapassa o caráter techno-tecnológico da relação com os meios de comunicação, agregando também o componente simbólico. Isto significa que o aparato tecnológico sozinho, isolado da ação humana, nada representa, mas são as experiências sociais com a tecnologia que definem o lugar da técnica na sociedade.

Em sentido macro, a midiaticização é um fenômeno mais percebido e experimentado do que propriamente explicado ou caracterizado. Descrito como algo da ordem do sensível

(MUNIZ SODRÉ, 2002), sua evidência está mais subtendida do que clara. Isso se explica porque, mais do que algo materializado e que se apresenta com clareza diante dos olhos de um observador, trata-se de uma lógica (abstrata), traduzida como uma “cultura da mídia” (MATTA, 1999), que permeia e atravessa a constituição e o funcionamento da sociedade. Portanto, pode-se dizer que a midiatização está imbricada na prática social e, nesse sentido, não sabemos ao certo onde começa, nem onde termina o processo, espalhando-se para todos os espaços sociais.

Verón (1992) pondera que uma sociedade em midiatização pode ser entendida como aquela onde as modalidades de funcionamento institucional, os mecanismos de tomada de decisão, hábitos de consumo e condutas mais ou menos ritualizadas, entre outros processos sociais, se transformam pela presença dos meios [e efetivamente pela ação dos indivíduos com essas tecnologias – grifo da autora]. Contudo, o autor salienta que nem por isso a sociedade é dominada por uma única forma estruturante que explicaria a totalidade de seu funcionamento: “A midiatização opera através de diversos mecanismos segundo práticas sociais que produzem em cada setor distintas consequências” (VERÓN, 1992, p. 124).

Mais adiante, em perspectiva mais esclarecedora esse autor considera a midiatização como um processo que transcende os meios enquanto instrumentalidades, afetando instituições sociais, meios de comunicação e indivíduos: “as mídias se misturam com todos os aspectos significativos do funcionamento social, instituindo relações que por natureza são complexas, não causais e pouco lineares” (VERÓN, 1997, p. 3). Todavia, o processo se dá em diferentes formas e distintas condições. Neste sentido, os modos de constituição dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos e as formas como se efetivam as interações sociais nos dois contextos pesquisados (Sul e Acre) revelam essa heterogeneidade.

Desta maneira, a midiatização constitui a matriz referencial para outros processos na sociedade, e, em determinado âmbito imprime “um tom direcionador” dos processos sociais e, como afirma Braga (2008), funciona como “organizador principal da sociedade”, direcionando a construção da realidade social, contudo, isto não implica “anular” outros processos. Para o autor, a midiatização transforma os demais processos sociais, mas mantém espaços específicos de oralidade e de escrita. Prova disso é a escola, que é essencialmente uma instituição do livro, mas é também um espaço de oralidade, caracterizado pelo processo de referência, que é o livro.

A midiatização contemporânea, conforme explica Braga (2008), surge no mundo da escrita e vai se tornando hoje o processo de referência para as interações, mas devemos assinalar que isso ainda está em curso, com lacunas e desafios. O autor defende que, embora

na sociedade em midiatização prevaleça uma lógica comunicacional baseada na linguagem escrita – empregada no uso de dispositivos digitais – permanecem em voga outros sistemas de interação como a oralidade (BRAGA, 2008, p. 4), aspecto observado como predominante na comunicação social nas comunidades extrativistas pesquisadas.

Deste modo, pensando a sociedade como um sistema dinâmico, com formações diferenciadas que se organizam e reorganizam em torno de processos midiáticos, entendemos a midiatização como um processo com formações e graus distintos e relacionais. Isto porque, enquanto processo social, a midiatização está relacionada mais com aquilo que as pessoas fazem com os meios e menos com o aparato tecnológico, ou seja, os processos midiatizados evidenciam a capacidade e nível de interação social dos indivíduos com e a partir de dispositivos midiáticos. Portanto, a inscrição no processo pressupõe uma série de fatores que influenciam as práticas comunicacionais e os modos de interação dos indivíduos com as tecnologias comunicacionais. Deste modo, o contexto não é algo à parte do processo, mas está imbricado nas práticas cotidianas dos indivíduos com os dispositivos midiáticos. Nesta pesquisa são os usos e apropriações que os extrativistas fazem dos meios, em articulação com os contextos, que fornecem elementos para se compreender o processo de midiatização no meio rural.

Neste sentido, consideramos importante refletir sobre a ideia de *bios midiático*¹ (SODRÉ, 2002), termo que indica especificidades nos modos como os indivíduos utilizam e se apropriam das mídias e se configura por uma circularidade de natureza socio-técnica. Em outras palavras, o *bios midiático*, constituído na circulação de informações, seria uma forma potencial de integração da diversidade de mediações materiais e simbólicas presentes no processo comunicacional e na relação com as mídias. Dito de outra forma, a mídia “não é um mero conjunto de canais transmissores de informação e sim um entorno social cimentado por informação”, que afeta os modos de vida e institui formas de organização da própria experiência. Nessa linha de raciocínio, Gomes (2005) considera as mídias como entidades onipresentes que se inserem mais e mais no cotidiano das pessoas, se relacionam diretamente com o funcionamento da sociedade e, por conseguinte, penetram nas instituições e campos sociais, participando da vivência social e criando “um novo modo de ser no mundo” [caracterizado por novas formas de comunicar e interagir – grifo da autora].

¹Termo utilizado por Muniz Sodré (2002) para indicar uma qualificação particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo, a partir da sua relação com as mídias, especialmente as digitais.

Nesta mesma direção, Braga (2007) destaca que o processo de midiatização implica uma lógica da mídia como direcionadora na construção da realidade social, ou seja, um modo a partir do qual a sociedade se constrói, se enxerga e age. Seria o padrão para ver e fazer as coisas e para articular pessoas e processos. No entanto, apesar de figurar como referência para a interação social, o processo de midiatização ainda está em fase de consolidação e vem inspirando inúmeros estudos na tentativa de se conceituar e explicar o seu funcionamento como fenômeno social e suas manifestações nos diversos espaços da sociedade.

A midiatização é um processo histórico, lento e gradual, vinculado à emergência da escrita, da imprensa e ao desenvolvimento científico tecnológico – desde a invenção do satélite até a rede mundial de computadores – sempre considerando as práticas sociais cotidianas com as tecnologias e o que está no entorno dos processos comunicacionais. Para entender a trajetória da sociedade rumo à midiatização é preciso considerar dois eixos interligados: de um lado o tempo que nos insere numa perspectiva de contínua evolução tecnológica; de outro, a dimensão qualitativa dessa evolução, que traz consigo uma complexidade cada vez mais crescente nas relações, inter-relações e interconexões humanas (GOMES, 2010, p. 1). É nesse duplo processo que se inscreve a midiatização como parte do desenvolvimento da sociedade contemporânea.

Nessa linha de raciocínio, Verón (1997) propõe considerar a mídia desde um critério de acessibilidade às mensagens e sob as condições em que isso ocorre. Ou seja, o autor entende a mídia como dispositivo tecnológico de produção e reprodução de mensagens, que está necessariamente associado a determinadas condições de produção midiática e a determinadas modalidades ou práticas de recepção de tais mensagens, o que implicaria heterogeneidades do processo.

A invenção da imprensa em meados do século XV tornou possível a circulação de informações na sociedade, com a institucionalização dos meios de comunicação de massa (livros, jornais, revistas etc.) como força significativa e possibilitou armazenar e acumular informações, rompendo o paradigma da oralidade e promovendo profundas mudanças nas relações sociais. “Se antes as sociedades se organizavam em torno de “tribos”, com a invenção do alfabeto estas se tornam autônomas, se *destribilizam*” (GOMES, 2010, p. 2).

Em outro estágio evolutivo das tecnologias, a eletricidade proporcionou o desenvolvimento dos meios de comunicação eletrônicos (telégrafo, cinema, rádio e televisão), iniciando uma nova realidade comunicacional. Segundo esse autor, a evolução da técnica possibilitou o aperfeiçoamento constante dos meios de comunicação em escala crescente de sofisticação e complexidade.

Neste contexto de mudanças, o avanço progressivo do saber científico, aliado à fundamentação racional da experiência moderna, proporcionou autonomia aos diferentes campos sociais que se organizaram em torno do domínio de um saber específico (RODRIGUES, 2000, p. 189). Aqui novamente se explicita o papel relevante da tecnologia na evolução da sociedade e da comunicação, engendrando novos cenários. Não por acaso esse mesmo autor também atribui a autonomização dos campos sociais - mais especificamente dos meios - ao desenvolvimento tecnológico, ao considerar que a autonomização do campo midiático seria impossível sem a constituição do paradigma cibernético como campo científico autônomo.

Ainda de acordo com Rodrigues (2000), cada campo social, ao exercer um determinado domínio da experiência, delimita um quadro próprio de sentido e confronta-se com outros campos, resultando numa tensão que se gera e se manifesta na busca pela legitimidade de suas ações. Isso implica reconhecer que cada campo procura impor sua autonomia, de acordo com o seu domínio da experiência. Neste sentido, Bourdieu (1983) assinala que o funcionamento de um campo social requer objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo [...] (BOURDIEU, 1983, p. 89). Assim, os campos sociais se convertem em espaço de tensões e de luta pelo poder e, nesse conflito, surge o campo dos meios, o qual vai atuar sob a intervenção de outros campos, entretanto, com o avanço tecnológico ganha autonomia.

Como explica Fausto Neto (2006), o campo dos meios apresenta uma competência específica, manifesta na sua capacidade discursiva, ou seja, é por meio da linguagem que a prática midiática se efetiva. Isto faz com que esse campo se torne um aliado poderoso da pretensão mobilizadora dos demais campos sociais, passa a atuar, por delegação, na publicização de suas ações.

Rodrigues (2000) explicita bem essa natureza representacional ao afirmar que o campo dos meios desempenha funções predominantemente simbólicas: assegura ao mesmo tempo o funcionamento dos dispositivos de representações e os diferentes domínios da experiência e a sua função mediadora. “*O papel mais importante do campo dos meios será provavelmente a sua capacidade de tematização pública e de publicização do confronto entre os discursos especializados em torno de questões suscitadas pelos diversos domínios*” (RODRIGUES, 2000, p. 10).

O processo de desenvolvimento tecnológico e as mudanças na forma como os indivíduos se relacionam com os meios de comunicação assinalaram a passagem da *sociedade*

dos meios para a sociedade em midiatização, ou seja, os meios deixaram de ser meros suportes para se tornar centrais na geração da informação e construção de realidades simbólicas. Neste sentido, Fausto Neto (2006) ressalta que,

A intensificação das tecnologias voltadas para processos de conexões e de fluxos vai transformando o estatuto dos meios, fazendo com que deixem de ser apenas mediadores e se constituam a partir de uma complexidade maior em um ambiente que desenvolve operações tecno-simbólicas com incidências sobre diferentes processos de interações e práticas sociais. A mídia é definida como uma nova matriz que se funda em novas racionalidades com as quais realiza estratégias de produção de sentidos (FAUSTO NETO, 2006, p.5).

Assim, a midiatização não diz respeito somente aos meios ou às formas de mediação, mas, essencialmente, aos processos de comunicação que passam a levar em conta as dinâmicas tecno-discursivas e lógicas das mídias, engendrando interações sociais.

Em artigo recente, intitulado *Circuitos versus campos sociais*, Braga (2012) faz uma reflexão densa sobre como a midiatização atravessa os campos sociais e trata o fenômeno como a união de dois processos – tecnológico e social – sendo a midiatização responsável por modos distintos como a sociedade interage consigo mesma. Fazendo uma articulação entre as pesquisas sobre midiatização e os estudos de Martín-Barbero, o autor defende uma midiatização que caracteriza as mediações comunicativas, explicando que é a partir das “invenções sociais” que as “novas tecnologias” ganham sentido na sociedade midiatizada.

No âmbito das discussões sobre midiatização, observa-se uma ênfase na questão tecnológica como desencadeadora desse fenômeno. Fausto Neto (2008) defende que a convergência de fatores sócio-tecnológicos, disseminados na sociedade segundo lógicas de oferta e de usos sociais, produziu, sobretudo nas três últimas décadas, profundas e complexas alterações na constituição societária, nas suas formas de vida, e suas interações (FAUSTO NETO, 2008, p. 92). Segundo o autor, as mídias deixaram de ser uma variável dependente, um subsistema a serviço de uma ação social organizada (funcionalista) ou instrumentos de poder (estruturalista) a serviço de outros campos. Constituíram-se, portanto, como uma nova ambiência, novas formas de interações sociais, atravessadas por novas modalidades de construção de sentido.

Braga (2007) também defende o advento da tecnologia como fator primordial para a midiatização da sociedade, entretanto, refuta a percepção do fenômeno como um produto da inovação tecnológica. Para o autor, a tecnologia é importante, mas desempenha uma atuação limitada, sendo potencializada pela ação humana. Isso porque, a partir de certo ponto, as lógicas inerentes à processualidade em implantação alimentam a si mesmas – as tecnologias

desenvolvem-se segundo tais lógicas e estas não estão apenas na tecnologia, mas constituídas na sociedade. “Em processo de midiatização, há uma necessidade de tecnologia por si mesma. A demanda apriorística por mais tecnologia se faz já dentro da mediatização, que por sua vez se põe dentro da tecnologização crescente da sociedade” (BRAGA, 2007, p. 147).

Em Sodré (2007) também encontramos uma concepção ponderada sobre a relação entre tecnologia e midiatização. Afastando visões apocalípticas em torno da evolução tecnológica, o autor defende que a tecnologia é muito mais “mutação” do que “revolução” e que, por isso mesmo, precisa ser vista como continuidade do que já vinha sendo estabelecido, e não como rompimento. “Nada há aqui do que antes se chamaria de “revolucionário”. O que se observa é uma hibridização dos meios, acompanhada da reciclagem acelerada dos seus conteúdos, com novos efeitos sociais” (SODRÉ, 2007, p. 20).

Avançando nessa questão, o autor afirma ainda que

A passagem da comunicação de massa às novas possibilidades técnicas não significa a extinção da mídia tradicional, mas a co-existência e mesmo a integração da esfera do atual (trabalhado na esfera pública por jornais, rádios, televisão etc.) com a do ciberespaço, onde são proeminentes as tecnologias digitalizadas do virtual (SODRÉ, 2007, p. 78).

Assim, é possível afirmar que na sociedade em midiatização uma imensa massa de indivíduos ainda se utiliza apenas dos meios massivos em seus processos comunicacionais, incluindo-se nesse contingente boa parte dos habitantes rurais. Os processos comunicacionais e as interações entre estes indivíduos se fazem por meio de dispositivos midiáticos tradicionais, principalmente por usos coletivos, como se verifica nas comunidades extrativistas.

Essa dimensão coletiva da mídia é destacada por Verón (1997), que aponta como característica da sociedade midiatizada o acesso, por uma pluralidade de indivíduos, às mensagens produzidas e postas em circulação. Esse autor considera, ainda, que um meio de comunicação social é um dispositivo tecnológico de produção e reprodução de mensagens associado a determinadas condições de produção e a certas modalidades (ou práticas) de recepção dessas mensagens, em que os contextos se tornam imprescindíveis no estudo da comunicação midiática. Neste sentido, o acesso e compartilhamento das mesmas informações, por grupos e coletividades, constitui uma prática inerente aos processos midiatizados. A atividade dos meios, então, não se reduz a entreter ou reforçar crenças e valores. A midiatização da sociedade, creio, responde a um fenômeno que não tem relação com os conteúdos que transmitem, mas sim com os usos e apropriações que as pessoas desenvolvem

na relação com as tecnologias de comunicação. Não se trata apenas de práticas específicas de consumo, nem da produção de sentidos em torno das mensagens midiáticas, de modo isolado, mas das dinâmicas sociais coletivas e subjetivas que essa relação com os meios proporciona.

Assim, a midiaticização, tecnológica e social, participa intensamente do cotidiano dos indivíduos e de coletividades. A partir desta perspectiva, consideramos que esse processo se desenvolve de acordo com as ações dos sujeitos na circulação de informações midiáticas. Deste modo, a midiaticização se desenha e caracteriza pela formação de redes comunicacionais (locais ou globais) que se sustentam pela interação – seja à distância, pelo uso de mídias digitais ou em modo presencial, como ocorre no contexto das comunidades extrativistas. As informações são compartilhadas com os distintos grupos sociais nos espaços de socialização do contexto comunitário, gerando circuitos interacionais por onde e reproduzem as informações midiáticas, processo que coloca em circulação informações midiáticas e movimentam relações sociais.

As concepções de Ferreira (2011, 2010, 2006) ajudam a avançar na discussão sobre esse estado de transição da sociedade dos meios à sociedade em midiaticização. Para o autor, o que se vislumbra não é o fim da mediação midiática, mas uma mediação líquida, isto é, exercida não apenas por um ou outro, e que implica alternância de papéis. As mediações midiáticas seriam, então, “a produção de fenômenos que singularizam o processo de mediação [e de manifestação da midiaticização – grifo da autora], situando os dispositivos como reguladores e transformadores dos contextos”. Apesar de concordarmos com essa visada de Ferreira, consideramos que as transformações contextuais operadas pelos dispositivos dizem respeito mais especificamente ao aspecto comunicacional e interacional da relação com as mídias.

Com base nessa abordagem, Ferreira (2011) desenvolve três hipóteses sobre a midiaticização. A primeira diz respeito à circulação, intermediática, entre dispositivos diversos, jornalísticos ou não, que dialogam e formam o sentido dos acontecimentos. A segunda hipótese é a de que os dispositivos midiáticos possuem um papel relevante, uma vez que agenciam a circulação a partir das dimensões tecno-tecnológica e sêmio-discursiva. A terceira e última proposição do autor resulta do diálogo com Bourdieu, quanto às estruturas estruturadas e estruturantes que afetam as interações.

Percebemos uma articulação entre as três proposições do autor, entretanto, considerando as características do contexto estudado, esta pesquisa dialoga mais especificamente com a segunda proposição, uma vez que adotamos a perspectiva de que a midiaticização se configura pela circulação, ou seja, aquilo que promove a interação social, o

compartilhamento de informações e fluxos comunicacionais, ou seja, por um consumo midiático ativo, que vai gerando sentidos e interações em processos discursivos.

O que se percebe, a partir do aporte de diferentes autores (VERÓN, 1997; BRAGA, 2008; FAUSTO NETO, 2008; FERREIRA, 2011) é que a comunicação vem passando por profundas mudanças em função do desenvolvimento tecnológico e da diversidade de usos sociais dos meios, levando a diferentes modos de mediação social. Assim, cada localidade, constrói sua própria mediação, como lhe é possível fazer em sua realidade específica. Nas comunidades extrativistas, o processo assume contornos periféricos e não se dá mediante a inscrição de discursos em dispositivos midiáticos, mas pelos modos como estas pessoas inscrevem a oferta midiática disponível em seus processos comunicacionais. Importa perceber e distinguir diferentes práticas sociais com as mídias, que levam a distintos modos de vinculação social e atribuem especificidades ao processo de mediação, propósito que direciona esta pesquisa.

2.2 Mediação – referências gerais à construção do objeto

Tomando como referência as reflexões de Ferreira (2007), pensamos a mediação como um processo triádico – processos sociais, processos comunicacionais e dispositivos – com determinações mútuas, portanto, relacionados e interseccionado. No contexto desta pesquisa os dispositivos são concebidos como condensações sociotécnicas; os processos sociais constituem os eventos que resultam em interações entre indivíduos, grupos e instituições sociais, acionados pela comunicação midiática; e os processos comunicacionais são os usos, negociação e recusas de sentidos, interações e circulação de mensagens e sentidos. As relações e intersecções possíveis entre estes elementos constituem a base para a constituição do objeto investigado.

Nesta conformação, o dispositivo constitui referência para os demais processos. De acordo com Ferreira (2007), somente por meio dos dispositivos midiáticos se explicitam, com toda a força, as dimensões constitutivas e especificidades da mediação, embora não sejam a única via configuradora do que, por diferenciação histórica e social, são os processos de mediação. Percebe-se uma ênfase do autor no dispositivo, contudo, vale ressaltar que aquilo que nos interessa nesta pesquisa não é a eficácia do dispositivo midiático, mas o seu potencial de gerar operações sociossimbólicas e materiais.

Acredita-se que tais operações convergem para um mesmo processo - a circulação de sentidos - e dizem muito do modo como os extrativistas se relacionam com dispositivos

midiáticos. Ferreira (2012) entende a circulação como o processo de valorização de mensagens em curso de distribuição. Essa valorização é diferencial, isto é, marca uma distinção conforme as instâncias envolvidas.

A circulação, então, representa a ação dos indivíduos entre os meios de comunicação e os diversos espaços de sociabilidade, o trânsito pela comunidade em seus encontros presenciais no compartilhamento de informações midiáticas, processo que entre os extrativistas se efetiva pela conversação. De modo mais preciso, a circulação se constitui a própria mediação entre mídia e sociedade.

De acordo com Braga (2012), quando se trata de valores simbólicos e da produção e recepção de sentidos, o mais importante é a circulação que se desenvolve posterior à recepção. O autor considera que o sistema de circulação interacional é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia (BRAGA, 2012). Nesta perspectiva, Fausto Neto (2010) defende que o conceito de “circulação” se torna nuclear para pensar a midiatização da sociedade e as relações envolvendo jogos complexos de oferta e reconhecimento.

Por esta via de entendimento, a recepção constitui um ato social que se constrói na prática cotidiana, de modo contínuo e, nos dizeres de Braga (2012), um “indo adiante” de suas circunscrições, situando-a no âmbito das tensões da circulação. Neste sentido, considerar a circulação como elemento fundante da midiatização, no âmbito desta pesquisa, faz-se produtivo na medida em que o processo enfatiza o caráter de interação social, o que possibilita perceber como os indivíduos produzem suas gramáticas discursivas ou suas conversações na relação com dispositivos midiáticos. Essas operações representam via de percepção do modo de funcionamento do processo de midiatização, especialmente em contextos comunicacionais marcados pela carência tecnológica, como as comunidades rurais extrativistas.

Braga (2011) enfatiza que o objetivo e o objeto da comunicação seriam “observar como a sociedade conversa com a sociedade” e a expressão “conversação” funcionaria como uma metáfora apropriada para se pensar o processo comunicacional, na medida em que amplia “para o espaço social o que ocorre entre pessoas em situação presencial” (BRAGA, 2011, p. 66), destacando o aspecto da troca entre os atores envolvidos. Entretanto, o autor faz uma ressalva ao termo, reconhecendo que o seu uso pode levar a abordagens equivocadas dos diferentes processos comunicacionais – principalmente os midiáticos – com base no modelo “dialógico-simétrico-alternado-recíproco” (idem; *ibidem*). Neste aspecto, de acordo com o mesmo autor, a expressão “interação social” seria uma forma de superar a disjunção

entre mídia e interação, uma vez que enfatiza a articulação entre os processos midiáticos e as mudanças nos modos pelos quais as sociedades se comunicam – suas formas interacionais, incluindo anção de troca – sem cair numa visada reducionista de simples “ação das mídias” sobre a sociedade.

Essa perspectiva, naturalmente nos leva a pensar em uma “continuidade” entre os processos comunicacionais da midiatização e os processos de comunicação mais distantes do “midiatizado” ou mesmo daqueles em pouca sintonia com a midiatização. Na sociedade contemporânea, conforme destaca Braga (2011), seria difícil fazer um corte nítido entre fenômenos comunicacionais da processualidade midiatizada e fenômenos comunicacionais outros, diversamente inscritos no fluxo comunicacional. Deste modo, qualquer que seja a tônica dos processos comunicacionais – midiatizados ou não – a interação será sempre o eixo mobilizador, sendo que o que indica o grau de midiatização e diferencia o seu funcionamento é o modo como os indivíduos utilizam e se apropriam dos dispositivos e como interagem socialmente.

2.3 A circulação como catalisadora da midiatização

Um dos desafios metodológicos desta pesquisa, pensado desde o princípio do projeto, consistiu em encontrar caminhos para uma abordagem sobre a midiatização no contexto rural, sem atribuir à discussão um caráter dicotômico – *online/off-line*, *rural/global*, *atraso/modernidade* – que sempre acompanhou a maioria dos estudos sobre a comunicação no meio rural. Essa preocupação trouxe à tona a seguinte questão: como agregar um conceito que tem como premissa uma dinâmica global, a uma pesquisa cujo contexto investigado é regido, sob vários aspectos, por ângulos e lógicas locais? Essa indagação implicou o surgimento de dois outros questionamentos: o primeiro se refere à tensão entre produção (global) e recepção (local); o segundo diz respeito ao lugar da tecnologia nessa tensão entre a dinâmica global da mídia e o modo de vida local das comunidades rurais extrativistas.

O contexto reflexivo destas questões incluiu pensar o consumo midiático como um processo que pressupõe interação entre as pessoas e a predominância das mídias no ordenamento das relações sociais, independente do tipo de contexto. Seja no meio rural ou urbano, esse processo interacional ocorre pela circulação de informações midiáticas, como força de acionamento da própria sociabilidade, embora em articulações que se desenvolvem

com base em lógicas próprias a cada espaço social. É no caráter particular do processo que reside o fio condutor dessa formulação.

Para entender o processo de mediação pela via da circulação é preciso considerar que o fluxo informacional demanda uma nova ordem, porém, não em perspectiva linear, mas em termos de circularidade. Logo, se num momento a sociedade criou esses aparatos tecnológicos em torno de demandas comunicacionais específicas, esses objetos, em seus usos, demandam novas formas e modalizações de interações, as quais sofrem a influência de elementos mediadores. Embora vista como uma racionalidade que também estrutura a circulação, a interferência das mediações pode ser também “quebrada” por esse mesmo processo de circulação, expresso nos usos e apropriações dos dispositivos midiáticos.

Aqui o conceito de *mediação* é interpretado não só como racionalidade, mas como lugares que propiciam processos de interação, significação e ressignificação. Santos (2002) distingue mediação como *racionalidade e ação*, e aponta o confronto de racionalidades em relação a interações mediadas pela técnica e aquelas mediadas pelos símbolos e ações comunicacionais. Para o autor, os objetos técnicos promovem conexão, aproximação, vizinhança, aspectos claramente evidenciados na relação dos extrativistas com os meios de comunicação.

Ao estudar os usos sociais da mídia, enfatizamos a “recepção ativa” configurada nos processos de apropriação, ou seja, as práticas que apontam não somente para um “pressuposto” êxito dos dispositivos midiáticos, enquanto mecanismos que engendram interações sociais, mas também para os processos de ressignificação construídos e negociados na *circulação*, atividade que se estende para além do pacto da oferta. É esse lugar indeterminado construído entre os meios de comunicação e o sujeito receptor que alimenta a processualidade da comunicação e permite pensar que os processos interacionais desenvolvidos pelos extrativistas, a partir dos usos e apropriações dos meios de comunicação, se configuram como dispositivos.

Como afirma Martín-Barbero (1995), a recepção é um modo de interagir não só com a mensagem e com o aparato tecnológico, mas, principalmente com outros atores sociais, ou seja, com a sociedade. Portanto, pode-se considerar que o caráter midiático do processo é mais uma questão de *circulação* da informação midiática do que de contato com os dispositivos, sem denegar essa instância que articula as materialidades do processo e referências simbólicas que dele participam. Entretanto, cabe pensar se é possível considerar nas experiências midiáticas entre os extrativistas a existência de uma ruptura epistemológica que invalidaria as angulações fundadas na recepção produtiva e massiva.

Nesta perspectiva, Sodré (2002) defende que os objetos tecnicomidiáticos não são mais apenas dispositivos técnicos de comunicação socialmente produzidos pelo mercado capitalista, mas objetos acoplados a um fluxo comunicacional, uma canalização estendida que pode produzir uma “ambiência” onde se configuram as relações sociais e, portanto de existência dos sujeitos. Nesse sentido, cremos que essas ambiências, produzidas nos processo de circulação de informações midiáticas em contexto rural extrativista, são lugares constituintes de práticas sociais.

Braga (2013) destaca que quando se estuda o processo de “midiatização” como objeto designado, há um campo aberto de reflexões que podem vir a ser exploradas. Assim, podemos conceber o *sistema de circulação* na sociedade em midiatização como um fenômeno de interação, suportado por uma lógica de transporte de mensagens cujo itinerário pode ser, no máximo, esperado ou “tentado” (BRAGA, 2010) pelos seus participantes, já que percorre direções e extensões imprevisíveis. Por outro lado, Ferreira (2013) sugere que é na circulação inter e intramidiática onde é possível “ver” continuidades e rupturas em termos de processos comunicacionais.

Dentre os autores brasileiros que vêm alargando o processo de compreensão do conceito de circulação, buscando a elaboração de um conjunto de operadores metodológicos satisfatórios para as investigações empíricas, duas contribuições se destacam, a meu ver, particularmente profícuas. A primeira, desenvolvida pelas pesquisas de Antônio Fausto Neto, apresenta um viés sociosemiótico, fortemente influenciado pelas concepções teóricas do argentino Eliseo Verón, autor que traz importantes contribuições para o entendimento da passagem da “sociedade dos meios” para a “sociedade em vias de midiatização”; a outra, proveniente dos estudos de José Luiz Braga, de perspectiva construtivista, prima pela compreensão da comunicação e se caracteriza por um processo de circulação midiática que estabelece a organização social.

Para Fausto Neto (2011) a circulação gera enunciações inéditas, transformando os receptores em “coprodutores de atividades discursivas midiáticas” (FAUSTO NETO, 2011, p. 37), exigindo a elaboração de novos dispositivos analíticos para o entendimento das problemáticas de efeito de sentido. Em um primeiro momento, de acordo com este autor, os modelos comunicativos tradicionais tinham uma compreensão nula do conceito de circulação (ou ainda sugerindo que ele seria um elemento “insondável” nas pesquisas). Neste horizonte, a noção de circulação era condicionada de uma atividade tecno-discursiva desferida pelas instâncias de produção - uma zona automática de passagem de discursos (FAUSTO NETO, 2010a). Posteriormente, a circulação foi visada como um terceiro elemento, de ordem

interdiscursiva, com predomínio da noção de enunciação – o ato de enunciar. Em fase mais recente a circulação já poderia ser entendida como “zonas de interdeterminação”, seja enquanto dispositivos, seja enquanto espaços geradores de potencialidades. “A soberania das gramáticas – em produção e em reconhecimento – teve suas marcas dissolvidas pela força de co-enunciações que se constituem no contexto (e pelos efeitos) deste novo dispositivo circulatório” (FAUSTO NETO, 2010b, p. 9).

A forma mais apropriada para se compreender a circulação, na opinião de Fausto Neto (2010), se dá por meio da lógica das diferenças (e não somente das convergências). O autor destaca que não há contratos de comunicação duradouros, mas “pontos ou zonas de articulação” entre produção e recepção, como jogos complexos de oferta e reconhecimento. A circulação é então um dispositivo constituinte das interfaces. A relação com o conceito de dispositivo, por sua vez, se configura através das mudanças tecnológicas, alterando a configuração dos meios e a discursividade na arquitetura comunicacional. “O conceito de circulação, portanto, deve ser tomado como dispositivo central, uma vez que a possibilidade e a qualidade das interações sócio-discursivas se organizam cada vez mais em decorrência da natureza do seu trabalho em dar forma à arquitetura dos processos comunicacionais” (FAUSTO NETO, 2010, p. 12).

Por outra via de interpretação, Braga (2007) aborda a circulação na perspectiva de um processo interacional. Para ele, a mídia é um importante objeto de referência dos estudos em Comunicação, mas as pesquisas não podem se bastar ao estudo dela. Se “a sociedade constrói a realidade através de processos interacionais pelos quais os indivíduos, grupos e setores da sociedade se relacionam” (BRAGA, 2007, p. 143), pensar “mídia” e “sociedade” como uma dualidade é incoerente, já que a inserção dos media nos contextos cotidianos concretos extravasa as interações pontuais e diretas com produtos midiáticos específicos (conforme teóricos britânicos já haviam pontuado), de modo que as práticas interacionais envolvem recursos extraídos de processos midiáticos na constituição da trama social.

Em abordagem anterior, mas seguindo o mesmo ângulo de análise, Braga (2006) esclarece que os subsistemas de “produção” e “recepção” não dão conta da complexidade das interações, e mesmo dos processos midiáticos, pois a sociedade interage com a mídia a partir do que o autor denomina de sistema de “interação social sobre a mídia/falas sobre a mídia”, sistema dotado de um processo de circulação difusa e diferida. “Os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular entre pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura. Se não circulassem, não estariam ‘na cultura’” (BRAGA, 2006, p. 27).

O produto midiático não está no ponto de partida de um fluxo que corre em direção a um polo de recepção, conforme abordagem mais recente de Braga (2012, p. 41).

Ele pode ser, sim, apreendido como consequência de uma gama de processos, de expectativas, interesses e ações que resultam em sua composição como ‘um objeto para circular’ – e que, por sua vez, realimenta o fluxo da circulação, entretanto, não é o produto que circula. Ele adentra em um sistema de circulação o qual preexistia a sua inserção no fluxo, e que o viabiliza e alimenta.

Com esta visada Braga não pretende desconsiderar a pertinência de se avaliar o produto enquanto um momento da circulação, isto porque, em sua forma simbólico-material (um texto, uma revista, um vídeo) ele pode transitar e repercutir indefinidamente em outros espaços. Sua observação leva a ponderar sobre os limites de uma análise focada exclusivamente em um produto cultural particular, sem se considerar as possíveis inferências sobre processos mais gerais nos quais este produto se insere (uma “realidade complexa” que deve ser vislumbrada).

As mensagens midiáticas, segundo concepções teóricas de Braga (2012), quando adentram no sistema de circulação, sofrem inevitavelmente influências dos espaços interacionais pelos quais elas transitam, ganhando novas moldagens em termos de produção discursiva. “Os produtos circulantes da mídia de massa são retomados em outros ambientes, que ultrapassam a situação de recepção (o espectador diante da tela)” (BRAGA, 2012, p. 39), [construindo novos fluxos em processos de comunicação e interação – grifo da autora].

Deste modo, o conceito de *circulação* surge como questão chave para a compreensão da problemática da midiatização, em sua complexidade e heterogeneidade, na medida em que revela as práxis sócio-sêmiotecnológica com os dispositivos midiáticos e contribui para situar o fenômeno da midiatização no caminho das interações sociais, a partir das relações estabelecidas com os meios de comunicação, as quais também se desenvolvem por um processo de mediação tecno-tecnológica e simbólica. No caso desta pesquisa, considerando que o contexto comunicacional das comunidades extrativistas está delimitado pelo uso predominante de mídias massivas tradicionais, o conceito de circulação se constitui enquanto processo de conversação (BRAGA, 2007), baseado na oralidade, e aponta para rupturas do processo de midiatização.

A circulação é, então, uma tendência que se transformou quase em senso comum nos processos de comunicação e tem configurado

[...] um problema epistemológico para as diversas perspectivas de pesquisa sobre processos midiáticos: como reconhecer, caso se acentue essa ruptura, sem passar

pelo reconhecimento de que as técnicas e tecnologias não se constituem apenas em meios neutros, mas são operadores?(BRAGA et al., 2013, p. 8).

Neste sentido, Ferreira (2013) explica que quanto maior as rupturas no processo, mais a circulação indica autonomização da comunicação midiática perante os dois processos anteriores (recepção e produção). “Isto implica um descolamento da comunicação midiática dos contextos socioantropológico e sêmio-discursivo, de origem de indivíduos e instituições (FERREIRA, 2013a)”. É a partir da circulação – processo que agrega valores, crenças e referências simbólicas construídas ou ressignificadas – tendo em conta os contextos socioantropológicos, tecno-tecnológicos e discursivos, em contato por dispositivos inventados socialmente, que poderemos perceber a configuração do processo de mediatização.

A partir desta ótica, é possível repensar todo o processo da comunicação. Trata-se, agora, de investigar não os meios, mas o processo de constituição de microestruturas de comunicação e interação social. O ponto de partida é dado pelos modos de viver e de fazer, de perceber a realidade na interação em dispositivos, o que implica considerar os contextos, relevantes na compreensão dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos e do funcionamento do processo de mediatização.

Nesta pesquisa os contextos adquirem importância fundamental para se compreender o processo de mediatização, uma vez que ainda estão ancorados em relações simbólicas de tradição, que influenciam o acesso e as formas de interação em dispositivos. Neste sentido, a circulação produz ambiências comunicacionais, constituídas na relação com os meios, em diferentes espaços internos e externos às comunidades. Por este prisma, a interação com os dispositivos midiáticos, sua apropriação pelos extrativistas, se constitui justamente na articulação entre tecnologia e usos sociais, produzindo *lugares simbólicos de interação e comunicação*, pelos vínculos entre dispositivos, oferta midiática e a ação dos indivíduos que se posicionam como receptores e consumidores de mídia. Sendo assim, a *circulação* representa o lugar constituinte das relações sociais no processo de comunicação, ao mesmo tempo em que a interação social constitui espaço de *circulação* e ponto de convergência entre oferta e consumo.

Deste modo, é possível dizer que são os processos de circulação que possibilitam interações sociais. Os processos midiáticos – e também não midiáticos, mas que não deixam de sofrer os efeitos da mediatização – acionam processualidades de circulação e criam relações, conexões sociais. A visão de fluxo comunicacional incorpora o sentido de *circulação informacional*, no tensionamento entre oferta e diversidade de usos e apropriações em operações de ressignificação de mensagens midiáticas.

Entre os extrativistas que fazem parte desta pesquisa, a circulação se faz por um “contando aos outros” sobre aquilo que se consumiu, ou seja, há uma conversação decorrente do consumo midiático, gerando interação e, a partir disso, uma (re)construção de sentidos em torno do midiático circulante, processo entendido como um desdobramento da relação com as mídias. É o fluxo da informação midiática que segue e se concretiza na própria dinâmica da vida rural extrativista.

2.4 O dispositivo como operador de interações

Procuramos compreender dispositivo como uma instância que não se limitam à sua dimensão técnica e tecnológica. Autores de diversos campos de estudo buscaram uma definição para o conceito de dispositivo, entre eles Michel Foucault, Guattari e Deleuze, outros procuraram uma compreensão sobre o seu modo de funcionamento. Para Rodrigues (2000), Peraya, (1999) e Verón (1997), essas estruturas dão forma ao discurso, estão disponíveis em determinados lugares, têm certas características tecnológicas, dão existência e organizam os acontecimentos sociais e conformam certos modos de leitura da realidade e substituem os órgãos sensoriais de percepção da realidade, fornecendo visões de mundo. Nos últimos anos, os estudos sobre midiaticização buscam pensar esses mecanismos para além da problemática sistêmica estrutural dos dispositivos, analisando-os enquanto estruturantes de relações sociais.

A partir da abordagem de Ferreira (2003) situamos nossa concepção de dispositivo como instrumento que reúne tanto a dimensão material como o aspecto simbólico da tecnologia, pensando esse duplo movimento como elemento gerador de interações sociais. De acordo com este autor, os dispositivos não são apenas objetos tecnológicos de natureza material, nem um suporte inerte do enunciado e nem, somente, um contexto simbólico. Eles envolvem elementos técnicos, normativos e discursivos, constituindo-se, enquanto tal, a partir do agenciamento de distintos objetos.

Deste modo, concordando com a concepção teórica de Ferreira (2003) vislumbramos o dispositivo a partir de três aspectos: a ideia de compartilhamento (ação que se realiza sobre o outro em sua dimensão socioantropológica), a transmissão de informações (dimensão tecnológica) e a produção e reprodução de conteúdos/mensagens (dimensão sêmi-discursiva). A primeira dimensão alude à circulação; a segunda, à linearidade; e a terceira, à noção de linguagem ou discurso.

Os dispositivos midiáticos (FERREIRA, 2002; 2006) são tomados como operadores de estratégias de valor, visibilidade e de vínculo que as instituições não midiáticas, as instituições midiáticas e os atores individuais estabelecem em suas dinâmicas interacionais. Eles atuam como organizadores e dinamizadores dos processos de interação em que essas três instâncias estão implicadas, ultrapassando suas características técnica, antropológica ou semiológica.

Nessa direção, Klein (2007) destaca que o dispositivo envolve os seus contextos e códigos de linguagem, compondo-se num conjunto de operações de ordem socioantropológica, técnico-tecnológica e semiolinguística que “constituem uma rede entre diferentes elementos [...]” (KLEIN, 2007, p. 218) criadores de vínculos sociais. A tentativa do autor é de buscar especificidades, por isso procura entender os dispositivos como interacionais. Correlatamente, o episódio comunicacional que aciona esses modelos lhes dá forma, sentido, substância e direcionamento. Então, o dispositivo é compreendido como uma matriz que opera como orientadora dos sentidos produzidos na comunicação e das interações sociais.

No contexto extrativista, busca-se perceber o dispositivo midiático não como o lugar onde acontece a circulação, mas como elemento propiciador de discursos que circulam em outros espaços, pela interação face a face, engendrando a produção de novos circuitos comunicacionais e interacionais.

Da relação triádica proposta por Ferreira, destacamos que “o dispositivo não é nem o simbólico, nem o técnico, mas o que surge entre ambos – os objetos emergentes” (FERREIRA, 2003, p. 6). Capturamos esse fragmento para pensar no que emerge na relação dos extrativistas quando em dispositivos midiáticos, como foco de processos comunicativos que levam estes indivíduos a interagir socialmente, tensionados por referências simbólicas e materiais. Em outras palavras, os dispositivos não operam apenas por técnicas e tecnologias, mas também por acionamentos simbólicos que ultrapassam as dimensões materiais pré-existentes no ambiente onde se instalam.

Considerar a perspectiva de dispositivo como operador de interações nos aproxima de ângulos importantes do objeto, no sentido de que também requisita pensar a interação como processo social que se efetiva na circulação de mensagens midiáticas. Nesse sentido, o dispositivo midiático é uma materialidade tecnológica ativada pela dimensão simbólica e social, ou seja, tem uma consistência técnico-tecnológica visível, que é inseparável inclusive de sua essência simbólica (do lugar que ocupa na circulação dos sentidos), portanto, de

referência discursiva, e que serve para produzir processos contínuos de comunicação e interação.

A sociedade se utiliza de modos diversos para interagir e comunicar. Esses modos e práticas se desenvolvem cotidianamente na relação com os dispositivos e acabam por modelar os processos comunicacionais, onde a existência de um *habitus* discursivo estrutura os vínculos e as interações sociais. No caso desta investigação, a tensão ocorre entre dispositivos de oralidade, constituídos presencialmente, e os diferidos-mediatizados, especialmente o rádio e a televisão.

2.5 Zonas de tensão

Os indivíduos tendem a desenvolver com a mídia uma relação de consumo sem exigências especiais ou conhecimento sobre as funções sociais e políticas dos meios de comunicação, construindo táticas de consumo que funcionam como zonas de tensão entre o contexto que se apresenta e suas reais necessidades. Aqui cabe assinalar a existência de um possível *habitus* na relação dos extrativistas com os meios de comunicação, como forma de assegurar que os meios estejam a serviço dos sistemas que conformam a sua realidade em termos produtivo comunicacional e social.

2.5.1 O *habitus* como resistência

A noção bourdieusiana de *habitus* sintetiza a ideia de traços específicos da personalidade, que se formam diante de circunstâncias sociais objetivas que exigem determinadas aptidões individuais ou coletivas. O *habitus* corresponde às formas de subjetividade construídas a partir das experiências de vida em sociedade. “É a maneira como as estruturas sociais se imprimem na cabeça e no corpo dos indivíduos, pela interiorização da exterioridade” (BOURDIEU, 2012, p. 61). Deste modo, o *habitus* implica a existência de disposições gerais para fazer algo, de determinada maneira, ou seja, o ato de perceber, sentir, realizar e pensar de uma forma, interiorizadas e incorporadas, geralmente de modo inconsciente, para cada indivíduo, decorrentes de suas condições objetivas de existência e da trajetória social.

Neste sentido, considera-se que os espaços de interação – das pessoas com os meios e com elas mesmas – têm uma demarcação social, possuem uma história, sendo esta a história dos indivíduos no espaço social – no caso, os extrativistas – ou seja, as disposições em estado

prático estão marcadas pelo *habitus* rural. O conceito de mediação, portanto, passa pela formação histórica destes espaços sociais, além da formação cultural das pessoas em interação neste espaço. O conceito de *habitus*, desenvolvido por Bourdieu (2012), torna-se importante como fonte de mediação simbólica, pois os agentes interpretam os “mapas culturais” através de suas posições no espaço social, assim como das condições por eles oferecidas. Daí porque nas comunidades extrativistas o consumo ocorre de modo diferenciado, de acordo com o *status comunicacional* social, o que nos leva a interpretar esse consumo em níveis diferenciados.

Para Bourdieu (2012), o *habitus* muda de acordo com o tempo e o espaço e estaria relacionado a diferentes capitais – culturais, sociais, econômico e, em última instância, adquire uma força de classe, mas sem se prender a ela. Neste sentido, considerando que a sociedade é um sistema dinâmico e em mutação, sempre se vislumbra uma mudança contextual e nas práticas comunicacionais.

O tensionamento entre as proposições sobre midiaticização e mediações nos levou a perceber sutilezas no modo de configuração do processo nas comunidades rurais – agrícolas e extrativistas. Observa-se o processo de comunicação atravessado por mediações simbólicas e materiais, mas, suspensas, pois que, condensadas em dispositivos inventados socialmente, são subsumidas a novos processos que atravessam as ações sociais. Isto leva a uma diversidade de processos comunicacionais e modos de interagir com as mídias e socialmente, que vão sendo operacionalizados de modo periférico na medida em que se desenvolvem em condições específicas de comunicação e interação no contexto extrativista, caracterizadas por restrições e insuficiências tecnológicas, apontando para a existência de modos distintos de constituição e funcionamento de processos midiaticizados. É nessa diversidade que reside o caráter homogêneo do processo de midiaticização social, expresso em distintas nuances de operações sociais com as mídias.

Na relação dos agricultores gaúchos com os meios, por exemplo, observamos o delineamento de uma nova arquitetura comunicacional, nos usos e apropriações condensados em dispositivos materiais (internet ou meios tradicionais) e simbólicos (motivações, valores e intencionalidades) que convergem para processos comunicacionais e interacionais. Os agricultores buscam na internet experiências de interação que os meios tradicionais não possibilitam. O uso de tecnologias digitais, como Facebook e Skype, possibilita a comunicação à distância com familiares e amigos e intensifica as relações comerciais.

No contexto das comunidades extrativistas, buscamos elementos para entender o processo de midiaticização em um ambiente que se caracteriza pela precariedade no acesso a

tecnologias da comunicação e de reconhecida ausência das mídias digitais - esse aspecto latente da sociedade midiaticizada. São precisamente as limitações na oferta das materialidades tecnológicas e as especificidades das interações realizadas na relação com as tecnologias da comunicação que fornecem elementos para considerarmos que essas comunidades se inserem em processos periféricos de midiaticização.

Neste sentido, os usos (materiais) e apropriações (simbólicas) que os extrativistas desenvolvem em dispositivos midiáticos – embora conformados à esfera das tecnologias tradicionais – não estão desvinculados da vida cotidiana – questão crucial nas lógicas de construção de uma *ambiência midiaticizada* – e incorporam a noção de comunicação como um processo que se efetiva no jogo das interações desenvolvidas socialmente, embora aqui este processo ocorra sob outra lógica – baseada na presentificação física, cujo elemento fundante é a oralidade – proporcionada pelo contato com os objetos técnicos e pelas interações que se desenvolvem em fluxos comunicacionais contínuos.

Assim, a mídia adquire importância fundamental nos processos comunicacionais e interacionais das famílias extrativistas. Ela é invasiva, mas também é pragmática; é individual, mas também coletiva. É global, mas ao mesmo tempo ordena as relações locais – familiares e comunitárias – ativando veios de conversação e interações sociais. Neste sentido, o *habitus* discursivo que se desenvolve em relação com o midiático cria costumes na casa, mas também serve para direcionar processos sociais fora deste espaço e reafirmar valores tradicionais, na medida em que conserva um modo de vida local e tradicional, mas ao mesmo tempo se abre para receber o mundo global por meio dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos.

2.5.2 A mediação como chave de leitura das apropriações simbólicas

Durante muito tempo, as pesquisas em comunicação focaram questões direcionadas às consequências do fenômeno comunicacional, promovendo a fragmentação do processo, situando os polos da produção e recepção como opções possíveis de referência de pesquisa. Algumas teorias e tendências no campo da comunicação (MARTINO, 2007), como o modelo desenvolvido por Laswell, descrevem o processo comunicacional acentuando de modo isolado os polos do emissor e do receptor, outras abordam a recepção como processo que se configura em um duplo estágio e como intervenção de classes sociais ou de subculturas – caso dos Estudos Culturais; ou tratam o processo comunicacional numa escala macro, envolvendo a sociedade, como as abordagens funcionalistas.

Essa concepção instrumental dos meios não era capaz de compreender os processos comunicacionais. Os meios não podem ser reduzidos à sua materialidade, pois envolvem linguagens, ações e dinâmicas sociais, políticas e culturais. Assim, na década de 1980, Martín-Barbero (2009), entendendo que emissor e receptor se relacionam não a partir de um meio ou canal, mas com base em necessidades comunicacionais e na trama cotidiana, propõe um novo olhar sobre a audiência. Este autor realiza um deslocamento do foco de estudo dos meios para as mediações. Conforme Boaventura e Martino (2010, p. 9):

A pesquisa deveria superar a centralidade dada aos meios de comunicação, considerada uma visão redutora do processo. Em um contexto em que a comunicação se converte em um “espaço estratégico” para pensar os bloqueios e as contradições que dinamizam as sociedades, defende que o debate deve se deslocar dos meios para as mediações. Em seu mapa noturno, propõe o estudo dos meios desde a investigação das matrizes culturais, dos espaços sociais e das operações comunicacionais dos diferentes atores do processo.

Em uma abordagem inovadora para o campo da comunicação, Martín-Barbero (2009) chama a atenção para a importância de se desenvolver outros parâmetros nos estudos sobre a relação com os meios de comunicação. O autor considera necessário transitar do paradigma informacional – em seus vários aspectos - para outro, mais atento ao que se interpõe entre as mídias e seus consumidores, ou seja, focar mais propriamente nas mediações do que nos meios. Esse deslocamento teórico representa uma ruptura com o princípio básico e histórico que orientava os estudos em comunicação pela perspectiva dos meios, para propor que o relevante na sociedade contemporânea estaria nas relações que configuram e constituem a existência dos meios.

Além da mudança no foco de atenção no estudo das comunicações massivas, proposta na obra “dos meios às mediações”, Martín-Barbero (2009) propõe a superação de uma visão determinista dos meios (da indústria cultural, suas tecnologias, seus produtos) para uma visão relacional na sociedade. Por outro lado, introduz uma preocupação das pesquisas em comunicação com a composição das mediações e, sobretudo, com a sua intensidade e eficácia no enfrentamento da mídia e seus produtos.

A teorização de Martín-Barbero não oferece um conceito explícito de mediação, mas nos conduz a compreendê-lo como aquilo que se refere aos “[...] lugares dos quais provém as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 304). Percebe-se, deste modo, que embora os indivíduos cristalizem e materializem os processos comunicativos, na verdade, estes não se encerram nos indivíduos, não tendo necessariamente um começo nem um final, ou seja, haverá sempre uma

continuidade em termos comunicacionais, sustentada pela circulação de informações e negociação de sentidos.

A proposição teórico-metodológica das mediações oferecida por Martín-Barbero (2009) projeta uma articulação entre os processos de produção de sentido em torno dos meios e outras práticas cotidianas de significação e, ao mesmo tempo, permite uma abordagem relacional entre *prática e estrutura*, que reforça a pesquisa em recepção como campo fundamental para investigar a ação (agência) do sujeito nos processos comunicacionais. A noção de “usos dos meios”, desenvolvida pelo autor cria uma espécie de existência midiática que procura se afirmar nas experiências midiaticizadas, conferindo visibilidade aos indivíduos que se tornam produtores de seus próprios discursos e protagonistas da circulação de mensagens e operações de sentido (produção, negociações, pactos, recusas) realizadas nas apropriações com a mídia.

Os sentidos do midiático são constantemente compartilhados, produzidos e atualizados nos processos de circulação e na interação social, mas a recepção não se realiza da mesma maneira. As intenções, as situações, os contextos e meios e os fatores atuantes no tempo da recepção e do consumo midiático são diferentes. Cada ambiente, cada espaço cria uma determinada situação de recepção que vai atuar em articulação com a subjetividade do sujeito receptor, assim como aquilo que está no seu entorno.

Ao mesmo tempo, o próprio formato da tecnologia vai influenciar o modo de receber e consumir mídia. Para Orozco Gómez (2005), são essas mediações que permitirão ao investigador compreender as relações entre mídia e recepção, que deve ser explorada não linearmente, mas em suas diferentes dimensões complexas e em relação com as contextualidades. Mas o autor também destaca que “a tecnologia sempre dá lugar à criatividade de quem a utiliza”, entretanto, a autonomia da audiência é relativa porque sempre há intencionalidade e sentido no que está proposto pelo emissor (OROZCO GÓMEZ, 2005, p. 30).

Há uma importante diferença nas abordagens de Orozco Gómez (2005) e Martín-Barbero (2009). O primeiro destaca processos materiais, inclusive em decorrência de suas preocupações de operacionalização metodológica. Já Martín-Barbero acentua processos simbólicos, considerados como abstratos por seus críticos. Em proposta de estudo mais recente esse autor não coloca a recepção dentro de um espaço limitado de mensagens que circulam, mas investiga como os indivíduos que compõem a audiência se apropriam dessas mensagens, enquanto membros de um grupo social e de uma cultura específica.

Boaventura e Martino (2010) assinalam que os conceitos envolvendo o estudo da recepção, usos e apropriações nem sempre se apresentam claramente definidos. É o que acontece, por exemplo, com as propostas de mediação de Martín-Barbero e a de Orozco, nas quais se observam divergências já na base de sua formulação. Na concepção de Boaventura e Martino (2010, p. 11):

Para Martín-Barbero, o conceito de mediações seria mais abstrato, mais amplo e abrangente. Já a mediação de Orozco está ligada a fatores e influências que acontecem durante a recepção. O modelo das multimediasções tem a intenção de ‘baixar’ a teorização de Martín-Barbero ao nível do empírico para tornar possível a investigação. Entre as fontes de mediações propostas por Orozco para entender a relação entre a audiência e os meios estão as mediações audiovisuais, as institucionais, as ‘masmediáticas’, as situacionais e as de referência. Para Martín-Barbero a mediação seria a interseção entre fatores, o lugar onde duas fontes de influência do processo de recepção parecem se encontrar, se cruzar. [...] a mediação seria um ponto intermediário, o ‘meio termo’ entre dois objetos. [...] a saída da razão dualista da investigação, que contrapõe polos opostos. A mediação seria esse ‘lugar’ que está entre esses opostos, e que permite uma compreensão mais complexa dos fenômenos complexos. O que não quer dizer que a mediação seja feita por um ente físico apenas, pois os mediadores são verdadeiros atores sociais e não apenas intermediários [...].

Os avanços nas investigações sobre as novas configurações das relações entre sociedade e meios tecnológicos apontam também para a importância de se considerar as mediações nos estudos sobre o processo de midiaticização. Esse é o nosso esforço de investigação quando articulamos dimensões simbólicas (apropriações) e materiais (usos) em dispositivos midiáticos.

De acordo com Fausto Neto (1997), a preocupação mais recente no estudo da audiência se deve ao esgotamento dos modelos positivistas. A ênfase dada à questão do receptor passa, por exemplo, pelo estatuto de sua cidadania e ao mesmo tempo, pela especificidade da sua condição de agente ativo no circuito sociocultural como instância produtora de mensagem (FAUSTO NETO, 1997, p. 190). A este respeito, o autor assinala, ainda, que no processo de comunicação os campos do emissor e do receptor estão inter-relacionados, envolvidos no mesmo protocolo de intenções e, embora sejam influenciados por mediações distintas, não existe hegemonia de um sobre o outro. Não se trata de um espaço onde seja concedido, ao receptor, o trabalho de executar as normas de instruções de leitura enviadas pelo campo da emissão. Trata-se de relação mais complexa, cuja compreensão põe por terra essa dimensão absoluta e unificante do sujeito. Ambos os polos estão submetidos a injunções de diferentes naturezas e a distintas lógicas.

Com essa visada, Fausto Neto mostra que longe de se desenvolver de forma linear entre emissores-dominantes e receptores-dominados, ou um circuito entre emissor e receptor,

situados no mesmo plano, com as mensagens circulando em instâncias homólogas, a comunicação é um processo complexo que envolve as relações sociais com os meios, que vem das sociabilidades como comportamento coletivo, como sensibilidade, como controle e como luta pelo acúmulo de informação, sobre uma ordem cultural que na sua especificidade articula o sentido de uma sociedade.

O processo de comunicação, portanto, se faz nesse jogo de negociações que é dinâmico e envolve tensões e conflitos de significações. A vida cotidiana é valorizada não como espaço de conflitos, mas como lugar de construção e expressões de subjetividade e constituição do sujeito como ser social. As práticas sociais são concebidas como espaço de fazeres cotidianos, com múltiplas determinações que se manifestam de forma dinâmica, sutil e criativa na constituição de um mundo das significações.

Aqui novamente se observa uma aproximação à proposição da mediação como processo que integra as mediações. Assim, a compreensão do sujeito como ator do processo comunicacional envolve a cultura em novos processos e, de outra forma, um novo modo de compreender a própria questão da subjetividade como “um espaço contraditório, o da negociação, o da busca de significações, de produções incessantes de sentido na vida cotidiana” (SOUSA, 2009, p. 26) e na relação social com as tecnologias da comunicação.

Vale esclarecer que as mediações não representam instância única para a presença da mediação no contexto social. Elas existem, mas não são elas que realizam o projeto de mediação na sociedade. A mediação resulta de processos interacionais em dispositivos, em contextos de coletivos sociais, que desenvolvem seus próprios mecanismos ao encontro das ofertas midiáticas e vão definindo os níveis de mediação na relação com o midiático.

Nos processos comunicacionais das comunidades extrativistas que participam deste estudo observamos que os aspectos socioantropológicos das mediações se manifestam por elementos contextuais e sociais herdados de processos de formação histórica, econômica, política e cultural: espaço geográfico, sistema de trabalho, relações familiares, relações institucionais, cultura local, relação com a natureza, temporalidades cotidianas, oralidade, mobilidade, crenças, costumes, valores, escolaridade e laços de proximidade com a vizinhança. Além disso, também são considerados aspectos que articulam o meio rural ao urbano – como o envolvimento com instituições ligadas à organização social e comunitária (sindicato e associações rurais), as relações comerciais em torno do processo produtivo, a busca por atendimento a demandas sociais da comunidade e os vínculos estabelecidos com sistemas burocráticos – como as políticas sociais do governo e instituições gestoras da reserva extrativista – assim como a própria necessidade de se sentir informado e integrado a outras

realidades. Considera-se, ainda, como elementos socioantropológicos constitutivos de mediações, as estratégias criadas pelos extrativistas para acesso, uso e consumo de energia elétrica e dos meios de comunicação. Todos estes fatores, junto com o aspecto sêmi-discursivo, se manifestam na relação com os meios e no processo de circulação e ressignificação das informações midiáticos, e são considerados, nesta pesquisa, como fatores configuradores da dimensão simbólica das mediações.

As mediações tecno-tecnológicas são constituídas pelos processos propriamente tecnológicos desenvolvidos em torno das materialidades dos dispositivos midiáticos com os quais os extrativistas se relacionam no cotidiano – rádio, televisão e telefone celular – e pelos sistemas de energia elétrica, utilizados para acesso a estas mídias, compreendendo o serviço convencional de eletrificação rural e suas precariedades, além dos sistemas alternativos desenvolvidos pelos extrativistas para enfrentar as limitações e dispor dessa tecnologia (palaca solar e motor a diesel).

Os usos e apropriações em dispositivos midiáticos, entretanto, transformam esses aspectos, reconfigurando os processos sociais. Assim, se, por um lado observa-se esse conjunto de mediações - o social, a tecnologia e a linguagem - por outro, destaca-se o entrelaçamento destes aspectos, percebidos nos processos de interação que sustenta as relações sociais e integra os extrativistas.

No meio rural, que o sistema de relações que articula o processo de midiaticização funciona segundo lógicas próprias de ordenamento da vida no campo – aspectos contextuais distintos que vão definindo os modos de constituição de circuitos comunicacionais e temporalidades midiáticas. Desta maneira, os extrativistas produzem interações, sentidos e trocas simbólicas em seus usos em dispositivos, porém, referenciados em uma perspectiva local, por meio de *redes cotidianas de convivência* ou redes locais de comunicação, ativadas por circuitos comunicacionais que se constroem com base na interação presencial.

2.5.3 Redes de comunicação cotidiana - uma perspectiva interacional

Em distintas escalas e intensidades, as redes podem ativar conexões, simbólicas e solidárias, de sujeitos e atores coletivos, "cujas identidades vão se construindo num processo dialógico de identificações éticas e culturais, intercâmbios, negociações, resoluções de conflitos e de resistência aos mecanismos de exclusão sistêmica na globalização" (SCHERER-WARREN, 2000, p. 16). Neste sentido, ambientes compartilhados favorecem convívios participativos e reciprocidades. As aproximações por afinidades eletivas instauram-

se, restauram-se e reproduzem-se em comunidades com vínculos duradouros ou circunstanciais.

Compreendendo que os processos de comunicação nas comunidades extrativistas se desenvolvem por meio de circuitos interacionais, consideramos que em suas relações sociais cotidianas os extrativistas constroem redes informacionais de comunicação, a partir da relação com os meios. A malha de relações interpessoais, em retroalimentação contínua, impulsiona a formação de redes que englobam fluxos comunicacionais e informativos, manifestações culturais e interferências cognitivas.

As redes distinguem-se como sistemas organizacionais com estruturas flexíveis e colaborativas baseadas em afinidades, objetivos e temáticas comuns entre os integrantes. Elas manifestam uma maneira de estar junto, de conectar-se e formar laços, ao mesmo tempo em que podem implicar um modo de participação social cuja dinâmica conduz ou não a mudanças concretas na vida social. Além disso, essas estruturas contam, para sua organização e funcionamento, com mediações materiais e simbólicas que são dinamizadas por interações entre sujeitos na relação com dispositivos midiáticos.

No contexto das comunidades rurais estudadas as redes sociais obedecem a uma ordem física e se constituem nas interações presenciais diárias, baseadas em demandas concretas, mas também em afetividades. Assim, compreendemos que as redes cotidianas de comunicação são elementos perceptíveis, mas não visíveis, operando de acordo com lógicas locais e com os interesses estabelecidos pelos extrativistas. Ao mesmo tempo, se recompõem em outras instâncias das relações sociais e comunicacionais, de acordo com a atuação dos seus participantes, estabelecidas em contratos tácitos formulados nas relações sociais empreendidas nos diferentes grupos de pertencimento dos extrativistas.

Considerando que na comunicação dos extrativistas as informações midiáticas recebidas são sempre compartilhadas, por meio de circuitos comunicacionais, aonde os discursos vão se multiplicando em uma semiose interpretativa que se efetiva na oralidade – um discurso sempre gera outro discurso – essa perspectiva de continuidade dos processos comunicacionais encontra eco na noção de “fluxo adiante” da informação, defendida por Braga (2012) em abordagem sobre o tema *circuitos interacionais versus campos sociais*, embora sob a ótica da comunicação baseada na escrita. O autor salienta que esse “fluxo adiante” acontece em variadíssimas formas – desde a reposição do próprio produto (mensagens faladas, escritas ou visuais, modificadas ou não); elaboração de comentários que podem resultar em textos publicados ou simples “conversa de bar”; estimulação de debates,

análise e polêmicas, passando por outras possibilidades, incluindo-se a circulação que se manifesta nas redes sociais.

Ao se pressupor que a comunicação realizada pelos extrativistas nas comunidades, em suas interações com sistemas internos e externos, se traduz em relações que interligam estes indivíduos e também definem o lugar que eles ocupam na sociedade, especialmente no caso dos *líderes comunicadores* – que buscam a informação em outros espaços e encarregam-se de disseminar na comunidade – é possível entender, então, que esta é uma comunicação aberta que provoca mudanças nos processos comunicacionais e interacionais, demarcando um *antes* e um *depois* da comunicação midiática.

A pesquisa sobre a constituição e funcionamento do processo de midiaticização em comunidades extrativistas agrega o entendimento que as redes cotidianas de comunicação representam um importante fator para manter o senso de comunidade, uma vez que as relações de proximidade e de contiguidade - chamadas por Milton Santos (2006) de horizontalidades - constituem a unidade básica de formação de um tecido social coeso que mobiliza as capacidades endógenas do local e as potencializa para o diálogo com desafios ditos globais. Deste modo, percebemos que as relações entre os extrativistas e as mídias se dinamizam por conexões com o trabalho, com a família, com a economia e com outros processos sociais em diferentes instâncias.

Na sociedade em midiaticização, as ações tornaram-se globais, o que faz com que os extrativistas passem a compartilhar de outras realidades do mundo, aproximando-se das informações midiáticas em tempo real, por meio da mídia. Mesmo vivendo em áreas longínquas dos centros urbanos, no interior da floresta amazônica essas pessoas acessam “ao vivo” as notícias por meio das tecnologias da comunicação, constituindo-se como sujeitos de um processo que é global, mas que se desenvolve em conformidade com lógicas locais. Nessa dinâmica de interação e na conjugação entre o local e o global, realizadas pelas mídias, os extrativistas se “conectam” a acontecimentos globais e, ao mesmo tempo, convivem intensamente com a natureza, vinculados a um espaço que lhe é próprio – o rural. Assim, colocam-se em sintonia com o que acontece em outros lugares, entretanto, sob uma temporalidade e condições peculiares ao meio rural. Essas interações cruzadas, pelas quais as práticas sociais da vida cotidiana são articuladas com os meios de comunicação, vão construindo outras atribuições da realidade e transformam os seus processos de produção cultural (SODRÉ, 1996), atribuindo à vida contemporânea novas referências culturais.

Os usos de tecnologias da comunicação têm papel decisivo no processo de mudanças no meio rural. Mas isso não se faz sem, simultaneamente, os acionamentos simbólicos

(apropriações). Na Reserva extrativista Chico Mendes, foco deste estudo, há pouco mais de uma década, muitas colocações só tinham acesso a informações pelo rádio ou por intermediários que traziam as notícias da cidade (portadores de mensagens midiáticas e de novidades do centro urbano). Atualmente, os moradores destes espaços, cada um com suas particularidades e interesses, também partilham diariamente dos acontecimentos, notícias e informações trazidas, muitas vezes, de modo instantâneo pela televisão e pelo rádio ou pelo telefone celular.

É interessante observar que as mídias atuam diretamente na constituição das redes cotidianas que se configuram a partir de circuitos comunicacionais, os quais passam a operar com base em ofertas dominantes contemporâneas do mundo globalizado e vão fortalecendo as relações comunitárias, em seus diferentes nichos, possibilitando a ampliação de perspectivas comunicacionais e de interações sociais. É pela interpenetração de diversos aspectos (espaço, tempo, tecnologia, sociabilidade, proximidade e intencionalidades) que as redes cotidianas de comunicação se desenvolvem em modo presencial e pela conversação oral, fortalecendo as relações sociais. Embora os discursos que se constroem nessas interações se mostrem “efêmeros”, por sua característica oral, levando a um “apagamento” das narrativas, a linguagem oral é o elemento de fluidez das ideias, de trocas e de sustentação das relações sociais que se desenvolvem no interior das redes cotidianas de comunicação.

Assim, pode-se afirmar que o elemento concreto no processo de constituição dessas redes é a interação social e dialógica, na busca pelo atendimento de demandas informacionais que possibilitam aos extrativistas participarem de sistemas sociais mais globais e se constituírem enquanto sujeitos integrados à sociedade midiaticizada. De outra forma, permanece a abertura para se pensar que a constituição desses mecanismos comunicacionais pode agregar tanto elementos que provêm da mídia, que mobilizam as relações comunitárias diante de desafios ou reivindicações.

As interações sociais são malhas que operam interligadas por diferentes elementos e reúnem motivações e intencionalidades materiais e simbólicas, mas também são pautadas por laços de proximidade (onde todos se conhecem), de solidariedade, afetividade e reciprocidade, expressos no desejo de compartilhamento da informação – midiática ou não, e que mobilizam o trânsito dos extrativistas entre as colocações, na prática de ir à casa do vizinho compartilhar a informação - que não tem acesso direto à mídia ou que por algum motivo não soube de determinada notícia. São essas relações que garantem a convivência em comunidade, independente do tamanho da sua ocupação territorial. Nesse aspecto, é

praticamente impossível compreender a importância dos meios na vida das pessoas sem se estudar as redes de comunicação cotidianas.

O que se percebe é que a existência dessas redes de comunicação nas comunidades extrativistas está relacionada tanto a aspectos materiais como simbólicos que compõem a relação com os dispositivos midiáticos e com a comunidade, envolvendo interesses individuais e coletivos que vão sendo contemporizados no tecido social, com suas tradições, tensões e conflitos presentes na vida comunitária extrativista. Deste modo, cada indivíduo se constitui como elemento fundamental na estruturação dessas estruturas de comunicação, cuja configuração é mediada pelo trabalho, pela família, pelo sistema econômico vigente, pela temporalidade e espacialidade, pelas relações de proximidade, pela oralidade, pela mobilidade, pela acessibilidade (ou não) à tecnologia e, sobretudo, pela ação dos indivíduos na relação com os meios e no trânsito em suas relações, o que faz com que sentidos materiais simbólicos sejam postos em circulação nas comunidades e retroalimentados na teia das relações sociais.

É no interior dessas redes que circulam os conteúdos e as mensagens midiáticas entre os extrativistas. Mas, para que a informação circule é preciso que as pessoas transitem dentro das comunidades e também em movimentos externos a esse espaço. O compartilhamento da informação (pela ação da vizinhança ou de líderes comunicadores) mobiliza o trânsito para dentro ou para fora do contexto extrativista, gerando outra ação, seja na interação com os grupos da comunidade ou em direção à cidade para resolver demandas individuais ou coletivas. Assim, as redes de comunicação cotidiana são fluxos contínuos que se efetivam no movimento dos extrativistas que consomem e (re)produzem informações midiáticas, construindo e alimentando as relações e tecendo a sua própria comunicação. Percebe-se que as ações peculiares a cada um dos sujeitos das redes sociais fundam-se no seu respectivo *habitus*, arraigado no conjunto de disposições que moldam as suas formas de agir, portanto, as condições com que os indivíduos interagem com as mídias e socialmente em cada espaço social não são uniformes.

Deste modo, as redes de comunicação cotidianas e as midiáticas imbricam-se, criando novas relações socioculturais, mediadas pelas interações face a face que permeiam a vida rural, mas a velocidade do mundo globalizado se mistura ao ritmo de vida das comunidades. Cria-se, assim, outra relação, ou seja, uma hibridização entre o tradicional e o moderno, o local e o global, que se constitui em dispositivo, aqui nomeado como *mediatização periférica*.

3 APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

3.1 A construção do objeto

Nas pesquisas em comunicação o objeto deve ser pensado como estruturas que fornecem elementos essenciais e em diversos ângulos para interpretação das relações sociais, a partir de interconexões construídas entre processos midiáticos e sociedade. Deste modo, esta pesquisa dialoga com a perspectiva do movimento ascendente, descendente e circular (FERREIRA, 2010) que se realiza numa relação dialética entre empiria e teoria. Na correlação entre os materiais concretos, obtidos em processos exploratórios, e com argumentações teóricas acionadas na investigação buscamos selecionar indícios e construir categorizações na apreensão do processo de midiatização no meio rural.

A construção do objeto resulta de operações de escolhas e substituições, avaliações e reformulações proporcionadas pela observação. Neste sentido, Ferreira (2011) defende que os objetos devem estar inseridos em processos de interação/transformação, evitando-se formatos “ortopédicos”, engessados. O contato com o empírico levou a um processo de desconstrução e reconstrução do objeto, onde se reconfiguram as perguntas e percepções iniciais por meio de análises e inferências relacionais oriundas das observações e materiais coletados.

Nesta perspectiva, inicialmente, concentramos esforços na suspensão temporária das teorias que informavam o estudo, para focar nos materiais empíricos. Isto significou um distanciamento de percepções do senso comum para ingressar em processos interpretativos mais complexos – mas não necessariamente um despir-se do instinto de suspeição. Para Ferreira, a suspensão se refere à defasagem, sutil e profunda, entre subsídios fundamentais para identificar o contexto reflexivo sobre o problema e a singularidade da pesquisa em andamento, que deve dar conta de um empírico particular, com seus indícios, categorizações, hipóteses e interpretações próprias (FERREIRA, 2011).

Em um primeiro momento, optamos pelo desenvolvimento de um processo análogo entre comunidades rurais, buscando perceber indícios do funcionamento do processo de midiatização em espaços rurais. Assim, buscamos observar a relação com os meios de comunicação em duas comunidades rurais agrícolas de Bento Gonçalves (RS) e, a partir dos dados coletados, observamos os processos comunicacionais midiáticos de extrativistas do Acre, no sua relação com os meios.

No processo de analogia buscamos estabelecer correlações entre as duas localidades observadas. O cotejo entre dois casos possibilitou relacionar um conjunto de indícios que

indicavam a presença de lógicas distintas e semelhanças no uso e apropriação dos meios e de funcionamento de processos acionados na relação com o midiático em cada uma das realidades observadas.

Braga (2008) e Ferreira (2010) propõem a busca e seleção de indícios como estratégia metodológica para revelar o objeto em seu modo mais concreto. Nesse esforço para *desentranhar*¹ o objeto investigado se articula a necessidade de compreensão sobre o que perguntar, uma vez que as perguntas permitem fazer descrições gerais e singulares do objeto.

As informações obtidas no processo de analogia possibilitaram estabelecer parâmetros para o desenvolvimento da pesquisa sistemática em comunidades extrativistas do Acre. Com base nos indícios percebidos no movimento analógico, desenvolvemos perguntas relacionadas às lógicas de funcionamento do processo de midiatização e das mediações incidentes na relação de extrativistas com os meios. Neste sentido, buscamos indagar sobre os usos e modos de apropriação de dispositivos midiáticos, os processos de interação que vão se constituindo e sobre os elementos mediacionais – materiais e simbólicos – presentes no processo.

As perguntas direcionam as descrições e “estas não se fazem ‘neutramente’, mas já supõem um problema que direciona o olhar e faz distinguir os índices principais e secundários relacionados” (BRAGA, 2012, p. 13). Em outras palavras, elas ajudaram a problematizar o objeto e viabilizaram movimentos circulares na construção da pesquisa, com retornos ao empírico e a interpretações concorrentes (teorias), procedimentos que permearam todo o processo investigativo e resultaram na produção de inferências produtivas sobre o objeto.

3.2 O método

Nesta pesquisa, a compreensão do método passa por dois pressupostos básicos: o epistemológico, ancorado na reflexão sobre o método, como fazer investigativo, que define escolhas dos caminhos a serem percorridos para a construção da pesquisa; e o metodológico – referências às ações práticas e dialógicas realizadas para alcance dos objetivos da pesquisa.

Peirce (1999) concebe o método científico em termos de deliberada e sistemática “submissão aos fatos”, sejam eles quais forem. Para o autor, todo e qualquer processo cognitivo está intimamente ligado a três tipos de raciocínio: a indução, a abdução e a dedução.

¹José Luiz Braga (2004) utiliza este termo para referir-se à necessidade de extrair o que há de comunicacional nos processos sociais, dado a presença recorrente da questão comunicacional nas mais diversas áreas de conhecimento e das práticas humanas.

Estes argumentos se entrecruzam de modo constante, quer no enfrentamento dos problemas práticos do dia a dia, quer no processo de conhecimento (BONFANTINI; PRONI, 2004).

Em consonância com esse entendimento, Braga (2007) considera a comunicação, na vida social, como um processo essencialmente abduativo, opinião com a qual compartilhamos, já que em nossas interlocuções estamos acostumados a certos hábitos de inferência para, por *tentativa e erro*, explicar os fatos do mundo da vida. No processo de conhecimento científico a lógica abduativa é tomada como uma lógica da descoberta, da criação, ou seja, o ponto de partida para a produção do conhecimento. Neste sentido, quando se pesquisa a comunicação é central observar o fenômeno e buscar inferências a ele direcionadas, para, a partir do percepto (diagrama), questionar que conceitos e teorias ele reivindica e, nesse percurso, acionar também outros raciocínios não menos importantes na construção da pesquisa.

Assim, na prática da pesquisa, uma postura abduativa também requisita movimentos indutivos e dedutivos (FERREIRA, 2007), porque estas formas de organizar o raciocínio constituem partes de um mesmo processo. Entretanto, por questões de natureza do objeto - e também do próprio pesquisador - quase sempre, um desses argumentos irá espelhar de modo mais incisivo o pensar investigativo. Na construção do conhecimento, há uma rota definida como estratégia, entretanto o caminho a ser seguido é traçado no decorrer do processo e por ele se vão lapidando impressões e percepções sobre uma especificidade que configura múltiplas relações, tramadas nos nexos entre o concreto e o abstrato.

Percebe-se que, embora o processo seja matricial, como argumenta Ferreira (2011), cada forma de argumento, mesmo quando constituído em hipótese de uma investigação, “está em relação com os outros, como resultante de conclusões aos outros dois” (FERREIRA, 2011, p. 82). É na articulação dessa tríade que reside o caráter sistêmico do método e a riqueza do trabalho científico porque o pensamento não se faz único, mas dinâmico, por ângulos distintos do olhar interpretativo do pesquisador sobre o observável.

Na análise de Peirce (1999) o raciocínio dedutivo considera o objeto como *algo que deve ser*, no nível da abstração, da *hipótese*. Esse tipo de interpretação se caracteriza por partir de aspectos abstratos para a observação concreta. Aqui as inferências obtidas precisam ter relação com as premissas iniciais e as da conclusão. Já a indução é da ordem do *realismo* e como tal procura mostrar que *alguma coisa é*, partindo de fenômenos semelhantes aos que observamos em casos similares, ou melhor, de uma suposição geral para uma particular. Consiste em observar, buscando inferências que permitam construir regras interpretativas, qualitativas e quantitativamente válidas. Desta forma, a validade da indução reside na articulação entre o singular e uma regra já existente, sua aplicabilidade e verificação.

No raciocínio abduutivo, os observáveis – materiais ou não – são da ordem do sensorial, da intuição. Peirce (1999, p. 220) interpreta a abdução como “o processo de formação de uma hipótese explanatória, *um devir* que pode se constituir como descoberta”. Este tipo de raciocínio agrega sempre a possibilidade de se perceber diferenças e convergências, mas também de produzir uma ideia nova - “*sacações*”, “*insights*” - sobre o objeto observado. Por este aspecto, a abdução representa um salto qualitativo na pesquisa.

A ausência de uma postura constituída sobre a operacionalização destes movimentos nos processos investigativos “tem-se constituído um problema epistemológico para o campo da comunicação” (FERREIRA, 2007, p.12). Mais do que traduzir a forma de raciocínio do pesquisador, a indução, a dedução e a abdução representam maneiras de organizar o pensamento e de avaliar os fenômenos do mundo da vida, independentemente da ordem de acionamento.

Na construção metodológica da pesquisa a aproximação entre o campo da teoria e o trabalho empírico, essencial para a o desenvolvimento da investigação, implica, nas palavras de Ferreira (2012, p. 169), articular regras de interpretação a indícios. Essas regras podem ser tomadas por empréstimo de ciências experimentais, de áreas específicas relacionadas ao caso, do senso comum e de um *habitus* da vida cotidiana. Assim, com base nos materiais coletados e na observação, desenvolvemos interpretações em articulação com pressupostos teóricos do campo da comunicação e outras áreas de estudo, para construir a problemática da midiatização no meio rural.

Essa articulação entre teoria e prática, de acordo com Braga (2008), é necessariamente requisitada no trabalho investigativo como forma de garantir o caráter qualitativo da pesquisa e o avanço do conhecimento. Entretanto, o autor adverte que “uma visão empiricista que pretendesse extrair conhecimento diretamente do material ou situação observada, ‘a olhos nus’, não iria muito além de descrições superficiais, de senso comum ou em perspectivas idiossincráticas” (BRAGA, 2008, p. 81). Deste modo, buscamos revestir o trabalho investigativo de certa vigilância epistemológica, visando proporcionar equilíbrio entre estes dois ângulos de construção e construir condições metodológicas para desenvolver interpretações produtivas sobre o objeto. Neste sentido, a construção da pesquisa é reconstrução permanente de seus liames internos, de seus vínculos entre o empírico, indícios, categorias, hipóteses, interpretações, conceitos e teorias, em movimentos circulares que vão revelando o objeto (FERREIRA, 2011).

Para identificar os contextos comunicacionais pertinentes ao objeto da pesquisa Ferreira (2011) defende que é preciso seguir uma dialética descendente, isto é, dos indícios

iniciais aos empíricos sistematizados, e destes, em movimento ascendente, às formulações sugeridas, na perspectiva de construção de hipóteses, e também uma dialética ascendente, ou seja, articular conceitos e teorias, perspectiva seguida nesta investigação. Nessa direção, Peirce (1999) e Ferreira (2010) propõem que o desenvolvimento da pesquisa empírica deve abranger três tipos de premissas (casos, regras e resultados) interligadas à tríade lógica de raciocínio. Nesta pesquisa a regra pode ser tanto uma teoria concorrente, como as proposições iniciais desenvolvidas sobre a midiática ou produzidas no processo investigativo, por isso é base da abdução. Os resultados são, por sua vez, desde informações, conjuntos de materiais até formalizações empíricas em categorias ou inferenciais, o que já demanda um esforço complexo de raciocínio e representa “os saltos” produzidos ao longo da investigação. O caso, aqui constituído por processos midiáticos em comunidades extrativistas leva em conta as concretizações, ou seja, as experiências midiáticas que se articulam a outros processos que se desenvolvem na relação com os meios de comunicação.

As formulações de Ferreira (2010) indicam que uma hipótese baseada em um caso constituído (uma pesquisa exploratória) será de tipo mais abdução: parte-se da regra, passando-se para o resultado e, posteriormente, concluindo-se pelo caso. Aquela que parta de teorias constituídas será mais dedutiva: partindo-se da regra, aplicando a premissa ao caso, para buscar resultados. Já uma hipótese que tenha como ponto de partida dados e informações, será mais indutiva: a partir do caso infere-se um resultado e, posteriormente, mobiliza-se a regra. Tais abordagens, entretanto, não se revelam genuínas nas pesquisas, na medida em que “não há um tipo de argumentação (dedutiva, abdução e indutiva) que ocorra de forma *pura*” (FERREIRA, 2010, p. 82).

Em discussão teórica posterior, o autor explica como ocorre a interrelação do método lógico no processo investigativo:

Mantidos cada um dos três operadores semânticos (Regra, Caso e Resultado) como inferências de operações relacionadas aos outros dois operadores, cada argumento deixa de ser autônomo em relação ao outro, para ser logicamente solidário e dependente dos outros dois. A inferência dos três níveis (casos, resultados ou regras) é produzida como operação realizada a partir de duas outras proposições-inferências, que comparecem, no argumento, como premissas (FERREIRA, 2012, p. 165).

Do ponto de vista metodológico, embora esta pesquisa tenha se constituído numa abordagem mais abdução, uma vez que a investigação se desenvolveu a partir de um *caso* – as experiências midiáticas de indivíduos rurais em comunidades extrativistas acrianas – procuramos constituir o processo investigativo na articulação das três formas de raciocínio,

mobilizadas conforme os processos de manipulação dos materiais empíricos e do aporte teórico da investigação.

3.3 Metodologias

Nesta seção, são apresentadas as perspectivas metodológicas que orientam a pesquisa sobre a constituição e funcionamento do processo de mediação em comunidades rurais extrativistas do Acre. Descrevem-se os procedimentos realizados na etapa exploratória e as definições que orientaram a fase sistemática da investigação.

No campo da comunicação, a ausência de uma metodologia própria de estudo solicita o diálogo com outras áreas do conhecimento. As proposições abstratas gerais (BRAGA, 2008), usadas para dar sustentação ao trabalho investigativo em comunicação, são tomadas de empréstimo de teorias de áreas vizinhas como a Sociologia e a Linguística e também de outras ciências como a Antropologia, Psicologia e Economia, detentoras de saberes sobre fenômenos humanos e sociais, suficientemente constituídos, abrangentes e reconhecidos para serem usados como fundamento teórico-metodológico em questões comunicacionais.

Deste modo, cada problemática enseja procedimentos metodológicos plurais e adequados para a aproximação, observação, reconhecimento, análise e compreensão da realidade empírica, principalmente quando o midiático está inserido em contextos peculiares - como as comunidades rurais amazônicas e de migração italiana na serra gaúcha onde esta pesquisa se desenvolve. Assim, a investigação proposta tem como foco de observação a relação de indivíduos extrativistas com os meios de comunicação, buscando identificar usos e apropriações em dispositivos.

O enfoque nas ações dos indivíduos, perspectiva adotada nesta pesquisa, implica situar o objeto de estudo - a mediação em comunidades extrativistas - no campo da experiência humana, o que corresponde a considerar o espaço de vivência, o cotidiano. Com base neste aspecto configurador da problemática, busca-se compreender a relação dos indivíduos com dispositivos midiáticos, por meio dos usos e apropriações desenvolvidos com as tecnologias comunicacionais. Das concepções de Ferreira (2006) foram extraídas duas dimensões para a investigação, em articulações: a materialidade técnica (manifesta em usos) e os sentidos simbólicos (investigados como apropriações).

A construção metodológica da pesquisa envolve, por um lado, a manutenção de critérios vinculados ao campo de investigação e ao tipo de objeto investigado; por outro, a compreensão de que toda a formulação metodológica da investigação deve ser permanentemente ocupada e tensionada pelo problema/objeto. Partindo desse pressuposto,

entende-se a relação de indivíduos extrativistas com os meios de comunicação constituída em usos e apropriações, em uma realidade que vincula a captura de um fenômeno social e comunicacional dado: a midiaticização. Tal proposição exigiu uma análise qualitativa das ações dos sujeitos com os meios, tanto na dimensão dos usos como das apropriações em dispositivos, enfatizando a formação de circuitos comunicacionais e de interações sociais.

Deste modo, a construção da problemática teve como referência distintas concepções teóricas em torno da midiaticização social e formulações teórico-metodológicas que vêm sendo desenvolvidas pela pesquisa em comunicação, com enfoque para os estudos sobre forma de constituição da midiaticização social e, de modo mais específico, para os processos comunicacionais e interacionais vinculados ao uso e apropriação dos meios de comunicação em comunidades rurais extrativistas. Neste aspecto, *a pesquisa da pesquisa* foi relevante na medida em que mostrou a importância de se comparar e relacionar metodologias distintas para a investigação em comunicação, sempre considerando as especificidades do objeto. As disciplinas cursadas no Mestrado foram fundamentais para ancorar a problemática, enriquecida e aprofundada também na reflexão proporcionada pelo diálogo contínuo com professores e autores do campo acadêmico da comunicação, da sociologia e outras ciências.

As angulações da problemática investigada envolveram operações de escolhas, substituições, avaliações e reformulações a partir da etapa de pré-observação, em 2012, que teve como foco as experiências de agricultores familiares de comunidades rurais do Rio Grande do Sul. Esse movimento empírico constitui-se como referência reflexiva para a observação sistemática do relacionamento com a mídia em comunidades extrativistas do estado do Acre. Deste modo, buscou-se conhecer uma realidade comunicacional que contemplasse o contexto escolhido para a realização da pesquisa – o meio rural – ainda que este espaço apresente particularidades.

Para compreender como o processo de midiaticização se configura no contexto das comunidades extrativistas buscamos estabelecer analogias entre as experiências midiáticas de agricultores gaúchos e de extrativistas acrianos, procurando identificar lógicas que direcionam o funcionamento do processo nos dois contextos. As similitudes e singularidades observadas revelaram práticas de usos e apropriações, estratégias de circulação das mensagens e distintas mediações (materiais e simbólicas), no processo de constituição e funcionamento da midiaticização nas duas realidades rurais estudadas, indicando complexidades do processo no tecido social.

A decisão por uma análise qualitativa das relações estabelecidas com o midiático, na perspectiva da formação de processos midiaticizados no meio rural, envolveu uma série de

questões. Primeiramente, é necessário considerar que ao tomar um corpo de materiais empíricos – no caso as experiências de usos e apropriações em dispositivos midiáticos observadas no cotidiano de comunidades rurais e as entrevistas coletadas – lida-se com um vasto campo de ações envolvendo indivíduos, tecnologias e discursos em circulação. Além disso, pensamos a midiatização como uma ambiência que além dos usos das materialidades da tecnologia, agrega também e, principalmente, aspectos simbólicos e subjetividades.

Dessa forma, para a configuração da midiatização em comunidades rurais extrativistas procuramos mapear a construção do processo tanto por meio da observação dos usos e apropriações como a partir dos relatos dos extrativistas sobre como utilizam os meios de comunicação e se apropriam das informações midiáticas. Assim, priorizamos elementos que operam inter-relacionados às práticas de uso e apropriações em dispositivos e as táticas de apropriação de informações, que articulam a circulação e as interações sociais nas comunidades.

Na construção de um caminho para atender a questões que foram emergindo do objeto de estudo, a opção por autores e correntes teóricas, conceitos e encaminhamentos também se traduz em posicionamento metodológico. Aqui procuramos mobilizar o processo formativo que vai desde conhecimentos anteriores e a versão preliminar do projeto de pesquisa, passando pelas diversas fases do processo investigativo. Neste sentido, o diálogo com diferentes autores contribuiu para o alinhamento das bases teórico-conceituais da pesquisa, na medida em que novos ângulos do objeto foram surgindo e pediam outras interpretações.

Na construção da pesquisa foram acionados os conceitos de *midiatização*, *mediação*, *circulação* e *dispositivo*, conforme relatado no Capítulo 2 deste texto, os quais se configuram como aspectos constituintes do processo comunicacional e da relação dos extrativistas com os meios de comunicação. O contexto reflexivo onde se insere esta pesquisa considera a midiatização como um processo em diferentes estágios na sociedade e em relação com lógicas de funcionamento dos contextos e com as ações dos indivíduos.

Com base nestas premissas, duas proposições orientaram a pesquisa e as reflexões sobre a problemática, as quais envolvem pensar a midiatização em sua heterogeneidade e em articulação com as mediações em suas dimensões socioantropológicas, tecno-tecnológicas e sêmio-discursivas: 1) a inscrição em processos de midiatização não ocorre de forma homogênea; 2) a constituição de processos midiatizados é relacional a fatores mediacionais em diferentes contextos; 3) o processo de midiatização se realiza em circuitos constituídos em dispositivos, na perspectiva dos usos (materiais) e apropriações (simbólicas).

Considero os contextos como instâncias detentoras de estruturas constituintes da midiática na sociedade, por conterem lógicas de funcionamento dos processos midiáticos e comunicacionais. Ao mesmo tempo em que influenciam a constituição desses processos tais estruturas também podem ser influenciadas pelos usos sociais e apropriações que os indivíduos fazem dos dispositivos midiáticos. Neste sentido, num primeiro momento, buscou-se identificar elementos formativos do contexto extrativista *vis-à-vis* ao agrícola rural no Sul, que se manifestam na relação com os meios de comunicação. Tal proposição exige analisar empiricamente os processos comunicacionais, em relação com os meios de comunicação, para identificar as ações de indivíduos rurais com os meios (usos e apropriações em dispositivos).

Neste sentido, Fausto Neto (2001) defende que o processo de avaliação das ações comunicacionais passa pelo exame da oferta midiática, seja em termos de produtos, de discursos e sentidos, observando como ela funciona e como se efetiva na apropriação realizada pela recepção. Assim, com base na constatação da presença de meios tradicionais de comunicação, observamos e analisamos as experiências midiáticas desenvolvidas por indivíduos rurais.

Embora não seja objetivo desta pesquisa analisar os discursos produzidos na relação com os meios, e sim proceder à análise dos usos e apropriações que indivíduos extrativistas desenvolvem na relação com o rádio, a televisão e o telefone celular, não se desconsidera a existência de uma produção discursiva como parte do processo de midiática nas comunidades extrativistas. Isto porque a dimensão sêmio-discursiva, efetivada nas narrativas – sejam elas orais ou escritas – que possibilitam atribuir novos sentidos às mensagens midiáticas, é inerente a processos midiaticizados, independente dos modos como os discursos se desenvolvem. No caso desta pesquisa, essa produção em torno do midiático, se dá em condições muito específicas ao meio rural, que atribuem particularidades aos processos midiáticos e às dinâmicas comunicacionais nas comunidades extrativistas.

As diferentes angulações construídas em torno da problemática – os usos (materiais) e apropriações (simbólicas) dos meios de comunicação e os processos desenvolvidos na relação com as mídias (circulação, interação social, redes de comunicação cotidianas), responsáveis pela consolidação da pesquisa, resultaram de distintas aproximações do objeto, realizadas de forma pontual ou concomitante ao diálogo com as teorias, como pressupostos orientadores da caminhada metodológica. A seguir, descrevemos os procedimentos de pesquisa realizados no decorrer da investigação e, de forma especial, a pesquisa exploratória, fundamental para a construção do objeto/problema e para o direcionamento da pesquisa sistemática.

3.3.1 Técnicas de coleta e análise de dados

Nos procedimentos de aproximação com o objeto pesquisado buscou-se um desenho metodológico que permitisse atender de modo efetivo aos objetivos da investigação. A opção por uma abordagem de natureza qualitativa possibilitou riqueza interpretativa do contexto da pesquisa e das experiências midiáticas dos extrativistas. A escolha por este tipo de abordagem está relacionada à natureza essencialmente interpretativa do objeto investigado e atrelada à crença de que em pesquisas comunicacionais a compreensão do objeto pesquisado requer uma análise centrada na relação dos indivíduos com os meios.

Sendo a midiaticização um fenômeno comunicacional que se dá no cotidiano das pessoas, nada mais apropriado do que observar os usos e apropriações dos extrativistas com as tecnologias comunicacionais para compreender a constituição desse processo nas suas experiências comunicacionais. Neste sentido, o enfoque qualitativo permitiu uma abordagem interpretativa mais densa dos processos comunicacionais dos extrativistas por se preocupar em “[...] analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano” (LAKATOS; MARCONI, 2009, p. 269).

Pensando a investigação como um processo também marcado por escolhas em torno do objeto pesquisado, e que essas escolhas devem sempre manter uma relação também com o contexto em que se insere a pesquisa, utilizamos de forma combinada a observação participante e a entrevista semiestruturada (abertas), individual, como técnicas de coleta de dados, por considerar que esses procedimentos convergem com os pressupostos da pesquisa qualitativa.

A participação em reuniões com moradores das comunidades e representantes de instituições ligadas à organização social (Associações de Produtores Rurais e Sindicato) e órgãos governamentais como o ICMBio, que atuam em ações burocráticas nas comunidades também se constituiu momento importante para a observação das dinâmicas comunicacionais e identificação das mediações presentes na relação dos extrativistas com as mídias. A combinação de técnicas de coleta de dados possibilitou a aproximação do objeto de estudo, no seu sentido mais amplo, evitando o engessamento de procedimentos investigativos e ampliando as possibilidades de interação com indivíduos e grupos participantes da pesquisa.

Na constituição do corpus desta pesquisa procuramos pensar a relação com a mídia em sua diversidade, levando em consideração o tipo de atividade dos participantes, a função que ocupam no contexto comunitário, o tempo de vivência na comunidade, o sexo e a idade. Assim, entrevistamos homens e mulheres que se dedicam ao trabalho agrícola/extrativista ou

que aliam a atividade rural à função de liderança comunitária, além de donas de casa e aposentados. Entendemos que a diversidade de perfis é relevante para a compreensão de diferentes aspectos, assim como de especificidades do objeto de estudo e do contexto da pesquisa.

A escolha das comunidades rurais teve como critério a presença e uso dos meios de comunicação e a distância das comunidades em relação ao meio urbano. No contexto rural do Sul, além da proximidade com o centro urbano, as colônias que formam as comunidades estão bem próximas entre si. Nas comunidades extrativistas, as colocações são separadas por grandes distâncias e alguns seringais ficam a mais de 80 (oitenta) quilômetros do centro urbano. Nesse contexto consideramos que quanto maior a distância das comunidades, maiores são as possibilidades de perceber nuances na constituição e funcionamento de processos midiáticos.

Julgamos relevante que o trabalho de campo sobre a relação com os meios de comunicação tenha como referência as pessoas em seu ambiente familiar porque isto possibilita um olhar tanto sobre o consumo individual como sobre aspectos coletivos dessa interação com as tecnologias comunicacionais. Além disso, é no contexto familiar que se pode observar de forma mais latente a subjetividade dos indivíduos, as dinâmicas interacionais familiares, conflitos, laços de afetividade. Neste sentido, a família é uma instituição importante para se compreender os usos e apropriação de dispositivos midiáticos no cotidiano rural.

Como procedimento paralelo ao trabalho de observação e coleta de dados também foram realizados registros fotográficos para ilustrar fragmentos situacionais da realidade comunicacional dos extrativistas e da interação com os meios, além de agregar valor imagético à pesquisa. Em pesquisas sociais, a fotografia não tem o caráter estético da arte em si, do estilo de vida, funcionando mais especificamente como registro visual. Entretanto, como material exploratório não é um instrumento neutro de pesquisa, porque agrega a intencionalidade do pesquisador no sentido de mostrar a realidade do objeto fotografado no melhor ângulo do seu ponto de vista (PESSIS, 2000). Aqui os registros fotográficos, ou *flashes midiáticos* – como preferimos chamar – coletados em diferentes espaços e temporalidades do relacionamento com as mídias, configuram extensão do olhar do observador sobre o objeto de estudo e funcionam como testemunho da participação da mídia no cotidiano das pessoas, além de se constituírem importante suporte para a compreensão da relação com os meios e dos processos comunicacionais e interacionais.

No trabalho de coleta de dados também consideramos importante mapear os roteiros e locais percorridos nas comunidades. Com o auxílio de um aparelho GPS (*Global Positioning System*) e do *software* TrackMaker, equipamento de posicionamento por satélite, realizamos a

marcação de cada *colocação*² visitada, indicando a sua localização espacial. Os dados dos percursos e os registros das coordenadas geográficas das colocações participantes da pesquisa foram tratados com o apoio de um profissional com experiência em georreferenciamento e, a partir destas informações, elaboramos um conjunto de Mapas que figuram como apêndice na dissertação. Estas ferramentas permitem situar em termos espaciais a área da pesquisa, em relação ao Estado do Acre, aos municípios de abrangência (Xapuri e Brasileia) e à Resex Chico Mendes. Assim, informam sobre a localização geográfica da Resex no contexto territorial do Acre (MAPA 1, p. 189); a localização dos seringais no contexto territorial da Reserva Extrativista e do Estado (MAPA 2, p. 190); e sobre a distribuição espacial das colocações participantes da pesquisa, em cada seringal (MAPA 3, p. 191).

Quando se estuda processos sociais é impossível limitar-se a observar e ouvir os participantes porque os objetos de estudo, pela sua própria natureza dinâmica, inspiram a interação do pesquisador – ainda que seja como um estranho que interfere na rotina cotidiana do entrevistado ora como alguém que observa, ora como observado, numa participação controlada que se desenvolve com base na conversação. Assim, é por meio da prática conversacional que vamos conhecendo os sujeitos participantes da pesquisa, seus repertórios de referência, suas regras de convivência, códigos de conduta, sistemas de crença, suas especificidades, valores, subjetividades. Nessa lógica de observador/observado, entre “um dedo de prosa e outro”, por vezes o pesquisador também é interpelado pelo entrevistado, movido pela curiosidade sobre esse desconhecido com quem, de repente, passa a partilhar a sua rotina, sua história, seus espaços, seu cotidiano. Como afirma Geertz (2001), o pesquisador deve reconhecer-se como sujeito posicionado, situado no ambiente na condição de transitoriedade e que deseja estudar o lugar por um determinado tempo. Assim, participando, mas ao mesmo tempo distanciando-se do ambiente pesquisa, buscou-se uma visão do processo de mediação como todo para chegar a aspectos singulares e a especificidades que interessam no estudo.

Deste modo, nas duas localidades pesquisadas (Sul e Acre) utilizamos roteiros de entrevistas com questões abertas que permite flexibilidade às conversas e inserção de novos questionamentos relevantes para a pesquisa, procedimento que Souza et al. (2005, p. 135) definem como “uma listagem de temas que se desdobram em novos indicadores qualitativos”. Este recurso metodológico permitiu a formulação de novas perguntas, com base nas respostas

²Forma de divisão do espaço geográfico dos seringais (herdada do antigo *sistema de aviamento*) que organiza o modo de trabalho extrativista. No atual sistema de Reservas Extrativistas, as colocações correspondem aos lotes ou *colônias* que formam os seringais onde vivem as famílias, com direito ao uso da terra e dos recursos naturais existentes, porém, estes indivíduos não são detentores da posse da terra e sim o Estado.

do entrevistado, de modo que foi possível manter prioridades e interesses da investigação, porém, de modo relativizado *dando ênfase à fala do entrevistado* [GUBER, 2004, *grifo da autora*].

Durante a fase pré-exploratória utilizamos entrevistas semiestruturadas (ANEXO A, p. 196) como técnica de coleta de dados, a partir de um roteiro de perguntas dividido em três sessões temáticas que serviram de base para outras perguntas direcionadas para as experiências midiáticas dos agricultores gaúchos, buscando obter pistas sobre o funcionamento do processo de midiatização entre os agricultores gaúchos. Este tipo de entrevista, segundo Cruz Neto (1994), se caracteriza pela comunicação verbal que reforça a importância da escuta do *outro*.

Durante as fases exploratória e sistemática da pesquisa, as entrevistas semiestruturadas (ANEXO B, pp. 197-198) foram realizadas a partir de um roteiro composto por quatro sessões orientadoras, com questões chaves que possibilitaram ampliar o leque de perguntas sobre a relação dos extrativistas com os meios massivos, como forma de perceber o modo de constituição e funcionamento de processos midiatizados neste contexto.

As entrevistas semiestruturadas aconteceram em momentos distintos, sempre respeitando a disponibilidade dos entrevistados. Conforme destaca Sierra (1998), a entrevista qualitativa é um construto comunicativo e não um registro de discursos de sujeitos interpelados pelo investigador. Entre outras finalidades, esse instrumento de coleta de dados serve para desvelar sentimentos e subjetividades, possibilitando ao entrevistado criar um lugar de reflexão, de autoafirmação, de um fazer e de um saber de objetivação da própria experiência (SIERRA, 1998). Assim, algumas entrevistas foram mais longas, reflexivas, outras mais objetivas, mas todas revelaram riqueza de detalhe sobre os processos comunicacionais e sociais que vão se desenvolvendo na relação com os dispositivos midiáticos. Alguns encontros foram realizados pela manhã, outros se estenderam pelo horário de almoço e muitas vezes permanecemos no local até a noite, com o intuito de observar a audiência televisiva ou para, simplesmente, “prosear”.

Nossa postura foi sempre de observar e ouvir os entrevistados no ambiente doméstico – a casa – mantendo uma interlocução interessada sobre suas histórias de vida, suas experiências com os meios de comunicação, atividades cotidianas, relações de trabalho e familiares, interações sociais e escutando demandas que se apresentavam como mais urgentes ou mais estratégicas para a vida e a comunicação nas comunidades. Acreditamos que esses elementos ajudaram a dimensionar o objeto em suas manifestações, ou seja, contribuíram para revelar os modos de presença da midiatização e os elementos que estão entre o midiático e os sujeitos, e para a compreensão do contexto comunicacional nas comunidades rurais.

Os dados coletados nas entrevistas permitiram, primeiramente, conhecer o perfil socioeconômico dos entrevistados e a realidade comunicacional em cada contexto das comunidades (agrícola e extrativista) e ajudaram a mapear a oferta midiática em sua materialidade, identificando os meios de comunicação existentes nos contextos agrícola, no Sul, e extrativista, no Acre. A partir dos dados socioeconômicos coletados nas comunidades extrativistas foi gerada uma série de gráficos que expressam o nível de escolaridade dos entrevistados (Gráfico 1, p. 192); o tipo de atividade econômica desenvolvida (Gráfico 2, p. 192); e a renda média familiar dos extrativistas (Gráfico 3, p. 193). Também estão representadas graficamente informações relacionadas ao aspecto comunicacional da pesquisa e que indicamos meios de comunicação utilizados nas comunidades (Gráfico 4, p. 193); as especificidades no uso do telefone (Gráfico 5, p. 194) dado quadro de restrições tecnológicas que dificultam o acesso a esse dispositivo tecno-midiático; o tipo de conteúdo buscado nos meios de comunicação (Gráfico 6, p. 194); e o sistema de energia elétrica utilizado pelos extrativistas (Gráfico 7, p. 195).

Associados às observações realizadas, os dados das entrevistas revelaram uma diversidade de usos e apropriações de dispositivos midiáticos (em termos do objeto técnico e simbólico), evidenciando aspectos contextuais que se articulam às condições de acesso e a formas de usos e apropriações dos meios de comunicação.

O processo analítico dos materiais exploratórios foi realizado após cada coleta de dados. Assim, os dados coletados nas comunidades rurais agrícolas de Bento Gonçalves serviram como parâmetro para a produção de analogias entre as duas situações pesquisadas, a partir de pistas e indícios sobre a presença da midiatização observadas do contexto comunicacional dos agricultores gaúchos. Isto porque não é proposta desta pesquisa realizar um estudo comparativo do consumo midiático entre contextos rurais distintas e sim investigar as ações dos indivíduos rurais extrativistas com as mídias.

A tipologia dos dispositivos existentes nas comunidades estudadas forma uma moldura comunicacional conformada à presença de mídias tradicionais. Assim, procuramos analisar os usos e apropriações de dispositivos, buscando identificar como a comunicação se modifica a partir dessa relação com o midiático e que mediações socioantropológicas, tecno-tecnológicas e sêmi-discursivas participam do processo em comunidades extrativistas. Com base nas interações dos extrativistas em dispositivos midiáticos – diretas ou mediadas por atores das comunidades e externos ao contexto rural – procuramos identificar estratégias de circulação de informações midiáticas originadas na relação com os meios de comunicação e como as interações sociais acontecem. Tem-se, deste modo, um quadro analítico que envolve o plano descritivo das ações com os dispositivos midiáticos; as relações contextuais dos processos comunicacionais

midiáticos; e a produção de inferências relacionais sobre a configuração e funcionamento do processo de midiática social em comunidades extrativistas.

A problemática desta pesquisa se desenvolve a partir da relação estabelecida por indivíduos rurais extrativistas com os meios de comunicação, com ênfase nos usos e apropriações, buscando compreender o processo de midiática neste ambiente. Assim, a análise enfatizou os usos e apropriações em torno da oferta de mídias massivas, a circulação de informações e as interações sociais decorrentes desse processo, considerando a existência de distintas mediações. Desse direcionamento resulta um quadro de usos que direciona modos distintos de se relacionar com o aspecto material das tecnologias, e um cenário de apropriações que integra formas específicas de circulação midiática nas comunidades pesquisadas. Os usos integrados, os usos estendidos e os usos por derivação reúnem tanto aspectos materiais como simbólicos da relação com os dispositivos midiáticos. Essas categorias refletem o nível de interação dos indivíduos com o rádio, a televisão e o telefone celular, as formas de circulação das informações – no ambiente familiar ou em contexto ampliado – e o grau de implicação dos extrativistas no processo de midiática.

O foco nas experiências cotidianas possibilitou perceber os usos e apropriações desenvolvidos com os meios de comunicação como instâncias reveladoras de comportamentos sociais. Nessa perspectiva, o objeto investigado adquire um sentido dinâmico e é nesse caráter de mobilização social que repousa o processo de midiática.

3.3.2 A pesquisa da pesquisa

A busca em bancos de teses e bibliotecas on-line³, portais acadêmicos⁴ e anais de congressos⁵ possibilitou conhecer trabalhos com diferentes abordagens sobre a relação de moradores rurais com os meios de comunicação. Para tornar o processo mais produtivo em relação aos resultados, as primeiras buscas foram direcionadas para a temática “mídia e comunicação rural”. Deste modo, optou-se pela leitura e análise de pesquisas com enfoque na

³Banco de Teses da Capes; Programas de Pós-Graduação em Comunicação de diversas instituições de ensino e pesquisa: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Estadual Rural do Rio de Janeiro (UERJ). Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação, Instituto de Altos Estudos Universitários; Google Acadêmico; Documentación em Ciências de la Comunicación; Diálogos de la Comunicación.

⁴Portal de livre acesso à produção em Ciências da Comunicação (Portcom).

⁵Anais impressos de encontros da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (Intercom) e da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).

mediatização rural, na cultura e comunicação rural e na comunicação e mediações no consumo de bens culturais.

Os resultados mostraram uma diversidade de pesquisas acadêmicas (Teses e Dissertações), mas, ao mesmo tempo, uma escassez de trabalhos sobre a relação com as tecnologias da comunicação no conjunto da oferta de mídias no contexto rural. O que se observa é uma predominância de estudos focados na recepção e consumo de produtos midiáticos específicos, principalmente programas televisivos ou radiofônicos, seja pelo viés jornalístico ou publicitário. Em um segundo movimento, o processo de busca e análise foi direcionado para pesquisas com abordagens mais relacionadas à problemática da mediatização no meio rural, em nível de mestrado e doutorado, considerando também pesquisas acadêmicas que articulam a comunicação midiática a estratégias de extensão rural.

Como resultado desse movimento, destacamos quatro trabalhos que consideramos relevantes para pensar os processos comunicacionais e a sua relação com as tecnologias de comunicação no meio rural. Uma delas, a tese de doutoramento “Rádios comunitárias na Amazônia: desafios da comunicação comunitária em regiões de mediatização periférica”, defendida por Rosane Steinbrenner (2011), pela Universidade Federal do Pará, aborda a problemática de acesso aos meios de comunicação em localidades rurais a partir de questões emblemáticas suscitadas pelas dificuldades de criação e funcionamento de rádios comunitárias em comunidades rurais localizadas na região Transamazônica, no interior paraense. Steinbrenner faz uma abordagem histórico-territorial, buscando revelar as especificidades da região, especialmente de localidades rurais consideradas “periféricas”, partindo de uma análise sociológica e, posteriormente, comunicacional dos processos de desenvolvimento envolvendo esses contextos.

Um segundo trabalho, a tese intitulada “Quando a televisão vira outra coisa: as estratégias de apropriação das redes de comunicação cotidianas em São José de Espinharas – PB”, defendida por Osvaldo Trigueiro (2004), pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos, RS), investiga as diferentes formas de apropriação da programação televisiva por moradores de uma comunidade *rurbana*⁶, do interior da Paraíba, enfatizando como estes

⁶No Brasil, estudiosos do tema “Desenvolvimento Rural” destacam o conceito *rurbano* ou *rururbano* como referência à urbanização do meio rural, em função principalmente da inclusão de novas atividades econômicas, especialmente as não agrícolas. Essas atividades conduzem ao que Graziano Silva (1999) chama de “novo rural”, condição mais fortemente visível em áreas específicas das regiões Sul e Sudeste. No contexto do Acre, o Plano Diretor de Rio Branco-Ac define a Zona Rururbana como sendo as “áreas adjacentes ao perímetro urbano onde a população residente desenvolve atividades agroflorestais e hortifrutigranjeiras e utiliza a cidade como apoio” (ARAUJO, 2010). *Interação rural-urbano*. Disponível em: <http://planejurb.blogspot.com.br/2009/05/interacao-urbano-rural.html>.

indivíduos reinventam os produtos midiáticos, na sua relação com a televisão. O estudo destaca as interações entre o global e o local, proporcionadas pela audiência televisiva, e a constituição de redes cotidianas de comunicação, a partir de lógicas locais e táticas de enquadramento da audiência televisiva. O diferencial deste estudo é o recorte geográfico e suas especificidades: uma pequena cidade do interior, com modo de vida ainda tipicamente rural, constituindo-se como localidade rurbana, mas com uma intensa interação com a mídia televisão. As relações possíveis de serem estabelecidas com esta pesquisa referem-se a um tensionamento entre o local e o global, observado nos processos comunicacionais de comunidades rurais ou *rurbanas*, acionado pela forte presença dos meios de comunicação no cotidiano da população destas localidades. Esta característica apontada na pesquisa de Trigueiro foi percebida, em maior ou menor intensidade, tanto nas observações realizadas nas comunidades rurais de Bento Gonçalves (RS), na fase pré-exploratória deste estudo, como nas comunidades extrativistas do Acre, foco principal da investigação.

A pesquisa “A recepção das tecnologias de informação e comunicação entre os agricultores familiares de Santa Maria, Rio Grande do Sul”, defendida por Clarissa Schwartz (2007), em nível de mestrado, pela Universidade Federal de Santa Maria, investigou a relação de agricultores familiares do município deste município com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Os resultados evidenciam a forte presença de mídias tradicionais (rádio e televisão) entre um grupo de 157 agricultores, o avanço da telefonia celular e a ausência de tecnologias digitais em áreas rurais. O recorte geográfico, envolvendo agricultores da região Sul e o enfoque para o uso de mídias em articulação com mediações contextuais permitem realizar aproximações com a realidade comunicacional identificada pela pesquisa em comunidades extrativistas, tanto em relação ao avanço da presença da mídia no meio rural quanto aos usos diversificados dessas mídias.

Por último, a dissertação de mestrado intitulada “Rural vivido e midiático: relações simbólicas e sentidos produzidos a partir da escuta dos programas *Hora do Chimarrão* e *Brasil de Norte a Sul* por ouvintes das comunidades rurais Linha Batistela, Povoado Coan e Linha Bigolin”, de autoria de Graziela Bianchini (2003), defendida pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, analisa os sentidos produzidos sobre o meio rural no consumo de rádio por moradores rurais do município de Erechim, RS. O estudo mostra como os ouvintes se apropriam das representações do rural construídas por programas radiofônicos e as estratégias de resignificação e circulação de circulação destes sentidos no contexto da comunidade. Neste sentido, realiza um duplo movimento em torno do dispositivo rádio, envolvendo lógicas de produção midiática e lógicas de produção dos ouvintes a partir do consumo radiofônico.

Apesar de uma abordagem focada na análise dos sentidos produzidos a partir de conteúdos midiáticos, é possível fazer relações com esta pesquisa, no que se refere às formas de uso, muito específicos dos moradores rurais e a intensa relação de indivíduos rurais com o midiático.

Embora com direcionamentos distintos, estes trabalhos apresentam pontos em comum que considero importantes para a problemática aqui desenvolvida, pela relação com o objeto pesquisado, uma vez que enfocam a comunicação no meio rural, ou em relação à interação cotidiana de moradores rurais com os meios massivos, pela perspectiva agregadora de refletir criticamente sobre os processos comunicacionais e a presença crescente dos meios e tecnologias da comunicação em diferentes contextos rurais, mas também sobre as dificuldades de acesso e o processo de exclusão de populações rurais em relação às tecnologias digitais.

Em movimento complementar buscamos também estudos sobre a comunicação midiática em comunidades extrativistas da Amazônia por ser este o ambiente desta pesquisa. Por sua própria natureza e constituição como locais onde a vida mantém intensa relação com a floresta, as Reservas Extrativistas (Resex) operam um sistema de trabalho diferenciado daquele adotado em comunidades rurais agrícolas, devido ao caráter sazonal da produção florestal, especialmente a castanha-do-brasil e o látex de seringueira. Na Resex Chico Mendes, no Acre, estes dois produtos são fonte de renda para centenas de famílias rurais.

As áreas de reserva extrativista existem no Brasil há mais de duas décadas e somam mais de cinquenta unidades espalhadas pelo país⁷, abrigando grande parte da população rural (agricultores, seringueiros, indígenas, ribeirinhos, caboclos, quilombolas entre outras populações que habitam a floresta). Acreditamos que devido a essa diversidade de atores e por suas especificidades geográficas e culturais esses locais se tornam um espaço fértil para os estudos em comunicação e para novas descobertas sobre os processos comunicacionais e de interação social.

Nesse segundo movimento as busca revelaram uma gama de trabalhos com viés sociológico, político e econômico, mostrando que praticamente inexistem pesquisas com enfoque comunicacional e sobre a presença da mídia nestes espaços rurais. Entretanto, no contexto da Resex Chico Mendes – local deste estudo - encontramos apenas a dissertação de mestrado “Impactos dos veículos de comunicação de massa numa reserva extrativista do

⁷O Brasil possui 59 Reservas Extrativistas, sendo que a maioria (32) está localizada na Amazônia. Dados disponíveis em: <http://www.icmbio.gov.br/>. Acesso: ago. 2012. Essas áreas, consideradas Unidades de Conservação, de jurisdição federal, são administradas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão criado em 2007, a partir da reestruturação do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama).

estado do Acre”, defendida por Francisco de Moura Pinheiro (1999), pela Universidade de Brasília. A pesquisa analisou o consumo de rádio entre moradores de quatro dos sete municípios que compõem a Reserva Chico Mendes, enfatizando o impacto das informações midiáticas no cotidiano dos ouvintes.

A abordagem de Pinheiro, focada na ação das mídias, difere da perspectiva desenvolvida nos estudos sobre a midiaticização social, adotada nesta pesquisa, cuja ênfase destaca a ação dos indivíduos com os meios de comunicação. Para além do enfoque teórico-metodológico, importa perceber que esse estudo contribui para a percepção sobre as mudanças nos processos comunicacionais nestas localidades, nos últimos 15 anos, e o processo de proliferação da mídia no meio rural, com a chegada de outros meios de comunicação em áreas rurais longínquas como as comunidades extrativistas que fazem parte deste estudo. Relacionando a pesquisa de Pinheiro com o presente estudo, observa-se que da época de sua realização até os dias atuais, muitos extrativistas saíram da escuta radiofônica, como única forma de acesso a informação, para a condição de consumidores de televisão e telefone celular. Esse quadro situacional indica um avanço da mídia sobre estes espaços rurais – ainda que nos locais mais distantes se processe de forma lenta e gradual – e a necessidade de novos olhares da pesquisa sobre a relação com os meios de comunicação nestas áreas rurais, com abordagens mais abrangentes na perspectiva comunicacional.

Se por um lado a pesquisa da pesquisa revelou um número significativo de estudos empíricos sobre comunicação e mídia no meio rural, por outro, também evidenciou uma concentração dessas pesquisas em algumas regiões, especialmente no Sul e Sudeste do País. A escassez de estudos em áreas rurais da Amazônia, especialmente envolvendo localidades mais distantes dos centros urbanos, expressa uma lacuna do conhecimento científico em relação à presença e uso da mídia entre populações tradicionais como extrativistas e indígenas, suscitando novos estudos com este enfoque em contextos rurais amazônicos.

De qualquer modo, observar as tendências dos estudos sobre a comunicação no meio rural contribuiu para enriquecer o nosso olhar sobre os processos sociais e sua articulação com as mídias neste contexto. Além disso, independente do enfoque adotado, as pesquisas aqui destacadas contribuíram para a reflexão sobre a pertinência desta investigação e para realinhar aspectos teórico-metodológicos.

3.3.3 A pesquisa exploratória

Na fase exploratória buscamos elementos empíricos para a construção e compreensão do objeto investigado. Assim, a observação das experiências de agricultores gaúchos e de extrativistas acrianos com os meios de comunicação e os dados coletados nas entrevistas revelaram pistas significativas dos modos de constituição de processos midiáticos no cotidiano destas pessoas, assim como a existência de diferentes elementos de mediação (material e simbólica) na relação com os meios de comunicação.

Diversos procedimentos metodológicos precederam a entrada em campo, incluindo o desde o estabelecimento de contatos com instituições oficiais ligadas aos espaços pesquisados, para obtenção de autorização⁸ para a investigação e, posteriormente, na busca do apoio logístico para realização da pesquisa (em sua fase exploratória), até a realização de visitas a distintos atores internos e externos às comunidades para explicar sobre a finalidade da pesquisa. Estes procedimentos contribuíram para a definição do recorte geográfico da pesquisa e para as primeiras aproximações com os moradores das comunidades, assim como para o planejamento do trabalho de coleta de dados, com base nas especificidades geográficas dos locais escolhidos.

O movimento exploratório, segundo Ferreira (2010), valoriza o contato com os materiais empíricos e tem como preocupação central gerar informações para a configuração do problema/objeto investigado. Assim, os roteiros utilizados na coleta de dados tiveram o objetivo de gerar elementos sobre aspectos diversos da interação com dispositivos midiáticos (rádio, televisão e telefone celular) e sobre as mediações presentes nessa relação, que indicassem modos de configuração e funcionamento da midiática no meio rural.

O trabalho de campo foi realizado em localidades rurais com perfis diferenciados e de regiões distintas. Desde as formulações iniciais do projeto de pesquisa a proposta era estudar a relação de indivíduos rurais, moradores de comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes, no Acre, com dispositivos midiáticos. Entretanto, a necessidade de aproximação do objeto de estudo, para um olhar inicial sobre o contexto investigado, no primeiro semestre de 2012, e as dificuldades para retornar ao Acre devido à distância e às atividades curriculares do mestrado levaram-me a optar por um primeiro movimento exploratório em comunidades rurais agrícolas do Rio Grande do Sul, estado onde cursava o mestrado. Este fato, embora não

⁸Esta pesquisa foi protocolada no Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBio/ICMBio) sob o número 5789751, em julho de 2013.

tenha sido previsto, certamente ampliou o universo observável e as possibilidades de resposta em relação ao objeto investigado.

Na fase pré-exploratória trabalhamos com comunidades rurais com relativa proximidade da cidade, enquanto nas fases exploratória e sistemática do estudo optamos por localidades mais distantes, sempre observando o número de moradores em cada localidade. Acredita-se que a espacialidade das comunidades também contribuiu para a compreensão do objeto de estudo, dado a importância do fator geográfico para acesso e uso efetivos dos meios de comunicação.

A dinâmica de contato com as comunidades incluiu um primeiro encontro para apresentar a proposta da pesquisa, explicar seus objetivos, sondar sobre o interesse dos moradores em participarem como informantes e avaliar as condições de acesso. Em um segundo momento, retornamos às comunidades para observar a relação com os meios de comunicação e realizar as entrevistas.

Entre os meses de maio e junho de 2012 realizamos a fase pré-exploratória como primeiro movimento de aproximação empírica, com agricultores familiares⁹ da Linha Jansen, no distrito de Pinto Bandeira, e da Linha São Valentim, no distrito de Tuiuty, ambos localizados no município de Bento Gonçalves (RS), que trabalham com o cultivo de frutas como principal atividade econômica. Estas comunidades se caracterizam pela pequena propriedade (com até 30 hectares), pela produção agrícola familiar e pelo uso exclusivo da

⁹O conceito de agricultura familiar, previsto na Lei 11.326, de 24 de julho de 2006, considera como “[...] agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos: I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família” (Brasil, 2006). Tendo em conta o atendimento de tais requisitos, inclui ainda “[...] silvicultores que cultivem florestas nativas ou exóticas e que promovam o manejo sustentável daqueles ambientes; [...] aquicultores que explorem reservatórios hídricos com superfície total de até 2 ha (dois hectares) ou ocupem até 500m³ (quinhentos metros cúbicos) de água, quando a exploração se efetivar em tanques-rede; [...] extrativistas pescadores que exerçam essa atividade artesanalmente no meio rural, excluídos os garimpeiros e faiscaadores” (Brasil, 2006). Disponível em: www.mda.gov.br/. Acesso: 30 mar. 2014. Como se percebe, a delimitação legal do conceito de agricultor familiar combina como critérios o tamanho da propriedade, predominância familiar da mão-de-obra e da renda, e gestão familiar da unidade produtiva. Tal delimitação é abrangente o suficiente para incluir a diversidade de situações existentes no país, envolvendo a população rural no contexto agrícola. No caso dos agricultores gaúchos que fazem parte desta pesquisa, além de usarem exclusivamente a mão-de-obra familiar, realizar a gestão da propriedade em família e ter como fonte de renda a produção agrícola, o tamanho dos lotes também – até 30 hectares – atende a critérios da legislação para aplicação do conceito de agricultura familiar. A maioria dessas áreas foi herdada dos pais ou avós dos colonos, prática que indica que a propriedade vem passando de pais para filhos.

mão de obra da família nas atividades agrícolas. A escolha destas localidades teve como critério a presença de mídias tradicionais e o uso da internet entre seus moradores.

Os distritos de Tuiuty e Pinto Bandeira estão localizados próximos ao centro urbano e funcionam como polo de produção de frutas, principalmente uva e pêssigo. A presença de telefone nas casas possibilitou o agendamento prévio das entrevistas com os agricultores, de acordo com o dia e horário por eles indicados. O trabalho de coleta de dados durou três dias e teve a participação de cinco homens e três mulheres, com idade entre 30 e 70 anos, totalizando oito entrevistados, quatro em cada comunidade. O agendamento das entrevistas e as condições favoráveis de acesso às comunidades dinamizaram a atividade e permitiram um uso mais racional do tempo na realização do trabalho.

Em janeiro de 2013, seis meses após a primeira imersão em campo, realizamos a etapa exploratória em dois seringais da Reserva extrativista Chico Mendes: Floresta, no município de Xapuri, e Porvir, em Brasileia, no Acre. Quinze dias após essa primeira visita de articulação da pesquisa, retornamos às comunidades para a coleta de dados. A impossibilidade de agendar o retorno para realização das entrevistas, devido à ausência de telefone (em funcionamento) na maioria das colocações, as condições precárias de trafegabilidade das estradas de barro, as longas distâncias entre as comunidades e o centro urbano, a dispersão das casas nos seringais, a dinâmica de trabalho e das relações sociais nas comunidades – com longas ausências dos extrativistas, de casa, em virtude do trabalho na mata ou nos roçados e um trânsito frequente destes indivíduos entre as colocações e o meio urbano – exigiram um tempo maior para o trabalho de campo nas comunidades. Permanecemos três dias em cada seringal, sendo que parte deste tempo foi destinada à busca de ajuda para solucionar problemas mecânicos do veículo ou para sair de atoleiros, resultantes das péssimas condições de trafegabilidade das estradas.

Foram entrevistados 16 extrativistas, ficando o corpus inicial da pesquisa composto por nove homens e sete mulheres, com idade entre 30 e 65 anos. Na definição do número de entrevistas para esta fase da pesquisa consideramos as observações de Orozco Gómez (2000) sobre a coerência na formação do corpus/amostra em estudos qualitativos, para quem um número entre 10 e 20 indivíduos é coerente para o conhecimento das questões que se investiga e para minimizar a repetição de informações.

A realização das entrevistas em cada colocação foi condicionada à rotina de trabalho dos extrativistas, por isto, por diversas vezes nos deparamos com a ausência de moradores na casa para o trabalho de coleta de dados. Em alguns casos haviam saído para a lida (na “mata” ou roçado) ou se deslocado até a cidade, em outros, para fazer compras ou resolver demandas

de natureza diversa, geralmente envolvendo a burocracia das instituições (saúde, aposentadoria, programas sociais, financiamentos, legislação ambiental etc.). Nas idas e vindas, no interior dos seringais, também foi possível combinar algumas entrevistas em encontros casuais com moradores das comunidades. Assim, embora não considere que a escolha dos entrevistados tenha sido realizada de forma aleatória, talvez possa dizer que o acaso também pode ser considerado como critério.

As características das comunidades extrativistas exigiram rigor redobrado no planejamento da entrada em campo. Um dos grandes problemas que afeta as populações rurais amazônicas é a ausência de vias com acesso às comunidades durante todo o ano. O que se vê, na maioria destas localidades, são estradas de chão batido por onde se trafega precariamente na época de estiagem (verão) e em condições de acesso mais críticas no período das chuvas (inverno), conforme se observa na imagem a seguir (Foto 1).

Foto 1 – Estrada de acesso ao seringal Porvir - Brasileia (AC)



Registro realizado em janeiro de 2013, pela autora da pesquisa

Outra particularidade dos seringais são os imensos vazios demográficos que separam as colocações e impõem a realização de grandes percursos entre uma localidade e outra. Nestas condições, era preciso pensar em um meio de transporte adequado para percorrer uma área com condições tão adversas que, certamente, implicariam dificuldades nos trajetos. Além disso, as características geográficas e físicas da região - extensas áreas de floresta fechada,

cortadas por *varadouros*¹⁰ e bifurcações que se entrecruzam, ligando espaços habitados e não habitados – fazem das comunidades extrativistas verdadeiros labirintos, dificultando o trânsito interno, especialmente para quem conhece pouco ou desconhece a área. Deste modo, durante todo o processo de coleta de dados contamos com o apoio de um guia (mateiro) com grande conhecimento dos seringais.

Para chegar ao seringal Floresta (Xapuri) é preciso cruzar o rio Acre, em uma balsa de ferro (Foto 2), serviço subsidiado pela prefeitura do município.

Foto 2 – Travessia do Rio Acre para acesso ao seringal Floresta, Xapuri (AC)



Registro realizado em julho de 2013, pela autora da pesquisa

Do outro lado do rio fica a pequena vila Sibéria e, deste ponto em diante são 30 (trinta) quilômetros de estrada de chão até chegar à primeira das 44 colocações (lotes) que formam o seringal Floresta e são ocupadas por 42 famílias. No período do inverno, o grande volume de chuvas eleva o nível do rio Acre e torna frequente a presença de galhos e troncos de árvores nas águas (os chamados balseiros), que podem se chocar com barcos e balsas e causar acidentes, tornando arriscada a travessia. Durante a primeira coleta de dados no seringal

¹⁰No contexto das comunidades rurais amazônicas, varadouros são caminhos estreitos dentro da floresta (vias de acesso) que ligam uma colocação (colônia) a outra e os seringais entre si. Nos antigos seringais também constituíam a única via de acesso ao meio urbano e por onde passavam os comboios que deixavam mercadorias para os seringueiros e recolhiam a borracha produzida.

Floresta, diariamente convivemos com o cenário de um rio caldaloso, de águas turvas e cheias de obstáculos que conjugavam beleza e perigos.

O seringal Porvir (Brasileia) é formado por 22 colocações, onde vivem 25 famílias. Do centro da cidade até o início desse seringal a distância a ser percorrida também é de 30 quilômetros. Nos dois seringais a distribuição espacial das *colocações* segue o mesmo padrão, ou seja, um ramal principal que dá origem a vários outros ramais, posicionados às margens direita e esquerda e estes originam uma infinidade de outros ramais que, por sua vez, geram varadouros e trilhas que ligam as colocações entre si e se multiplicam floresta adentro, em sentido rizomático, tornando esses locais cada vez mais distantes. Deste modo, muitas famílias estão a mais de cem quilômetros de distância do centro urbano e no inverno a situação de isolamento se agrava. Nestes locais, as distâncias se medem em horas.

O tamanho das *colocações*, nos seringais pesquisados, varia de 300 a 600 hectares e nem todos os lotes estão habitados porque muitos extrativistas deixaram o lugar para morar na cidade, em busca de melhores condições de vida. Isto explica, em parte, a ocupação dispersa desses seringais e favorece a formação de núcleos familiares que funcionam como verdadeiros clãs, modalidade de organização comum em comunidades rurais da Amazônia. Geralmente esses núcleos vão se formando na medida em que os filhos dos extrativistas casam e constroem suas casas, no entorno da casa principal (dos pais). Assim, é possível perceber *colocações* com apenas uma casa (uma família), outras com duas ou mais unidades de moradia, ocupadas pelos filhos dos extrativistas que constituíram família e permaneceram morando e trabalhando na colocação. Este tipo de organização das famílias contribui para a manutenção da mão de obra familiar como força de trabalho predominante nestas localidades.

Durante a primeira coleta de dados, realizada no auge do inverno amazônico, por diversas vezes ficamos retidos em atoleiros ou impedidos de prosseguir devido a problemas mecânicos no carro, ocasionados pelo desgaste na tentativa de sair dos atoleiros. Nem mesmo a força da tração da camionete resistiu à pressão dos buracos e ao lamaçal dos ramais, resultando em longas horas de espera por um guincho para resgatar o veículo ou de um mecânico para trocar a peça quebrada. Para entrar em contato com a cidade e pedir ajuda foi preciso percorrer grandes distâncias a pé ou de carona com algum morador que se arriscava a transitar de motocicleta na estrada lamacenta, até encontrar uma casa com telefone.

Nestas circunstâncias refletíamos sobre a importância desse dispositivo de comunicação para quem vive no interior da floresta e precisa lidar diariamente com as distâncias e com as dificuldades de locomoção. Tais dificuldades foram sentidas durante a pesquisa, especialmente na primeira coleta de dados, realizada no período das chuvas, e

ajudaram a entender, aos poucos, o desafio de morar em áreas rurais da Amazônia onde o isolamento ainda é uma realidade para muitas famílias.

Nas comunidades pesquisadas, se no inverno o maior problema é vencer a lama, no verão, com os ramais e estradas secas (Foto 3) o desafio é conviver com a poeira. Ambas as situações tornam a vida nas comunidades sofrível e impõem riscos de acidentes para moradores e transeuntes em geral. Entretanto, no contexto desta investigação, mais que obstáculo ao trabalho de pesquisa, as dificuldades representaram oportunidade para aproximação com os extrativistas e para mostrar que em um mundo com tanto individualismo ainda existe lugar para a solidariedade.

Foto 3 – Estrada de acesso ao seringal Floresta - Xapuri (AC)



Registro realizado em julho de 2013, pela autora da pesquisa

Embora com realidades particulares distintas e ao mesmo tempo tão comuns ao contexto amazônico, foi possível perceber que nestas comunidades existe um “importar-se com o outro” que se traduziu, por diversas vezes, na ação do morador anônimo que oferecia uma carona para possibilitar o pedido de ajuda, mas, principalmente, no gesto desinteressado de moradores que surgiam como “anjos da estrada” para nos dar uma “mãozinha” na difícil tarefa de tirar o carro do atoleiro. Compreendi, por esses caminhos, que para quem sobre(vive) em condições tão adversas, no meio da floresta, a palavra que traduz essa imensa capacidade de superação, tantas vezes observada na prática, é coletividade.

3.3.4 A pesquisa sistemática

A partir da pesquisa exploratória passamos a definir os encaminhamentos do processo de investigação, referentes à etapa sistemática. Buscamos adequar os procedimentos investigativos para obtenção de dados que possibilitassem ampliar a compreensão sobre o processo de midiaticização nas comunidades rurais estudadas. A partir de um olhar mais acurado sobre o contexto comunicacional dos extrativistas, enfatizamos distintos aspectos da relação destes indivíduos com as mídias, buscando perceber como interagem com dispositivos midiáticos e socialmente e que mediações interferem nesse processo.

No trabalho sistemático de observação e coleta de dados foram considerados os seguintes aspectos:

- a) usos e apropriações dos meios de comunicação;
- b) processos de interação social a partir de usos e apropriações;
- c) processos acionados em torno de mensagens midiáticas;
- d) práticas de distribuição de mensagens em circuitos constituídos.

Deste modo, procurou-se perceber como os indivíduos desenvolvem os usos materiais e apropriações simbólicas dos meios de comunicação, que elementos mediadores comparecem na relação com os meios, como os processos de comunicação e interação se desenvolvem em relação com as mídias e como a midiaticização vai se constituindo no cotidiano extrativista.

Após o exame de qualificação procuramos realinhar os ângulos da pesquisa, procedendo a um distanciamento do olhar sobre as mediações como forma de evitar uma noção de causalidade dessa dimensão comunicacional na constituição e funcionamento do processo de midiaticização. Neste sentido, realizamos dois movimentos: por um lado, conservando a proposição de determinantes sociais tais como a tecnologia e as condições de circulação midiática; por outro lado, remetendo à ideia da mediação simbólica, presente no esforço de apreensão das apropriações que os extrativistas fazem dos dispositivos midiáticos, integrando essa dimensão a tensões suscitadas pelos usos desenvolvidos com as tecnologias. Isto possibilitou reelaborar as perguntas sobre o objeto e desenvolver eixos de análise dos materiais empíricos mais direcionados à problemática da midiaticização no meio rural.

Tomamos como direcionamento principal a proposição da existência de um processo de midiaticização em curso nas comunidades extrativistas, que se desenvolve sob as circunstâncias da vida rural e pelas formas peculiares de interação social que o processo

aciona. O eixo investigativo mais definido ofereceu bases para a formulação de inferências produtivas sobre o objeto. Para a análise dos processos sociais mediados nas comunidades consideramos que os indivíduos não estão inscritos em dispositivos configurados em suas materialidades, e sim em dispositivos que se constituem na dimensão simbólica de diferentes mediações que incidem na sua relação com os meios de comunicação.

Durante o processo de qualificação também se identificou a necessidade de ampliar o corpus da pesquisa com a realização de novas entrevistas nos Seringais Floresta, em Xapuri, e Porvir, em Brasileia, e inclusão do seringal Filipinas na pesquisa, localizado a 30 quilômetros de Brasileia, ficando a área pesquisada constituída por três seringais, sendo um em Xapuri e dois em Brasileia. A escolha desta terceira comunidade obedeceu aos mesmos critérios utilizados na escolha dos seringais Floresta e Porvir, ou seja, a existência de meios de comunicação entre os moradores e a distância destes lugares em relação ao centro urbano. O seringal Filipinas é uma das comunidades mais populosas da Resex, com 42 famílias, e a opção de integrá-lo ao corpus da pesquisa também foi embasada na necessidade de manter a investigação o mais representativa possível da realidade comunicacional das comunidades extrativistas.

Nesta etapa foram mantidos os mesmos métodos de coleta de dados utilizados na fase exploratória: observação participante e entrevistas semiestruturadas (em profundidade). No total de tempo destinado ao trabalho de campo, foram 21 dias de convívio com os extrativistas, com idas e vindas diárias entre as comunidades e os municípios de Xapuri e Brasileia, de segunda a sexta-feira. Desde o início do trabalho de campo optamos por não realizar a coleta de dados de modo ininterrupto, para não pernoitar nas comunidades pesquisadas, mesmo que esta escolha implicasse maior dispêndio de tempo e recursos materiais devido ao trânsito diário entre os locais pesquisados e a cidade. Isto porque acreditamos que a nossa presença constante nas casas, além de modificar a rotina de trabalho, também poderia influenciar, de alguma maneira, o comportamento dos extrativistas com os meios de comunicação. Ao final, depreende-se que esta escolha certamente contribuiu para manter o distanciamento necessário do pesquisador em relação ao objeto investigado.

O corpus da pesquisa ficou definido em 35 extrativistas, sendo 21 homens e 14 mulheres, com idade acima entre 30 e 67 anos. O trabalho de coleta de dados envolveu um número maior de entrevistas, entretanto, o número de entrevistas foi sendo ajustado no decorrer do processo de manipulação e análise do material empírico, relacionando-se o que cada relato oferecia às angulações analíticas desenvolvidas e aos objetivos pretendidos pela investigação. É importante destacar que essa redução do número de entrevistados não

pressupõe uma perda para a pesquisa, visto que se trata de um estudo qualitativo, o que faz dos números um fator secundário e, neste caso, considera-se como aspecto mais relevante a qualidade das informações coletadas em relação à proposta da investigação. Vale dizer também que a não utilização de algumas entrevistas realizadas não implica o descarte desse material, mas a constituição de uma *reserva empírica* que, certamente, poderá inspirar futuros trabalhos de pesquisa sobre a comunicação midiática no meio rural, sob outros enfoques.

O corpus desta pesquisa está composto por extrativistas que moram desde áreas mais próximas até locais mais longínquos, no interior dos seringais. Nas *colocações* mais afastadas muitas famílias não dispõem de nenhum meio tecnológico de comunicação e a única forma de acesso à informação é o “ouvido do vizinho” ou o contato esporádico com a cidade. Assim, é comum um morador receber uma notícia pelo rádio ou por outro meio de comunicação e dirigir-se até a casa do vizinho – quase sempre distante – para repassar a informação. Essa prática revela as redes cotidianas de comunicação que se formam nas comunidades, por onde circulam as notícias midiáticas e não também não midiáticas, mostrando que a informação chega por outras vias àqueles que não estão em contato direto com os dispositivos de mídia.

Devido ao padrão disperso de ocupação espacial dos seringais, muitas vezes foi preciso percorrer quilômetros floresta adentro para encontrar uma casa, um morador. Assim, chegamos o percurso diário no trânsito dentro das comunidades chegou a até 160 quilômetros, incluindo-se também o trajeto entre os seringais e a cidade. Estas distâncias foram percorridas ora de carro, ora de motocicleta e, em algumas situações, somente foi possível chegar caminhando horas a fio, atravessando vielas, porteiras e subindo ladeiras, enfrentando a lama do inverno ou a poeira do verão, condições que tanto caracterizam estradas, ramais e varadouros nas comunidades rurais amazônicas.

Além das dificuldades enfrentadas no acesso às comunidades extrativistas, os percursos realizados também nos reservaram surpresas. Durante a fase sistemática do estudo, para percorrer os varadouros que levavam às colocações mais distantes, dentro dos seringais, foi preciso utilizar uma motocicleta uma vez que este tipo de veículo oferece maiores possibilidades de tráfego nestas localidades. Contamos, então, com uma motocicleta alugada, transportada na carroceria da camionete, no percurso dos ramais, e quando já não era possível prosseguir, o carro ficava à margem da estrada para dar lugar a essa modalidade de transporte. Então, trafegamos por varadouros sinuosos e íngremes, cheios de curvas e ladeiras, enfrentando tabocais e atravessando pinguelas feitas pelos próprios moradores, com madeira roliça. Entretanto, em alguns locais somente foi possível chegar a pé e, na caminhada dentro da floresta, por diversas vezes, sentimos um cheiro forte que lembrava o cheiro típico de áreas

de felinos em zoológicos. Profundo conhecedor da região, o guia identificou como sendo cheiro de onça e assegurou que a presença destes animais é comum naqueles seringais. Apesar de nesta área territorial existir uma densa floresta, não havíamos, até então, considerado esse risco, entretanto, a partir dali nos demos conta que a possibilidade de encontro com um desses animais, pelos caminhos e varadouros, era real.

Em conversa com moradores de diversas colocações, sobre o assunto, muitos relatos vieram à tona sobre a presença de onças em áreas de seringais localizadas em Xapuri e Brasileia, inclusive com ataques a animais domésticos e a rebanhos bovinos em fazendas localizadas nas proximidades da Reserva. Nesses trajetos, que duravam de duas a três horas, por dentro da floresta, até encontrar uma colocação, o medo e a incerteza sobre o desfecho daquela experiência pareciam alargar os percursos, mas, o desejo de conhecer a realidade comunicacional de quem habita lugares longínquos e a possibilidade de produzir um conhecimento genuíno sobre o processo de mídiatização no meio rural, guiaram essa caminhada.

Embora em muitas colocações não tenha sido possível realizar entrevistas, já que o objeto da pesquisa envolve conhecer a relação dos extrativistas com dispositivos midiáticos e os moradores não dispunham de nenhum meio massivo de comunicação, o contato com os moradores foi sempre válido. Mesmo em lugares desprovidos da presença da mídia, os encontros com os extrativistas renderam longas conversas sobre como é viver na floresta, nestas condições e, certamente, se constituíram em um rico aprendizado, sobretudo, em relação à capacidade dessas pessoas de superar dificuldades. Indubitavelmente as relações de proximidade com a “vizinhança” ajudam a amenizar o isolamento e funcionam como mecanismos de sobrevivência nestes locais.

O trajeto realizado durante a pesquisa diz muito da importância de se estudar os processos comunicacionais e o contexto midiático em comunidades amazônicas. Nesses lugares, historicamente esquecidos pelo poder público e pela sociedade, boa parte da população ainda convive com condições precárias de sobrevivência, refletidas também na ausência de acesso aos meios de comunicação. De certa forma, essa situação contribui para aproximar as famílias em redes de relacionamento, que colocam as pessoas em contato e possibilitam a circulação de informações e funcionam como estratégias de inserção destes indivíduos a realidades mais globais.

Embora se perceba uma forte presença do rádio e da televisão nas comunidades extrativistas pesquisadas, muitos entrevistados ainda estão pouco inseridos a um contexto informacional midiático, tendo o rádio ou a televisão como único meio de comunicação de

massa. Outros, apesar de transitarem entre esses dois dispositivos, esse consumo midiático ocorre de forma muito pontual devido a restrições tecnológicas. Os usos que se desenvolvem com a televisão e com o telefone celular evidenciam mais claramente as limitações no acesso às tecnologias comunicacionais. Os distintos quadros situacionais observados na relação dos extrativistas com os dispositivos midiáticos revelam assimetrias no acesso aos meios informacionais e distintas faces do processo de midiatização social.

Compreender a relação entre sociedade e meios de comunicação e os processos de apropriação e circulação de mensagens midiáticas em comunidades extrativistas exigiu, necessariamente, transitar entre os diferentes espaços constitutivos destes locais, ou seja, os lugares e grupos sociais que compõem o *habitat* das famílias nas comunidades pesquisadas. Entender o que acontece nestes espaços, em termos sociais, culturais e comunicacionais só se tornou possível pela observação dos diálogos, conflitos e compartilhamentos das experiências dos indivíduos, que se desenvolvem no construto das redes de comunicação cotidiana.

Esse contato com as comunidades também envolveu tensão e dúvidas. Em algumas ocasiões, nossa presença foi vista com surpresa e até com desconfiança. A tática adotada para quebrar esse “estranhamento” inicial foi sempre de muita conversa, explicando pacientemente aos moradores os motivos da nossa presença e os objetivos da pesquisa. Mesmo assim, também houve recusas ao nosso propósito, especialmente por parte das mulheres, cujos maridos não se encontravam em casa no momento da entrevista que, por razões ligadas à hierarquia familiar, culturalmente internalizada, não aceitavam falar ou, na presença destes, lhes transferiam o direito à palavra.

O processo de recusa/aceitação faz parte do trabalho em pesquisas sociais e se constitui elemento revelador de aspectos culturais das comunidades. Neste caso, percebemos que ainda há uma forte cultura patriarcal entre muitas famílias rurais, onde cabe ao homem responder quando se pede opinião. Nas comunidades extrativistas o que se observa é que em muitas famílias as relações ainda se desenvolvem profundamente marcadas por um processo de dominação masculina. Embora a mulher participe de modo decisivo do processo produtivo, o seu trabalho é, quase sempre, considerado como “auxílio”. Logo, existe aí um aspecto simbólico e assimétrico demarcando as relações familiares, influenciando as relações de poder e dificultando a autonomia feminina. Em termos práticos, a não aceitação de muitas mulheres em realizar as entrevistas – por timidez ou submissão – resultou em maior participação dos homens na pesquisa. Esta situação suscitou-nos uma breve reflexão sobre as relações familiares contemporâneas no espaço rural, embora este não seja o foco da pesquisa.

Nos últimos anos mudanças significativas nas relações sociais contribuíram para modificar a divisão do trabalho entre homens e mulheres tanto na cidade como no campo. Nas comunidades rurais extrativistas que participam desta pesquisa o trabalho produtivo já não se apresenta tão demarcado nos grupos familiares e muitas mulheres assumiram o papel de provedoras da família – porque ficaram viúvas ou por motivo de separação conjugal. Na maioria das famílias elas realizam inúmeras tarefas – cuidam dos roçados, fazem a coleta da castanha e cuidam dos animais, caçam e pescam, além de cuidarem das atividades domésticas e dos filhos, o que torna questionável a construção social que coloca o homem como protagonista nas relações sociais, de trabalho e familiares. Mesmo com todo esse envolvimento, observa-se que geralmente a participação feminina no processo produtivo é interpretada dentro de uma lógica de complementariedade ao trabalho masculino, chancelando o poder material e simbólico de mando do homem.

Essa ordem de dominação, sinalizada como ranço de uma sociedade patriarcal, historicamente responsável pela precarização do papel da mulher dentro das relações familiares e de trabalho, contribui para a manutenção da subordinação feminina, naturalizando o lugar submisso que ocupa no âmbito doméstico, em uma condição simbólica de coparticipante nos processos sociais e de produção. Entretanto, pela via da linguagem – efetivada nos discursos orais – encontram uma forma de fugir a esse domínio, ao incorporar a função de difusora de informação na relação com dispositivos midiáticos.

Em pesquisas sociais, a aproximação com a realidade empírica é um processo complexo e marcado por incertezas devido à natureza invasiva do território do Outro. Esse contato contínuo e de proximidade entre pesquisador e pesquisado não passa despercebido para nenhum dos lados e, por mais empático¹¹ que seja ao tema, o pesquisador se vê diante da tarefa de tentar desvendar um universo novo, ou seja, um universo cultural. Por outro lado, o acesso à realidade não ocorre de forma direta, mas sim a partir de construções discursivas de outras pessoas, o que faz do pesquisador não um ator no processo (GEERTZ, 1989), mas um “intérprete” da realidade observada.

A “entrada em campo” implica um mergulho na cultura e nas redes de relações em suas complexidades, processo que se inicia com a pesquisa exploratória, procedimento metodológico importante para “tatear” o objeto e explorar aspectos que interessam à problemática em construção. Mas, esse processo não se dá a priori, ao contrário, precisa de

¹¹Geertz (1989) define empatia como uma capacidade extraordinária, quase paranormal do pesquisador de pensar e sentir-se como um nativo, ou seja, como sujeito constituinte da experiência investigada ou, de modo mais relativizado, de “colocar-se no lugar do outro”. Desse modo, “fazer com”, “vivenciar junto”, envolver-se com o ambiente investigado constitui porta de acesso ao *Lebenswelt* (mundo da vida) (BIZERRIL, 2004).

negociação e, como enfatiza Becker (1999), essa autorização coletiva de acesso é como um movimento duplo de confiança entre o pesquisador e os atores sociais envolvidos no estudo, com momentos de avanços e recuos, sistematicamente negociados durante o percurso da pesquisa. No contexto desta pesquisa, diversos aspectos incidiram nesse processo de negociação, entre eles a cultura do trabalho, as relações familiares e o contexto geográfico.

Deste modo, o acesso às comunidades foi sempre intermediado por instituições que realizam pesquisa nas áreas estudadas, em parceria com os moradores. Na etapa pré-exploratória contamos com o apoio do Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho (Embrapa/CNPUV), de Bento Gonçalves, RS; na fase exploratória e durante a pesquisa sistemática foi crucial o apoio da Embrapa Acre (Rio Branco). Além de propiciar a logística necessária para realização da pesquisa (veículo, motorista/guia, recursos financeiros para hospedagem e alimentação), esse apoio foi fundamental tanto para a seleção das comunidades como para a interação com seus habitantes. De certa forma, estar acompanhada de pessoas “conhecidas” nas comunidades representou uma espécie de “aval” para inserção no universo pesquisado.

A aproximação com o contexto empírico nos revelou duas realidades bem distintas nos aspectos socioeconômicos, históricos, culturais e geográficos, embora com alguma similitude quanto aos processos comunicacionais e nos usos e apropriações dos dispositivos midiáticos. Entre os agricultores do Rio Grande do Sul observamos o consumo do rádio, da televisão, telefone celular e internet; nas comunidades extrativistas a relação com as mídias se expressa na escuta radiofônica, na audiência televisiva e, em menor intensidade, no uso do telefone celular. Estes dispositivos midiáticos aparecem como elementos propiciadores de interação social, mas também como indicadores de profundas assimetrias no acesso aos meios de comunicação no meio rural.

As descrições e análises dos materiais colhidos geraram pistas sobre a existência de processos midiáticos e especificidades na constituição desses processos, além de múltiplas e distintas mediações na interação com os dispositivos midiáticos, em cada corpus observado. Os dados obtidos nesta fase possibilitaram extrair relações análogas aos contextos midiáticos observados e interpretações relacionais, em um exercício reflexivo a aspectos teóricos com os quais dialogamos. Tais reflexões contribuíram significativamente para a construção do objeto e para o desenvolvimento da problemática da pesquisa.

4 CONSTITUIÇÃO DE PROCESSOS MDIATIZADOS EM COMUNIDADES RURAIS DO RIO GRANDE DO SUL E DO ACRE

Neste capítulo apresentamos, primeiramente, o processo de analogias entre realidades comunicacionais em comunidades rurais do Rio Grande do Sul e comunidades extrativistas acrianas. Na sequência, descrevemos as experiências de agricultores gaúchos com dispositivos midiáticos e, por último, analisamos os processos midiáticos entre extrativistas do Acre. Assim, as inferências produzidas são sistematizadas em três movimentos: explicitação do método analógico de produção de inferências; apreensão dos materiais empíricos observados como indícios; e análise da constituição do processo de mediação em comunidades extrativistas.

O exercício analógico possibilitou aprofundar reflexões sobre como se constituem os processos midiáticos em comunidades rurais. Esse movimento permitiu tensionar questões iniciais da pesquisa, elaborar novas perguntas sobre o objeto e produzir interpretações inferenciais a partir de indícios observados nos materiais empíricos. Braga (2008) salienta que os processos indiciários não se resumem apenas a perceber e descrever indícios, mas principalmente selecionar e organizar inferências, correlacionando dados gerais e dados indiciários para, deste modo, avançar no nível descritivo-inferencial para perceber realidades mais complexas sobre o objeto e evitar abordagens meramente empiricistas. Deste modo, no trabalho interpretativo buscou-se considerar indícios que pudessem revelar tanto singularidades do objeto como aspectos transversais, relacionáveis entre si.

O raciocínio analógico considera uma ou mais realidades já conhecidas e outra desconhecida ou parcialmente conhecida, aplicando as informações previamente obtidas na vivência direta ou indireta da situação tomada como referência. O que sabemos de um sugere fazer novas experiências com outro, permite formular hipóteses a seu respeito e descobrir propriedades interessantes (DUPUY apud RODRIGUES, 2007), entretanto, pensando as respostas como probabilidade.

Nas operações empíricas iniciais buscamos analogias entre as experiências midiáticas em duas realidades rurais com complexidades comunicacionais distintas, como referência de proposições transversais. Os indícios colhidos na fase de pré-observação (em comunidades rurais agrícolas do Sul) e no primeiro movimento exploratório da pesquisa (em comunidades rurais extrativistas do Acre) revelaram especificidades de usos e apropriações em dispositivos midiáticos no contexto da vida rural e no fluxo com o meio urbano, que se mostram, em muitos aspectos, comuns aos dois contextos comunicacionais estudados.

Todo o trabalho analógico se desenvolveu em um duplo movimento, procurando identificar distinções e aproximações entre os aspectos contextuais socioantropológicos, tecno-tecnológico e sêmio-discursivos das comunidades observadas para, a partir daí, enfatizar marcas que indicassem como os indivíduos se relacionam com dispositivos midiáticos na vida cotidiana e constituem processos mediatizados. Relacionando os materiais empíricos destacamos a interação de agricultores gaúchos e extrativistas do Acre em dispositivos midiáticos, identificamos os processos interacionais resultantes do consumo midiático, os modos de circulação de informações midiáticas e operações de sentidos (produção/negociação de sentidos, pactos, recusas) realizadas nas apropriações de conteúdos midiáticos, além de distintas mediações presentes na relação com os meios de comunicação.

Observar as experiências midiáticas de indivíduos rurais de regiões distintas (Rio Grande do Sul e Acre), com características constitutivas também diferenciadas (históricas, produtivas, socioculturais e geográficas), permitiu identificar semelhanças e distinções nas formas de uso e apropriação em dispositivos midiáticos e nos processos sociais que se constroem a partir da relação com os meios de comunicação.

As constatações a partir das observações realizadas e da análise dos materiais empíricos coletados reforçam nossa percepção inicial sobre a mediatização como um processo heterogêneo, com especificidades próprias a cada localidade – seja em um contexto midiático mais amplo, onde os indivíduos se inscrevem em dispositivos midiáticos (digitais) que possibilitam processos comunicacionais mais globais ou em contextos mais restritos onde os indivíduos inscrevem a oferta midiática em seus processos comunicacionais tradicionais embasados na oralidade e no discurso presencial, sem registro escrito¹.

O olhar sobre a realidade comunicacional de agricultores do Sul possibilitou o estabelecimento de parâmetros para a observação e análise das práticas midiáticas em comunidades extrativistas do Acre, local de realização da pesquisa sistemática. Observamos a existência de lógicas próprias a cada contexto, acionadas pelos indivíduos na relação com os meios, em seus processos comunicacionais e nas interações sociais desenvolvidos em relação com a oferta midiática. Pode-se dizer, portanto, que é com base nas lógicas de usos e

¹Ferreira (2013) defende que uma formação social será potencialmente mais mediatizada conforme os diferentes níveis de autonomia formal dos indivíduos, mesmo que essa formalidade seja aparente, na medida em que subordinados às diversas determinações sociais e biológicas. Neste sentido, a autonomia formal dos indivíduos se manifesta pela produção de discursos próprios, requisito socioantropológico para a inscrição em dispositivos midiáticos. Essa visada de Ferreira é interessante para se pensar a diversidade de práticas com as mídias e os processos discursivos que se atualizam na interação social, assim como na singularidade dos processos comunicacionais e de circulação midiática em cada espaço, no caso desta pesquisa o meio rural.

apropriações em dispositivos midiáticos – mas também por um processo constante de derivação – que se constituem os processos midiáticos no contexto das comunidades rurais estudadas.

A seguir apresento o processo de analogia entre o contexto rural das comunidades gaúchas e das comunidades extrativistas acrianas e as experiências destes indivíduos com os meios de comunicação.

4.1 Analogia entre contextos comunicacionais: diferenças e similitudes

O processo de analogia foi primeiramente demarcado por aspectos situacionais que se entrelaçam como mediação na relação com os meios de comunicação, percebidas em contextos rurais do Rio Grande do Sul e Acre. Os materiais observados evidenciaram uma proximidade nos aspectos socioantropológicos, na medida em que envolvem indivíduos de uma mesma classe social (trabalhadores rurais) e um mesmo lócus (o meio rural) que compartilham questões comuns (forte vínculo com a natureza – terra e floresta – e com a família, uma cultura de valorização do trabalho e de tradições familiares, prevalência da cultura oral na comunicação, sentimento de pertencimento à comunidade).

Do ponto de vista da organização social das comunidades, embora nos dois contextos os moradores possuam referências associativas, o modo de organização social e os distintos níveis de participação política revelaram resultados diferenciados em cada localidade. Os agricultores gaúchos estão fortemente organizados em cooperativas comerciais e, deste modo, vinculados ao setor privado, demonstrando autonomia sociopolítica e econômica; os extrativistas estão vinculados a instituições representativas da classe rural (associações e sindicatos), entretanto, observa-se certa fragilidade na organização social e política das comunidades e uma forte vinculação a programas de incentivo à produção e a políticas compensatórias do governo – linhas de crédito, programas de subsídios à produção e programas sociais – refletindo uma relação de dependência com o Estado tanto no aspecto social como econômico.

Apesar da proximidade contextual entre as realidades observadas, uma vez que ambas estão inseridas no meio rural, percebemos sinais de distinção na dimensão socioantropológica dos espaços observados – sistema de trabalho, modelo econômico, aspectos geográficos, históricos, estruturais, demográficos, culturais e étnicos. As comunidades gaúchas são habitadas por descendentes de colonizadores italianos, localizam-se próximas ao centro urbano, apresentam processos produtivos contínuos e mecanizados, forte orientação para o

mercado e uma economia agrícola diversificada. Observa-se um espaço rural com elevado índice de ocupação demográfica, boa infraestrutura de estradas e de acesso a serviços essenciais como moradia, meios de comunicação, transporte e escola, além de bom nível de escolaridade e de participação política entre os entrevistados. As comunidades extrativistas são formadas por descendentes de nordestinos que migraram para a região amazônica durante o ciclo da borracha, para trabalhar como seringueiros, e se separam dos centros urbanos por grandes distâncias geográficas. Apresentam processos produtivos manuais e uma economia baseada no extrativismo de recursos florestais não madeireiros, marcado pela produção sazonal de apenas dois produtos (castanha-do-brasil e látex de seringueira). Além disso, demonstram pouca orientação para o mercado, estando, ainda, sujeitas à ação de atravessadores na comercialização da produção e à dependência de ações do estado. Observa-se baixa densidade populacional, imensos vazios demográficos, precárias condições de trafegabilidade nas estradas e ramais e dificuldades de acesso aos meios de transportes, de comunicação e moradia, além de baixo nível de escolaridade e forte incidência de analfabetismo e pouca participação políticas entre a população.

As dimensões tecno-tecnológicas revelam uma aproximação entre as duas localidades estudadas quanto aos usos e apropriações de tecnologias da comunicação. Entretanto, há uma marcação diferencial na oferta de tecnologias, refletida na abrangência e tipo de fontes de geração de eletricidade e na oferta midiática em cada localidade, que demarcam singularidades na relação com o midiático.

Nas comunidades gaúchas os agricultores dispõem de um fornecimento contínuo de energia elétrica, por meio de sistema convencional, e com uma oferta ampla de mídias (tradicionais e digitais); nas comunidades extrativistas os moradores contam com um serviço limitado e precário de eletrificação rural e com fontes alternativas de energia elétrica, além de uma oferta midiática restrita aos meios tradicionais.

Embora tenham sido observadas limitações técnicas quanto à capacidade de alcance dos meios de comunicação nos dois contextos, tais dificuldades se apresentam em graus diferenciados, de acordo com as particularidades de cada realidade. Nas comunidades gaúchas essa limitação se dá pela fragmentação da programação televisiva, evidenciada por uma oferta limitada a conteúdos nacionais, mas essa carência de informações locais é compensada pelo acesso a outras tecnologias da comunicação – rádio e internet – que oferecem uma programação mais variada, contemplando também notícias e acontecimentos relacionados aos contextos dos municípios, estado e região.

Nas comunidades extrativistas as limitações tecnológicas se manifestam, de modo geral, pelo acesso restrito aos meios de comunicação tradicionais (rádio e televisão), mas, sobretudo, pela insuficiência do serviço de energia elétrica, que conduz ao acionamento de sistemas alternativos de geração de energia – placa solar e motores movidos a combustíveis. Entretanto, tais estratégias também se mostram insuficientes para um amplo acesso às mídias, limitando o tempo de consumo televisivo. Por outro lado, também se observa uma programação televisiva restrita a programas nacionais, ao mesmo tempo em que essa carência por conteúdos locais é suprida pelo uso do rádio, mídia que mantém uma relação histórica com a divulgação de acontecimentos mais relacionados à realidade local e ao contexto rural, embora pela sua abrangência a informação radiofônica também assuma um caráter global. A carência estrutural relacionada à rede elétrica limita a oferta de tecnologias tradicionais e, principalmente, impede o acesso a tecnologias digitais pelos extrativistas.

A diversidade de mídias que compõe a realidade comunicacional dos agricultores gaúchos torna estes indivíduos mais integrados à teia social, ou seja, em termos interacionais, aspecto que na sociedade em midiatização é facilitado pelo uso intensificado de tecnologias. No Rio Grande do Sul há uma lógica econômica produtiva que mobiliza os agricultores para o acesso aos meios de comunicação locais e globais – a tecnologia está a serviço do sistema produtivo e, portanto, os agricultores estão atentos às demandas do mercado. Movidos por uma lógica produtiva e comercial eles estabelecem usos e apropriações em dispositivos em função de uma lógica comercial, mas estritamente direcionada para a melhoria da produção.

Deste modo, os agricultores gaúchos se mostram mais integrados ao meio urbano e em relação ao acesso e consumo de bens e serviços. Essa realidade das comunidades rurais agrícolas revela uma ambiência de midiatização que mescla o local e o global, fomentada por um sistema de compartilhamento de informações que se articula entre a comunicação presencial e virtual, distintamente dos processos comunicacionais midiáticos observados nas comunidades extrativistas, que se apresentam marcados essencialmente pelo lócus e pela interação face a face. Na realidade extrativista os usos das tecnologias comunicacionais se desenvolvem em torno de uma lógica econômica e de demandas produtivas mais locais. Embora a serviço do processo de produção, as tecnologias se mostram insuficientes ao processo de inserção e integração dos extrativistas ao mercado.

Entre os agricultores do Sul tem-se um sistema de produção agrícola e uma atividade comunicacional potencializada pela busca de informações nos meios, em torno da melhoria do processo produtivo e por um padrão de circulação de informações mais restrito ao ambiente familiar. No Acre, a realidade comunicacional demanda e oferece condições de acesso a uma

comunicação midiática com base em uma lógica produtiva essencialmente comercial (o interesse pela cotação dos produtos no mercado), porém, o padrão local não pode ser respondido totalmente por sua atuação interna, em decorrência das próprias condições geográficas e socioeconômicas das comunidades. Essa insuficiência na oferta midiática mobiliza os extrativistas na busca por informações fora dos limites das comunidades, constituindo estratégia comunicacional que influencia a interação social dos extrativistas no contexto comunitário rural e com a urbe.

Deste modo, ao mesmo tempo em que os extrativistas desenvolvem estratégias de acesso aos meios de comunicação nas comunidades, criam um sistema de interação com ambientes externos que possibilita o acesso a outros dispositivos midiáticos, mediado por atores-chaves dos processos sociais e mercadológicos. Estes indivíduos atuam na captação de informações midiáticas do meio urbano e no compartilhamento dessas informações, gerando circuitos interacionais internamente às comunidades, entre o contexto comunitário e urbano e vice-versa. Enquanto entre os extrativistas essa estratégia comunicacional se efetiva por meio do contato físico e da conversação oral, no trânsito contínuo entre o local e o global, entre os agricultores do Sul a articulação local/global ocorre mediante o uso de tecnologias comunicacionais. Nos dois casos o midiático funciona como fator propulsor de interações sociais.

O diagrama interpretativo a seguir (Quadro 1), elaborado com base no processo de analogia entre as duas situações comunicacionais observadas, evidencia similitudes e especificidades na oferta midiática e acesso aos meios de comunicação por agricultores e extrativistas.

Quadro 1 – Semelhanças e diferenças na oferta midiática e acesso aos meios de comunicação

| Dispositivos | Semelhanças | Diferenças |
|--------------|--|---|
| Rádio | Tanto no contexto dos agricultores (Rio Grande do Sul) como dos extrativistas (Acre) não observamos limitações no uso dessa tecnologia. | |
| Televisão | <p>Nas comunidades rurais do Sul há <i>limitações tecnológicas</i> para o uso dessa mídia, relacionadas ao modo de acesso ao sinal (por parabólica) e à programação limitada oferecida (somente local).</p> <p>Nas comunidades extrativistas (Acre) também percebemos insuficiências tecnológicas para</p> | <p>O principal fator definidor de diferenciação no acesso e interação com essa mídia é a limitação no serviço/rede de energia elétrica. No Sul, todos os agricultores dispõem de serviço de energia elétrica – amplo e contínuo – enquanto no Acre, a maioria dos participantes da pesquisa não tem energia elétrica ou busca sistemas alternativos para acesso a</p> |

| | | |
|----------------|---|---|
| | acesso a esta mídia, possibilitado somente por meio de parabólica, fator que limita a programação a uma oferta nacional e gera uma lacuna no acesso a informações locais por meio deste dispositivo. | este bem, o que dificulta o acesso e consumo da televisão. |
| Telefone | Não se observou semelhança entre as comunidades. | No Sul, todos os agricultores entrevistados utilizam o telefone celular, não sendo observadas limitações tecnológicas para o uso. No Acre há limitações tecnológicas que dificultam o seu acesso e funcionamento (baixo alcance do sinal de telefonia). |
| Internet | No Sul, há <i>limitações tecnológicas</i> e culturais (rede de acesso restrito, pouca habilidade dos agricultores com a tecnologia, além de resistência por parte de alguns agricultores) no uso deste dispositivo. No Acre, as limitações tecnológicas (ausência de serviço de banda larga) impedem a oferta de serviço de internet. | Embora esta mídia não esteja disponível nas comunidades extrativistas, pode ser acessada por alguns atores/líderes comunitários em espaços urbanos. Observamos limitações tecnológicas e culturais para o seu uso, em decorrência do baixo padrão de escolaridade dos extrativistas. |
| Mídia impressa | Não se observou semelhança entre as comunidades. | No Sul não se observou limitações no acesso a este tipo de mídia; no Acre, as limitações geográficas (grandes distâncias em relação ao centro urbano), estruturais (ausência de estradas com condições de acesso o ano todo) e culturais (pouca habilidade de leitura entre a maioria dos extrativistas) dificultam o acesso a jornais, revistas e outras mídias impressas. |

É possível estabelecer similitudes e distinções também entre as mediações existentes na relação de agricultores e extrativistas com os diversos dispositivos midiáticos. Na *dimensão socioantropológica*, foram observadas distinções no contexto geográfico (proximidade/distância - espaço/tempo). No aspecto étnico temos a descendência italiana entre os agricultores; do lado dos extrativistas a descendência é nordestina. No sistema econômico produtivo no Sul predomina a cultura agroindustrial, baseada na produção de

frutas; no Acre, a cultura extrativista com foco nos produtos não madeireiros. Nas relações comerciais, os agricultores estão inseridos em uma economia produtiva mais integrada à economia global e nacional, enquanto os extrativistas praticam uma economia produtiva pouco integrada a mercados externos, com características mais locais.

No aspecto cultural, há semelhanças nas relações que estabelecem com o trabalho – como eixo direcionador da vida cotidiana – e com a natureza – vista como fonte de sustento e vida – mas ao mesmo tempo observamos diferença quanto ao grau de escolaridade. Há semelhanças também no aspecto religioso e no modo de vida rural marcado pelo senso coletivo de uso da informação, assim como pelas práticas de circulação mobilizadas por laços de proximidade e amizade, entretanto, no contexto do Sul esse compartilhamento se configura mais a serviço das relações familiares, e no contexto do Acre perpassa o ambiente familiar e se coloca a serviço das relações sociais na comunidade.

Na sequência deste texto apresento as experiências dos agricultores gaúchos e extrativistas do Acre com as mídias. No primeiro caso têm-se os dados em formato descritivo-inferencial; no segundo, são apresentadas a partir de um processo analítico-inferencial.

4.2 Experiências midiáticas entre agricultores familiares gaúchos

As experiências de agricultores de Bento Gonçalves (RS) com os meios massivos de comunicação foi observada durante a fase de pré-observação da pesquisa, realizada com agricultores familiares da linha São Valentim (distrito de Tuiuty) e Linha Jansen (distrito de Pinto Bandeira), no município de Bento Gonçalves (RS).

As comunidades agrícolas observadas estão localizadas no Vale dos Vinhedos, na Serra Gaúcha, considerada uma das regiões mais prósperas do Rio Grande do Sul, onde se encontram algumas das principais empresas vinícolas do país², e mantém relativa proximidade com o meio urbano. A linha São Valentim fica a 10 quilômetros do centro de Bento Gonçalves; a Linha Jansen, dista 20 quilômetros. A forte tradição da região em viticultura e vinicultura contribui para a inserção dos agricultores no mercado de vinhos e em uma economia global. Todos os produtores são associados a vinícolas e cooperativas comerciais e,

²De acordo com dados fornecidos pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (EMATER/RS), unidade de Bento Gonçalves, o Vale dos Vinhedos concentra-se em uma extensão de 82 quilômetros quadrados, abrangendo os municípios de Bento Gonçalves, Monte Belo do Sul e Garibaldi, sendo que 60% dessa área pertencem a Bento Gonçalves. A região conta com mais de 30 vinícolas entre empresas de grande porte, como Miolo, Salton e Casa Valduga, e pequenos empreendimentos familiares que contribuem para impulsionar o desenvolvimento da viticultura e do enoturismo da região.

deste modo, parte da produção é comercializada diretamente com estas empresas, outra destinada à fabricação artesanal de vinho, conhecido como vinho colonial, para consumo próprio. Algumas famílias também comercializam informalmente este produto e investem na fabricação caseira de doces e outros derivados de frutas como forma de agregar valor à produção e como fonte alternativa de renda.

Do total de oito entrevistados, cinco possuem o ensino fundamental incompleto, dois completaram o ensino médio e um cursou o ensino superior. Apesar dessa variação nos níveis de escolaridade, a maioria frequentou a escola por cinco ou seis anos e declarou ter boa habilidade de leitura e, de acordo com as observações, este fator se reflete positivamente no consumo midiático, uma vez que a habilidade para leitura, associada a fatores estruturais e geográficos, favorecem o consumo de mídias impressas, principalmente jornais.

A renda média mensal familiar, declarada pelos agricultores, é de três a quatro mil reais. O amplo acesso aos meios de comunicação e a outros bens materiais e serviços reflete a condição social e a qualidade de vida nessas comunidades³. A maioria dos entrevistados nasceu e cresceu na comunidade e herdou dos pais a propriedade. Essas pessoas passaram toda a vida no meio rural e participaram do processo de organização social e desenvolvimento local, desde a implantação da rede de energia elétrica (há quase duas décadas) até a instalação de vinícolas na região, passando pela pavimentação das estradas, a chegada de maquinários e modernos meios de transporte e de comunicação nas comunidades. As famílias são compostas, em média, por cinco pessoas e, na quase totalidade, os filhos mais velhos moram ou estudam na cidade. A religião predominante entre os entrevistados é a católica, fator que está relacionado a um grande número de capelas observado nas comunidades.

As condições favoráveis de acesso e a localização geográfica das comunidades possibilitam uma interação diária dos agricultores com o meio urbano, como parte das rotinas e demandas cotidianas das famílias. Além disso, todos os entrevistados possuem transporte próprio, fator que também facilita o trânsito entre meio rural e urbano. Também se observou que a maioria dos agricultores possui boa infraestrutura de moradia, equipada com modernos eletrodomésticos. Para esses indivíduos o meio rural já não guarda tanta tranquilidade, devido à proximidade com a cidade e expansão da violência urbana para o campo, mas, apesar desta

³O estudo *Pobreza rural, desequilíbrios regionais e desenvolvimento agrário no Rio Grande do Sul*, realizado por pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), destaca a renda familiar como um dos principais indicadores de condição social, embora existam outros fatores importantes. “Considera-se que em uma sociedade capitalista a satisfação das necessidades individuais passa, fundamentalmente, pelo acesso aos recursos monetários que permitem o pagamento pelo direito de uso ou consumo de qualquer mercadoria. Deste modo, o acesso à renda constitui-se em fator decisivo que garante ao indivíduo bens e serviços e, com isso, facultar-lhe a sua reprodução social” (SCHNEIDER; FIALHO, 2000).

percepção, consideram que ainda é um bom lugar para viver, pela garantia de trabalho e renda resultante do uso da terra.

Estas constatações revelam um contexto socioeconômico, geográfico e estrutural distinto da realidade da maioria das comunidades rurais de base familiar não só do Rio Grande do Sul, mas também de outras regiões do País⁴, onde a precariedade no acesso impõe uma situação de exclusão social e comunicacional. Tais diferenciações estão relacionadas, principalmente, ao processo de formação histórica das distintas localidades, ao modo como as comunidades se organizaram e à forma como os agricultores lidam com a terra. No caso das áreas rurais localizadas na Serra Gaúcha, remonta à colonização italiana cujos costumes, hábitos e tradições influenciaram o desenvolvimento da agricultura e o surgimento do setor industrial na região, não somente a indústria vitivinícola, mas também diversos outros segmentos da economia local.

Descendentes de imigrantes italianos que povoaram as encostas do Vale dos Vinhedos, os agricultores que participam desta pesquisa conservam uma forte herança cultural de valorização da terra e do trabalho não só como fonte de sobrevivência, mas como elemento constituinte da sua autonomia e da própria identidade. Por outro lado, é no trabalho familiar que estruturam e mantêm o vínculo com a terra e isto faz da família e do trabalho as principais referências na vida destes agricultores.

As observações e as entrevistas realizadas revelaram uma realidade comunicacional constituída pelo uso de mídias tradicionais e tecnologias digitais. O rádio, a televisão e o telefone (fixo e móvel) são utilizados por todos os entrevistados. O jornal impresso é consumido por seis agricultores; cinco do total de oito entrevistados têm internet em casa. Assim, o rádio e a televisão são os principais meios de comunicação e fontes de informação e entretenimento nas comunidades pesquisadas.

Embora se observe uma presença crescente da internet entre os agricultores, também são evidentes as dificuldades dos agricultores para lidar com as tecnologias digitais, em um esforço de aprendizagem que envolve pais e filhos no uso deste tipo de ferramenta. Se por um lado o pouco conhecimento dificulta o uso da internet entre os agricultores, por outro, há que se considerar que a cultura também pode funcionar como fator limitante desse processo. Ainda se observa certo “encantamento” com esta tecnologia entre os agricultores, mas há também aqueles que não se interessam pelo assunto por falta de disposição para aprender a lidar com dispositivos digitais, mas, principalmente, por considerar que a internet, apesar de

⁴Quando medida pela capacidade de consumo de bens e serviços das famílias, a incidência da pobreza rural na região Nordeste é quatro vezes maior do que no Sul (57% versus 14%) (BUAINAIN et al. 2012).

informar, também representa risco para a família porque os filhos podem “aprender coisas erradas” com a tecnologia.

Os meios de comunicação participam da vida dos agricultores de diferentes maneiras e em distintos momentos do cotidiano rural. Os noticiários, as telenovelas, os programas religiosos e os jogos de futebol estão entre os produtos midiáticos de maior preferência entre os entrevistados, predominando os dois primeiros. Com base nesse cenário, onde antigas e novas tecnologias se misturam nos processos comunicacionais, descrevemos as práticas cotidianas dos agricultores com as diversas mídias, buscando perceber usos e apropriações de dispositivos midiáticos que podem configurar processos midiáticos.

4.2.1 Descrição dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos

O rádio está presente desde sempre na vida dos agricultores pesquisados, como parte da história de vida destas pessoas. A maioria dos entrevistados, especialmente aqueles com mais idade, guarda na memória a lembrança do convívio com este dispositivo midiático, desde a infância. Durante muito tempo os moradores das comunidades rurais dos distritos de Tuiuty e Pinto Bandeira contaram apenas com o rádio como meio de comunicação, mas, a partir da implantação da rede elétrica, no início dos anos 1990, essa mídia passou a dividir espaço com a televisão. Entretanto, a audiência televisiva se inseriu no cotidiano das famílias com um caráter mais lúdico do que informativo:

Na época de criança, aqui na colônia, a única maneira de saber das notícias era pelo rádio. Quando eu tinha quatorze pra quinze anos meu pai comprou uma televisão e a partir daí, a gente já tinha também com o que distrair e passar as horas (N.P. – agricultor, 59 anos).

Mesmo convivendo com outras mídias – televisão e internet – o rádio manteve sua supremacia na tarefa de informar, além de se constituir como fonte de entretenimento:

Na minha infância a gente ficava sabendo das notícias através do rádio, depois, com a chegada da luz [energia elétrica] compramos uma TV. A gente via muita coisa sobre o mundo, mas a informação que a gente queria era só pelo rádio (L.A. T. F. – agricultora aposentada, 70 anos).

Observando o cotidiano dos agricultores, percebe-se que a relação com o rádio vai além da sua função de informar, colocar essas comunidades em contato com o mundo exterior e da necessidade de informação destas pessoas. Alguns agricultores ainda preservam antigos

aparelhos que vêm passando de geração em geração, como forma de conservar vínculos com o passado e ativar reminiscências familiares:

Esse rádio sempre esteve na família, desde que eu tinha uns cinco anos de idade. Pertenceu ao meu avô. Daí, quando mudamos pra cá, veio junto. São mais de 50 anos de convivência e ele ainda funciona. Teve um tempo que ele parou de funcionar, mas meu filho consertou. [...] Ele é parte da nossa história, então, pra mim ele, não tem preço (C.M. L, 55 anos – agricultora aposentada).

A fala da agricultora também indica que a convivência com essa mídia envolve outros aspectos além do atendimento a necessidades informacionais práticas, inclusive a dimensão afetiva. No porão da casa, um acervo composto por antigos modelos de rádio – e também alguns exemplares de televisão e telefone – ajuda a construir uma espécie de *memória midiática* que revela não só a trajetória da família com as mídias, mas também as mudanças que foram ocorrendo nos modos de comunicar e na interação da família, passando por diversos momentos – do radinho de pilha ao *micro system*; da televisão em preto e branco ao modelo em cores; do telefone de gancho ao dispositivo sem fio e celular. Cada aparelho tem sua história e, de certo modo, também revela muito da trajetória da família.

Deste modo, a relação com as mídias se faz em um rico processo histórico e informativo, ajudando a construir a própria história dos agricultores e, neste contexto, a tecnologia se renova com a chegada de aparelhos mais modernos, para renovar formas de comunicar, mas aquilo que em termos materiais tornou-se obsoleto cumpre a função simbólica de manter viva a lembrança de tempos passados. No caso do rádio, os agricultores vinculam determinadas fases da vida a modos de escuta de determinadas matrizes radiofônicas, como programas que mesclam informação e entretenimento, atribuindo valor simbólico ao rádio enquanto utensílio doméstico ou como meio de comunicação:

Com o radinho a bateria nós ficávamos sabendo das coisas que aconteciam em vários lugares, em várias cidades. Mas, além das notícias também se ouvia o rádio para distrair. E sabe qual era o nosso divertimento nos domingos de tarde? Naquela época tinha um programa musical onde as pessoas mandavam dedicatórias de músicas. Então, nós passávamos a tarde ouvindo aquelas músicas e dançando, através do radinho. A gente ligava o rádio e dançávamos... dançávamos... Essa era a nossa distração (L.A.T.F – agricultora aposentada, 70 anos).

Se no passado o rádio era estático como mídia e a escuta era cercada de todo um ritual coletivo que reunia as pessoas na sala de estar para compartilhar notícias e momentos de entretenimento, hoje ouvir rádio é uma prática quase itinerante, uma vez que esse dispositivo, pela sua praticidade, pode ser levado a diversos espaços, no atendimento de demandas

individuais e coletivas. A incorporação de novos aportes técnicos e de interação, em função do uso de novas tecnologias no fazer radiofônico, transformou esse meio em dispositivo midiático. Os avanços tecnológicos e a chegada de outras mídias no meio rural não tiraram do rádio o seu lugar de destaque como meio de informação. Nas comunidades gaúchas observadas, mesmo convivendo diariamente com a televisão e, em menor intensidade, também com a internet, o rádio é o meio mais utilizado pelos agricultores. Seja pelo uso de sofisticados modelos que enfeitam a estante da sala ou de antigos aparelhos que transitam pela casa, essa mídia se mistura ao cotidiano dos agricultores como parte de um *habitus* constituído por uma experiência cultural acumulada e fortemente presente na vida destas pessoas, mediante formas de apropriação delineadas como prática.

Uma das características que contribui para a presença dominante do rádio na comunicação contemporânea e, mais especificamente, no meio rural é – no plano dos usos – o fato de informar sobre acontecimentos da localidade, mas, simbolicamente, o rádio permanece como referência de interação e comunicação. Isto porque muitas emissoras, especialmente as rádios de amplitude modulada (AM)⁵ de pequenas cidades do interior, ainda se preocupam em produzir uma programação que contemple a realidade local⁶, onde estão inseridas, ao mesmo tempo em que também informam sobre notícias globais relacionadas com a localidade. Esse tipo de programação, considerada como prestação de serviço por noticiar informações do cotidiano, desperta o interesse da população rural pela relação de “proximidade” com o contexto das comunidades:

Eu acordo às cinco horas da manhã, ligo o rádio e escuto as notícias do Rio Grande do Sul. Procuo notícias gerais e também relacionadas à nossa agricultura (E.S. – agricultor, 49 anos).

Nas comunidades observadas há uma forte presença de outras mídias que normalmente oferecem noticiários locais, como a televisão e, para boa parte dos agricultores, também o jornal impresso. Sendo assim, essa natureza local da programação radiofônica não explicaria, por si, a prevalência desse meio como principal fonte de informação.

⁵O termo AM indica *Amplitude Modulation*: modulação da amplitude (a amplitude da onda de rádio). Nesse tipo de modulação é a amplitude (a força da onda) que é mudada. Os transmissores modernos de AM variam o nível do sinal proporcionalmente ao som que estão transmitindo. Isto é, picos positivos da energia de rádio máxima do produto sadio e picos negativos da energia sadia do mínimo do produto.

⁶Segundo Renato Ortiz, “Quando nos referimos ao “local” imaginamos um espaço restrito, bem delimitado, no interior do qual se desenrola a vida de um grupo ou de um conjunto de pessoas. Ele possui um contorno preciso, a ponto de se tornar baliza territorial para os hábitos cotidianos” (ORTIZ, 1999, p. 38). Entretanto, o “local” é pensado, nesta pesquisa, não como algo determinado exclusivamente pela questão territorial, mas sim e, principalmente, pela relação circundante que estabelece com a realidade, ou seja, com aquilo que está realmente presente na vida das pessoas.

Na perspectiva dos usos, esta realidade está relacionada a fatores envolvendo o acesso aos meios de comunicação como as limitações tecnológicas que impedem a oferta de uma programação televisiva também voltada para o que acontece em termos locais. Além disso, características próprias do rádio como mobilidade e a possibilidade de ouvir a programação durante o trabalho também aparecem demarcando a intensa relação dos agricultores com este dispositivo. Já na perspectiva da apropriação simbólica, para muitos entrevistados o velho radinho a pilha continua sendo o “companheiro de todas as horas”:

O rádio sempre tá comigo, em casa ou na roça. Não perco os noticiários, de manhã até a noite estou com o rádio ligado. [...] Gosto de ouvir de tudo, mas a prioridade é a notícia e, de preferência, boas notícias sobre a nossa atividade. Quando estou no trabalho ouço meu radinho. Em casa, além do rádio também temos a televisão e a internet pra informar e comunicar (J.P. – agricultor, 65 anos).

Na fala acima o agricultor não expressa uma preferência informacional na interação com os dispositivos midiáticos, o que remete mais a uma lógica de uso e menos de apropriações. Por outro lado, a vasta oferta de meios de comunicação tende a conduzir a uma diversidade desses usos e apropriações:

O melhor meio de comunicação pra gente ainda é o rádio porque traz as notícias daqui da nossa cidade. Então, escuto rádio pra me informar sobre a realidade local porque se tu mora no campo e não tá informado, muitas vezes pode perder oportunidades, e procuro acompanhar as notícias pela televisão para saber o que acontece no Brasil e no mundo. A gente acaba ouvindo no rádio algumas notícias e se aprofundando um pouco mais no jornal da TV (O.L.B. – agricultor, 30anos).

Observa-se uma busca contínua por informações, sejam específicas do contexto agrícola ou de caráter mais geral, na relação com os meios de comunicação. Desta maneira, o consumo midiático opera fortemente dirigido pelo interesse dos agricultores por notícias sobre o trabalho no campo – o que ocorre quase exclusivamente por meio do rádio – e em uma perspectiva mais global, pelo acesso a outros meios de comunicação. Nessa busca por informações as mídias se misturam às rotinas cotidianas dos agricultores, mas, para a maioria dos entrevistados o consumo midiático ocorre nos intervalos do trabalho:

Eu escuto o rádio quando não estou no trabalho. Por exemplo, eu não tenho como acompanhar um programa que passa às sete da manhã. É muito bom ficar informado, mas se fico em casa pra escutar não trabalho (N.P. – agricultor, 59 anos).

É mediante esse condicionamento que vai se definindo a relação dos agricultores com os meios de comunicação, em distintos usos e apropriações cotidianas:

Ouçó rádio e assisto televisão diariamente, sempre que estou em casa porque na nossa atividade não dá pra ficar sem saber do que tá acontecendo, mas passamo(s) a maior parte do tempo na roça (O.L. B – agricultor, 30 anos).

Nos relatos dos agricultores fica evidente o valor de uso da informação midiática para essas pessoas, assim como a necessidade de se manterem informados. Também é imperativo que precisam trabalhar para manter a vida produtiva e suprir demandas materiais, mas, como nem sempre é possível a interação com os meios, essa relação se faz de forma pontual, em curtos espaços de tempo, onde cada mídia tem o seu momento de uso. Os entrevistados reconhecem a importância da informação para a vida rural, mas admitem terem pouco tempo para interagir com as mídias. Essa relação com os meios de comunicação condicionada pelas rotinas laborais remete a um *ethos* do trabalho historicamente constituído como dimensão fundamental da vida destas famílias, herdado dos antepassados imigrantes constituintes da descendência italiana dos agricultores.

A cultura do trabalho também se expressa de modo preponderante nos usos cotidianos das mulheres com dispositivos midiáticos. Todas as entrevistadas são aposentadas ou donas de casa e ocupam seu tempo com afazeres domésticos e fabricação caseira de produtos derivados da produção agrícola como frutas cristalizadas, doces e compotas, como atividade complementar à renda familiar. Deste modo, a escuta do rádio ocorre concomitante à realização das inúmeras atividades laborais do dia a dia: *“Com o rádio tu não precisa ficar parado pra ouvir. Tu ouve(s) enquanto trabalha e aqui a gente tá sempre trabalhando”* (A.T.P. – dona de casa, 55 anos).

De modo geral, essas mulheres ficam em casa porque já não conseguem trabalhar na roça, em função da idade avançada ou devido a problemas com a saúde. Esta permanência no espaço doméstico favorece uma interação mais intensa com os meios de comunicação, especialmente com o rádio por ser uma mídia que não exige dedicação exclusiva do ouvinte, permitindo conciliar escuta e trabalho. Na relação com esse meio elas associam a necessidade de se manterem informadas à preocupação de retransmitir as informações midiáticas aos demais membros da família, realizando uma escuta compartilhada.

Investidas dessa dupla função, as mulheres “garimpam informações” com o objetivo de se informar. Foi nesse processo que observamos, no Sul, o que viria a se constituir como objeto diferenciado de observação, entendidos nesta pesquisa como os usos das tecnologias

comunicacionais articulados com apropriações simbólicas que acionam novos processos de interação:

Ligo o rádio às sete da manhã e só desligo de tarde. Eu fico sintonizada enquanto trabalho, pra saber o que tá acontecendo. Pelo rádio a gente sabe os preços dos nossos produtos, se vão aumentar ou baixar, sobre reuniões na comunidade e outras atividades. [...] dia desses saiu sobre um projeto que vai ajudar a melhorar a qualidade do vinho que é produzido aqui. Então, quando meus filhos e o marido chegam eu falo sobre as notícia(s) que ouvi no rádio e aí gera muita conversa (C. M. L. – agricultora aposentada, 55 anos).

O destaque aqui é para o enunciado que revela uma apropriação constitutiva do midiático: "*Então, quando meus filhos e o marido chegam eu falo sobre as notícia(s) que ouvi no rádio e aí gera muita conversa*". Essa apropriação simbólica - o dispositivo rádio constituído de forma específica - também é revelada no depoimento de outro agricultor:

Eu escuto muitas notícias que interessam pra atividade. A gente fica sabendo sobre o preço da uva, do pêssego, tratamento das parreira(s). Fico trabalhando e ouvindo, depois, transmito pros gurus e pro marido (A.T.P. – dona de casa, 55 anos) na hora do almoço a gente conversa sobre as notícias que eu ouvi, sobre os acontecimentos, e tá sempre acontecendo alguma coisa (A.T.P. – agricultora aposentada, 55 anos).

Essa mediação simbólica, em si, constitui dispositivo midiático quando entrelaçada com usos diversos, aqui já indicados. No entanto, ela não se mostra única, mas, ao contrário, outras mediações desta natureza (o valor do rádio como memória; o valor afetivo do rádio) também participam na relação dos agricultores com os meios de comunicação. Esse valor simbólico - de apropriação - acionado pelas mulheres acaba suprimindo, de certa forma, uma lacuna observada na escuta radiofônica dos homens, gerada pela tensão entre o tempo de trabalho e o tempo de interação com o midiático. Assim, a escuta individual realizada pelas mulheres, longe de terminar no contato com o dispositivo, evolui para um processo coletivo, por meio do compartilhamento de informações midiáticas no âmbito familiar, porém, em momento mais adiante, numa espécie de *recepção estendida*, ou seja, quando os agricultores retornam da lida para casa.

Esse processo, entretanto, se desenvolve em uma temporalidade que é própria da vida rural e com base em uma dinâmica familiar orientada pela divisão de tarefas⁷, onde a força de

⁷Mesmo em circunstâncias particulares deste grupo de entrevistados, com mulheres que não participam diretamente da atividade agrícola, por questões aqui já apontadas, observa-se que entre os agricultores as relações familiares ainda reproduzem em muito o velho sistema patriarcal. As mulheres cuidam de todo o trabalho da casa e da coesão do grupo familiar, além de outras tarefas realizadas no ambiente doméstico, incluindo-se a produção de produtos caseiros com fins comerciais, enquanto os homens realizam atividades

trabalho feminina, circunscrita ao ambiente doméstico, também está a serviço da comunicação do grupo. Estes dois aspectos atravessam tanto a relação com as mídias quanto as relações sociais entre os agricultores, influenciando os processos comunicacionais.

Deste modo, as mensagens radiofônicas, convertidas em enunciados, pelo meio midiático, circulam no contexto familiar, em operações de conversação e de interação face a face, gerando interações. Assim, a relação com o rádio engendra processos simbólicos que se desenvolvem em correlação com a família e com o sistema de trabalho rural, instâncias inter-relacionadas que funcionam como eixos constituintes da vida rural.

A interação com o rádio também acontece de modo coletivo, sempre na hora do almoço, em volta da mesa. Geralmente esse processo ocorre de modo difuso, entre conversas que se desenvolvem em torno das notícias retransmitidas pelas mulheres ouvintes e de assuntos diversos relacionados à rotina da casa, do trabalho na roça e da vida na comunidade. Entretanto, ainda que a atenção destas pessoas não esteja totalmente dirigida para a escuta radiofônica, as notícias de interesse do grupo não passam despercebidas e, deste modo, integram os circuitos conversacionais, alimentando o diálogo familiar.

É interessante assinalar que embora a interação dos agricultores com os meios de comunicação ocorra fortemente orientada pelas relações de trabalho, também é influenciada pela temporalidade da oferta midiática. Isto significa que se os agricultores consomem mídia nos horários em que retornam do trabalho é devido à oferta de determinados programas, com conteúdos de interesse destes indivíduos, em horários que permitem esse consumo.

A televisão a gente assiste de noite. Então dá pra usufruir o noticiário, para saber das notícias, e assistir a novela, que ajuda a espantar a tensão. [...] Sempre assisto(s) em família. Daí a gente conversa sobre o que vê e percebe que a televisão mostra muita coisa útil, mas também tem muita coisa ruim (N.P. – agricultor, 59 anos).

Assim como na relação com o rádio, na interação com a televisão a lógica dos usos (informação e entretenimento) se articula com apropriações simbólicas direcionadas ao vínculo familiar e a uma economia afetiva ("espantar a tensão").

Por outro viés interpretativo, pode-se afirmar que há nesse consumo uma negociação tácita entre o tempo da vida rural e o tempo da mídia, essencial na constituição das experiências midiáticas dos agricultores. Essa articulação entre oferta e consumo, proporciona

uma “acomodação” do midiático à realidade dos agricultores, aonde cada meio vai ocupando um espaço específico no cotidiano destas pessoas:

À noite, na hora da janta, a gente presta atenção nas notícias da televisão. Sempre gosto de assistir as notícias com a família. Não gosto muito de novelas. Não tenho muito tempo, por isso prefiro os noticiários. Quando estamos jantando assistimos e conversamos sobre assuntos que aparecem na TV (E.S. – agricultor, 49 anos).

Na relação diária com a televisão, observa-se uma audiência bastante diversificada entre os agricultores, incluindo programas jornalísticos, de humor e variedades, mas, de modo geral, a busca por informação e entretenimento – com destaque para os noticiários e as novelas – é a principal motivação na relação com a televisão. A interação com esse meio de comunicação demonstra um sentido mais global do midiático na vida dos agricultores, entretanto, esse processo se faz atravessado por mediações situacionais.

No meio rural, mesmo em locais visivelmente desenvolvidos, relativamente próximos do centro urbano e com oferta de um serviço contínuo de energia elétrica, como as comunidades agrícolas que fazem parte deste estudo, o acesso aos meios de comunicação ainda é dificultado por questões de ordem tecnológica. Devido ao baixo alcance do sinal do satélite para transmissão televisiva, para usar essa tecnologia os agricultores utilizam o auxílio de antena parabólica e, mesmo assim, conseguem acessar apenas a programação nacional: *“Aqui a televisão não pega as emissoras locais, então não sei nada do Rio Grande do Sul pela TV porque a programação é toda de fora”* (C. M. L. – agricultora aposentada, 55 anos).

Essa limitação na oferta televisiva direciona a busca de informações locais para o rádio. As condições situacionais interferem nos usos, com desdobramentos possíveis nos processos de apropriação simbólica da tecnologia. Nessa interação diária com o midiático, o rádio põe os agricultores em contato com uma realidade simbólica “mais próxima”; enquanto a televisão possibilita o acesso a notícias de universos simbólicos mais distantes, além de entretenimento, especialmente as novelas, produtos midiáticos que trazem para dentro de casa novas culturas, modos de vida, padrões de comportamento e realidades distintas que vão permeando o mundo rural.

A audiência televisiva acontece quase sempre com a família reunida, diferentemente do que ocorre na cidade, onde a pluralidade de canais oferecidos por modernas tecnologias – como a TV a cabo – e o número de aparelhos distribuídos nos diversos cômodos das casas tornaram o ato de ver televisão predominantemente individual. A prática coletiva de assistir à televisão ajuda a manter as famílias rurais mais tempo juntas, com reflexos na sociabilidade.

Ao interagir com dispositivos midiáticos, os agricultores “editam” cognitivamente aquilo que vêem e ouvem nas mídias e colocam em circulação em forma de relatos, formando circuitos interacionais que se sustentam pela conversação, grau de relevância do assunto e sentidos gerados nessas interações. Esses relatos transcendem o ambiente familiar e circulam entre os indivíduos na comunidade, em processos de interação verbal tanto via telefone como em encontros presenciais:

Quando sai alguma notícia que interessa pra comunidade, pego o telefone e ligo pros vizinhos pra perguntar se já estão sabendo. Muitas vezes, a gente marca pra se reunir e discutir o assunto (E. S. – agricultor, 49 anos).

O uso do telefone trouxe mais agilidade na comunicação entre os agricultores na comunidade e com o meio urbano. Entretanto, alguns entrevistados consideram que essa mídia afetou a interação presencial, fazendo com que as pessoas se encontrem menos: *“Conversar com as pessoas sem sair de casa facilita a nossa vida, mas antes a gente se visitava e se encontrava mais”* (L.A.F. – aposentada, 70 anos).

Ao mesmo tempo em que possibilita rapidez à informação, substituindo a interação face a face pela interação à distância, o uso do telefone constitui outro dispositivo, que rompe com o princípio da presentificação das interações face a face, resultando em certo esmaecimento nas relações sociais devido à ausência de encontros presenciais.

O interesse por temas e produtos relacionados ao trabalho rural se expressa também na audiência televisiva marcada pelo reconhecimento de uma programação informativa, mas que também forma competências mediante a oferta de conhecimentos. Neste sentido, o Globo Rural, principal produto midiático do gênero informativo rural, é o programa preferido dos agricultores aos finais de semana: *“Gosto do Globo Rural porque tem informações sobre agricultura. As reportagens são bem interessantes e a gente aprende sobre nossa atividade”* (O.L.B. – agricultor, 30 anos).

De modo geral, os agricultores consideram o programa uma importante fonte de informação e conhecimento para quem vive no campo e aliam o sentido prático das informações que esse produto cultural oferece, à audiência:

A gente sempre assiste no domingo porque ensina sobre como cuidar dos parreirais, da alimentação do gado e da produção de queijo. Já utilizamos algumas dessas informações aqui na propriedade e deu certo (A.T.P. – dona de casa, 55 anos).

Observa-se que a televisão integra as pessoas por meio de sua programação diversificada, no ambiente familiar ou no compartilhamento de informações midiáticas, em momentos de interação dos agricultores em outra temporalidade e espaços sociais. Além disso, os agricultores encontram tanto na mídia televisiva como no rádio novas formas de interação com realidades simbólicas produzidas por diversos campos sociais, entre eles o campo religioso:

Levanto às 5h30 da manhã pra rezar o terço pela televisão. Às vezes minhas filhas rezam junto, mas elas preferem a devoção de noite. Mais tarde, a partir das oito horas, ligo o rádio e ouço o programa “Mãe de Deus”, que repassa o evangelho do dia e informa sobre atividades religiosas. Aí ele segue ligado, pra gente ouvir as notícias, até uma hora da tarde (L.A.F. – agricultora aposentada, 70 anos).

De manhã, assisto a missa pela televisão e o programa “Pai Eterno”, com o padre Robson. Gosto também do programa “Diálogo com Deus” com o padre Silvio Andrei, na rádio Canção Nova, e dos programas da Rede Vida, que trazem ensinamentos religiosos, entrevistas e notícias voltadas pra família, que passam no final de semana (A.T.P. – dona de casa, 55 anos).

Observa-se que as apropriações do sagrado também se concretizam nos usos, constituindo a televisão e o rádio como dispositivos multifacéticos. Mesmo sendo uma resposta espontânea, esse tipo de interação com o midiático ocorre demarcada por um elemento do contexto situacional: a religiosidade como traço marcante na cultura dos agricultores, que remete aos antepassados italianos, cujas famílias de agricultores fizeram do credo religioso instrumento de ancoragem pra a sobrevivência em terras estrangeiras. Todavia, não consideramos que haja uma decorrência direta entre mediação situacional e uso da televisão em conformidade com esse lugar simbólico - o religioso. A efetivação desse dispositivo como templo televisivo é uma especificidade do processo de midiaticização.

O rádio e a televisão possibilitam aos agricultores interagir com o sagrado a uma *distância não distante*, ou seja, esses indivíduos conseguem “estar junto” sem necessariamente comparecer ao evento. Deste modo, desenvolvem outro tipo de interação com o sagrado, caracterizado por uma relação de “proximidade”, mas sem a necessidade de presença física, uma nova maneira de estar em *contato* com o Outro pelas telerrelações proporcionadas cotidianamente pelo aparato tecnológico. Assim, a família, como espaço privado, marcado por relações estreitas, se abre para outras relações por meio da experiência midiática. Se antes, para assistir à missa os agricultores precisavam sair de casa e se deslocar até a igreja, hoje é o templo vai até eles, pela via dos dispositivos midiáticos, neste caso, constituídos em torno da televisão e do rádio.

Também se observa que mesmo com a presença marcante das mídias na vida doméstica, onde se misturam às práticas cotidianas dos agricultores, a relação com o midiático não implica uma postura acrítica da audiência. Assim, a maioria dos entrevistados, em suas apropriações, não concorda com a maneira como alguns assuntos são divulgados, especialmente em relação ao formato sensacionalista dos noticiários televisivos na abordagem de temas como política e violência:

A televisão foca muito em questões políticas e exagera em certos casos. Temos que assistir pra ficar informado, mas tem bastante porcaria também [...] De noite meu marido toma o noticiário, mas eu nem gosto de assistir porque tem muita coisa negativa. É só acidente, só tiroteio [...] (L. A. F. – aposentada, 70 anos).

A televisão mostra tudo que é notícia ruim. No Jornal Nacional eles procuram deixar por último alguma notícia mais amena e priorizam os assuntos de violência e outras coisas ruins. O Fantástico então, nem me fale! É a mesma coisa, carrega nas tragédias pra manter a audiência. O que a televisão mostra as pessoas praticam. Sofremos isso aqui quando fomos assaltados há algum tempo (J.P. agricultor, 65 anos).

Os relatos acima mostram que os agricultores relacionam conteúdos televisivos à sua vivência diária, fazendo uma aproximação entre realidade simbólica e a sua própria realidade. Eles também reconhecem a influência da mídia no comportamento social – para o bem ou para o mau – ao mesmo tempo em que mostram uma dependência dos meios tanto pela necessidade de informação como de entretenimento.

Além da evidente preocupação na busca por conteúdos relacionados ao trabalho agrícola, os agricultores entendem o acesso à informação como fator de inclusão social. Estar bem informado provoca um sentimento de pertencimento aos grupos sociais. Assim, o consumo midiático, centrado na busca por informações relacionadas à agricultura e outros temas de interesse, também contribui para ampliar a circulação dos conteúdos informativos, favorecendo a sociabilidade na comunidade e em outros espaços, apropriados como capital cultural:

Quando ocupamos algumas funções na comunidade temos sempre que estar bem informados porque senão ficamos “fora da roda”. Se tu tá informado, tu se relaciona melhor com as pessoas. Então, busco informações que podem servir para inovar na propriedade. Então, essas informações eu gosto de compartilhar com os amigos e vizinhos (E. S. – agricultor, 49 anos).

A gente se reúne com grupos de amigos dentro e fora da comunidade. Nesses encontros também comentamos sobre assuntos veiculados nos meios de comunicação. Mas sempre relacionados ao trabalho no campo, custo de produção, tecnologias, novas variedades de uva, vinho, adubação e outros conteúdos (C. Z. – agricultor, 38 anos).

Percebe-se que os agricultores se preocupam com a sociabilidade e buscam maneiras de compartilhamento de informações e inserção nos grupos sociais. Todos os agricultores entrevistados concordam que as notícias que recebem das mídias têm um papel relevante em suas atividades cotidianas, tanto no aspecto da produção agrícola como nos processos comunicacionais e de interação social. Conforme explicitado nos relatos colhidos, as notícias fornecem informações que permitem ao agricultor se inserir simbolicamente nos acontecimentos do universo agrícola, local e nacional, e agregar conhecimentos que podem ser aplicados de modo prático na atividade e na vida social.

Nesta perspectiva, o interesse maior evidenciado no consumo de mídias entre os agricultores gaúchos está dirigido a informações envolvendo a produção agrícola e a relação desta atividade com o mercado. Paralelamente, os agricultores também buscam informações mais gerais sobre temas como saúde, meio ambiente, violência, política e economia, todos de interesse jornalístico. Essas informações permitem que o agricultor “fique por dentro” do que está acontecendo em termos de agricultura e na sociedade em geral, representando elementos potenciais dos processos comunicacionais, por possibilitarem a interação social.

Por esta via de interpretação, “estar fora da roda” significa "estar fora do circuito comunicacional", ou seja, não dispor de insumos discursivos, constituídos por conteúdos informativos, que possibilitem interagir com o grupo. Por outro lado, “ficar por dentro” é estar no circuito, ou seja, deter informações de interesse para se integrar a conversações e debates nos espaços de vivência e essa interação requisita conhecimento sobre realidades internas e externas ao contexto rural, apreendido na interação com as mídias. Deste modo, a mídia se converte em instrumento de inserção destes indivíduos nos grupos sociais e a circulação das mensagens midiáticas funciona como chave para a interação social.

A relação dos agricultores com os meios de comunicação também envolve o consumo de mídia impressa como prática cotidiana e fonte regular de informação. De modo geral, sempre se associou o baixo índice de presença de mídias impressas no meio rural a questões de ordem estrutural e social relacionadas às dificuldades para circulação deste meio de comunicação nas localidades, causadas pelas condições desfavoráveis de tráfego das estradas e pelas distâncias destas localidades do centro urbano, além da baixa capacidade de leitura dessa população. Entretanto, por estarem próximos da cidade, contam com estradas em boas

condições de acesso, disporem de meios de transportes e apresentarem um perfil escolar⁸ favorável à leitura, os agricultores participantes dessa pesquisa têm uma relação cotidiana também com mídias impressas. Prova disso é que dois terços dos entrevistados recebem em casa pelo menos um jornal de circulação semanal ou diária, estabelecendo um vínculo constante com essa mídia, na busca por informações sobre a atividade agrícola e generalidades:

Recebemos o “Correio do Povo” todos os dias e o “Semanário” duas vezes por semana. Quando termino os afazeres em casa sempre leio os jornais. Fico sabendo de tudo que acontece, mas muita coisa sai também em outros meios [...] Então me concentro mais nas notícias locais e, de preferência, nas novidades que interessam pra gente (A.T.P. – dona de casa, 55 anos).

Leio os jornais Zero Hora e Correio do Povo. Eles são entregues diariamente na minha casa. Procuro saber sobre as notícias locais, sobre esportes e outros assuntos. O Correio do Povo, por exemplo, traz um suplemento (o Correio Rural) com informações de feiras, leilões e outros assuntos do campo. Eu procuro dar uma olhada rápida, sempre que tenho um tempinho (J. P. – agricultor, 65 anos).

Essa forte interação dos agricultores com o jornal impresso contraria as previsões de enfraquecimento dessa mídia na sociedade contemporânea, feitas por pesquisadores do campo da comunicação nos últimos anos, motivadas por fatores como o uso crescente das novas tecnologias da comunicação. Ao mesmo tempo, podemos considerar que o consumo de impresso no meio rural – embora em um contexto diferenciado como a Serra Gaúcha – também constitui indicativo de uma tendência de crescimento da média de circulação diária⁹ de jornais no Brasil, apontada na última pesquisa do Instituto de Verificação de Circulação (IVC, 2012).

É interessante destacar que na relação com o jornal impresso, ao mesmo tempo em que os agricultores utilizam esse meio para entrar em contato com realidades locais também acessam informações mais globalizadas. Nessa interação com o midiático, eles percebem uma espécie de saturação informacional operada pela replicação de notícias nas diversas mídias, característica que confirma uma tendência do jornalismo na sociedade em midiatização, onde

⁸Embora se observe uma variação no nível de escolaridade dos agricultores, vale ressaltar que a maioria dos entrevistados completou o ensino fundamental, o que, em tese, indica que estas pessoas apresentam habilidade para leitura e para o consumo de mídias impressas.

⁹De acordo com dados da pesquisa do Instituto Verificador de Circulação (IVC, 2012), a média de aumento da circulação de jornais no Brasil, acumulada nos últimos três anos, é de 7,6%. Entretanto, apesar de apontar um crescimento de 1,8% na circulação e assinatura desse tipo de mídia impressa, em 2012, a pesquisa considera como fator principal desse aumento a assinatura da edição digital desta mídia. A mesma pesquisa em 2013 registrou uma queda de 1,9% na circulação de jornais impressos no Brasil, em relação a 2012. Disponível em: <<http://www.ivc.org.br/ijeweb/scripts/ijeweb.cgi>>. Acesso: 10 fev. 2014.

a notícia passa a ser divulgada com base em pressupostos como rapidez e instantaneidade, resultando, muitas vezes, na sua reprodução *ipsis litteris*, prática que não passa despercebida pelos agricultores consumidores desse tipo de mídia: “A gente lê o jornal e vê que a maioria das notícias é quase tudo igual. Às vezes penso que nem precisa de jornal porque o que leio já vi tudo no rádio e na televisão” (A.T.P. – dona de casa, 55 anos).

Por outro lado, a percepção dos agricultores em relação a essa repetição das notícias nos meios de comunicação reforça a ideia de entrelaçamento do midiático no cotidiano dos agricultores, evidenciado pelas experiências diárias dessas pessoas com os diversos dispositivos midiáticos. Também se observa uma variação nas práticas cotidianas dos agricultores com o jornal impresso, considerando que essa mídia oferece a vantagem de poder ser consumida a qualquer tempo. Por não ter um horário determinado para a interação com o jornal e sendo a leitura um processo individual, cada agricultor faz seu próprio tempo de uso dessa mídia, mas sempre em relação com o tempo do trabalho, sendo que alguns preferem realizar a leitura após a lida diária, outros nos intervalos do trabalho da roça ou da casa, na sala ou na varanda, enquanto tomam chimarrão. Em certa medida, essa relação com o impresso revela informações já conhecidas, uma vez que, segundo os entrevistados “quase tudo” que vêm nas mídias eletrônicas encontram também na mídia impresso.

Outro aspecto interessante observado na relação dos agricultores com o jornal impresso é o seu consumo também em formato digital, o que indica um trânsito entre mídias massivas e mídias digitais. Assim, entre os agricultores que utilizam internet, a interação com o jornal também acontece por meio da versão online e, neste caso, o consumo desta mídia ocorre de forma mais pontual, geralmente à tardinha ou à noite, como uma das características do consumo de internet:

Eu acesso a internet todos os dias, de noite, pra ver os e-mails e aproveito pra ver algum site de notícias e ou jornal. Gosto também de ver a página do Canal Rural pra saber a previsão do tempo. Também busco informações sobre leilões, máquinas e implementos, novas culturas e sobre manejo de solos, principalmente [...]. A diferença é que pela internet tu acessa(s) mais rápido as notícias (C. Z. – agricultor, 38 anos).

Eu prefiro a versão digital do jornal porque tu não precisa esperar o jornal chegar na tua casa pra ler. A informação tá lá pra quem quiser acessar e na hora que quiser. Além disso, eu posso falar sobre informações que interessam pra gente, com outras pessoas, sem precisar sair de casa e isso facilita a nossa comunicação (E.S. – agricultor, 49 anos).

Como se observa, o uso da internet entre agricultores de Tuiuty e Pinto Bandeira, participantes desta pesquisa, trouxe novas possibilidades de acesso à informação e de interação social. Entretanto, essa tecnologia ainda é pouco utilizada e vista como novidade

pelos agricultores, seja porque estão se iniciando no mundo digital ou porque mesmo dispondo da tecnologia há algum tempo ainda não desenvolveram a habilidade necessária para se apropriar de modo mais efetivo dessa tecnologia. Mais da metade dos entrevistados que utilizam a internet ainda tem dificuldades no seu manuseio:

Tem três meses que colocamos internet em casa. A gente dá uma olhada pra conhecer outras coisas diferentes, mas ainda usa pouco porque conhece pouco. No MSN mexo um pouquinho pra conversar com os amigos. A gente usa pra distrair um pouquinho da rotina da roça e também pra saber das coisas que giram no mundo (O.L.B. – agricultor, 30 anos).

Ainda usamos pouco a internet porque temos que aprender mais e não é uma coisa que se aprenda de um dia pro outro, manipular um computador. E hoje é tudo através disso. A gente usa mais pra falar com os parentes. Temos uma netinha em São Paulo e aí sempre que a saudade aperta vamos pra internet [...] eu só me comunico por e-mail, mas minha mulher já manipula um pouco melhor (J. P. – agricultor, 65 anos).

Os relatos dos agricultores refletem o desafio imposto pela sociedade em midiaticização: a inserção no mundo digital exige o domínio material e cognitivo destas tecnologias. Não basta dispor da tecnologia, é preciso conhecê-la para realizar a sua apropriação. Neste sentido, a alternativa encontrada pelos agricultores para suprir as limitações na relação com a internet e fazer um uso mais efetivo dessa mídia é contar com a ajuda dos filhos que, por serem jovens, normalmente possuem maior habilidade com as tecnologias digitais:

Agora ainda não uso pouco sozinha [...] Tenho amigos que moram em Piracicaba (SP) e converso com eles pelo Skype. Também tenho uma sobrinha que mora na Espanha e, sempre que possível, a gente conversa. Mas é meu filho que acessa pra eu poder usar (C. L. – agricultora, 55 anos).

Outro ponto importante observado na relação dos agricultores com a internet é a incorporação de uma nova modalidade de interação comercial, por meio de compras realizadas tanto para o atendimento de demandas individuais como coletivas. Entretanto, o pouco conhecimento dos agricultores em relação às tecnologias digitais limita o uso e o acesso a determinados recursos oferecidos por essa tecnologia:

Essa parte de compra a gente ainda não domina. Então, quando a gente quer comprar uma máquina ou outro produto consultamo(s) na internet, fazemos através de amigos que conhecem melhor como usar (O.L.B. – agricultor, 30 anos).

Neste aspecto, percebe-se que além do interesse por conteúdos e produtos relacionados à atividade agrícola, a relação com a internet se desenvolve mediada tanto por familiares

como por outras pessoas próximas com maior domínio da tecnologia. No âmbito comunitário, os agricultores procuram amenizar essa limitação de uso por meio das relações de proximidade e senso de coletividade. Assim, os agricultores com maior familiaridade com os dispositivos digitais buscam opções de negócio em sites de empresas especializadas e compartilham as informações com outros agricultores via internet:

Quando acho [encontro] alguma coisa importante mando por e-mail pros amigos ou posto no Facebook ou mesmo telefone pra dizer. [...] Pra mim a internet se tornou uma ferramenta importante porque além de trazer a informação permite outras formas de negócio (C. Z. – agricultor, 38 anos).

Também se observa que esse compartilhamento não se realiza somente nas plataformas digitais. As informações circulam na comunidade também de forma oral, por meio de conversas telefônicas, chegando, inclusive, àqueles que não utilizam internet e, muitas vezes, essa circulação resulta na prática de compras coletivas. Os agricultores passaram a adquirir, de forma coletiva, uma diversidade de produtos pela internet, relacionados ao trabalho agrícola e a outras necessidades e por meio dessa modalidade de compra, geralmente conseguem preços mais acessíveis:

Hoje compro muitas coisas pela internet porque a comunicação é mais rápida. Se encontro um produto que me serve eu compro [...]. Se quero uma máquina, entro lá e pesquiso. Por exemplo, entrei em contato uma empresa e disse que queria um modelo de pulverizador eletrônico de mil litros. Então, eles vieram aqui na minha propriedade pra fazer um teste com o produto. Informei os vizinhos e muitos vieram pra ver como o equipamento funcionar. Hoje, aqui na região, existe entre 50 a 60 pulverizadores deste tipo, como resultado de uma ideia que foi compartilhada (E. S. – agricultor, 49 anos).

Conforme evidencia a fala acima, essa circulação de informações vem se refletindo positivamente tanto na interação social dos agricultores quanto em melhorias no sistema de trabalho agrícola e em termos econômicos.

4.3 Experiências midiáticas entre extrativistas no Acre

Para conhecer a relação de indivíduos rurais extrativistas com os meios de comunicação entrevistamos moradores de três comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes (Resex): seringal Floresta, no município de Xapuri, e seringais Porvir e Filipinas, ambos no município de Brasileia, no Acre e observamos as suas práticas e rotinas com dispositivos midiáticos.

A Reserva Extrativista Chico Mendes é uma Unidade de Conservação Federal, criada em 1990, pelo Decreto n.º 99.144, como resultado do movimento seringueiro para manter a floresta em pé, iniciado na década de 1980, e como alternativa para minimizar os conflitos pela posse da terra no Acre. Localizada no Sudeste do Estado, abrange os municípios de Rio Branco, Capixaba, Assis Brasil, Brasiléia, Epitaciolândia, Xapuri e Sena Madureira, ocupando uma área aproximada de 970.570 hectares, onde moram cerca de 2.000 famílias (DIAGNÓSTICO RESEX, 2010, p. 30). Esse contingente é formado por pequenos agricultores, pescadores, castanheiros e seringueiros distribuídos em mais de 60 seringais, em regime de concessão de uso da terra.

As áreas de conservação federais têm como característica principal o aproveitamento dos recursos florestais, baseado em um sistema de exploração da produção inteiramente manual e no uso exclusivo da mão de obra familiar nas atividades produtivas. Sendo a força de trabalho essencialmente familiar, o desempenho da produção depende do número de componentes das famílias. No Acre, as áreas extrativistas são consideradas importantes polos de produção de castanha-do-brasil e látex de seringueira (borracha) e fonte de trabalho e renda para milhares de famílias rurais.

Com uma área de aproximadamente 164 mil km², o estado do Acre conta com 88% de cobertura florestal e apresenta densidade demográfica de 4,47 hab/km² (ACRE, 2012). Segundo o IBGE (2012), 27,4% da população acriana, que é de 733.559 habitantes, residem na área rural, dividindo-se em diversas atividades produtivas com base no uso da terra e da floresta. Somente o extrativismo da castanha envolve cerca de cinco mil famílias na coleta e comercialização do produto (ACRE, 2012). Assim, é notória a importância social e econômica da floresta para a população rural acriana.

A produção florestal extrativista não madeireira, no Acre, ocorre em larga escala desde meados do século XIX, ou seja, com o processo de migração nordestina para trabalhar na extração do látex de seringais nativos da Amazônia, que se iniciou com o *primero ciclo da borracha* e se intensificou com a expansão da economia gumífera, no início do século XX, como parte da política de ocupação da região. Entretanto, vale pontuar que as populações indígenas que habitavam a floresta já lidavam com o extrativismo desde muito antes, mas em escala menor. A partir da década de 1970, o engajamento dos seringueiros em movimentos sociais foi decisivo para manter a floresta como fonte de trabalho e renda, mas também para a construção de uma nova visão sobre o uso dos recursos florestais e sobre a importância das áreas extrativistas para a sobrevivência das famílias rurais acrianas. Na Resex Chico Mendes,

a castanha e a borracha são as atividades extrativistas não madeireiras de maior volume de produção e geração de renda.

O estado do Acre é o segundo maior produtor de castanha do país, de acordo com o Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) do estado (ACRE, 2006), com um volume de 5.662 toneladas/ano, mas, esse volume de produção vem crescendo e, em 2011, foram comercializadas 11 mil toneladas do produto (ACRE, 2012). O extrativismo da castanha ocorre principalmente nas regionais¹⁰ do Purus, Baixo Acre e Alto Acre, sendo que nesta última região estão localizados os municípios de Xapuri e Brasileia, que abrigam as comunidades rurais que compõem o recorte espacial desta pesquisa. Juntos, estes dois municípios respondem por 90% da produção de castanha e 78% da produção de borracha da Resex Chico Mendes (DIAGNÓSTICO RESEX, 2010, p. 47).

Embora nas comunidades pesquisadas existam outros produtos comerciais, como o açaí (planta nativa da região), o corpus desta pesquisa está composto por extrativistas que realizam a coleta de castanha-do-brasil e/ou a extração do látex de seringueira como principais fontes de trabalho e renda. Entretanto, como forma de diversificar a pesquisa, também participam extrativistas aposentados, embora a maioria das pessoas nesta condição permaneça na atividade extrativista como forma de garantir a renda familiar, conforme demonstra o Gráfico 2 (pág. 192).

A maioria dos entrevistados realiza o trabalho extrativista em períodos alternados do ano, sempre em relação com a estação das chuvas e com a época da estiagem. Assim, a coleta da castanha ocorre entre dezembro e março, período em que mais chove na região e quando os ouriços com as amêndoas maduras caem das árvores; já o corte¹¹ da seringueira e extração do látex é realizado nos meses de julho a outubro, durante o verão amazônico¹², época em que as estradas de seringa estão secas. Esse caráter sazonal do extrativismo da castanha e do látex de seringueira faz com que a exploração comercial destes produtos funcione de maneira complementar na composição da renda familiar. Outro aspecto relevante da atividade é que a produção alternada gera lacunas na ocupação dos extrativistas, que influenciam fortemente a

¹⁰Na atual divisão geopolítica do Acre, os 22 municípios que compõem o estado estão distribuídos em cinco regionais: Alto Acre, Baixo Acre, Purus, Tarauacá/Envira e Juruá. (ACRE, 2012).

¹¹Corte ou sangria é uma incisão realizada na árvore (seringueira), em sentido transversal, com um utensílio específico conhecido por "faca de seringa", por onde escorre o látex. Na parte inferior do corte é afixada uma tigela ou caneca (de alumínio ou plástico) para receber o produto, que é recolhido pelo extrativista após três ou quatro horas do momento da sangria.

¹²O processo de extração do látex a céu aberto dificulta a atividade em períodos chuvosos, devido ao risco do produto se misturar com a água da chuva, o que acarretaria perdas na produção. Além disso, muitas estradas de seringa ficam alagadas durante o inverno, impossibilitando o trabalho.

renda das famílias. Assim, nas pausas entre uma atividade e outra os extrativistas se dedicam, de forma mais efetiva, à criação de pequenos animais e a uma agricultura de subsistência baseada no cultivo de mandioca, arroz, feijão, banana e milho, atividades que além de garantir alimentos para o consumo, permitem a venda de algum excedente.

Também se observou, entre os entrevistados, a criação de gado em pequena escala, como uma tendência para garantir renda mais imediata, portanto, vista como uma espécie de reserva financeira ou, como dizem os próprios extrativistas, “uma poupança de quatro patas” para atendimento de necessidades mais urgentes que não podem esperar pelos recursos gerados com a venda da produção extrativista, já que nem sempre o pagamento é imediato.

Nesses intervalos da produção os extrativistas também dispõem de mais tempo para a prática da caça e da pesca não predatórias¹³, como alternativa para complementar a dieta alimentar com a chamada “mistura”¹⁴. Contudo, embora esse hábito ainda seja comum entre os extrativistas e nas comunidades ainda se produza diversos alimentos, observa-se que, cada vez mais, as famílias estão incorporando à dieta tradicional produtos da cultura alimentar urbana, especialmente alimentos industrializados, inserindo-se em um mercado consumidor mais global. Também é comum, durante os intervalos entre a coleta da castanha e a extração do látex de seringueira, a prestação de serviços entre os extrativistas, que trabalham como diaristas em outras *colocações*.

Estas observações indicam que o modo de vida nas comunidades extrativistas pesquisadas ainda se guia fortemente por uma matriz cultural local, porém, já se percebe certa hibridação entre práticas tradicionais do ambiente rural e práticas tipicamente urbanas. Essa aproximação entre as fronteiras destes dois mundos confere ao modo de vida extrativista aspectos de uma cultura mais globalizada, embora ainda se guie predominantemente por lógicas locais.

Participaram desta pesquisa 35 moradores da Resex Chico Mendes, sendo 21 homens e 14 mulheres, com idade acima de 30 anos. Nas entrevistas, a participação feminina foi

¹³Nas Reservas extrativistas as atividades de caça e pesca são realizadas dentro dos critérios ambientais de uso dos recursos naturais previstos no Plano de Utilização das *colocações*, documento elaborado pelo Ibama/ICMBio, em conjunto com os moradores da Resex, que orienta sobre as atividades a serem realizadas nas colocações – uso das estradas de seringa, dos roçados, da caça e pesca e da extração de sementes e madeiras entre outras ações. Sem pretender adentrar nos aspectos relacionados às dificuldades operacionais deste documento, seu principal objetivo é, entre outros fatores, permitir o sustento e renda para as famílias e, ao mesmo tempo, possibilitar a preservação, recuperação e manutenção dos recursos naturais nas áreas extrativistas, logo, possibilitar uma relação mais harmoniosa do homem com a natureza. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-conservacao/resex_chico_mendes.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2013.

¹⁴Expressão herdada dos antepassados nordestinos, usada pelos extrativistas para referir-se aos alimentos consumidos junto (misturado) com arroz, feijão, batata e farinha (normalmente carnes de boi, de animais silvestres, peixes, ovos) e outros produtos que compõem a sua alimentação.

mediada por uma série de fatores, mas principalmente, pela cultura patriarcal ainda presente entre as famílias extrativistas, onde o homem é detentor do poder de voz na casa, na comunidade e em outros espaços. Assim, muitas mulheres, na ausência do marido, mesmo no ambiente privado da casa, preferiam não falar ou, na presença deste, lhes transferiam o direito de fala, resultando em maior número participação dos homens na pesquisa.

Com base nas observações empíricas realizadas nas comunidades pode-se afirmar que o sistema de trabalho extrativista, com práticas herdadas de antigas gerações, permanece praticamente inalterado. Tanto o corte (sangria) da seringueira, para extração do látex, como a coleta e quebra da castanha na floresta, continuam como atividades rudimentares, realizadas de forma essencialmente manual e exigindo grande esforço físico. Nos últimos anos, porém, algumas famílias incorporaram procedimentos de boas práticas de manejo da castanha, para melhoria da qualidade do produto, como resultado de capacitações oferecidas pela Embrapa e Secretaria Estadual de Assistência Técnica e Produção Florestal (Seaprof), entre outras instituições governamentais envolvidas com a pesquisa e apoio às atividades agroflorestais no Acre. Outra constatação é que essas capacitações são ferramentas fundamentais no processo produtivo sustentável das comunidades porque proporcionam conhecimentos técnicos e novas inserções culturais. Além disso, a implantação de indústrias de beneficiamento de castanha na região, a organização das atividades comerciais em cooperativas e a abertura de novos mercados também são fatores que têm contribuído para uma melhor organização da cadeia produtiva da castanha e para a valorização do produto no estado.

A produção de castanha nas comunidades é comercializada, em grande parte, com a Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre (Cooperacre), mas também é comum a presença de intermediários que compram o produto diretamente nas colocações, a preços menores que os praticados no mercado local, e revendem a preços mais elevados. O escoamento da produção é feito em caminhões da própria cooperativa ou por meio de freteiros que cobram entre 300e 500 reais no transporte do produto entre a colocação e a cidade. Devido à demora no pagamento da produção pela cooperativa e ao alto custo do transporte do produto para venda a outro comprador na cidade e, principalmente, diante da necessidade de atender a demandas urgentes, muitos extrativistas preferem vender parte da produção para atravessadores para obter pagamento imediato. Isto indica que o processo de comercialização deste produto, em parte, ainda se estabelece por relações socioeconômicas desiguais.

Na atividade de extração e comercialização do látex observa-se uma relação mais definida com o mercado, que tem se construído muito pela criação e implantação de uma política de subsídios à produção, pelo governo. A produção é toda direcionada para uma

fábrica de preservativo masculino (a única do Estado), com sede no município de Xapuri. O produto é armazenado pelos extrativistas em bombonas de plástico, recolhidas pela empresa, nas *colocações*, a cada quinze dias.

Todos os entrevistados estão organizados em associações concessionárias representativas – que atuam na organização social, por meio de núcleos de base constituídos nas diversas comunidades (seringais) e de suas sedes no município de jurisdição – e vinculados ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, sediado em Xapuri. Entretanto, com base nos relatos dos extrativistas, observa-se um enfraquecimento da imagem e da atuação dessas instituições nas comunidades, fator que demonstra a existência de grandes dificuldades na gestão organizacional e revela a necessidade de melhorias no processo de organização comunitária.

A renda média mensal familiar declarada pelos entrevistados varia de trezentos reais a dois salários mínimos, como evidencia o Gráfico 3 (pág. 193). Esse valor refere-se à renda anual da produção extrativista, dividida por doze meses. Entretanto, também se observou uma forte presença de programas sociais nas comunidades (Bolsa Família, Bolsa escola, Bolsa Verde), onde todos os entrevistados são beneficiários de, pelo menos, uma dessas iniciativas. Vale mencionar que estes programas, entendidos pelos extrativistas como benefícios – institucionalizados como parte da atual política compensatória do Governo Federal – junto com as aposentadorias, ajudam na composição da renda familiar e, guardadas as devidas proporções, contribuem para a melhoria da qualidade de vida das famílias.

Na era da informação, a sociedade se organiza para o consumo de bens globais. Nas comunidades rurais não é diferente e mesmo as famílias que vivem em áreas mais afastadas conseguem inserir-se no mercado de consumo globalizado, trazendo para o interior de suas casas aparelhos e eletrodomésticos que há pouco tempo só eram usados na cidade. De acordo com depoimentos dos extrativistas, observa-se que o poder de compra de bens de consumo individuais ou coletivos, entre as famílias, vem sendo impulsionado por distintos fatores como o processo de organização comercial da produção extrativista, a valorização da castanha-do-brasil como produto comercial em mercados locais e externos, a política de subsídios do governo estadual para a produção de látex de seringueira, em vigor desde 1999, além do acesso a linhas de crédito rural e, em última análise, os programas sociais.

A melhoria nos preços dos produtos extrativistas, aliada aos benefícios sociais, proporcionou mais renda para boa parte das famílias e o acesso a bens de consumo como fogão a gás, geladeira, aparelhos de som e meios de comunicação, além de outros bens duráveis como equipamentos para acesso a fontes alternativas de energia elétrica (placa solar

e motor gerador) e motocicletas. O consumo destes bens refletiu nas práticas cotidianas dos extrativistas, sobretudo nas relações sociais, seja por permitir sanar demandas cotidianas sem sair de casa, pelo o uso do telefone, seja por aumentar o fluxo entre as comunidades e o contexto urbano, pela inserção de outro meio de transporte ou, ainda, por congregar a família em reuniões diárias para a audiência televisiva.

Quase metade dos entrevistados possui transporte próprio (motocicleta), veículo bastante comum em localidades amazônicas onde o acesso ainda se dá por estradas de barro. Existe também um serviço de lotação, que funciona semanalmente ou a cada quinze dias (dependendo das condições das estradas), transportando moradores, mercadorias e produtos das comunidades para a cidade e vice-versa. O custo deste transporte, por pessoa, varia entre 10 e 30 (de acordo com a distância da localidade) e o preço por volume transportado, independente do local, custa 10 reais. Entretanto, no inverno, muitos extrativistas, moradores das *colocações* mais distantes, ficam sem nenhum meio de transporte para acesso à cidade, em virtude da interrupção do tráfego das estradas.

As famílias extrativistas são, em maioria, descendentes de nordestinos que migraram para a Amazônia durante o *Segundo Ciclo da Borracha*, nas primeiras décadas do século passado. Assim, eles nasceram e cresceram nos seringais acrianos e muitos participaram ativamente do processo de luta e dos conflitos pela posse da terra, especialmente nos municípios de Xapuri e Brasileia, e da fase de transformação dos antigos seringais em Reserva Extrativista, na década de 1980. Essas pessoas sempre mantiveram uma intensa relação com a floresta e se constituem como protagonistas da história destes territórios, portanto, são profundos conhecedores da dura realidade de uma época em que não existia nenhum tipo de estrada e de energia elétrica, nem meios de comunicação nestas localidades.

Essa fase de completo isolamento dos seringais também foi marcada pela ausência de escolas nas comunidades, fator que ainda hoje se apresenta como resíduo histórico em muitas *colocações* distantes, e se reflete no nível de escolaridade dessa população, conforme demonstra o Gráfico 1 da pesquisa (pág. 192). Mais da metade dos extrativistas entrevistados estudou apenas até o terceiro ano do ensino fundamental, quatro concluíram o ensino fundamental, dois completaram o ensino médio e sete nunca frequentaram a escola. Neste aspecto, também se observa que, apesar da existência de escolas nas comunidades, muitas crianças ainda convivem com as dificuldades para acesso a estes ambientes não somente pela distância, mas principalmente pela carência de transporte e pelas condições precárias de trafegabilidade dos ramais na época das chuvas.

As famílias dos entrevistados são compostas, em média, por cinco pessoas e, na quase totalidade, os filhos mais velhos estudam ou moram na cidade, resultando uma população predominante de pessoas com idade acima de 40 anos. Dos 35 entrevistados, 23 pertencem a essa faixa etária. Além disso, observa-se uma tendência de redução do número de componentes das famílias. Na década de 1890 (DIAGNÓSTICO RESEX, 2010) a média era de sete filhos por casal e era comum encontrar famílias com um número superior a dez filhos. As famílias extrativistas reduziram de tamanho e, neste sentido, considera-se que a abertura de estradas e a presença dos meios de comunicação favoreceram o acesso a informações sobre controle da natalidade e a métodos contraceptivos.

Além de um menor número de filhos, também se observa pouca presença de jovens nas famílias rurais extrativistas. Foi comum a queixa entre os entrevistados em relação à falta de alternativas de trabalho e de melhores condições de vida para manter os jovens no campo. Segundo mapeamento realizado pelo ICMBio (DIAGNÓSTICO RESEX, 2010), a estrutura populacional nas *colocações* vem se modificando, nos últimos anos, com uma diminuição do número de jovens causada tanto pela redução da taxa de natalidade como pela migração para o centro urbano. Este processo de mudança, motivado pela busca de estudo ou de uma vida melhor na cidade, reflete diretamente no processo de produção extrativista, já que este sistema tem como característica a mão de obra familiar e quanto mais pessoas envolvidas na atividade maior a capacidade de trabalho e de geração de renda das famílias.

Em relação ao sistema de moradia observa-se uma evolução no modelo das casas nas comunidades extrativistas. Todos os entrevistados moram em casas de madeira, cobertas com telhas, construídas com recursos do Programa Nacional de Habitação Rural (Crédito Habitação). A partir de 1990, sob a coordenação do Incra e interveniência das associações concessionárias das áreas da Resex, esse programa possibilitou a substituição de antigas construções em ripas de paxiúba e palhas de diferentes palmeiras (geralmente com apenas um ou dois cômodos) por casas mais amplas, com melhores condições de habitação, todas construídas em um padrão estrutural que inclui sala, quartos, cozinha e área lateral ou frontal, mostrada na Foto 4, a seguir.

Foto 4 – Modelo padrão de casa nas comunidades extrativistas pesquisadas (detalhe para a antena parabólica)



Registro realizado em julho de 2013, pela autora da pesquisa

A partir da segunda etapa do Crédito Habitação em diante, os recursos repassados aos extrativistas para as construções passaram a incluir também um valor para aquisição de mobiliários e objetos de uso domésticos como balcões, pias, torneiras e caixas d'água. A atual etapa do programa contempla a construção de casas de madeira com banheiro em alvenaria, mas, nas comunidades pesquisadas ainda são poucas as moradias com este formato.

Nas comunidades extrativistas foram observadas distintas situações em relação ao acesso a fontes de energia elétrica, as quais estão demonstradas no Gráfico 7 desta pesquisa (pág. 195). Assim, entre os entrevistados apenas oito extrativistas utilizam o serviço convencional de eletricidade, oferecido por meio do programa Luz Para Todos¹⁵, 15 (quinze) usam fontes alternativas de energia (placa solar e motor a diesel) e 12 (doze) não dispõem de nenhuma forma de energia elétrica, sendo a iluminação noturna da casa feita por lamparinas ou lampiões, artefatos que funcionam à base de querosene e fornecem luz artificial.

¹⁵Das três comunidades participantes desta pesquisa somente o seringal Floresta, no município de Xapuri, conta com energia do Programa Luz Para Todos. A iniciativa do Governo Federal chegou a essa comunidade há sete anos e toda a rede elétrica disponibilizada alcança uma extensão de 30 quilômetros, conforme já mencionado. A ampliação destes serviços, prevista em antigos projetos, esbarra em uma série de limitações, principalmente, na questão ambiental. Nos seringais Porvir e Filipinas (comunidades localizadas no município de Brasileia) não se constatou a presença do programa, sendo que todos os entrevistados utilizam fontes alternativas de energia elétrica (placa solar ou motor gerador a diesel) ou permanecem sem acesso a sistemas de energia elétrica.

Também observamos um forte vínculo das comunidades pesquisadas com instituições governamentais, especialmente órgãos federais e estaduais ligados ao controle ambiental e ao desenvolvimento de pesquisas agropecuárias e florestais, assistência técnica e capacitação rural. Além disso, pelo próprio caráter conservacionista da Resex, também é comum nas comunidades a presença de organizações não governamentais envolvidas com a preservação e conservação ambiental.

No aspecto religioso observou-se a presença de diferentes credos e igrejas nas comunidades, mas entre os entrevistados predomina o catolicismo. Os encontros religiosos acontecem a cada quinze dias nas comunidades, mas alguns extrativistas participam de atividades religiosas, semanalmente, na cidade. Deste modo, as práticas religiosas possibilitam a interação social dos extrativistas tanto no contexto das comunidades como fora deste espaço, por meio dos encontros em templos urbanos.

Os dados sobre ao aspecto comunicacional e a relação com os meios de comunicação nas comunidades extrativistas pesquisadas mostraram uma realidade conformada à presença de mídias tradicionais (rádio, televisão e telefone celular) e uma diversidade de situações de usos e apropriações destes dispositivos midiáticos. O rádio é utilizado por todos os extrativistas e a televisão, com uma inserção menor, está entre 21 dos 35 entrevistados. Já em relação ao telefone celular, somente nove entrevistados possuem esse dispositivo em casa e fazem uso de forma efetiva, conforme demonstra o Gráfico 4 (pág. 193).

Uma análise mais específica da disponibilidade destes meios de comunicação nas comunidades revelou que para 14 (quatorze) extrativistas o rádio é o único meio de comunicação e informação utilizado; 21 (vinte e um) utilizam o rádio e também a televisão; nove usam o rádio, a televisão e o telefone celular no contexto doméstico; e três utilizam o rádio e o telefone celular (em casa). Embora se observe uma pequena participação do telefone celular, em termos de disponibilidade nas casas dos extrativistas, este dispositivo apresenta um uso bem mais amplo, considerando a sua utilização em distintas situações nas comunidades e no meio urbano, que serão apresentadas mais adiante.

As emissoras mais ouvidas na escuta radiofônica são a Difusora Acriana, Rádio Nacional, Eco Acre e Educadora Seis de Agosto, mas observa-se uma preferência para as duas primeiras. Na audiência televisiva a emissora mais assistida é a Rede Globo, citada por todos os entrevistados. Entretanto, os extrativistas que utilizam energia do sistema convencional (Programa Luz Para Todos) citaram também o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e a Rede Record, o que indica que, uma oferta mais ampla de energia elétrica amplia também as possibilidades de oferta da programação televisiva.

Na escuta do rádio, a preferência dos extrativistas é por conteúdos noticiosos, programas religiosos e musicais. Na audiência da televisão predomina a busca por noticiários e programas de entretenimento, principalmente as telenovelas, como demonstra o Gráfico 6 (pág. 194). Assim, na programação radiofônica se informam sobre acontecimentos locais, enquanto na televisiva acessam notícias e culturas mais globais, todavia, a relação com estes dispositivos converge sempre para a busca de informação e entretenimento.

Na relação com o telefone celular foram identificadas diversas situações de uso (e também de não uso), como se observa no Gráfico 5 (pág. 194). Um pequeno número de entrevistados, como já mencionado, possui esse dispositivo midiático em casa com a estrutura necessária para acesso e uso efetivo da tecnologia no ambiente doméstico. Entretanto, há também aqueles que, apesar de contar com aparelhos telefônicos em casa, não conseguem utilizar a tecnologia em virtude de ausência do sinal de telefonia. Deste modo, onze extrativistas dispõem de telefone celular, mas utilizam o dispositivo somente quando estão na cidade ou em pontos estratégicos de acesso ao sinal. Nesta segunda situação, para uso da tecnologia eles se deslocam a locais específicos da *colocação*, que permitem captar o sinal de transmissão, muitas vezes bem distantes da casa.

Observa-se, por modos diversificados de uso, que em contextos periféricos – como as comunidades extrativistas estudadas – a principal limitação no acesso às tecnologias da comunicação não diz respeito às condições econômicas dos indivíduos, mas à questão estrutural. Deste modo, não basta ter a posse material da tecnologia, é necessário também dispor de condições estruturais que possibilitem o seu uso e apropriação e, neste caso, o que se observa é que o serviço de telefonia não alcança a maioria das *colocações*, principalmente as que estão localizadas no interior da floresta. Neste contexto, as deficiências estruturais não limitam apenas o uso do telefone celular, mas constituem impedimento para o acesso à internet, principalmente nas comunidades mais distantes do centro urbano, onde faltam estradas trafegáveis e o serviço de energia elétrica não chega.

Tomando como referência uma pesquisa realizada em comunidades da Reserva Extrativista Chico Mendes, no município de Xapuri (PINHEIRO, 1999), que revelou o rádio como único meio de comunicação utilizado pelos extrativistas, naquele momento, comparando com as observações e dados colhidos nas entrevistas realizadas nesta pesquisa pode-se dizer que em 15 anos a realidade comunicacional nestas localidades pouco avançou. Apesar da presença da televisão e do telefone celular entre os extrativistas, constatada nesta investigação, a interação com essas mídias é marcada por inúmeras dificuldades de acesso e

uso (que veremos mais adiante), sem mencionar a total ausência de mídias impressas e digitais nas comunidades.

A relação dos extrativistas com os meios de comunicação mostrou-se bastante diversa devido a diversos fatores, mas principalmente pelas dificuldades no acesso ao sistema de energia elétrica nas *colocações* e devido a particularidades do contexto geográfico. As comunidades estudadas estão separadas por grandes distâncias do centro urbano e algumas *colocações* distam mais de 100 quilômetros. Limitada a 30 quilômetros de extensão, pela estrada principal que dá acesso a estes locais, a rede de eletrificação rural do programa Luz Para Todos beneficia apenas as colocações circunscritas a esta faixa, excluindo um grande número de famílias extrativistas que moram em áreas mais afastadas.

Considerando a vastidão territorial dos seringais e o grande número de famílias que habitam as *colocações*, este programa ainda está longe de contemplar a totalidade da população extrativista das comunidades pesquisadas. Além disso, o funcionamento deste serviço apresenta oscilações constantes, especialmente no inverno, quando o fornecimento de energia elétrica é frequentemente interrompido em virtude das fortes chuvas e da queda de galhos de árvores sobre a fiação. Em razão das péssimas condições de trafegabilidade das estradas no período das chuvas, que impedem o acesso de veículos para manutenção do sistema, as interrupções no serviço de energia, nesta época do ano, já chegaram a durar até 20 dias consecutivos.

Diante da insuficiência e precariedade do serviço convencional de energia elétrica, muitas famílias lançam mão de fontes alternativas para dispor deste bem. Embrenhadas no meio da floresta, as casas dos extrativistas ficam a dezenas de quilômetros de distância da rede de energia. O meio encontrado por essas pessoas para lidar com a carência do sistema convencional é o uso de placa solar ou motor gerador movido a diesel. Entretanto, esses sistemas alternativos também se mostram insuficientes para uma oferta ampla de energia que permita o uso contínuo de aparelhos, luminárias e eletrodomésticos, inclusive dos meios de comunicação. Isto ocorre porque, por um lado o sistema de placa solar utilizado pelos extrativistas – em sua maioria já com avançado tempo de uso – funciona com baixa capacidade de captação de energia devido à falta de manutenção (serviços que, de acordo com os entrevistados, deveriam ser realizados periodicamente e custam caro) e ao desgaste natural causado pela exposição a intempéries; por outro lado, o funcionamento do motor gerador implica gastos diários com combustível, o que encarece e restringe o uso deste mecanismo. Para manter uma tomada funcionando por duas horas é necessário um litro de óleo diesel, que atualmente custa R\$ 3,30 (três reais e trinta centavos/litro) nos mercados mais próximos

(Xapuri ou Brasileia). Considerando esse gasto, esse consumo diário corresponde a um gasto aproximado de cem reais por mês.

Seja em virtude das condições precárias de funcionamento ou devido ao alto custo de manutenção destes sistemas, os extrativistas convivem com uma cota diária de energia elétrica limitada ao tempo de duas horas, limitação que impõe determinados modos de consumo e um controle estratégico para se administrar o uso desse bem. Nesse processo concorrem distintas demandas domésticas, desde a necessidade de iluminação dos espaços da casa, o uso da geladeira, da televisão, do rádio (em substituição às baterias/pilhas), do liquidificador, do telefone celular e outros eletrodomésticos que poderiam agregar conforto à vida do indivíduo rural. Assim, a energia gerada é economizada e administrada como um bem capital destinado ao “melhor empreendimento” da família. Então, essa poupança tecnológica é convertida em via de acesso à televisão, cuja audiência é limitada ao tempo de duas horas. Mas, o que faz com que essas pessoas, diante de tantas demandas concorrentes, canalizem toda a energia de que dispõem para uma audiência televisiva condicionada por um tempo definido?

Além das restrições do sistema de energia elétrica, que dificultam o acesso à televisão e condicionam a interação com esse dispositivo, os extrativistas também convivem com uma oferta televisiva limitada. As distâncias e a densidade florestal nestas localidades dificultam a captação do sinal de satélite responsável pela transmissão de imagens e, nestas condições, assistir à televisão só é possível por meio de antena parabólica. Esses fatores restringem o acesso a esse dispositivo midiático e fazem do rádio o principal meio de informação nas comunidades extrativistas.

De modo geral, os extrativistas reconhecem os meios de comunicação como importantes instrumentos de integração nas comunidades e com o contexto urbano. Convém destacar que o tipo de sistema de energia elétrica utilizado influencia tanto o acesso à televisão como as preferências em relação às emissoras e aos conteúdos televisivos, assim como as dinâmicas de uso da audiência. Para a maioria das famílias que se utiliza de placa solar ou gerador a diesel, a única emissora acessível é a Rede Globo, devido à distância das *colocações* – geralmente localizadas mais no interior da floresta, onde as dificuldades de acesso aumentam com a distância.

O tempo da audiência televisão diária, a partir das respostas obtidas nas entrevistas, varia de duas a três horas, mas entre os extrativistas que utilizam a placa solar e o motor a diesel esse tempo é de duas horas, destinado exclusivamente à audiência do Jornal Nacional, de segunda a sexta-feira e à novela das nove. Mesmo entre os extrativistas usuários do sistema convencional de energia elétrica, a audiência ocorre predominantemente após retorno do

trabalho, no horário entre sete e dez da noite. Esse tempo de consumo da televisão também está relacionado ao sistema produtivo, na medida em que o trabalho exaustivo na floresta ou nos roçados faz com que à noite os extrativistas, já cansados, limitem o tempo de interação com a televisão. Além disso, no meio rural ainda é comum o hábito de deitar e acordar cedo para a lida.

Outro fator a ser destacado em relação ao uso da televisão nas comunidades estudadas é a predominância do uso de aparelhos em preto e branco entre os extrativistas que utilizam a placa solar e o motor gerador como fontes alternativas de eletricidade. Sem pretender entrar no mérito técnico da questão, o que se observou é que os aparelhos de televisão em cores não funcionam com este tipo de energia, ou seja, esses sistemas se mostram insuficientes para o uso desse tipo de tecnologia.

Na sequência deste texto, descrevemos e analisamos as experiências dos extrativistas com os meios de comunicação, com base nos dados coletados nas entrevistas e nas observações realizadas, buscando evidenciar as práticas cotidianas com as mídias, os modos de apropriação e circulação da informação midiática e de que maneira essa a relação com os dispositivos midiáticos interfere na comunicação dessas pessoas, dentro e fora das comunidades. São apresentadas não só reflexões sobre a maneira como estas pessoas articulam seus processos comunicacionais à oferta midiática, mas também sobre as interações sociais que resultam dessa articulação.

4.3.1 Análise dos usos e apropriações de dispositivos midiáticos

De modos distintos e com diferentes níveis de intensidade os meios de comunicação participam do cotidiano dos extrativistas. Todos os entrevistados têm o rádio como parte integrante de suas vidas e a maioria guarda a lembrança dessa mídia como único meio de comunicação na época anterior à formação da Resex Extrativista Chico Mendes. Passadas mais de duas décadas desde a criação da Resex, o rádio continua como a principal fonte de informação nas comunidades extrativistas que participam desta pesquisa. De certa forma, as mídias estão relacionadas à história, identidade e modo de vida dos extrativistas e o aumento da presença dos meios massivos nestes espaços representa mudanças não apenas na comunicação, mas também em outros aspectos do cotidiano rural:

Quando eu cheguei aqui, há 18 anos, não tinha ramal. Então, pra levar a produção pra cidade, era no lombo de cavalo e demorava cinco horas pra chegar. Naquela época a gente tinha o rádio. Hoje, continua o rádio, mas as condições são bem melhor do que

antigamente. A gente já tem outros meios pra se comunicar e a produção, se eu não quiser levar pra cidade, posso vender na porta de casa (S.S.B. – Extrativista, 59 anos).

No relato do extrativista há dois movimentos paralelos e interligados. Um diz respeito à transformação das condições socioantropológicas na esfera do trabalho e distribuição de seus resultados, o outro remete a uma continuidade na esfera tecnomidiática (o rádio ontem e hoje), evidenciando certa evolução no contexto tecnológico e comunicacional, embora não se identifique que outros meios de comunicação estão presentes na atual realidade das comunidades. Importa ressaltar que esses dois eixos do discurso, ao agregarem transformações e continuidades ao contexto rural, produzem mudanças nos processos comunicacionais:

Quando viemos morar aqui só tinha varadouros. Então, pra chegar na cidade só era possível a pé e a gente gastava 12 horas. Era preciso, no mínimo, três dias pra resolver qualquer problema na cidade: um dia pra ir, um pra tratar do assunto e outro pra voltar. Em caso de doença mais grave, tinha que tirar o doente na rede e, muitas vezes, a pessoa morria no meio do caminho. Não tinha como a gente se comunicar com a cidade. Hoje, tem o ramal e meios pra chegar rápido. Eu saio daqui de moto e gasto uma hora e meia até a cidade. Às vezes nem preciso ir, eu telefono e resolvo o problema daqui mesmo. Então, tudo já melhorou [...] (J.O.S. – extrativista, 55 anos).

A vinculação entre a experiência vivida e a presença do midiático no contexto extrativista resulta de construções simbólicas que essas pessoas vão elaborando ao longo de suas trajetórias no interior da floresta e do processo de mudança pelo qual vem passando o universo rural em que estão inseridos, embora as transformações se processem “sob uma temporalidade lenta e sob o signo de uma modernidade sempre dependente” (MARTÍN-BARBERO, 2009, 218).

Uma questão que emerge na pesquisa é que lugar o midiático ocupa nas articulações do tempo passado com o presente e qual o tempo das articulações com o midiático. Neste sentido, o rádio se constitui como única referência de integração e comunicação na realidade extrativista de outrora, ao mesmo tempo em que também se constitui como dispositivo comunicacional que possibilita articular o rural com o midiático e momentos passados com o presente, em distintas temporalidades cotidianas.

Na relação com o rádio os extrativistas consomem uma diversidade de produtos midiáticos, mas os preferidos da maioria dos entrevistados são o “Jornal Difusora”, o programa “Gente em Debate” (ambos de cunho noticioso/jornalístico) e o “Correspondente

Difusora”¹⁶ (programa de mensagens), todos transmitidos diariamente. A relação com o rádio está direcionada principalmente para a busca de informações sobre o trabalho extrativista (preço dos produtos extrativistas, legislação ambiental, linhas de crédito), programas sociais, conteúdos religiosos, programações musicais e informações de familiares enviadas por meios do programa de mensagens, revelando uma imbricação do midiático com os sistemas de relação dos extrativistas (economia, família, instituições, religião e cultura). Nessa configuração da escuta radiofônica é predominante o interesse pela informação e entretenimento:

Gosto do jornal Difusora porque sai muita notícia [...]. O programa de mensagem, esse eu não perco porque sempre sai aviso de parentes e vizinhos que vão pra cidade [...] e quando a gente tá muito solitário tem a música pra animar. Fico o tempo todo com o rádio ligado porque quando não tá saindo informação, tá tocando música e isso ajuda a distrair. (L.P.S. – extrativista – 37 anos).

Os programas jornalísticos trabalham o gênero informativo por excelência, porém, mesclando outros gêneros como o entretenimento, o institucional e outras modelizações do campo midiático (BERGER, 1998, p. 23). Essa hibridação¹⁷ é entendida a partir da noção de gêneros comunicacionais, expressa por Martín-Barbero (2009), que compõem as ofertas midiáticas e funcionam como estratégias de comunicabilidade, constituindo, segundo o autor, uma mediação fundamental entre as lógicas dos formatos industriais e as lógicas de leituras realizadas pela recepção enquanto polo de reconhecimento. Ao mesmo tempo em que se conectam com o que acontece na cidade, pelo acesso à informação, em uma espacialidade circundante, os extrativistas também buscam modos de atender a aspirações lúdicas, de distração e entretenimento na escuta de uma programação farta destes formatos híbridos, ofertados pela mídia, com vistas a atender aos mais variados públicos:

¹⁶No ar desde 1948, o “Corresponde Difusora” é o programa mais antigo do rádio acriano. Dirigido ao público rural, possui um formato ímpar: o usuário paga um pequeno valor para enviar recados e avisos a parentes e amigos no meio rural. Veiculado pela Rádio Difusora Acriana, mescla linguagem coloquial e informação e talvez por isto “[...] sobreviveu a modismos e transformações culturais, firmando-se como importante mecanismo de comunicação e interação entre a cidade e as famílias de seringueiros, colonos, ribeirinhos, extrativistas e indígenas que habitam o interior do Acre, levando as mais inusitadas mensagens para uma parcela da população que não dispõe de outro meio para se comunicar”. GONÇALVES, D. **Alô Agricultor**: uma análise do programa de rádio Raízes da Terra como prática de comunicação no meio rural. Monografia (Ciências Sociais/Jornalismo) – Universidade Federal do Acre, 2008. 90p.

¹⁷Berger (1998) também utiliza a noção de híbrido ao discutir o jornalismo como um campo que detém, privilegiadamente, o capital simbólico, já que é da sua natureza fazer crer, isto é, construir “efeitos de verdade”. O campo jornalístico funciona a partir de um modelo discursivo – o informativo – que atua conjuntamente com outros gêneros, dependendo da forma como a empresa jornalística constrói a notícia. Para a autora, o jornalismo não produz apenas um tipo de discurso, ele é híbrido.

Se eu ficar em casa é o dia todo com o rádio ligado. Primeiro escuto o jornal, depois tem o programa “Espaço do Povo”. Mais tarde, tem o “Gente em Debate” que traz muita notícia. Também escuto o programa de mensagens, no horário de meio dia. Depois tem um programa evangélico que a gente sempre escuta. Lá pelas três e meia tem o programa “Tarde de Emoções”, e ainda tem a segunda edição do programa de mensagens, que eu também gosto de escutar. Essa é a minha rotina com o rádio, quando tô em casa, mas quando vou pro roçado, ouço só de manhã cedo, meio dia e à noite (M.D.R. – extrativista, 49 anos).

O quadro de consumo observado indica que a mídia está presente em diversos momentos do cotidiano dos extrativistas ou, como afirma Silverstone (1999), faz parte da textura geral da experiência social destas pessoas. Assim, há uma vinculação da vida diária com o midiático, que opera uma vasta oferta de produtos culturais, organizando e dinamizando os usos e apropriações. Mediante a vasta oferta de produtos midiáticos, os extrativistas vão construindo suas referências de consumo e uso, em articulação com lógicas midiáticas e com lógicas de mediações que colocam em movimento a vivência extrativista.

Neste sentido, o midiático está presente na informação que chega e circula no contexto familiar e comunitário; na manutenção dos vínculos familiares na relação campo/cidade, por meio das mensagens e avisos enviados pelo programa “Correspondente Difusora”; no credo religioso, possibilitando ao fiel que acompanhe de casa a programação religiosa e o desenvolva o sentimento de pertencimento a determinado templo; e no entretenimento, por meio da programação musical que distrai e integra ao mesmo tempo.

Os usos e apropriações do midiático se movimentam pela casa, no ritmo das rotinas domésticas, misturando-se ao cotidiano familiar em diferentes momentos e cenários. Na audiência televisiva, o lugar de referência é a sala; na escuta do rádio observa-se um trânsito entre o quarto, a cozinha, a sala, a varanda e a roça. Os locais de interação com estes dispositivos são determinados pela temporalidade da família e do trabalho. Assim, é na cozinha onde começa um novo dia e acontecem os primeiros diálogos da família que o rádio começa a integrar o cotidiano dos extrativistas, anunciando um novo dia e interligando o rural com os acontecimentos da cidade e do mundo.

Assim, o local se torna global pela interferência do midiático e a escuta que se inicia em grupo se torna individual ou vice-versa. Deste modo, os usos do rádio vão se constituindo como parte do cotidiano familiar e da vida rural, como ilustra a foto abaixo (Foto 5), onde o extrativista ouve as notícias no rádio, cujo aparelho encontra lugar na parede da sala.

Foto 5 – Extrativista em escuta do rádio, seringal Porvir, município de Brasileia (AC)



Registro realizado em janeiro de 2013, pela autora da pesquisa

Como se percebe nos depoimentos dos extrativistas, a noção de uso está associada ao fato de empregar, utilizar o objeto técnico, o instrumento, a ferramenta de uma maneira “relativamente autônoma pelo sujeito”. Nesse processo, de acordo com Jauréguiberry e Proulx (2011), emergem rotinas, hábitos, padrões, ou seja, “modos de fazer” em dispositivo (JAURÉGUIBERRY; PROULX, 2011, p. 80). Portanto, o uso das tecnologias pelos indivíduos, neste caso os extrativistas, comporta significações sociais (materiais e simbólicas) e se insere em uma determinada trajetória pessoal ou social de controle e apropriação do objeto técnico, aqui representado pelos meios de comunicação:

O que eu mais escuto é o programa “Natureza Viva” porque ele traz todo tipo de comunicação. Informa sobre as reuniões que vão acontecer aqui na comunidade e na cidade, o preço do látex e da castanha, sobre ações sociais comunitárias, normas de funcionamento da Reserva e outros assuntos de interesse. Quem ouve rádio fica informado sobre questões importantes que influenciam a vida na comunidade (S.P.S. – extrativista, 38 anos).

Na narrativa do extrativista se observa uma relação informacional-pragmática direcionada a contextos diferenciados. Entretanto, há uma marcação do uso que responde aos contextos mercadológico e comunitário, no sentido de buscar orientações para as relações sociocomunicacionais com estes segmentos. Esta perspectiva de uso posiciona o dispositivo

como objeto prescritor de comportamento social (PROULX, 2012) e esse valor prescritivo emergente no dispositivo constituído, ou seja, como instrumento informacional e funcional o uso do rádio também permeia a busca por informações sobre benefícios sociais e concessão de linhas de crédito, aspectos que também direcionam a atividade rural.

Sendo a maioria dos extrativistas beneficiária de programas sociais, estas pessoas têm no rádio um instrumento orientador de rotinas, já que as informações sobre tais concessões chegam via programação radiofônica, levando ao cumprimento de uma agenda mensal na cidade:

Outro dia eu (es)tava ouvindo rádio e saiu o meu nome. Me chamaram pra recadastrar o cartão do Bolsa Família (programa) na cidade. Então eu fui fazer pra não perder o benefício (M.D.R. – extrativista, 49 anos).

Deste modo, a relação dos extrativistas com o midiático envolve o aspecto informativo, mas também se apresenta fortemente marcada pela noção de uma pragmática da comunicação¹⁸, ou seja, a comunicação faz alguma coisa para os indivíduos. Assim, as mídias intervêm na vida rural, prescrevendo normas sobre os processos sociais dos extrativistas, em relação às quais eles direcionam ações e comportamentos para responder a processos de comunicação e interação.

Essa reflexão sobre como a comunicação se insere como prática na vida social está em diversas abordagens de Gregory Bateson (apud PROULX, 2012) e remete à ideia de que as práticas comunicacionais são como “jogos” no interior das relações, quer dizer, constituem-se sequências de comportamentos governados por regras e marcados pelo que diversos autores da *Escola de Palo Alto* (ou Colégio Invisível) chamam de padrões de relações. Segundo essa Escola, seres humanos são repetitivos e viciosos, da mesma forma que os sistemas técnicos, com suas prescrições diárias de regulação social (MARCONDES FILHO, 2007). No contexto desta pesquisa, tais sistemas são representados pelos meios de comunicação, constituídos em dispositivos midiáticos prescritores de normas – via pragmática informacional. A repetição quase ritualística presente nesses padrões de relacionamento referenciados por teóricos do Colégio Invisível se manifesta na relação dos agricultores com os dispositivos midiáticos, seja na escuta radiofônica ou na audiência televisiva, na busca de notícias pelas quais se guiam cotidianamente:

¹⁸Sobre a dimensão pragmática dos processos comunicacionais e interacionais, consultar “Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação” (WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D., 1981).

Pela televisão não tem como a gente ficar sabendo de coisas que diz respeito a nossa realidade aqui no seringal. A não ser quando divulgam os programas do governo. Isso também sai na televisão, além do rádio. O programa Bolsa Verde, por exemplo, passou na televisão. Então, essa notícia, quando a gente soube, achou que interessava e foi atrás (em busca). Hoje, a gente recebe esse benefício (L.D.P. – extrativista, 50 anos).

Percebe-se, na fala do extrativista, um contraponto com a televisão, que informa sobre um contexto de políticas sociais mais gerais, enquanto o rádio oferece um contato midiático com realidades mais imediatas, indicando que cada dispositivo mobiliza a comunicação, de modo geral, entretanto, direciona para especificidades informacionais e contextuais, criando noções distintas de espacialidade (distante ou próximo). Este caráter comunicacional da relação com as mídias se efetiva em uma heterogeneidade de vivências expressas naquilo que Berger e Luckmann (2012), entendem como “o mundo da vida cotidiana” e a experiência subjetiva da realidade social. Para estes autores, o homem realiza experimentações cotidianas em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente, que vão além da realidade momentânea. Com base em princípios do interacionismo simbólico, eles interpretam a realidade da vida cotidiana como “um mundo construído a partir da interação social” (BERGER e LUCKMANN, 2012, 40). Assim, as distintas experiências midiáticas dos extrativistas estão interligadas a processos cotidianos de comunicação e interação social, envolvendo anseios individuais e coletivos.

Nesta interpretação, o dispositivo constituído é lugar de orientação social e, neste sentido, a busca por informações não acontece desprovida de “intenções”, na medida em que o contato com dispositivos midiáticos é guiado para o atendimento de demandas da vida rural, ao mesmo tempo em que também atendem à necessidade de interação social. Portanto, é preciso perceber que “o uso de uma técnica não é sociologicamente neutro, ele é portador de valores e fonte de significações sociais para o usuário”. (JAURÉGUIBERRY; PROULX, 2011, p. 24). Então, o dispositivo socio-técnico surge como uma resposta às necessidades ou desejos da sociedade, ao mesmo tempo em que passam a ocupar um lugar simbólico nos processos sociais. Cada tecnologia, portanto, possui uma dimensão ideológica e político-social, ou seja, se integra a um dispositivo constituído, de distribuição do poder na gestão das associações entre as pessoas e seus sistemas de relações. Neste sentido, as esferas técnica e social estão completamente entrelaçadas no tecido organizacional das ações e das associações entre os atores sociais, e isto implica dizer que as apropriações das tecnologias ocorrem em espaços ancorados no social e as ações sociais, por sua vez, estão ancoradas em usos e apropriações de técnicas e das tecnologias.

Entre as mulheres entrevistadas se desenvolve uma relação mais intensa com o rádio, embora elas se revezem entre o trabalho doméstico e as atividades rurais. Três fatores situacionais contribuem de modo decisivo para uma maior interação feminina com essa mídia, todos relacionados ao modelo de divisão do trabalho no contexto extrativista: a extração do látex de seringueira como uma atividade exclusivamente masculina; o hábito de cultivar roçados próximos da casa; e a articulação dessas atividades com as rotinas da casa. A divisão de tarefas possibilita que as mulheres permaneçam mais tempo em casa e essa presença maior no ambiente doméstico favorece uma interação mais efetiva com o rádio.

A maioria das entrevistadas trabalha no roçado entre sete e dez da manhã e quatro e seis da tarde. Na época da quebra e coleta da castanha elas realizam um turno único de trabalho – a família sai para a mata ao amanhecer e retona somente à tarde. Como essa atividade ocorre somente durante alguns meses do ano, na maior parte do tempo as mulheres se dedicam à lida nos roçados e, nos intervalos, se ocupam dos afazeres domésticos, quando aliam trabalho e escuta. Essa prática de ouvir rádio durante a realização das atividades da casa também é predominante entre as mulheres aposentadas, conforme se observa na imagem abaixo (Foto 6). Embora essas mulheres não trabalhem na mata e nos roçados, devido à idade avançada ou por terem a saúde fragilizada, permanecem integradas ao sistema de trabalho, mesmo indiretamente, por meio de familiares (esposo ou filhos), portanto, mantem-se interessadas em informações ligadas à atividade rural.

Foto 6 – Extrativista em escuta do rádio enquanto prepara a refeição, seringal Filipinas, município de Brasileia (AC)



Registro realizado em julho de 2013, pela autora da pesquisa

Deste modo, a escuta feminina acontece em relação com o trabalho, seja porque as mulheres ouvem o rádio enquanto realizam suas atividades ou pela preocupação de se manterem como ouvintes para repassar as notícias aos familiares que estão ausentes no momento da audiência, configurando uma “escuta compartilhada”. Assim, a interação com o rádio, apesar de geralmente ocorrer de modo individual, fundamenta-se no interesse coletivo e na busca por elementos informacionais que, posteriormente, se condensam em sociabilidades, ou seja, o fluxo informacional passa por interações com os dispositivos midiáticos e, posteriormente, pela conversa em família:

Gosto de manter sempre o rádio ligado quando tô em casa. Escuto enquanto vou fazendo as coisas da casa. Gosto principalmente das notícias, porque tem muita informação importante pra nós. Por exemplo, o preço da castanha. É só pelo rádio que a gente fica sabendo do que acontece. As informações sobre os compradores da castanha, o Bolsa Família e o Crédito Habitação (programa) também chegam pelo rádio. Eu escuto as notícias e repasso pra família (M.R.S. – extrativista, 46 anos).

Em suas diversas funções (trabalhadora, mãe, esposa), a mulher rural tem um importante papel na vida familiar – como acontece também na maioria das famílias urbanas. Ela participa das atividades produtivas, com sua força de trabalho – tanto quanto e, em alguns casos, até mais que os homens – e, ao mesmo tempo, mantém um contato mais direto com os filhos, dirige, organiza e dinamiza as relações familiares. O que se observa é que, embora tenha participação decisiva no processo de geração de renda familiar, o seu trabalho geralmente é considerado como “auxílio”, evidenciando que as relações de gênero nas famílias rurais ainda estão alicerçadas em profundas assimetrias.

Na relação com os meios de comunicação as mulheres representam uma “ponte” entre o midiático e a família. Elas realizam uma escuta radiofônica interessada em função de necessidades informacionais da coletividade familiar. Esse repasse da informação, ou seja, o escutar e o fazer chegar ao outro se realiza pela ação feminina que, em sentido plural, contempla todo o grupo: um gesto feminino que fala de coletividade [*“a informação é importante pra nós”*], apesar da escuta muitas vezes se realizar solitária. Por essa lógica extensiva da relação com o midiático, a informação é captada e direcionada à família e, desta forma, em suas interações com os meios, as mulheres realimentam o diálogo familiar e potencializam as relações (sociais e comerciais).

Em termos situacionais, este comportamento das mulheres extrativistas remete a outro aspecto marcante, observado durante a pesquisa, que revelou o caráter assimétrico ainda existente nas relações familiares no meio rural, tanto em relação à participação feminina no

sistema produtivo como em termos de discursividade e construção da opinião pública, que julgamos ser pertinente mencionar, uma vez que este aspecto comparece fortemente na relação com as mídias e na questão comunicacional.

Mesmo tendo o “domínio” da casa, as mulheres ainda permanecem submetidas ao “poder formal” do homem, tanto no contexto privado como público, a ponto de se reconhecerem como seres sem direito à voz diante da necessidade de fala de alguém da casa. No entanto, a análise empírica revela que essa dinâmica de dominação não se efetiva no aspecto comunicacional das famílias e esse lugar subordinado de fala, ocupado pela mulher, sofre transformações no contexto da relação feminina com os meios. Dito de outra forma, quando inscrita em dispositivos midiáticos, a mulher deixa o lugar passivo de fala e assume a condição de gestora da informação, passando a operar uma postura discursiva ativa, integrando o midiático e a família.

Essa perspectiva midiática, operada pelas mulheres extrativistas atribui certo empoderamento à mulher – como detentoras da informação – e, desta maneira, os processos comunicacionais vão se constituindo como elementos fundantes das relações sociais no espaço doméstico. Neste sentido, a relação com os meios de comunicação se converte em recurso gerador de discursos feminino, constituído como elemento formador de opinião no grupo familiar, de lógicas de negociações em torno do que é disseminado e dos processos que essas informações vão desencadear (sociais e econômicos). Assim, pelo viés comunicacional, a mulher vai construindo intervenções nas relações familiares cotidianas.

Deste modo, é por meio da relação com os dispositivos midiáticos que as mulheres “ganham” um tipo específico de voz¹⁹. Elas constroem suas narrativas a partir da audiência e da escuta midiáticas e as compartilham com os demais membros da família. Se as mulheres “não têm voz” no espaço público, no domínio familiar elas informam e organizam os fluxos

¹⁹Em pesquisa de doutoramento, Schwartz (2012) analisa a apropriação das tecnologias da informação e comunicação na agricultura familiar de Santa Maria, RS, a partir das relações de gênero, buscando verificar como essas tecnologias contribuem para o processo de empoderamento feminino no meio rural, inserindo as mulheres como protagonistas em processos de decisão. O estudo revela que o uso das tecnologias comunicacionais por mulheres rurais, tradicionalmente vistas em um papel legitimado de subordinação dentro das propriedades, contribui para mudanças nas relações de poder dentro das famílias rurais. Mas esse processo tem sua origem também no maior acesso e apropriação da informação, ou seja, na cognição. “Mais informadas por veículos como o rádio, a televisão ou, mais recentemente, pelo uso do telefone celular, as mulheres passam a conhecer melhor sua própria realidade e também as possibilidades oferecidas por essa realidade. As mulheres rurais de hoje demonstram confiança e autoestima ao considerarem-se mais fortes, seguras e independentes do que as gerações anteriores. Nesse sentido, as TIC ajudam a estreitar e fortalecer laços afetivos e produtivos e também a criar novos vínculos que ajudam a superar a posição tradicional da mulher rural de subordinação ou de coadjuvante na propriedade ou dentro da família” (SCHWARTZ, 2012, pp. 164-165). Isso não quer dizer que foram rompidos os vínculos tradicionais que estavam *na ordem das coisas*, assinalados por Bourdieu (2010), mas representa um indicativo de mudanças significativas nas relações de gênero no meio rural, com a mulher adquirindo maior poder de voz e de decisão no espaço doméstico e público.

comunicacionais em um duplo movimento: na articulação entre as mídias e o grupo familiar e no processo de ressignificação e compartilhamento das mensagens midiáticas, ou seja, é por meio do seu ponto de vista, explicitado na conversação, que a família toma conhecimento da informação midiática.

Atuantes e comunicativas, as mulheres ficam atentas ao que a mídia divulga, conjugando trabalho no campo com gestão da casa e consumo midiático, intervindo de modo decisivo nos processos comunicacionais no âmbito familiar. Ao compartilharem informações recebidas da mídia, elas criam elementos para novas interações sociais, contribuindo para a manutenção das redes locais de comunicação, assim como para a constituição de processos de interação com outros grupos sociais externos à comunidade, mesmo que seja o homem o vetor dessa circulação midiática para além do ambiente doméstico.

Com base nas observações realizadas pode-se dizer que as mulheres extrativistas atuam como estimuladoras de processos sociais coletivos, através de ações comunicativas, tendo como referência a mídia e como reflexo dessa atuação a interação social. Se o homem ainda é a “voz da casa”, no aspecto macro das relações sociais, nas microrrelações familiares é a mulher que constroa e direciona os processos comunicacionais, realizando a mediação entre o mundo exterior e o contexto familiar e, neste caso, a hierarquia entre gêneros, que marca as relações no espaço público, tende a ser tensionada por processos comunicacionais que contrarrestam poderes tradicionalmente instituídos na vida privada da casa e que se expressam nas relações familiares.

De modo geral, o compartilhamento da informação midiática, acessada na escuta radiofônica e audiência televisiva é um elemento marcante na relação dos extrativistas com essas mídias e figura como parte de uma conduta coletiva – não somente entre as mulheres, mas também entre os homens – que move as relações sociais no espaço familiar e das comunidades estudadas e no contexto urbano. Observa-se uma forte preocupação em socializar e fazer circular a informação recebida, embora entre os homens se perceba uma tendência maior no processo de circulação da informação no âmbito da comunidade e para além deste espaço. Enquanto a escuta feminina fica mais restrita ao ambiente doméstico, os homens extrapolam para o espaço público esse processo de circulação da informação midiática, comportamento que se explicaria, em tese, pelo maior envolvimento masculino na gestão dos processos produtivos e pelo lugar “de voz” que ocupam em espaços públicos:

Eu sempre fico ouvindo as notícia(s) e tem muita coisa que é de interesse da comunidade. Então eu anoto e transmito pro pessoal daqui. Como os encontros da comunidade acontece(m) somente a cada quinze dias, quando é urgente eu vou até a casa do vizinho

ou mando um recado pra pessoa interessada. Mas também acontece do vizinho vir aqui em casa avisar sobre alguma notícia ou tratar sobre algum assunto que saiu no rádio. Se o assunto não é urgente, eu espero a reunião e repasso. De vez em quando a gente se encontra também pra uma atividade de lazer, então a gente troca muita informação (S.P.S. – extrativista, 38 anos).

Desse processo de compartilhamento da informação, em que as mensagens circulam, depreende-se que a escuta não se resume ao recebimento de informações e ao trabalho interpretativo das mensagens pelos indivíduos, mas reverbera em fluxos informacionais. Segundo Braga (2012a), esse fluxo contínuo, marcado pela retroação da escuta prevista – ou seja, pela circulação da informação midiática – parece ser um dos aspectos pregnantes da midiaticização, processo social onde é difícil distinguir quem produz e quem recebe. Nessas circunstâncias, o autor ressalta que já não é tão simples distinguir “pontos iniciais” e “pontos de chegada”, produção e recepção como instâncias separadas.

Ainda de acordo com este autor, se abordarmos a circulação nessa visada abrangente, o produto midiático, neste caso a informação, não é o ponto de partida no fluxo. Ao contrário, como salienta Braga (2012a), pode muito bem ser visto como ponto de chegada, como consequência de uma série de processos, de expectativas, de interesses e de ações que resultam em sua composição como “um objeto para circular” e que, por sua vez, realimenta o fluxo da circulação (BRAGA, 2012a, p. 41). Embora esse autor aborde a midiaticização em uma perspectiva mais ampla da sociedade, consideramos a concepção deste autor apropriada para balizar a presença e funcionamento do processo de midiaticização em comunidades extrativistas, uma vez que a lógica midiática perpassa diversos contextos sociais, inclusive o meio rural.

Percebe-se nas reflexões do autor toda uma dimensão simbólica do processo de circulação em torno da comunicação midiaticizada, observada claramente na relação dos extrativistas com os dispositivos midiáticos. Em outras palavras, isto significa que a essa dinâmica de circulação se articula todo um universo de vida cotidiana (produção e reprodução do social) e suas lógicas de funcionamento. Assim, as interações engendradas pela comunicação midiática dão origem à formação de circuitos que funcionam como enlace social, ponte de constituição de uma gramática de sentidos entre produção e consumo, ou seja, “essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia” (BRAGA, 2006, p. 28), que vai se reconstruindo nos encontros presenciais entre os extrativistas.

Deste modo, os usos e apropriações se condensam em dispositivos e se colocam em relação com o mercado e com outros sistemas que intram a vida extrativista, movimentando

as relações dentro e fora das comunidades, não só por meio da circulação de informações, mas também por uma mediação simbólica que ativa o sentido de coletividade e sustenta laços de proximidade com a vizinhança. Neste sentido, a relação com os meios, que inicia no ambiente familiar, de caráter mais íntimo, aciona processos comunicacionais em outros espaços (das comunidades e no espaço urbano).

A apropriação do midiático, em seu aspecto simbólico, se apresenta como um processo de constituição pessoal e social, mas, ao mesmo tempo, como uma matriz de uso da técnica e ativação cognitiva do objeto, integradora, significativa e criadora do uso na vida cotidiana (PROULX, 2012). Assim, cada indivíduo vai se constituindo enquanto sujeito social a partir dos usos e das apropriações em dispositivos midiáticos. Contudo, os usos e as lógicas de uso das tecnologias, por não serem neutros, se situam em um contexto específico de práticas sociais, neste caso, o contexto rural com seus sistemas de valores e relações sociais (economia, processos sociais, cultura rural, dinâmicas de interação) que se desenvolvem na interação com o midiático.

Nesse sentido, as experiências midiáticas dos extrativistas e suas táticas de uso e apropriações dos dispositivos apontam para rupturas e continuidades com os tempos e espaços sociais, e para temporalidades específicas dos processos midiáticos:

Há poucos dias aconteceu um acidente de carro aqui na comunidade, onde morreu um vizinho nosso. Era meio dia quando o carro capotou com várias pessoas. Meia hora depois, todo mundo da comunidade já sabia o que tinha acontecido porque saiu no rádio e mesmo aquelas pessoas que não ouviram a notícia foram avisada, porque quem ouviu foi repassando a informação. Se não fosse pelo rádio teria demorado dias pra gente ficar sabendo do corrido (E.S.C. – extrativista, 35 anos).

Observa-se que a circulação da informação midiática movimenta as relações, orientando o fazer social e as dinâmicas comunicacionais cotidianas que vão se estabelecendo em diferentes espaços de socialização, por distintos modos e temporalidades sociais nas comunidades extrativistas:

Aqui a gente tem que ser unido. Se a comunidade tem uma boa convivência e se comunica tudo fica mais fácil. E o rádio é muito importante pra esse processo porque as notícia(s) chegam pra gente é por esse meio. Quem ouve vai repassando. Dependendo do tipo de informação, eu costumo marcar uma reunião na comunidade e repassar pra todo mundo de uma vez. Mas têm as reuniões da igreja também, a cada quinze dias, onde a gente se encontra pra orar e conversar (E.S.C. – extrativista, 35 anos).

As palavras do extrativista refletem uma forte noção de coletividade informacional, elemento que movimenta as relações sociais e simbólicas, ativando processos interacionais

nas comunidades. Entretanto, embora se perceba a preocupação em compartilhar a informação entre os extrativistas, essa postura será mais ativa naqueles indivíduos que ocupam papel de liderança na comunidade. Marcar uma reunião com o grupo de moradores para passar adiante uma informação é uma atitude estratégica de liderança comunitária, que consideramos como parte do dispositivo midiático, uma vez que o encontro entre estas pessoas gera circuitos interacionais que se desenvolvem por diversos níveis de circulação.

Sendo o meio mais presente no cotidiano dos extrativistas, o rádio funciona como instrumento de ordenamento dos processos comunicacionais e de interações sociais nas comunidades. É pelo uso dessa mídia que essas pessoas sabem sobre notícias de interesse público, como, por exemplo, os ordenamentos do mercado da castanha, fator que movimenta fortemente as comunidades pesquisadas. Então, enquanto dispositivo midiático constituído nas práticas sociais dos extrativistas, o rádio estrutura ações cotidianas por meio de operações técnicas e simbólicas desenvolvidas na relação com o midiático. Exemplo típico dessa influência do dispositivo midiático na vida social foi a mobilização das comunidades extrativistas em torno do mercado da castanha – observada durante um dos movimentos exploratórios da pesquisa – que se desenvolvia em relação com o midiático. Todos os extrativistas se mantinham ligados na programação radiofônica porque aguardavam ansiosamente pela definição do preço deste produto, para comercializar a safra que haviam acabado de coletar:

Principalmente na época da venda castanha, fica todo mundo atento para saber dos preços no mercado e é pelo rádio que a gente fica sabendo. [...] mas tem muitos [extrativistas] aqui que não tem nem rádio pra ouvir. Então, fica sabendo por meio de outros moradores (L.D.P. – extrativista, 48 anos).

Outro fator observado, que evidencia o entrelaçamento da mídia na vida das comunidades extrativistas, é o processo de organização e mobilização social ara atendimento de demandas coletivas. No período de realização da coleta sistemática de dados para a pesquisa os moradores dos dois seringais localizados em Brasileia (Porvir e Filipinas) estavam se articulando para realizar uma manifestação em frente à sede do Incra, com o objetivo de reivindicar a solução de antigos problemas relacionados aos limites territoriais da Resex. O assunto foi discutido durante reunião dos moradores das duas comunidades – que incluiu outras pautas de interesse coletivo – com representantes das associações de base e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (Foto7), realizada na sede comunitária do seringal Porvir,

que contou também com a participação de uma funcionária do ICMBio e de uma empresa interessada em comprar a produção de açaí, das comunidades.

Foto 7 – Reunião de extrativistas no seringal Porvir, município de Brasileia (AC)



Registro realizado em julho de 2013, pela autora da pesquisa

A convocatória das associações para a atividade, que já tinha data marcada para acontecer, viria pelo rádio e isto estabeleceu uma espécie de *estado de alerta* entre os extrativistas com este meio de comunicação. Em situações como estas, a dinâmica das famílias com esse dispositivo midiático é intensificada, mas, devido ao trabalho na floresta ou roçado eles ficam ausentes de casa por muito tempo e, para não ficar sem notícias, a saída é deixar sempre uma pessoa na escuta radiofônica. Alguém que atua como um *rádiosculta*, que fica à espera da informação, ouve e repassa para outras pessoas da comunidade, garantindo a sua circulação e a função informativa do rádio convertida em dispositivo de interação social.

Esse comportamento vigilante com o rádio também é observado em situações de caráter mais privado da vida dos extrativistas como a espera de um aviso sobre agendamento de consultas médicas ou de uma mensagem de um parente que foi à cidade, que chegam, quase sempre, por meio “Correspondente Difusora”. Neste sentido, pode-se considerar que esse programa, enquanto produto midiático converte-se em dispositivo inercial, funcionando também como uma espécie de “correio rural”, analogamente à função desempenhada pela internet. Ora, se por um lado as sociedades cosmopolitas contam com o correio eletrônico que, constituído em bases digitais (na internet) possibilita a troca de

informações globais, por outro, os extrativistas, sem acesso a esse tipo de tecnologia, encontram no “Correspondente Difusora” uma maneira, em modo correlato, de se comunicar e de articular o global com o local, mesmo que essa comunicação não possibilite uma interação mais imediata entre emissores e receptores e reverbere sob outra dinâmica de circulação, ou seja, pela via da oralidade e da interação presencial:

Aqui todo mundo ouve rádio, principalmente o programa de mensagens, pra ficar sabendo das informações. Quando alguém da família vai pra cidade sempre manda notícia pelo programa, mas também tem casos de informação pra pessoas conhecida(s). A gente ouve e vai repassando pros vizinhos porque acontece, muitas vezes, do interessado não ter ouvido a mensagem (L.D.P. – extrativista, 48 anos).

Como evidencia o relato do extrativista, por meio da informação (mensagem) que chega como chave de resposta a uma demanda informacional, previamente prevista pelo deslocamento de parentes, vizinhos e amigos para o meio urbano, essas pessoas se comunicam pela via do dispositivo midiático, ou seja, por meio do programa radiofônico “Correspondente Difusora” enquanto produto da mídia que aciona sentidos materiais e simbólicos que proporcionam interação social. Desta maneira, o modo de vida rural, baseado em padrões clássicos, convive cotidianamente com padrões tecnológicos mais sofisticados, integrando-se a processos comunicacionais mais dinâmicos e globais acionados na apropriação de produtos radiofônicos, convertidos em dispositivos midiáticos. Percebe-se, assim, o lugar do rádio enquanto dispositivo comunicacional midiático e de vinculação social, colocando-se ora a serviço do privado, ora a serviço do público ou, dito de outro modo, realizando o ordenamento das relações entre os extrativistas tanto em termos familiares como no contexto mais amplo da comunidade.

É esse aspecto de abrangência quase universal da comunicação radiofônica que faz com que o rádio transite entre as diversas esferas da vida social e se mantenha como o meio de comunicação de maior penetração e uso entre populações rurais. Com sua capacidade de ultrapassar fronteiras, o rádio alcança lugares aonde nenhum outro meio consegue chegar. Além disso, sua simplicidade de uso (também pode funcionar a pilhas), a rapidez e agilidade na informação e a possibilidade de ser ouvido a qualquer tempo e em qualquer lugar, possibilitam a sua presença em locais onde a energia elétrica ainda é escassa ou inexistente. Assim, a relação dos extrativistas com o rádio vai muito além do ambiente doméstico não só pela dimensão simbólica que aciona, mas também por suas características materiais. Por não requerer uma atenção concentrada, muitos extrativistas ainda cultivam o antigo hábito de

levar esse meio de comunicação para a roça, realizando uma escuta concomitante ao trabalho, o que permite que se informem enquanto se ocupam das tarefas agrícolas:

No verão, eu levo o rádio comigo pro roçado porque nessa época chove menos e não tem perigo de molhar e estragar. Enquanto a gente trabalha, fica ouvindo as notícias e também alguma música. Mas, no inverno, prefiro deixar em casa porque chove muito e não tem como proteger o aparelho (F.R.N. – extrativista, 35 anos).

Então, como já mencionado, as informações midiáticas recebidas por meio da escuta radiofônica circulam entre os extrativistas, formando circuitos comunicacionais que se efetivam na conversação e na interação face a face, em diferentes espaços de convivência. Neste sentido, a interação presencial constitui estratégia principal de acionamento e manutenção de diálogo entre os extrativistas:

O leite (látex) da seringa é recolhido aqui. Então, o pessoal da empresa (compradora) avisa pelo rádio o dia que vem recolher [...] e o dia que vem devolver os baldes pro leite (látex). [...] Eles avisam e a gente fica sabendo de tudo pelo rádio, depois vai repassando pros vizinhos porque muitos aqui corta(m) seringa (coletam o látex de seringueira) e, às vezes, na hora do aviso não (es) tá em casa. Então, só fica(m) sabendo por outros moradores daqui (F.G.M. – extrativista, 57 anos).

O relato do extrativista evidencia a informação enquanto referência de interação com a comunidade, entretanto, há uma sutileza nesse processo de compartilhamento do midiático. Como já destacamos, enquanto as mulheres realizam a circulação na conversação que se desenvolve principalmente em família, os homens priorizam a comunidade - entendida não só como ambiente de interação, mas também como espaço normatizado de produção de comportamento, ou seja, vetor de padrões que são incorporados pelos moradores:

No rádio a gente fica sabendo também sobre como deve ser o trabalho aqui na floresta. Os jornais (noticiários) estão sempre trazendo alguma notícia sobre o desmatamento e dizendo como a gente deve atuar na atividade florestal. Agora a gente não pode mais desmatar. O limite antes era dois hectares de capoeira, que podia derrubar e queimar pra fazer o roçado. Agora reduziu pra um. Assim fica difícil de plantar e ter o que comer [...] (M.R.S. – extrativista, 46 anos).

Cada um, de acordo com o seu cotidiano, irá estabelecer tempos e espaços próprios na relação com essa mídia. O tempo de despertar, o tempo do trabalho, o tempo da refeição, o tempo de adormecer, o tempo do lazer, todas essas temporalidades se entrecruzam com o tempo midiático na relação com o rádio. Mas a preferência por informações locais será sempre o eixo principal da relação dos extrativistas com os meios de comunicação, orientando

as temporalidades da audiência, entretanto, essa “acomodação” também se opera em articulação com lógicas do polo da produção.

Assim, a televisão, com seus telejornais noturnos, possibilita o acesso a notícias nacionais e internacionais, colocando os extrativistas em contato com o global, enquanto o local é quase sempre de competência do rádio e é onde o interesse por conteúdos jornalísticos se apresenta de maneira mais intensa. Deste modo, os usos estabelecidos com esses dispositivos são definidos pela temporalidade midiática, mas também definem temporalidades e espaços de interação social, num processo acionado por valores simbólicos que o dispositivo condensa (afeto, memória, vínculo social e lógica comercial).

Enquanto a interação com o rádio começa no início do dia, quando todos se preparam para a jornada de trabalho, com a televisão começa quando todos retornam da lida, ao final do dia. A audiência televisiva é mobilizada em torno de diversos produtos midiáticos, mas a maioria dos entrevistados prefere assistir aos noticiários e às novelas, confirmando a busca por informações e entretenimento como a principal referência na relação com esse dispositivo, entretanto, diferentes temporalidades marcam a relação dos extrativistas com o midiático. Enquanto a escuta radiofônica acontece em momentos alternados da rotina diária, intercalada com o trabalho, a audiência da televisão ocorre predominantemente no período noturno. Diferente do que acontece na escuta radiofônica, que é realizada tanto de modo individual como coletivo e em distintos espaços da casa, na audiência televisiva a interação com o midiático ocorre sempre coletivamente, com o grupo familiar reunido na sala:

À noite a gente tá cansado do trabalho, mas sempre gosto de assistir o jornal com a família. Então, a gente assiste o noticiário e também vejo um pouco de novela, [...] mas a televisão mostra muito crime, violência e corrupção. Isso eu não gosto, prefiro não ver. No domingo assisto o Globo Rural. Aprendi muito sobre enxertia e criação de abelha. Hoje já temos o mel em casa (S.P.S. – extrativista, 38 anos).

Eu assisto todo dia o jornal e a novela. E assistimos todo mundo junto aqui na sala. Depois a gente desliga. O jornal fala muito em bandido e em violência e isso não é muito bom. A televisão mostra muita coisa ruim, mas a gente tem que assistir pra ficar sabendo o que tá acontecendo. Eu sempre comento com o pessoal de casa e com a vizinhança, quando a gente se encontra, sobre a violência que a TV mostra e fico me perguntando onde vamos chegar e até onde gente vai continuar vendo isso. Hoje já tá desse jeito absurdo a violência, imagine daqui a alguns anos (A.C.A. – extrativista, 56 anos).

Percebe-se a audiência televisiva como elemento socializador quase indissociável da vida dos extrativistas. Além da forte dimensão informativa, também se observa uma dimensão formativa do dispositivo, constituída pelo viés orientador do programa Globo Rural. Mas,

apesar dessa interação cotidiana com a televisão, a relação com esse dispositivo também suscita posicionamento crítico sobre conteúdos demasiadamente marcados por notícias negativas. Ao mesmo tempo em que fica evidente certa competência midiática dos extrativistas expressa no reconhecimento do formato sensacionalista de conteúdos televisivos, também é perceptível nas entrevistas dos extrativistas o reconhecimento do papel informativo da televisão e da própria necessidade de se manterem informados e dispor de alternativas de entretenimento. Outro aspecto importante observado na relação com esse dispositivo midiático é a existência de um único aparelho nas casas e a sua localização na sala de visitas, como ilustra a imagem abaixo (Foto 8), fator que faz do consumo televisivo um momento de interação e proximidade familiar.

Foto 8 – Família extrativista em momento de audiência televisiva, seringal Floresta, município de Xapuri(AC)



Registro realizado em janeiro de 2013, pela autora da pesquisa

Enquanto elemento de interação, o momento da audiência também se constitui espaço para conversação. Assim, a narrativa televisiva se reproduz na audiência, pela oralidade, criando uma atmosfera familiar, muitas vezes expressa em saberes do cotidiano baseados em hábitos e tradições, constituindo-se um referente de conversação e imaginário social ativado por realidades simbólicas, mas também por aspectos da própria realidade extrativista. Assim, a televisão vai construindo circuitos interacionais, movimentando narrativas oralizadas, por meio da conversação que se desenvolve a partir de conteúdos televisivos.

Na relação com a televisão, embora predomine a audiência em família, no espaço privado da casa, muitas vezes, esse momento “particular” integra não só familiares, mas também moradores vizinhos que, por não disporem dessa mídia em casa, encontram na audiência compartilhada uma forma de contato com o midiático, fazendo dessa prática uma possibilidade de interação na comunidade e com outras realidades simbólicas:

A gente sempre vai assistir na casa do vizinho. Só não [vamos] no dia que tá chovendo muito. Aí a gente fica em casa e no dia seguinte pergunta pra vizinha, que conta tudo pra gente. Eu não gosto de perder a novela porque fica difícil de entender a história [...]. Mas não é só por causa da novela que vou assistir. Também gosto de saber das notícias. Quando volto do roçado, já cuido logo de arrumar a janta que é pra ficar livre pra televisão (M.R.S. – extrativista, 46 anos).

Para muitos extrativistas – principalmente entre as mulheres – o deslocamento até a casa do vizinho, para assistir à televisão, significa um compromisso social praticamente inadiável, portanto, agendado e programado. Há um horário definido, reservado para a interação com a televisão e, naturalmente, com a vizinhança, mesmo que isto implique sair de casa, fazer longas caminhadas, enfrentar a escuridão e (não raro) a chuva e a lama dos ramais e varadouros, no retorno para casa.

Se por um lado a audiência compartilhada se converte em estratégia de interação com familiares e vizinhos, alimentando as relações sociais e ampliando os laços de proximidade, por outro, constitui uma forma de acesso a um mundo mais distante, uma via pela qual é possível o conhecimento de outras realidades representadas por conteúdos televisivos. Em outras palavras, essa forma de assistir televisão, imposta por contingências do contexto rural, representa uma maneira prática de superar a carência tecnológica e uma forma criativa de inserção em contextos comunicacionais mais globais e de integração a circuitos interacionais mediados pela tecnologia e midiaticizados:

Eu sempre digo que a gente aqui tem um encontro marcado com a televisão. Só que esse encontro é na casa do vizinho e a gente tem que ir até lá. Então, vou todo dia, a não ser quando tá chovendo muito ou se for por motivo de doença. Eu gosto de ir pra assistir os programas, mas a gente também conversa e se distrai. [...] De noite aqui não tem muito o que fazer mesmo. Tem muita coisa que acontece aí pra baixo [em diversos lugares do país e do mundo] que a gente só fica sabendo pela televisão. [...] Então, o jornal a gente assiste pra se informar e a novela é pra distrair, mas acho que dá pra aprender também porque passa muita coisa que a gente não conhece (F.R.N. – extrativista, 35 anos).

Deste modo, a audiência televisiva não é apenas um momento de interação dos usuários com o dispositivo midiático, mas também uma maneira de estar junto, de colocar-se em contato com outras pessoas, interagir sobre diferentes assuntos e sentir-se parte de um

sistema social. Por esta via de interpretação, a relação com a televisão constitui uma estratégia mobilizadora que integra e socializa os indivíduos, derivada de usos e apropriações que se desdobram em processos interacionais. As pessoas se reúnem e conversam enquanto assistem aos conteúdos, mas é durante os intervalos comerciais que permeiam a oferta televisiva que se observa uma dinâmica interacional mais intensa. Muitas vezes a conversação segue após a audiência, estendendo os momentos de interação até que o vizinho se despeça.

A audiência televisiva em sistema de vizinhança é, portanto, um momento significativo das apropriações midiáticas, que se repete de modo ritualístico e como prática social todos os dias. Em um contexto com poucas opções de lazer, como as comunidades extrativistas que participam desta pesquisa, ir à casa do vizinho é um *evento social* e, deste modo, o espaço doméstico se torna ponto referencial para os encontros noturnos. Isto faz da televisão um meio de comunicação com múltiplas funções: informativa, integradora, interacional e de entretenimento – além da função formativa exercida pela veiculação de conteúdos técnicos sobre a atividade rural.

No contexto desta pesquisa, a noção de ritual é o que melhor define essa audiência estendida, pela prática regular de reunião e interação dos extrativistas em torno da televisão. Nesse processo ritualístico que permeia a relação cotidiana com a televisão, de um lado tem-se o espaço privado/público da casa, onde a família divide a possibilidade de acesso e interação com o midiático; de outro, tem-se a vizinhança, que requisita o compartilhamento da audiência como alternativa para se colocar em contato com o midiático e com realidades mais globais. Também se observa nessa dinâmica de uso e apropriação do midiático que a relação com a televisão movimentava a conversação para além do momento da audiência. A ausência de um vizinho, que não pode comparecer para assistir a determinado programa suscita novas conversas em torno da narrativa televisiva. Essa conversação se estende por meio de *um contar* que vai situando em termos informacionais e em relação às tramas simbólicas de produtos culturais (como a novela) quem não esteve no momento da audiência:

O marido às vezes não vai, então eu vou só com os menino(s) [filhos] e quando a gente volta pra casa eu conto sobre o que passou no jornal [...]. Ele que saber só das notícia(s) porque de novela ele não gosta muito (M.R.S. – extrativista, 46 anos).

Desta maneira, na interação com os meios de comunicação – seja com o rádio ou com a televisão – os usos e apropriações não começam nem terminam no contato com a tecnologia, mas continuam por outras vias e, neste caso, por meio de narrativas que reconstroem e ressignificam mensagens, em um processo de circulação da informação

mediática análogo ao que Braga chama de “fluxo adiante” (BRAGA, 2006), ao tratar dos sistemas de resposta social desenvolvidos em plataformas digitais e característicos da sociedade em midiaticização. No contexto extrativista, esses circuitos comunicacionais se desenvolvem por processos presenciais e na conversação, sem contrapartida em registros escritos, portanto, em interações momentâneas que se efetivam na interface da comunicação e das tecnologias.

Em processos comunicacionais que têm como sistema interacional de referência a escrita (por exemplo, as conversas em redes digitais), este dispositivo técnico possibilita a inscrição dos discursos para além das fronteiras espacial e temporal em que foram produzidos. Em outras palavras, a reprodução escrita dos discursos atribui à comunicação um caráter de memória no tempo e no espaço, o que permite aos indivíduos reativar e reconstruir narrativas em novas interações sociais. Na relação dos extrativistas com os meios de comunicação, a referência para as interações sociais a partir do midiático é a oralidade, o encontro presencial que ocorre de forma casual, esporádica ou programada, onde a voz tem caráter imaterial e as narrativas “se dissipam”. Entretanto, o que se percebe é que nessas interações, embora o produto da conversação não tenha registro, existe aí algo substancial que perdura como componente simbólico da fala, ativando memórias e mobilizando os extrativistas em seus processos interacionais cotidianos.

A relação com a televisão, portanto, se efetiva mesclada a diálogos da audiência inspirados nas narrativas televisivas – uma notícia, um acontecimento, um produto anunciado, uma cena, o comportamento ou um detalhe qualquer de um personagem da novela, entre tantos outros referenciais simbólicos que permeiam a audiência – e a assuntos da vida em família e comunitária, geralmente envolvendo o trabalho, os filhos, religião, saúde, lazer e outros tantos aspectos que conformam a vida da família rural. Assim, assistir à televisão não é uma ação desconectada da vida cotidiana, o que indica que a interação com esse meio revela uma situação social complexa onde se expressam distintas relações entre os membros da família e destes com o mundo exterior (SILVERSTONE, 1994) e que inspiram e sustentam o diálogo e a interação no momento da audiência e para além deste contexto.

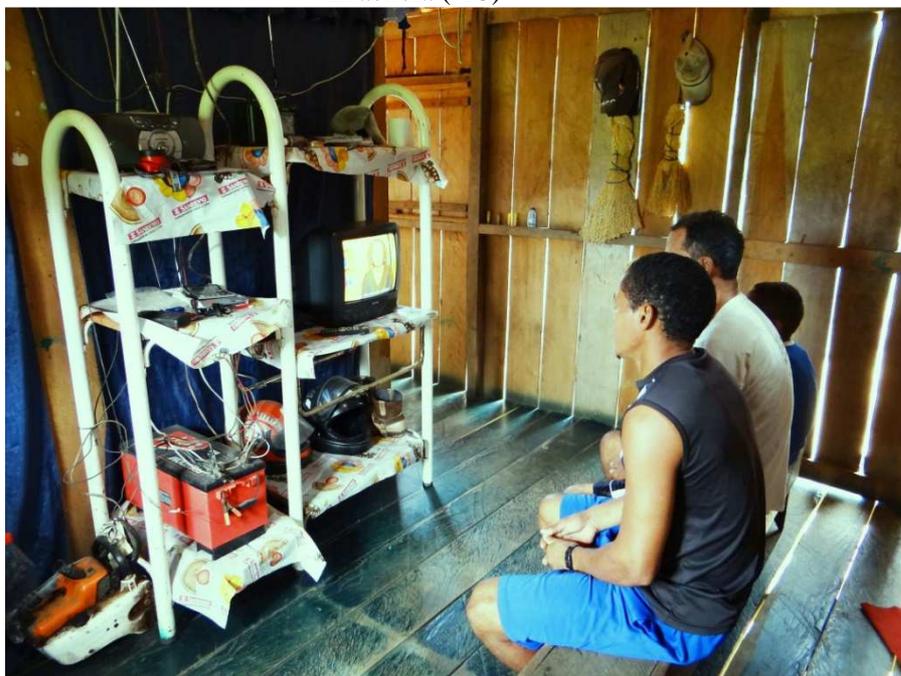
Na audiência televisiva observamos que cada um tem o seu lugar, todavia, a definição desses lugares não se dá de modo aleatório, mas em função do papel que cada um ocupa, revelando relações de poder que permeiam o universo familiar e extrafamiliar. Assim, os homens, geralmente se acomodam em cadeiras (ou poltronas) próximas da porta ou na varanda – principalmente o chefe da família – enquanto as mulheres da casa e os visitantes se distribuem no sofá (quando existe). Na falta deste utensílio sentam-se em cadeiras dispostas

lado a lado, quase coladas ao paredão da sala. As crianças geralmente se espalham nesse ambiente. Os homens, mais contidos nas conversas, interagem menos que as mulheres e tentam por “ordem” na audiência:

Aqui é sempre assim. Todo dia é casa cheia. Então é uma conversação danada na hora da televisão, principalmente na hora da novela. Eu gosto dessa convivência, mas às vezes a gente quer ouvir e não consegue. Aí eu tenho que pedir silêncio (S.S.B. – extrativista, 59 anos).

Vale ressaltar que este modo de ver televisão é predominante entre famílias mais numerosas e também entre aquelas que realizam uma audiência compartilhada com a vizinhaça, mas não é a única forma de interagir com essa mídia, observada entre os extrativistas. Em famílias com menos integrantes, geralmente entre três a quatro pessoas, a audiência ocorre de forma menos *efusiva*, especialmente naquelas compostas somente por homens (pai e filhos), modelo familiar comumente observado nas comunidades extrativistas pesquisadas (conforme Foto 9), o que indica que no contexto rural a composição das famílias também vem se modificando.

Foto 9 – Família em audiência televisiva, seringal Filipinas, município de Brasileia (AC)



Registro realizado em julho de 2013, pela autora

Para além do formato da composição familiar, concretamente, todos, de um modo ou de outro, interagem enquanto assistem à televisão, motivados pela oferta televisiva e pelos

assuntos que envolvem o dia a dia de cada família. Assim, assistir televisão é uma prática social que se realiza de forma heterogênea, pois está entrecruzada com rotinas da vida diária que se modificam de acordo com o contexto de cada família e, ao mesclar vida social com realidade simbólica (SILVERSTONE, 1994), a audiência televisiva alcança uma dimensão informadora e lúdica, espacial e temporal. No contexto extrativista a interação com a televisão suscita usos e apropriações que se desenvolvem entrelaçados a rotinas diárias e discursos domésticos e públicos.

As informações midiáticas acessadas na interação com os meios de comunicação (rádio e televisão), no contexto familiar, se desdobram e repercutem em outros ambientes da comunidade, ressignificadas de acordo com os referenciais de cada pessoa. Essa circulação midiática ocorre em reuniões comunitárias, nos encontros religiosos, nos trabalhos em mutirão, nas visitas à casa do vizinho, em eventos de socialização e atividades de lazer ou em encontros casuais que entrecruzam a vivência dos extrativistas nos ramais e *varadouros* entre as colocações. São esses discursos, construídos em um processo contínuo de ressignificação do midiático e constituídos em circuitos comunicacionais e interacionais, que movimentam as relações sociais nas comunidades.

Com base nas observações e afirmações dos entrevistados, pode-se afirmar que nas comunidades extrativistas a audiência televisiva não é apenas uma breve exposição de indivíduos à televisão, nem um mero consumo, mas uma maneira inventada por estas pessoas para se colocarem em contato com o mundo externo. Dito de outra maneira, os usos e apropriações que os extrativistas desenvolvem na relação com a televisão representam uma forma de romper com o aspecto local da vivência rural e inserir-se ao mundo global, mesmo que seja pela via da simulação. Essa forma é a televisão.

Esse acesso a realidades mais globais se dá, muitas vezes, em um tempo pré-determinado imposto por um cenário de limitações tecnológicas onde a energia elétrica precisa ser gerada e consumida de forma racional. Como entre os extrativistas entrevistados predominam os sistemas alternativos de energia elétrica, com pouca oferta desse bem, estas pessoas são levadas a escolher como utilizar a energia gerada. Observa-se uma espécie de *pacto pelo midiático* entre as famílias extrativistas que, frente à escassez tecnológica e a uma diversidade de demandas por energia elétrica, optam pela interação com a televisão. Ao mesmo tempo em que privilegiam a interação com esse dispositivo midiático também precisam fazer suas escolhas quanto à audiência televisiva:

Como não tem energia o tempo todo a gente tem que escolher. Eu vejo o Jornalpra saber das notícias e gosto também do futebol, pra distrair. A mulher e os meninos gostam muito da novela, então eu assisto também. No dia que tem futebol a gente assiste o jornal e o

que dá pra ver do jogo porque a televisão só fica ligada duas horas. A televisão puxa muita energia e a bateria da placa é fraca (F.G.M. – extrativista, 57 anos).

Com a energia da placa dá pra assistir o jornal e a novela, aí a bateria cai e todo mundo vai dormir. Mas esse pouco tempo faz diferença porque a gente fica sabendo do que acontece no país e no mundo. Eu acho importante o sujeito conhecer as notícias [...]. Esse programa do Crédito Habitação, por exemplo, a gente ficou sabendo pela televisão e também saiu no rádio (M.F.G. – extrativista, 64 anos).

Diante desse quadro de insuficiência tecnológica há todo um cuidado dos extrativistas em manter em funcionamento as fontes alternativas de geração de energia elétrica para ter acesso à televisão, como mostra a imagem abaixo (Foto 10), onde o extrativista se prepara para a audiência televisiva.

Foto 10 – Extrativista realiza a conexão da bateria da placa solar à televisão, Seringal Floresta, município de Xapuri (AC)



Registro realizado em janeiro de 2013, pela autora da pesquisa

Além da forte interação com o rádio e a televisão, os extrativistas também utilizam o telefone celular, embora poucos entrevistados (somente cinco) disponham desta mídia em condições plenas de funcionamento, no espaço da casa. A inclusão do uso do telefone celular na análise das experiências midiáticas dos extrativistas deu-se em função da constatação desta tecnologia como parte do cotidiano dos extrativistas, fortemente inscrita no fluxo informacional, de contato e conversacional destas pessoas. Assim, identificou-se uma

regularidade de processos comunicacionais e interacionais ativados na relação com essa tecnologia, apesar das limitações percebidas no seu acesso e uso.

Deste modo, no âmbito desta pesquisa o telefone celular constitui-se em dispositivo midiático com lugares e modos específicos de uso e apropriação, dado o quadro de restrições tecnológicas identificado. Embora a maioria das famílias extrativistas reserve a energia elétrica disponível para o consumo de conteúdos televisivos, também se observa casos em que parte dessa energia destina-se ao uso do telefone celular (Foto 11). Assim, os extrativistas alimentam a bateria desse dispositivo com energia gerada por placa solar ou motor a diesel.

Foto 11 – Extrativista em uso do telefone celular, seringal Filipinas, município de Brasileia (AC)



Registro realizado em julho de 2013, pela autora da pesquisa

Nestas condições, a inserção dos extrativistas em um contexto mais amplo de comunicação e de interação midiática, por meio do uso do telefone celular, implica restrição no acesso à televisão:

Nós temos placa solar faz 11 anos. A energia produzida a gente usa pra assistir televisão e carregar a bateria do celular. Antes do celular era só pra televisão. Aí dava pra assistir mais coisas. Agora a gente divide e aí dá pra assistir o jornal e um pouco da novela. Se ligar a luz, gasta toda a energia. Então pra iluminação da casa a gente usa o candeeiro (S.S.B. – extrativista, 59 anos).

De um modo ou outro, constata-se que a energia elétrica está direcionada à inserção destas pessoas em contextos midiáticos, servindo como mediação nos processos comunicacionais e interacionais desenvolvidos cotidianamente.

Entre os entrevistados que usam o telefone celular em casa (celular rural), a relação com esse dispositivo é preponderantemente voltada para a comunicação com familiares e amigos que moram na cidade, especialmente para obter informações que ajudem a resolver problemas do dia a dia na propriedade, evitando deslocamentos:

A gente mora distante e com o telefone tudo fica mais fácil. Às vezes quando quero ir pra rua²⁰ eu ligo e peço um transporte, aí vem uma moto ou um carro me buscar. Ou quando eu preciso de alguma coisa ligo pra minha mãe ou pra uma irmã e elas mandam quando vem alguém da rua (F.N.C. – extrativista, 37 anos).

Esse uso doméstico do telefone celular, embora ainda se desenvolva de forma moderada, tanto possibilita a manutenção de vínculos afetivos, por permitir o contato com a família e pessoas próximas, como representa uma via de acesso a realidades mais distantes, atribuindo à vida rural tipicamente local características midiáticas que vão se constituindo por meio de lógicas globais de comunicação e interação.

A gente conversa com parentes e amigos que mora(m) na cidade. Eles informam o que tá acontecendo lá e a gente informa as condições daqui do seringal. Por exemplo, quando alguém vai pra rua e passa dois ou três dias, antes de voltar liga pra perguntar se tá chovendo ou pra saber das condições da estrada. Quando não tinha telefone aqui era muito difícil pra saber notícia de quem (es) tava na cidade. Agora a gente fala a qualquer hora (M.C. M – extrativista, 58 anos).

Outra particularidade observada entre as famílias que dispõem do telefone celular em casa é o compartilhamento dessa tecnologia com a vizinhança. Entre algumas famílias o uso deste dispositivo se faz de modo coletivo, compartilhado por outras pessoas da comunidade. Essa socialização do dispositivo aponta para uma forma específica de interação com a tecnologia, que se desenvolve ancorada em apropriações simbólicas que envolvem contexto familiar e sistema de vizinhança, marcada por características tipicamente locais, articuladas a sistemas mais globais centrados no meio urbano.

Uma das características marcantes das comunidades extrativistas é a distância que separa as *colocações*. Deste modo, para muitos extrativistas ir à casa do vizinho fazer um telefonema não é tão simples. Muitas vezes, para quem não tem um transporte, isto implica

²⁰Termo usual na linguagem rural nortista, empregado para referir-se ao contexto urbano e, mais precisamente, para dizer sobre o trânsito de moradores rurais para a cidade.

longas horas de caminhada. Em vista disto, o compartilhamento desse dispositivo geralmente fica restrito às urgências e excepcionalidades:

Aqui em casa só tem o rádio. Pra ter uma notícia mais rápido lá da cidade, principalmente quando tem alguém da família doente, a gente vai até a casa do vizinho e pede pra telefonar. Mas isso é só em caso mais urgente porque a vizinhança aqui não é muito perto e tem que ir a pé. Daqui até lá dá quase uma hora a pé e de moto é quinze minuto(s). Às vezes acontece também de telefonarem pra mim ou pra mulher. Aí, se for muito urgente, o vizinho manda avisar logo pra gente, se não, ele espera ir alguém daqui ou vir alguém de lá pra mandar o recado. Isso é bom porque já não (es)tamo(s) mais tão isolado(s) (R.S.P. – extrativista, 51 anos).

Por meio dessa apropriação coletiva do telefone os extrativistas se inserem em um processo de dupla interação comunicacional, embora o processo se efetive de forma moderada, gerando ao mesmo tempo interação com o contexto interno da comunidade, na medida em que falar ao telefone implica deslocamento e aproximação física com a vizinhança, e com o ambiente externo, proporcionando contato com o meio urbano, como se observa na imagem abaixo (Foto 12).

Foto 12 – Extrativista em uso do telefone celular, seringal Filipinas, município de Brasileia (AC)



Registro realizado em julho de 2013, pela autora da pesquisa

Esse compartilhamento da tecnologia suscita táticas de uso subordinadas a valores (apropriações) vinculados a custos monetários. Assim, nas casas onde o uso compartilhado

pela vizinhança é mais intenso os usuários pagam pelo consumo da tecnologia, indicando um processo de troca simbólica, acionada pelas informações e motivações que movimentam a relação com o telefone, e material, racionada pelo valor econômico que esse contato com o aparato tecnológico mobiliza. Nestas condições, o custo da ligação é calculado por tempo de uso, baseado no valor do minuto cobrado pela empresa de telefonia (operadora), com pagamento imediato ou postergado. Nesse processo, os extrativistas consideram que é justo pagar pelo que consomem, de acordo com o tempo de uso do telefone, entretanto, nem sempre esse compartilhamento da tecnologia apresenta caráter comercial. O que se observa é que essa prática é parte das relações em sistema de vizinhança e envolve laços de amizade e solidariedade. Assim, muitas vezes, o contrato simbólico (apropriação) subordina o contrato material, estritamente econômico, condensando-o e subsumindo-o:

Eu tenho esse telefone há dois anos. Muitos vizinhos vêm aqui pra telefonar pra rua, mas na maioria das vezes é mesmo caso de emergência. Então, se a pessoa faz só uma ou duas ligações no mês e é rápido nem cobro, deixo pra lá porque é tão pouco, sabe. Além disso, a gente aqui tem amizade, tem que se ajudar. Mas, se for muita ligação, aí já pesa. Então eu calculo e a pessoa paga pelo que consome (J.O.S. - extrativista, 55 anos).

Se por um lado quem não dispõe desse dispositivo cria alternativas para seu acesso, por outro, mesmo para quem possui a tecnologia o seu uso e apropriação impõem invenção criativa. Isto porque, devido à densidade florestal e as deficiências tecnológicas no seringais, o sinal de acesso ao celular se torna vacilante ou escasso, dificultando ou impossibilitando a comunicação por este meio. Nas *colocações* localizadas mais distantes, muitas vezes é preciso caminhar longos percursos para encontrar um ponto de captação do sinal que ofereça condições para um contato comunicacional efetivo.

Embora se observe uma forte presença do telefone celular nas comunidades extrativistas, a principal tendência na relação com este dispositivo comunicacional é o seu uso em ambiente urbano. A maioria dos entrevistados, mesmo dispondo do aparato tecnológico (aparelhos), utiliza a tecnologia somente quando está na cidade, com a finalidade exclusiva de falar com familiares ou contactar pessoas de instituições diversas. Isso vincula a relação com essa tecnologia a diferentes sistemas de relacionamento dos extrativistas (bancos, instituições vinculadas ao trabalho extrativista, órgãos de saúde, educação, instituições sociais).

Nas comunidades extrativistas o consumo midiático também está relacionado ao papel (situacional) que cada um exerce dentro e fora do contexto comunitário. Há indivíduos com níveis de atuação e papéis diferenciados, de acordo com o grau de articulação política e os mais articulados, geralmente estão envolvidos com as instituições representativas das

comunidades. O modo de organização social das comunidades extrativistas (em associações e sindicatos rurais) e o modelo de produção baseado em uma lógica comercial instável gera a necessidade de mediação nas relações rural-urbano e urbano-rural, geralmente exercida pelo líder comunitário. Assim, além de uma maior mobilização e interação nas ações internas das comunidades, os extrativistas que atuam em atividades associativas e políticas se inserem em circuitos comunicacionais externos às comunidades. Essa inserção em um contexto social e midiático ampliado lhes faculta o acesso a outros meios de comunicação (impresso e internet), não disponíveis nas comunidades, e possibilita novos fluxos comunicacionais:

Toda semana eu vou à cidade. Tem sempre alguma coisa pra tratar no sindicato ou no ICMBio sobre demandas da comunidade. Nestes locais eu tenho acesso à internet. Isto já é frequente. Então, procuro me informar sobre as notícias e assuntos de interesse pra comunidade. Por exemplo, o preço da castanha. Eu tô sempre consultando quem tá pagando melhor e repassando pros moradores da comunidade, mas eu também consulto coisas pessoais. Mês passado viajei pro Amapá, então a reserva do hotel eu fiz pela internet. Mas aqui, quase ninguém usa internet porque na comunidade não tem acesso e muitos não tem como usar na cidade (S.P.S. – extrativista, 38 anos).

Eu sempre procuro ler o jornal quando vou à cidade. Internet eu não sei usar. Geralmente vou à cidade uma ou duas vezes por semana. Tem muita demanda da comunidade pra tratar. Hoje mesmo eu tô indo pra reunião. Toda vez que chego na cidade compro logo o jornal [...]. Gosto de ler A Gazeta, A Tribuna e o Página 20 porque tem notícias que não sai no rádio, só sai no jornal. Eles vêm de Rio Branco. Quando eu não compro, leio o jornal na sede do Sindicato. Eu gosto de ler e me informar. As informações que interessa(m) pra comunidade eu repasso pro pessoal, porque tem gente aqui que não tem nem rádio pra se informar. Eu também gosto de trazer uns informativos do ICMBio e do IFAC porque tem muita informação que interessa pra gente (R.B.M. – extrativista, 65 anos).

Esses extrativistas se investem do papel de líderes-comunicadores fazendo a mediação entre realidade rural e outras realidades simbólicas. Assim, ao capturarem relatos e informações midiáticas no mundo externo e repassarem para o seu mundo interno asseguram o contato e acoplamento entre rural e urbano, entre o local e global, ampliando o nível de afetação da midiatização no cotidiano extrativista, pelo compartilhamento e circulação de informações midiáticas:

Aqui as reuniões acontecem duas vezes por mês. É sempre pra discutir alguma demanda, seja a melhoria dos ramais, o preço da castanha, o aumento das ações comunitárias, um programa de governo que pode beneficiar os moradores [...]. E sempre tem os informes que a gente traz da cidade pra repassar pra comunidade. Eu tô sempre indo à cidade pra discutir os assuntos da comunidade e aí procuro ver principalmente os jornais. Tem sempre alguma novidade pra trazer e informar pros moradores aqui. Internet eu não uso. Nunca procurei aprender porque aqui a gente não acessa [...]. Então busco outros meios e o jornal tem muita informação e é bom a gente poder compartilhar com a comunidade (S.S.B. – extrativista, 59 anos).

As informações capturadas de outras mídias e em outros circuitos interacionais no meio urbano são compartilhadas nas comunidades e circulam por diferentes estratégias de interação, mas o meio mais comum são as reuniões comunitárias. Nestes encontros, os circuitos comunicacionais se constroem na movimentação dos indivíduos no interior da comunidade, mas também nesse movimento de idas e vindas entre o rural e o urbano, que aciona processos midiáticos singulares.

Com base nas observações empíricas e nos relatos dos extrativistas constata-se que as dificuldades para acesso e uso dos meios de comunicação nas comunidades ainda são muitas e demandam postura criativa por parte dessa população que conviveu por décadas com o isolamento comunicacional. Deste modo, poder interagir e comunicar do meio da floresta, com realidades globais (por meio do rádio e televisão) e falar com pessoas de diferentes localidades, muitas vezes sem sair de casa (por meio do celular), representa mais que um avanço na comunicação e no modo de vida rural. As táticas de acesso e uso dessas tecnologias se convertem em verdadeiras estratégias de sobrevivência neste contexto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar a constituição do processo de midiatização em comunidades rurais extrativistas, partindo-se da premissa de que a midiatização apresenta distintos estágios na sociedade e se desenvolve de acordo com os contextos e com as relações que indivíduos e grupos sociais estabelecem com os meios de comunicação, esta pesquisa investigou os usos e apropriações de dispositivos tecnológicos, que acionam processos comunicacionais e interações sociais em comunidades extrativistas. À sua maneira, o meio rural está inserido em processos midiáticos e, de modo muito particular, os extrativistas inscrevem seus processos comunicacionais e interacionais em processos midiatizados.

Na construção do objeto de estudo delineamos relações entre processos sociais (situações e contextos como espaço de possibilidades e limites) que se entrelaçam a processos midiáticos (transformando tempo, espaço, trabalho, relações entre gênero, cultura, produção, tecnologias, *habitus*). Tais transformações são acionadas por referências simbólicas (reproduzidas, emergentes e redundantes e, às vezes, novas) e pelas ações sociais com os meios materiais. Na interseção destes dois processos os usos e apropriações, em sinergia, se condensam em dispositivos.

O estudo foi desenvolvido preliminarmente entre agricultores gaúchos, a partir de um cenário midiático constituído por um intenso consumo midiático, efetivado pelo uso do rádio, da televisão, jornais impressos, internet e telefone celular. Essa realidade comunicacional inspirou analogias com a realidade comunicacional das comunidades extrativistas e suscitou reflexões sobre a midiatização enquanto processo social heterogêneo.

No desenvolvimento da pesquisa constatamos um conjunto de dispositivos midiáticos (rádio, televisão, telefone celular) integrados ao cotidiano dos extrativistas, entendidos como operadores de circulação e de interações sociais. As relações estabelecidas com esses dispositivos foram analisadas na perspectiva das materialidades e de sua dimensão simbólica, em articulação com o conceito de usos e apropriações em Proulx (2012) e de dispositivo em Ferreira (2006).

Na análise da relação estabelecida por extrativistas com os meios de comunicação tradicionais e na descrição das experiências midiáticas de agricultores gaúchos identificamos uma paisagem de usos e apropriações em dispositivos, que vão definindo um *habitus midiático* diferenciado, constituído na articulação entre referências materiais e simbólicas e lógicas de funcionamento de mediações situacionais e simbólicas. O processo analítico revelou o valor da informação como principal mediação na relação com os meios de

comunicação, em ambos os contextos, ou seja, o caráter informacional constitui a mediação mais redundante na relação dos agricultores gaúchos e dos extrativistas do Acre com os dispositivos midiáticos. O interesse por informações úteis para o trabalho agrícola e sobre a economia extrativista direciona a relação destes indivíduos com os meios massivos de comunicação e o desenvolvimento de processos comunicacionais e interacionais. Além desse valor de uso, a busca por entretenimento, a interação com realidades exteriores, agendamentos e imediaticidade também permeiam essa relação. A apropriação simbólica desses processos abrange a memória social e midiática, a religiosidade, a economia afetiva, a interação e a vinculação social, além do vínculo econômico/comercial. Se na esfera das apropriações simbólicas há uma proximidade entre as realidades de extrativistas e agricultores (verificadas nas homologias), no aspecto dos usos observamos um leque mais diversificado de funcionalidades, em cada contexto, na relação com os dispositivos midiáticos.

Nessa relação com o midiático identificamos uma forte dimensão informativa, constituída como principal mediação no uso do rádio, tanto entre agricultores gaúchos como entre extrativistas do Acre. Nas apropriações que os agricultores gaúchos fazem desse meio, destacamos como mediação simbólica a memória (acionando lembrança do cotidiano familiar), ou seja, o rádio remete a reminiscências familiares porque se constitui como parte da história de vida dessas pessoas. Já no contexto extrativista acriano, nas apropriações deste dispositivo a mediação “memória” adquire outra conotação, na medida em que aciona um sentido de continuidade na relação com o midiático e com o próprio contexto de transformações do ambiente rural. Se no passado, a relação com o midiático se constituía exclusivamente pela escuta radiofônica – a “caixinha milagrosa”, que funcionou por muitas décadas como única fonte de ligação da população extrativista, marcadas pelo isolamento e por condições precárias de sobrevivência, com outras realidades – na atualidade esse dispositivo midiático divide espaço com outros meios de comunicação no cotidiano destas comunidades, indicando um processo de transformação do lugar (que atualmente conta com estradas de acesso (embora de chão batido) e com serviço (parcial) de energia elétrica), assim como reflete uma evolução na oferta midiática nestas localidades.

Na análise da relação com a televisão observamos equilíbrios e distinções de usos e apropriações entre os extrativistas do Acre e os agricultores do Sul (na perspectiva informacional, de entretenimento e de caráter formativo). Neste sentido, a pesquisa revelou que, nos dois contextos, o uso desse dispositivo midiático constituído responde a economias afetivas, culturais, de crítica social e da mídia. Entretanto, no Sul esse uso agrega ainda a perspectiva da economia de produção e do contato com o sagrado, o que coloca o sistema de

produção agrícola e a religião como importantes mediações na relação dos agricultores gaúchos com os meios, todavia, essas mediações não foram observadas entre os extrativistas.

Os usos desenvolvidos com a televisão evidenciaram (além da busca pela informação que atravessa todo o processo de interação com os meios), a busca por entretenimento e o interesse por formação/instrução como mediações redundantes aos dois contextos (Acre e Sul). No Acre as grandes distâncias geográficas em relação ao centro urbano fazem das comunidades extrativistas locais com raras opções de lazer – o que leva esses indivíduos a utilizarem este meio também como fonte de distração. Já entre os agricultores do Sul, a busca por entretenimento na relação com a televisão suscita uma questão: se em locais marcados por relativo isolamento (caso das comunidades extrativistas) a televisão se constitui importante fonte de entretenimento, porque em comunidades com condições estruturais favoráveis ao acesso e próximas ao centro urbano a busca por entretenimento ainda constitui importante fonte de mediação no uso desse meio de comunicação? A resposta para este questionamento exige uma reflexão sobre distintos aspectos da vida nestas comunidades, que se coloca para além desta pesquisa.

Também se verifica, na relação dos agricultores com os meios, um direcionamento do midiático ao interesse por conteúdos formativos/instrucionais, mediação que embora se apresente transversal aos dois contextos rurais (gaúcho e acriano), expressa intensidades distintas em cada localidade. Nas comunidades extrativistas o principal interesse na relação com o midiático é o acesso a informações sobre o preço do principal produto comercial (a castanha), o que indica uma postura mais engajada com o sistema comercial (economia local) do que com a melhoria do sistema produtivo. Deste modo, poucos entrevistados buscam acessar informações que agreguem conhecimentos sobre a atividade extrativista, ou seja, que tenham aplicação prática no trabalho que realizam.

Entre os agricultores gaúchos a principal motivação na relação com os meios é a busca por informações e conhecimentos técnicos que possam ser aplicadas na prática e contribuam para a melhoria do sistema produtivo. Para estes indivíduos não basta produzir, é necessário produtividade com qualidade, por entenderem que estes fatores podem garantir o retorno comercial da atividade. Estes aspectos também indicam diferenças e singularidades nos sistemas produtivos nas duas localidades, sendo um constituído pela produção agrícola e outro pela produção florestal, ou seja, no Sul é preciso dominar técnicas de plantio, cuidar da plantação e da colheita; no Acre, a produção extrativista está dada pela natureza. Assim, enquanto os agricultores gaúchos mantém uma estreita vinculação com a terra, os extrativistas cultivam uma forte relação com a floresta.

A pesquisa revelou ainda que entre os agricultores gaúchos o uso da televisão também se desenvolve como templo, configurando esse meio como dispositivo religioso e, deste modo, a religião representa importante mediação na relação destas pessoas com esse meio de comunicação. Considerando que a pesquisa identificou a existência de igrejas tanto no contexto das comunidades rurais do Acre como das comunidades do Sul, onde se pode participar, com frequência, de rituais religiosos, há que se pensar: porque a prática de uso da televisão como templo só acontece entre os agricultores gaúchos? Acreditamos que esta prática esteja relacionada à vasta oferta tecnológica e midiática existente nessas comunidades, diferentemente do que ocorre no contexto extrativista.

Há uma oferta midiática distinta nas comunidades rurais do Sul e Acre, com a presença de algumas mídias (jornais impressos e internet) nas comunidades agrícolas gaúchas, não existentes nas comunidades extrativistas do Acre. A relação dos agricultores com estes dispositivos midiáticos envolve diferentes mediações: a busca por informações, o uso diferido/individual (caso do jornal impresso); uma economia/estrito senso, vínculos familiares, interação social, economia/produção (internet).

No contexto extrativista, de modo geral, identificamos um jogo comunicacional que surge e se instala na relação com os dispositivos midiáticos, constituído nos usos e apropriações, acionado por relações materiais e simbólicas com as tecnologias e que se efetiva na circulação de informações e nas interações sociais. Neste sentido, a circulação se constitui como vetorização simbólica no qual os sentidos que direcionam a relação com os dispositivos são acionados não por derivação mecânica, mas por referências existentes ou em criação, ou mesmo por resistências ou estratégias desenvolvidas. Assim, na relação com os meios de comunicação a circulação da informação midiática ocorre em diversos níveis, evidenciados na sequência deste texto.

A circulação entre valores de uso e apropriações, que se efetiva na audiência compartilhada entre vizinhos: “[...] *mas tem muitos [extrativistas] aqui que não tem nem rádio pra ouvir. Então, ele(s) fica(m) sabendo por meio de outros moradores*” (L.D.P. – extrativista, 48 anos).

A circulação no espaço doméstico, transformando o lugar passivo de fala em gestão da informação:

Gosto de manter sempre o rádio ligado quando tô em casa. Escuto enquanto vou fazendo as coisas da casa. Gosto principalmente das notícias, porque tem muita informação importante pra nós. Por exemplo, o preço da castanha. [...] eu escuto as notícias e repasso pra família (M.R.S. – extrativista, 46 anos).

A circulação como informação de fora pra dentro (do espaço público ampliado – global – para o espaço público local), aspecto que pode ser evidenciado na seguinte fala:

Toda semana eu vou à cidade. Tem sempre alguma coisa pra tratar no sindicato ou no ICMBio, sobre demandas da comunidade. Nestes locais eu tenho acesso à internet. Isto já é frequente. Então, procuro me informar sobre as notícias e assuntos de interesse pra comunidade. Por exemplo, o preço da castanha. [...]. (S.P.S. – extrativista, 38 anos).

A circulação operando de fora pra dentro, ou seja, do espaço público para o espaço privado:

Outro dia eu (es)tava ouvindo rádio e saiu o meu nome. Me chamaram pra ir recadastrar o cartão do Bolsa Família (programa) na cidade. Então eu fui fazer pra não perder o benefício (M.D.R. – extrativista – dona de casa, 49 anos).

A circulação ampliada do espaço privado para o espaço público local:

Eu sempre fico ouvindo as notícia(s) e tem coisa que é de interesse da comunidade, então, eu anoto e transmito pro pessoal daqui. Como os encontros da comunidade acontece(m) somente a cada quinze dias, quando é urgente eu vou até a casa do vizinho ou mando um recado pra pessoa interessada. (S.P.S. – extrativistas, 38 anos).

A circulação ampliada no espaço público local:

Há poucos dias aconteceu um acidente de carro aqui na comunidade, onde morreu um vizinho nosso. [...] Meia hora depois, todo mundo da comunidade já sabia o que tinha acontecido. (E.S.C. – extrativista, 35 anos).

Percebemos, deste modo, que a relação com os meios de comunicação nas comunidades extrativistas direciona processos de circulação de informações e de interações sociais distintos. Esses processos se desenvolvem em relação com uma série de fatores de ordem antropológica e tecno-tecnológica, que participam da vida cotidiana destes indivíduos e se manifestam em suas dimensões material e simbólica nos processos de comunicação e interação. Esses processos se desenvolvem com base em lógicas de mediação que movimentam distintos sistemas nos quais os extrativistas estão inseridos e vão construindo um contexto midiático peculiar nas comunidades, evidenciando a heterogeneidade do processo de mediação social. Assim, destacamos como principais fatores socioantropológicos de mediação, na relação dos extrativistas com os meios de comunicação,

o trabalho, a família, o contexto rural com suas especificidades, a cultura local, as instituições públicas e privadas (sindicato, associações de classe) e a própria subjetividade dos sujeitos. Como fatores tecno-tecnológicos, destacamos as limitações para acesso aos sistemas de energia elétrica e aos meios de comunicação, além das próprias tecnologias midiáticas (com suas especificidades). Estes elementos mediacionais operam justapostos e se afetam mutuamente, acionando uma terceira dimensão na relação com os meios: a produção de discursos e sentidos, efetivada nas diversas formas de circulação da informação que perpassam os usos e apropriações dos extrativistas em dispositivos midiáticos.

5. 1 Codas em contexto teórico ampliado

Em termos de referência simbólica (apropriações), os processos de comunicação em comunidades rurais extrativistas revelam muito da história, da cultura, costumes, práticas sociais, valores, crenças e percepções de seus habitantes. Assim, percebe-se a realidade sociocultural e histórica do objeto investigado, situando-o no âmbito de processos relevantes para entender o seu viés comunicacional. Em outras palavras, corresponde a (re)conhecer o modo de vida constituído por sujeitos rurais, ao longo do tempo, que particularizam o espaço rural e singularizam traços e dinâmicas culturais que se mostram latentes na relação com os meios de comunicação e nos processos comunicacionais e interacionais dos extrativistas, aspectos evidenciados na análise apresentada nas sessões que se seguem.

5.1.1 Memórias e comunicação

As relações que se desenvolvem em torno das tecnologias comunicacionais, nas comunidades extrativistas, além de contribuírem para manter o vínculo social, alimentando as relações familiares, também suscitam discussões em torno de demandas relacionadas ao trabalho, melhoria da renda, saúde, educação, transporte e tantas outras necessidades que fazem parte do cotidiano destes indivíduos e sustentam as relações comunitárias, processos que se efetivam por meio da circulação midiática. Assim, os dispositivos midiáticos, representam meios de interação com os diversos processos sociais que integram a vida dos extrativistas dentro e fora do contexto comunitário. Como afirma Silverstone (2002), a mídia, ela própria também se constitui como uma processualidade fundamental e eternamente social, ou seja, há uma historicidade específica dos meios de comunicação [*que atravessa processos*

existenciais – grifo da autora] e essa historicidade se dá na vida cotidiana (SILVERSONE, 2002, p. 17), por meio dos vínculos comunicacionais e sociais.

A relação com o midiático orienta as práticas sociais dos extrativistas tanto em seu sentido macro (relações comerciais, ações voltadas para a organização comunitária, interação com instituições públicas e privadas, acesso a programas sociais, linhas de crédito), como em termos de microprocessos (avisos sobre agendamentos de consultas e procedimentos médicos, informações sobre familiares e amigos que moram na cidade) e outras demandas comunicacionais comuns a quem mora no meio rural.

O trabalho ocupa lugar central na vida dos extrativistas e determina as demais práticas cotidianas, incluindo-se a relação com os meios de comunicação e a própria constituição destes indivíduos como sujeitos sociais. Por outro ângulo de análise, é pelo trabalho que se define uma relação “umbilical” com a floresta e, a partir daí, a própria identidade seringueira, herdada dos nordestinos extrativistas que povoaram a região e lutaram para vencer o isolamento e pelo direito de viver e trabalhar na floresta. Assim, o tempo midiático dos extrativistas vincula-se à temporalidade do trabalho, que vai tecendo também o convívio familiar e as relações dentro e fora do contexto comunitário, tendo o midiático como referência para as interações sociais.

Desta maneira, uma dinâmica própria do rural, constituída em bases simbólicas, orienta as práticas cotidianas destes indivíduos, inclusive com as mídias. Nessa relação com o midiático, o dispositivo se constitui na dimensão potencial de comunicação e de interação social contida no contexto familiar, no sistema de trabalho, no espaço comunitário e nas relações sociais externas à comunidade. A dimensão simbólica do dispositivo se constitui nas apropriações dos meios de comunicação, que se desenvolvem vinculadas a lógicas de funcionamento dos contextos e dos sistemas de vivência dos extrativistas. Por outro lado, há também um aspecto pragmático nesse processo, que se expressa nos usos desenvolvidos pelos extrativistas com os meios. Assim, os usos evidenciam que não há um “esperar pela notícia”, mas sim uma expectativa em ouvir a notícia para dela se apropriar, por meio da circulação de suas mensagens.

Também se constata um forte caráter relacional do atual momento vivido pelos extrativistas com a trajetória de lutas de outrora, do seringueiro, pela posse da terra e manutenção da floresta “em pé” – vistas como “fonte de vida e riquezas” – assim como a existência de um forte sentimento de participação dessas pessoas na construção da história e de pertencimento ao lugar. Estas percepções são importantes porque ajudam a compreender os distintos papéis exercidos na comunidade, sendo igualmente relevantes para refletir sobre

as raízes históricas destes indivíduos e suas preocupações contemporâneas. Se no passado a luta era para permanecer na terra e continuar tirando da floresta o sustento, hoje as aspirações giram em torno da busca por valorização do trabalho extrativista e da inserção destes produtos em novos mercados. Tais perspectivas se interpenetram nos usos e apropriações dos meios de comunicação.

5.1.2 A oralidade como referência para o processo de interação

Destituídas da possibilidade de retorno ou “correção” pela via do dispositivo, a discursividade entre os extrativistas encontra em cada um destes indivíduos a sua possibilidade de ressonância, pela conversação oral, cultivada como sistema de referência pelas massas populares na sociedade contemporânea e, mais especificamente, por indivíduos ainda não inseridos na cultura digital, marcada pela escrita.

Os vínculos entre a cultura popular e a oralidade motivaram inúmeros estudos em torno do tema, embasados pelas chamadas “teorias da cultura” e que, procuram, em boa medida, desmistificar a noção de cultura oral como algo relacionado às formas mais primitivas de comunicação. A própria ideia de que o popular se define como uma realização social, historicamente construída, enfraquece a perspectiva da oralidade como sinônimo de atraso ou de modo de vida primitivo entre outras acepções preponderantemente depreciativas. Ao contrário, é justamente o caráter primário da oralidade que confere singularidades ao seu uso na comunicação e à sua significação nos processos sociais.

Martín-Barbero (2009) destaca a oralidade como uma característica cultural constitutiva da realidade latino-americana, onde “grandes massas” incorporam a cultura midiática sem passar pela cultura letrada. Mas isto não significa que os indivíduos não possam usar e se apropriar de forma efetiva das mídias. Essa carência ou ausência de uma cultura de letramento é percebida entre os extrativistas como um reflexo da condição histórica de isolamento dos seringais, situação que hoje vem se modificando pela presença de escolas nas comunidades. Entretanto, apesar de um quadro diverso de dificuldades para acesso ao ensino no meio rural e aos meios de comunicação, marcado principalmente pelas distâncias geográficas e precariedade das estradas, além da insuficiente de serviços de transportes que faz com que, em alguns casos, os alunos tenham que caminhar durante horas para chegar à escola, esses indivíduos constroem vínculos contínuos com o midiático de diferentes formas.

Na sociedade em midiatização as mídias direcionam as ações comunicacionais com forte ênfase nas práticas escritas, o que não quer dizer que a prevalência da cultura oral entre

os extrativistas seja impedimento para a inserção destes indivíduos em processos midiáticos. As mídias participam fortemente e continuamente da vida destas pessoas por meio de uma oferta midiática que em muito também se baseia na oralidade (o rádio e o telefone celular) e em produtos culturais que articulam oralidade e imagem (a televisão).

Os meios de comunicação estão entrelaçados à vida cotidiana dos extrativistas a tal ponto que, em alguns casos, o uso social dos produtos televisivos, por exemplo, o telejornal, cria esferas interpessoais que se estendem para as relações sociais, por meio da audiência compartilhada (o marido que não vai assistir na casa do vizinho, mas que tem o relato da esposa que assiste à televisão na casa do vizinho e compartilha os conteúdos por meio de narrativas de forma oral). Assim, é possível afirmar que, a ao lado de novas formas de interação social, baseadas na escrita, formas mais tradicionais, operadas por sistemas de mais longa existência na sociedade, como a oralidade, também constituem processos midiáticos.

Deste modo, o meio rural, na conjuntura de suas especificidades (geográficas, culturais e tecnológicas), ativa competências que se refletem nos usos e apropriações que os indivíduos fazem dos meios de comunicação, e na extensão dessas práticas, ou seja, na construção de circuitos comunicacionais que operam tendo como referência a oralidade e como premissa os deslocamentos físicos, fatores que vão constituindo processos midiáticos por modos peculiares de circulação da informação midiática. Nesta perspectiva, concordando com Fausto Neto (2014), a oralidade se apresenta como elemento estruturante dos processos comunicacionais e de interação social. Então, pode-se afirmar que a oralidade apresenta uma prefiguração da escrita que leva o sujeito a responder instrumentalmente a demandas de comunicação e a necessidades de interação social, na relação com as tecnologias¹.

Nestas condições, no contexto rural extrativista o processo de mediação adquire um sentido *periférico* não porque tem a oralidade como central na base de sua constituição, mas porque o processo se articula periféricamente, a partir das formas particulares como os processos de comunicação e as interações sociais se desenvolvem – pela comunicação face a face possível mediante um esforço de deslocamento – e, neste sentido, a oralidade é central para a constituição do processo. Isto acontece porque, neste contexto é por meio das trocas discursivas orais que a circulação midiática acontece, ou seja, as narrativas em torno do midiático se dão em regime de presença e envolvem todo um conjunto de fatores: mobilidade, afetividade, sociabilidades, integração e dinâmicas próprias de articulação entre o midiático e os processos sociais. Assim, a mediação periférica reflete um processo mais contido da

¹Contribuições de Fausto Neto (2014), ao texto final desta dissertação, por ocasião da banca de defesa da pesquisa. São Leopoldo, RS. UNISINOS. Junho de 2014.

circulação midiática, mas não retira a possibilidade de inserção no processo, ao contrário, revela uma face específica desse fenômeno social, constituída na relação dos extrativistas com as tecnologias de comunicação.

5.1.3 Táticas de usos e invenção social

A relação dos extrativistas com os dispositivos midiáticos aponta para uma tensão que coloca, de um lado, a mídia como referência para os processos sociais; de outro, a heterogeneidade na constituição do processo de midiaticização, expressa nos usos e apropriações das tecnologias comunicacionais. Ou seja, nesse contexto, os processos midiaticizados ensejam a conversão de tecnologias subordinada às lógicas de um processo econômico (produtivo) e a condições situacionais, para tornar possível a interação com os meios de comunicação.

A partir das restrições contextuais (distância, limitações dos sistemas de energia, de acesso aos meios), os extrativistas desenvolvem *protocolos* segundo os quais estabelecem vínculos com o mundo midiaticizado. Os extrativistas são levados a desenvolver táticas de acesso e uso às tecnologias como enfrentamento das limitações tecnológicas e, por esta via, interagem com dispositivos midiáticos. Isto significa que para dispor da tecnologia e se inserir em processos midiáticos, esses indivíduos destinam parte dos seus recursos financeiros para criar os veios condutores para a tecnologia e, deste modo, inserir-se em processos mais globais. Eles compram antenas parabólicas e sistemas alternativos de energia elétrica e, por meio do uso programado destas tecnologias criam condições de acesso aos dispositivos midiáticos e, estes, por sua vez, possibilitam o ingresso a um mundo exterior. Mas, ao mesmo tempo em que passam a dispor da tecnologia, a sua apropriação se dá em condições específicas que, como salienta Fausto Neto (2014), “requisitam protocolos de uso e apropriação do dispositivo midiático. Nessa realidade, a energia elétrica se constitui um bem capital administrado em função do consumo midiático”².

Essa limitação tecnológica também pede o desenvolvimento de modos particulares de uso e apropriação dos dispositivos midiáticos, evidenciados com clareza nas audiências controladas e compartilhadas. Os extrativistas “pouparam a tecnologia” para realizar uma exposição organizada aos meios de comunicação e, na relação com os dispositivos tecnológicos midiáticos, desenvolvem formatos particulares de audiência como alternativa

²Contribuições de Fausto Neto (2014), ao texto final desta dissertação, por ocasião da banca de defesa da pesquisa. São Leopoldo, RS. UNISINOS. Junho de 2014.

para dispor de modos de contato com o mundo exterior, por simulação do dispositivo midiático. Quer dizer, há toda uma definição/eleição de lógicas que organizam os processos de convivência e a relação dos extrativistas com as tecnologias e que são convertidas e apropriadas para possibilitar a interação com dispositivos midiáticos, os quais funcionam como operadores de interações sociais.

Deste modo, a tecnologia é usada para operar um olhar comunicacional para além do contexto das comunidades extrativistas. Esse contato com o mundo externo, ao mesmo tempo em que liga os extrativistas a realidades mais cosmopolitanas também favorece a interação com os grupos nas comunidades, uma vez que as informações midiáticas se expandem para os diversos contextos da comunidade, em circuitos comunicacionais que funcionam como elos sociais, movimentando as relações, os processos de comunicação e as interações cotidianas.

Os modos alternativos de acesso às tecnologias (energia elétrica/meios de comunicação) orientam a relação dos extrativistas com os dispositivos tecnológicos midiáticos, inserindo-os em circuitos comunicacionais que se desenvolvem também em função de lógicas socioeconômicas e de lógicas de funcionamento dos contextos das comunidades rurais extrativistas e geram convivência comunitária e interação social. Isto significa que as limitações impostas pela insuficiência das tecnologias levam estas pessoas a inventar maneiras criativas para tomar parte na sociedade em midiaticização.

Essas criatividades ou astúcias cotidianas correspondem, analogamente, ao que a antropologia cultural de Certeau (2012) chama de táticas de desvio que os pequenos vão adotar como *resistência* às estratégias industriais de controle das empresas de mídia. A definição de tática se traduz como a “arte do fraco [...] determinada pela ausência de poder” (CERTEAU, 2012, p. 100), uma ação calculada que aproveita ocasiões e que pode ser vista como “resistência” ao sistema que está posto. No contexto extrativista essa ausência de poder diz respeito às restrições dos contextos tecnológicos e geográficos das comunidades extrativistas, que impõe um quadro de limitações para acesso aos meios de comunicação e as resistências remetem a modos de lidar com essas dificuldades. Neste sentido, as formas de apropriações se constituem como resistência a esse processo que se apresenta sob uma prefiguração periférica. Assim, os extrativistas criam modos particulares para fazer parte do universo midiático, constituídos como táticas.

Neste aspecto, consideramos necessário entender também o conceito de estratégia, significativo para a reflexão sobre o aspecto comunicacional desta pesquisa. Certeau (2012, p. 92) define estratégia como práticas capazes de “impor”, portanto, sempre se apresenta numa determinada relação de forças, e nesta perspectiva representa o lugar de poder. Pode-se

entender como as “maneiras de fazer” algo, mas que, ao mesmo tempo, criam um jogo de funcionamentos do qual também fazem parte muitas maneiras de utilizar. Dessa forma, para Certeau (2012, p. 93), as operações de emprego, ou melhor, de reemprego, se multiplicam com a extensão dos fenômenos de aculturação, ou seja, com os deslocamentos que substituem maneiras de transitar pela identificação do lugar.

Na visão de Martín-Barbero (2006) a comunicação é entendida como lugar estratégico de dupla perversão e dupla oportunidade. As perversões estão relacionadas aos usos das megacorporações como o controle econômico das mídias e a manipulação da opinião pública, gerando o controle das liberdades de expressão e informação. As oportunidades estão voltadas para a compreensão das tecnologias digitais como nova linguagem e o emergente espaço público de cidadania. Dentro desta perspectiva a comunicação apresenta-se como “lugar estratégico na configuração dos novos modelos de sociedade”.

Deste modo, ao mesmo tempo em que a mídia desenvolve o “fazer” a partir de estratégias específicas de funcionamento e controle, a sociedade desenvolve os “usos” e “apropriações” que são as formas de interagir com o produto midiático e que se configura no plano social. Enquanto *aestratégia* é apresentada como “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças [...] postula um lugar [...] de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças” (CERTEAU, 2012, p. 99), a *tática* se encontra num espaço sem autonomia, mas que possibilita participar do jogo entre mídia e sociedade.

Esses modos inventados se expressam nas formas como os extrativistas lidam com a escassez tecnológica, por exemplo, na adoção de sistemas alternativos de energia elétrica para inserção na oferta midiática; no direcionamento da oferta de energia elétrica para a audiência televisiva em detrimento de outras demandas domésticas por este bem; na audiência com tempo limitado; nos deslocamentos dos extrativistas em seus espaços comunitários para fazer circular a informação; na busca por informações em lugares externos (urbe) para compartilhar nas comunidades (ou em sentido inverso, levando informações da comunidade para a urbe); na escuta estendida e compartilhada com familiares e na comunidade; na audiência “por empréstimo” dos extrativistas que não têm televisão, mas que para se inserir ao contexto midiático assistem à televisão na casa do vizinho; no esforço de realizar longos trajetos só para repassar o recado do “Correspondente Difusora” ao vizinho que não tem rádio; e nas estratégias de compartilhamento do uso do telefone celular, ora por regime de cotas, ora ancorado em laços de amizade, ou ainda na busca de pontos estratégicos de captação do sinal no espaço geográfico da colocação devido à limitação de alcance dessa tecnologia.

Esse conjunto de táticas que permeiam a relação com os meios são “modos tentativos”, como bem define Braga (2007), desenvolvidos pelos extrativistas para inserção em um contexto midiático mais amplo e para se constituírem como sujeitos sociais integrantes de processos sociais e comunicacionais mais amplos. Depreende-se desse contexto que os extrativistas geram desvios ao padrão de limitações da tecnologia (energia elétrica) para acessar a tecnologia comunicacional e, deste modo, conseguem se colocar em contato com um mundo exterior ao rural.

São essas ações, entendidas como criatividade de quem convive com limitações e restrições tecnológicas, e constituídas como “artes do fazer” cotidiano (CERTEAU, 2012), que possibilitam aos extrativistas participar do jogo midiático e, deste modo, se constituírem como sujeitos do processo de midiaticização.

5.1.4 O ativista midiático

Na diversidade do ambiente rural, os extrativistas buscam tomar contato com realidades externas ao contexto rural por outras vias que não diretamente pelos dispositivos digitais. O acesso a informações midiáticas nas comunidades também se configura pela mediação de extrativistas que atuam na organização comunitária. Pela habilidade e capacidades dessas pessoas para lidar com diferentes lógicas econômicas e sociais que movimentam as comunidades, geralmente aqueles que desempenham a função de representantes das comunidades atuam também como mediadores nas relações internas e externas ao contexto comunitário, ativando de modo peculiar os veios comunicacionais, em um duplo movimento que podemos chamar de *circuitos a dois tempos*, em modo análogo ao que realizavam os *ativistas midiáticos* ou *mediadores ativistas* formadores de opinião, retratados por Luiz Beltrão, em 1967, no âmbito dos estudos sobre Folkcomunicação³ (BELTRÃO, 1980).

Esses mediadores da informação também fazem a mediação na interação entre a comunidade e instituições ligadas a processos burocráticos relacionados à atividade florestal e ao atendimento de demandas sociais e estruturais (órgãos do governo, associações e

³Tomando como referência os estudos desenvolvidos por Lazarsfeld, Beltrão conceituou, na década de 1960, o sistema da Folkcomunicação como o intercâmbio simbólico entre a mídia, representada pelo comunicador de massa e a cultura popular, na qual a mensagem massiva "encontra na audiência dispersa, um receptor especial – o comunicador de folk (pessoa ligada direta ou diretamente ao folclore) – que atua como líder de opinião dos grupos sociais aos quais escapam a linguagem e o significado mais profundo da informação transmitida" (BELTRÃO, 1980, p. 33).

sindicatos, além de organizações não governamentais ligadas à conservação ambiental e empresas comerciais do ramo extrativista). Ao mesmo tempo em que colocam em circulação informações da comunidade, em suas interações com dirigentes e representantes de instituições urbanas – em um movimento de dentro pra fora – munem-se de informações midiáticas acessadas diretamente em dispositivos midiáticos inexistentes nas comunidades ou por mediação de outros atores. Então, no retorno, compartilham as informações, pondo em circulação nos espaços sociais da comunidade (nas reuniões comunitárias ou de forma mais individual com os vizinhos), gerando novos circuitos comunicacionais – no sentido de fora para dentro.

Nesse processo, a comunidade se abre para outras relações, absorvendo informações e gerando demandas que novamente vão colocar os extrativistas em contato com o mundo exterior e, nessa dinâmica, o ambiente comunitário se coloca em relação com diversos outros sistemas (sociais, econômicos, institucionais etc.). A partir dessa interação dos líderes comunicadores com o meio urbano, as informações que emergem e circulam nas mídias impressas e digitais também chegam às comunidades extrativistas e circulam entre seus moradores, acionando processos comunicacionais e interacionais na atividade de conversação.

Considerando que na relação com as mídias o interesse maior é pela informação sobre o sistema econômico extrativista (trabalho), pode-se dizer que também nessa mediação do ativista midiático os dispositivos midiáticos – internet e jornal impresso – embora em um contexto mais distante, também estão a serviço da economia local, a exemplo do rádio e a televisão (esta última em menor intensidade). Nesse deslocamento, os extrativistas interagem com outros meios de comunicação, diretamente ou por mediação, para colher informações que serão traduzidas para a lógica local. Então, nestas condições, a mídia se figura como elemento estruturante do sistema econômico, ou seja, o mercado do extrativismo se organiza e se vincula ao mercado nacional/internacional pela informação midiática acessada por meio do líder comunicador e compartilhada no contexto comunitário.

Considera-se que aí também reside uma ação midiaticizada, uma vez que o processo de midiaticização vai além das materialidades técnicas, não implicando necessariamente a interação física com o dispositivo midiático, mas também um tipo de afetação que se processa por um efeito estendido da informação midiática, mais propriamente “da ordem do sensível”, como afirma Martín-Barbero (2009). É um colocar-se em contato por meio de fluxos comunicacionais contínuos que se desenvolvem em condições periféricas de circulação da informação midiática.

5.1.5 Uma paisagem de usos

Os distintos usos dos dispositivos midiáticos, identificados na análise da relação dos extrativistas com os meios de comunicação, indicam uma transformação da sociabilidade dos extrativistas, processo que está relacionado com as diferentes formas de interação desenvolvidas pelos extrativistas na relação com os meios massivos de comunicação. Nesse movimento de sociabilidade observa-se outra transformação não só em relação ao que é consumido na relação com as mídias, e que passa a ser ressignificado em termos locais pelos indivíduos, mas também em termos dos próprios processos comunicacionais que se modificam pela presença e uso das mídias, ou seja, há um movimento de dupla ressignificação: da discursividade anterior a este estado comunicacional que se movimenta pela articulação com o midiático (que antes não existia), e de uma discursividade descendente que está ligada aos discursos acionados pela circulação da informação midiática nos diversos espaços das comunidades extrativistas.

Esse processo de dupla ressignificação aponta para a existência de dois níveis de mediação na relação dos extrativistas com os meios: primeiro, a vida rural que antes não tinha contato com esses discursos midiáticos e passa a ter (se inserir na esfera dos discursos midiáticos (mediação tecnológica) – ainda que de modo descendente); e ao mesmo tempo estes discursos são ressignificados pela circulação operada nos deslocamentos (segundo nível de mediação – a socioantropológica, a linguagem e o ambiente/espço rural). São duas mediações que se manifestam tanto na comunicação dos agricultores gaúchos como de extrativistas acrianos, mas que nos instiga e remete a um questionamento: como ver nesse processo a midiatização na perspectiva de um processo que apresenta rupturas designadas hoje como sendo do universo da cibercultura?

Nas comunidades extrativistas a midiatização não se manifesta neste nível, dado a existência de uma arquitetura comunicacional desenhada por usos e apropriações de mídias tradicionais (rádio, televisão e telefone). Do ponto de vista da relação consumo/produção a midiatização no contexto extrativista possibilita um consumo de subsistência que leva a uma produção discursiva volátil, considerando que os extrativistas não estão inscritos em dispositivos midiáticos que garantam a memória e a reprodutibilidade técnica dos discursos por meio do registro, e que possibilitem, inclusive, a inscrição destes indivíduos, enquanto consumidores, no espaço público ampliado, ou seja, em um contexto comunicacional com visibilidade global. Nessa produção discursiva efêmera observa-se um apagamento tanto no sentido da memória (dada a ausência de materialização dos registros), como do ponto de vista

das interações sociais mais amplas. Dito de outro modo, na relação com os meios de comunicação, os extrativistas não se (re)inscrevem nos dispositivos, ou seja, eles não comparecem no espaço material da tecnologia para reverberar as narrativas midiáticas e, por conseguinte, não falam para o mundo.

Deste modo, na relação com os dispositivos midiáticos os extrativistas realizam uma produção discursiva restrita a circuitos constituídos localmente. Neste sentido, observam-se fortes características de um estágio de midiaticização que se configura em *modos periféricos* de usos e apropriações das mídias e de desenvolvimento de processos de comunicação e interação. Se por um lado estes indivíduos estão inseridos em uma sociedade em midiaticização (BRAGA 2006; FAUSTO NETO, 2010; FERREIRA, 2010), com seus processos comunicacionais articulados a práticas midiáticas, por outro, essa inscrição no processo não ocorre do ponto de vista da autonomização do discurso – que se daria pela circulação escrita das narrativas em torno do midiático – mas em função dos modos particulares de uso e apropriação de dispositivos midiáticos e seus conteúdos.

Do ponto de vista teórico a solução para esta questão estaria no fato de que a experiência social com as mídias em análise (rádio, televisão e telefone) permite revisitar a problemática das mediações na sociedade em midiaticização, em uma perspectiva que tensiona o lugar ativo do receptor e seus limites e restrições para inserção em processos midiaticizados, considerando que, neste caso, este não se instala como produtor do ponto de vista da reprodutibilidade técnico-discursiva. Assim, a (re)produção de discursos ocorre em uma *formulação periférica*, acionada por modos tradicionais e localizados de circulação. Não se trata, porém, de um retorno à sociedade dos meios, nem de reduzir a questão à problemática de mediações tradicionais que circunscreveram os processos comunicacionais a aspectos culturais, explorando por longas décadas uma visão culturalista sobre a comunicação.

Do ponto de vista epistemológico, o processo comunicacional dos extrativistas indica que é possível integrar-se a uma sociedade midiaticizada, ainda que o funcionamento do processo se dê por operações próprias da realidade rural, ou melhor, por lógicas de funcionamento de mediações em movimento em processos sociais específicos a este contexto.

5.1.6 Nuances da midiaticização

As mídias misturam-se às rotinas dos agricultores e extrativistas em formas diversas de uso e em momentos distintos do dia. O interesse por informações sobre o trabalho agrícola e a busca por entretenimento representam os principais eixos na relação destas pessoas com os

meios de comunicação, direcionando a interação com o midiático. As relações estabelecidas por estas pessoas com as mídias respondem a necessidades materiais e simbólicas e, neste aspecto, a cultura constitui-se como importante elemento mobilizador das ações com os dispositivos midiáticos.

Neste sentido, a centralidade do trabalho na vida diária dos agricultores e também dos extrativistas envolve toda uma simbologia que se expressa no modo de vida rural, na vocação para cuidar da terra e da floresta, na relação com os meios, assim como na própria existência destes indivíduos enquanto sujeitos sociais. Esse sentido existencial atribuído ao trabalho se vincula à herança étnica dos agricultores gaúchos e ao contexto histórico da colonização italiana em terras gaúchas e da ocupação territorial dos seringais amazônicos. Em ambos os casos, baseia-se na saga das famílias que protagonizaram uma história de luta para vencer as dificuldades estruturais e se estabelecer e como agricultores (no Sul) e como extrativistas (no Acre).

As experiências comunicacionais nas comunidades agrícolas gaúchas misturam mídias tradicionais e tecnologias digitais, enquanto nas comunidades extrativistas envolvem exclusivamente uma oferta de mídias tradicionais. Entre os agricultores observa-se uma relação de complementariedade no uso dos dispositivos midiáticos, uma vez que eles buscam na internet formas de interação que os meios tradicionais não possibilitam, como a comunicação em tempo real com parentes distantes e a interação com empresas comerciais de outras localidades, sem sair de casa.

Na relação com os meios de comunicação, o consumo vai além do momento da interação com a tecnologia e permeia outros espaços em circuitos comunicacionais que se desenvolvem por meio da conversação, constituindo processos de interação em outros espaços. Essa interação com os meios se desenvolve a partir do interesse de agricultores e extrativistas por conteúdos mais relacionados ao trabalho rural e, neste sentido, os usos e apropriações de dispositivos midiáticos refletem os modos de constituição do processo de midiatização no cotidiano rural.

Entre os agricultores a circulação é potencializada pelo uso de tecnologias digitais como e-mail, Skypee Facebook, com reflexos nas práticas de sociabilidade e na perspectiva de integração campo/cidade. Desta maneira, a conversação e as interações neste contexto acontecem mais pelo uso de dispositivos midiáticos (telefone e internet) e menos pela interação presencial. Neste sentido, as formas de circulação dos conteúdos indicam o grau de autonomia de agricultores e extrativistas em relação ao processo de midiatização.

O uso da internet possibilita aos agricultores experimentar novas práticas de comunicar e interagir – embora de forma tímida – com reflexos na sociabilidade, contribuindo para uma perspectiva comunicacional mais ampla. Ao mesmo tempo, as tecnologias digitais representam uma barreira a ser vencida, na medida em que a maioria dos agricultores ainda está se integrando ao mundo digital. Assim, a realidade comunicacional das comunidades rurais gaúchas suscita duas questões: de um lado a larga oferta midiática indica que a topografia comunicacional no meio rural vem se modificando, especialmente pelo uso da internet; de outro, confirma antigas práticas comunicacionais em torno de mídias tradicionais (rádio e televisão). O consumo de uma diversidade de mídias resulta em um processo comunicacional híbrido que mescla interação presencial, por meio da conversa face a face, e da interação à distância, pela conversação online. Neste sentido, entre os agricultores oralidade e escrita coabitam um mesmo contexto comunicacional como sistemas de referência para a comunicação e interação dos agricultores e, deste modo, para a constituição de processos mediados.

Convém pensar que a expansão da internet na sociedade apresenta duas facetas: por um lado promove a expertise dos que permanecem conectados, utilizando cotidianamente os as tecnologias da comunicação, com maior inserção em processos mediados; por outro, equivale à exclusão daqueles que estão fora do circuito das redes digitais ou não conseguem inserir-se verdadeiramente nestes espaços de interação e troca comunicacional devido às condições limitadas de acesso ou ausência dessa tecnologia ou, ainda, pelas dificuldades em lidar com ferramentas digitais. Nesse contexto, a internet representa um importante mecanismo de comunicação e troca de informações, devido ao seu potencial para fornecer informações instantâneas e diminuir a noção de distância espacial. No entanto, essa tecnologia ainda é pouco presente entre os agricultores e mesmo aqueles que têm acesso não a utilizam de modo efetivo. Isso acontece principalmente devido ao pouco conhecimento e pouca habilidade no uso das tecnologias digitais.

Esse conhecimento tão necessário para a apropriação da tecnologia comunicacional – mtradicional ou digital – pode vir tanto pelo esforço próprio de agricultores e extrativistas, como por meio de políticas públicas que visem ampliar o acesso e a apropriação destas tecnologias pela população rural. Por ora, os agricultores gaúchos que fazem parte desta pesquisa vão suprindo essa lacuna de conhecimento das tecnologias digitais com o apoio de familiares e na interação com a vizinhança, enquanto os extrativistas, para driblar a carência de energia elétrica e a exclusão do mundo digital, vão desenvolvendo *invenções cotidianas* para acesso e apropriação dos meios de comunicação.

É indiscutível a importância da internet para melhoria do acesso à informação em comunidades rurais. Uma alternativa encontrada pelo governo para minimizar o problema da falta de acesso a tecnologias digitais é a disseminação de projetos de inclusão digital, que preveem a implantação de telecentros comunitários em áreas rurais. Além disso, em 2010, o Governo Federal lançou o Plano Nacional de Banda Larga, com o intuito de expandir a cobertura do serviço de internet em todo o País, elevar a velocidade disponível e reduzir o preço destes serviços. A meta governamental era levar internet banda larga para 70% dos brasileiros, até 2014 (CETIC, 2010). No meio rural, estes projetos são pouco divulgados e nas localidades mais isoladas, como é o caso de grande parte das comunidades rurais da Amazônia, não chegam. Uma matéria publicada no jornal Página 20⁴, em maio de 2013, destacou a previsão de instalação de 20 telecentros em toda a área da Resex Chico Mendes, (que compreende sete municípios acrianos) por meio de um projeto coordenado pelo Ministério das Comunicações. Entretanto, nas comunidades extrativistas pesquisadas pouco se sabe sobre a existência de projetos dessa natureza – somente dois entrevistados informaram ter conhecimento do assunto.

Indubitavelmente a implantação de telecentros nas comunidades rurais extrativistas poderá melhorar o acesso à informação nestas localidades, pelo uso da internet, podendo refletir positivamente nos processos comunicacionais e na integração das populações rurais a outros contextos. Entretanto, esse é um processo de longo prazo e, no caso específico das comunidades estudadas, pelas suas particularidades geográficas e socioculturais, acredita-se que a implantação destes espaços e, com eles, as tecnologias digitais, beneficiarão de modo mais efetivo futuras gerações. Como defende Schwartz (2007)⁵, provavelmente os maiores

⁴Disponível em: <http://www.pagina20.net/>. Acesso: 7 Ago. 2013.

⁵A pesquisa intitulada "A recepção das tecnologias de informação e comunicação entre os agricultores familiares de Santa Maria, RS" (SCHWARTZ, 2007), estuda a inclusão digital em comunidades rurais, enfatizando a relação de indivíduos rurais com as tecnologias da informação e comunicação (TICs). Os resultados apontam um elevado nível de exclusão digital entre os agricultores e, ao mesmo tempo, destaca o uso do celular como meio de acesso à informação, mostrando que o uso cada vez maior desta tecnologia mudou a forma de comunicação no meio rural, consagrando-se como principal via potencial de inclusão digital. Seus resultados apontam que os agricultores associam o uso das TICs a fatores positivos, no entanto, existe a sensação de impotência diante dessas tecnologias, pelas dificuldades que estas pessoas enfrentam no uso destas ferramentas. Cerca de 90 por cento dos agricultores revelam que nunca usaram um computador pessoal, o que aponta para a premente necessidade de processos de alfabetização digital. Já o telefone celular é usado por 88,53 por cento das famílias e basicamente para a comunicação oral, desprezando-se recursos comunicacionais como mensagens de texto e acesso à internet. Assim, a telefonia celular consagra-se como a principal forma de comunicação no meio rural e como portal potencial de inclusão digital. Apesar do enfoque diferenciado, por se tratar de uma pesquisa com ênfase na recepção de tecnologias digitais por agricultores familiares, é possível fazer aproximações análogas entre este estudo e a pesquisa que ora desenvolvemos: a presença das mídias no meio rural, as relações estabelecidas com as tecnologias comunicacionais e a presença de mediações nos diferentes usos que fazem destas tecnologias.

beneficiários sejam os filhos e netos dos extrativistas, que hoje são jovens estudantes e serão os grandes responsáveis pelo aumento do uso da internet nas áreas rurais. Nesse contexto, de acordo com a autora, a idade, o estilo de vida, a situação econômica, a organização familiar, a rotina de trabalho e o nível de escolaridade são fatores que interferem na apropriação das tecnologias. Desta forma, a sociedade em midiatização tanto cria novas possibilidades e práticas de comunicação como impõe desafios, seja pela necessidade de superação das desigualdades no acesso ou por requisitar competências individuais para uso das tecnologias.

Nas comunidades extrativistas os circuitos comunicacionais, gerados a partir da relação com os meios, em conversas estritamente presenciais, com base na comunicação face a face, vai desenhando uma arquitetura comunicacional própria do rural, mas que também incorpora lógicas de uma sociedade em midiatização. Neste sentido, o fator geográfico contribui para delinear modos particulares de interação entre os extrativistas e, nesta realidade, estes indivíduos transitam de um lugar a outro, em deslocamentos físicos – que também exigem dispêndio financeiro quando estes percursos são realizados de moto. Essa noção de movimento como algo que permeia o espaço rural é clara em Santos (2002) quando afirma que “um dos pontos de partida da ação humana no que tange à superação de suas necessidades de sobrevivência implicou, sempre, algum tipo de deslocamento” (SANTOS, 2002, p. 27). Segundo este autor, estes movimentos provocam ação e, no caso das comunidades extrativistas, articulam fatores socioantropológicos – que emergem na relação com os meios de comunicação – envolvendo a necessidade de comunicar e interagir, e agregam também uma dimensão tecnotecnológica, relacionada à escassez de tecnologias e aos modos particulares como estes indivíduos se relacionam com dispositivos tecno-midiáticos. Desta forma, a energia elétrica ocupa importante papel nos processos comunicacionais e interacionais dos extrativistas, tanto pela sua necessidade para funcionamento e uso das tecnologias comunicacionais, como pela criatividade que a insuficiência dos sistemas convencionais e alternativos aciona e que mobiliza os extrativistas para a criação de *protocolos* que possibilitam o ingresso a processos midiatizados.

Desta maneira, a energia se apresenta como um fator relacional ao funcionamento do processo de midiatização e, no contexto comunicacional, como um sistema que possibilita relações pragmáticas entre os indivíduos e a tecnologia. Assim sendo, as ações dos extrativistas com os meios de comunicação se desenvolvem também em relação com o nível de participação da energia elétrica na vida rural, enquanto sistema tecnológico – convencional ou alternativo. A insuficiência destes sistemas nas comunidades pesquisadas revelam reflexos da constituição histórica e cultural do lugar e lógicas da atualidade (modos de funcionamento

da vida rural articulados ao midiático). Por esta via de interpretação as "condições", o meio histórico-cultural e também o meio geográfico participam da constituição de cada realidade comunicacional, que vai ganhando novos contornos, de acordo com a ação dos indivíduos com as tecnologias. Dito de outro modo, esses elementos contribuem para criar diferentes nuances do processo de midiaticização na sociedade.

Os processos sociais que se desenvolvem em relação com as mídias e com os espaços contextuais, atribuem um caráter dinâmico a estes ambientes. Essa noção de movimento contínuo dos espaços, de acordo com Milton Santos (2006), não se apresenta descolada do elemento humano, mas, ao contrário, é pela ação humana que os espaços estão sempre se reorganizando e, nos dizeres de Santos (2006, p. 103), se *regeografizando*. É esse caráter dinâmico, associado às práticas e fazeres das pessoas, que produz lugares diversos e acarreta diferenciação aos espaços, ao modo de vida e às formas de comunicar e interagir, conferindo a cada região ou localidade especificidades e particularidades.

No meio rural o espaço é marcado por um cotidiano compartilhado mediante lógicas que são localmente formuladas ou reformuladas, a partir de realidades globais representadas pelos meios de comunicação. Contudo, considerando que as mídias não alcançam todos os lugares, nem as informações chegam para as pessoas do mesmo modo e nem na mesma proporção, os indivíduos convivem com realidades distintas de acesso aos meios informacionais e desenvolvem diferentes modos de circulação do midiático. E mesmo quando se tem pleno acesso aos novos meios de circulação, não há uma supressão do espaço, o que se desenvolve é uma nova noção de distância, com alteração da percepção de tempo/espaço, pela rapidez com que a informação chega.

Na sociedade contemporânea, o processo de globalização revela uma vontade de fundar o domínio do mundo na associação entre tecnologias e sociedade. Mas, a realidade dos territórios e as contingências no acesso aos meios de comunicação asseguram a impossibilidade da desejada "homogeneização". Assim, na relação com os meios de comunicação cada lugar, mediante a ação social, constrói modos específicos de midiaticizar-se, de acordo com suas condições estruturais, com o grau de acesso e com as dinâmicas de usos e apropriações desenvolvidas com as tecnologias comunicacionais.

No contexto rural, o principal fator limitante do acesso aos meios de comunicação é a carência estrutural das localidades. Nas comunidades extrativistas tal limitação dificulta o uso e apropriação de meios tradicionais (rádio, televisão e telefone celular) e impossibilita o acesso à internet. Outra dificuldade para a efetiva inclusão midiática nesse contexto, especialmente quanto ao uso de tecnologias digitais, é a pouca escolaridade de grande parte da

população, onde a maioria não completou as séries primárias e muitos nunca frequentaram a escola. Mesmo em *colocações* que já dispõem de rede de eletrificação rural convencional ou de sistemas alternativos, devido à ausência de serviço de banda larga e a pouca habilidade de leitura e escrita, estas pessoas direcionam suas necessidades de informação para mídias tradicionais (rádio e a televisão). Esta situação, além de refletir as deficiências estruturais do meio rural, aponta para a ausência de articulação dos meios de comunicação com a realidade de quem mora no campo, no tocante à produção e oferta de conteúdos voltados para a realidade das comunidades.

Do ponto de vista socioantropológico, os lugares ou espaços geográficos também podem ser compreendidos como contextos que influenciam a relação social com os meios tecnológicos. Cada objeto ou ação se instala e insere num tecido preexistente e seu valor real é encontrado no funcionamento concreto do conjunto. Sua presença também modifica os valores preexistentes. Os respectivos "tempos" das tecnologias "industriais" e o tempo social se cruzam e se instalam no cotidiano. As tecnologias e sua significação (absoluta ou relacional) ganham um sentido relativo em cada realidade comunicacional, em cada contexto, seja rural ou urbano. É dessa maneira que se constitui uma espécie de tempo do lugar, que atribui uma cadência própria a cada realidade e que se apresenta como esse tempo espacial (Santos, 2006) que é o *outro* no espaço rural e que se reflete na dinâmica dos processos de comunicação e nas práticas interacionais.

Nesse trânsito comunicacional e interacional que se desenvolve entre os espaços da casa e da comunidade, no contexto extrativista, criam-se redes de relacionamento ou redes cotidianas de comunicação, onde se conversa e discute em relação a temáticas e demandas da comunidade, em articulação com os meios de comunicação. Por outro lado, existem condutos de contatos nas comunidades extrativistas que movimentam as relações sociais e propiciam interações com o sistema produtivo – com o mercado extrativista, com programas sociais, com a organização social e comunitária e com instituições diversas sociais. Esses componentes da vida rural vão construindo formas de interações no interior das comunidades e com o meio urbano. Esse processo, todavia, não se faz alheio à participação da mídia. Assim, as relações sociais e econômicas, movidas por intencionalidades e valores materiais e simbólicos, também dinamizam o cotidiano e, por conseguinte, os processos comunicacionais, gerando fluxos interacionais e criando alternativas de comunicação e contato também com o meio urbano. Esses modos alternativos de inserção ao contexto urbano se constituem como *brechas* ou *passagens* para um contexto ampliado de acesso às mídias nas comunidades

extrativistas, portanto, vias de inserção a processos midiaticizados, seja pelo acesso indireto ou indireto às mídias.

Esse contato com o midiático, entretanto, se faz em conformidade com o tempo-espaço rural. Isto significa que para interagir a partir da relação com o midiático, os indivíduos precisam percorrer longas distâncias entre as colocações e desses locais para o meio urbano. A noção de interação e circulação no meio rural adquire outro sentido – longe da agilidade e instantaneidade do universo virtual – com base na temporalidade e espacialidade do mundo rural. Desta maneira, as interações sociais estão vinculadas à presença e à conversação oral, mas, antes, dependem da mobilidade dos indivíduos. O tempo da comunicação se desenvolve lento e fragmentado, todavia, articulado a processos midiaticizados.

Neste contexto, a oralidade adquire um sentido de movimento que se expressa na necessidade de realizar longos deslocamentos físicos para vencer as distâncias que separam as *colocações*, os espaços de convivência e as pessoas nas comunidades. Nestes locais o vizinho não mora ao lado, embora em algumas *colocações* existam aglomerações familiares, com a casa dos pais e diversas outras moradias habitadas pelos filhos que vão casando e ocupando os espaços da *colocação*. Apesar da maioria das famílias viverem em *colocações* individuais, é possível perceber fortes laços de parentesco entre boa parte dos moradores das comunidades. A distância entre estes espaços geográficos é medida em horas, os percursos normalmente são feitos a pé ou de motocicleta e, no período chuvoso, o tempo que se gasta para ir de um local a outro aumenta. Nestas condições, a circulação de informações tem o seu tempo delimitado pelo tempo rural, fator fortemente atrelado ao trabalho e a características geográficas do local.

A baixa densidade demográfica nas comunidades extrativistas e a dispersão das famílias nos espaços das *colocações* levam essas pessoas a se deslocarem de um canto a outro, para realizar seus processos comunicacionais e interacionais, em uma dinâmica particular da vida rural que se coloca em articulação – ao seu tempo e modo – com o midiático. Neste sentido, o espaço-tempo impõe uma noção de mobilidade que permeia a relação com o trabalho, com as mídias, com as pessoas nas comunidades e com o meio urbano, criando especificidades no modo de vida e nos processos de comunicação e interação. Nesta perspectiva, a circulação de informações se efetiva nas interações sociais corporificadas, fortemente marcadas pela comunicação interpessoal, por meio da qual os quais os circuitos comunicacionais se constituem, as interações se realizam e a discursividade em torno de conteúdos midiáticos se constrói. Assim, nas comunidades extrativistas a comunicação se realiza no *aqui e agora* e se materializa na presentificação do contato.

Na relação dos extrativistas com os meios de comunicação foram identificados quatro tipos de consumidores midiáticos: aqueles que estão mais integrados às mídias, geralmente transitando entre o rádio, a televisão e o telefone celular (no espaço da casa ou comunitário), e também buscam outras mídias fora desses contextos (impresso e internet); os que realizam uma interação relativa com os meios, consumindo rádio e televisão; aqueles que utilizam apenas um dispositivo midiático (rádio ou televisão); e, ainda, os *consumidores por derivação*, ou seja, aqueles que não dispõem de nenhuma mídia, mas participam de um contexto midiático realizando uma escuta compartilhada do rádio ou televisão, recebendo informações do ambiente interno e externo por mediação de terceiros.

Percebe-se, assim, que cada categoria de consumidor reflete um nível de interação com os dispositivos midiáticos e um grau diferenciado de implicação no processo de midiaticização. Esse quadro diverso indica que há diferenciação no processo de midiaticização não só entre contextos distintos, mas também em um mesmo espaço territorial. Independente do estágio em que cada indivíduo se encontra em relação ao processo, importa considerar que direta ou indiretamente todos interagem com o midiático, em maior ou menor grau, inserindo-se em circuitos comunicacionais gerados a partir da relação com os meios de comunicação. Desta maneira, os extrativistas são mobilizados a lidar com as mensagens midiáticas, fazendo circular as informações, criando circuitos comunicacionais, estabelecendo protocolos de reconhecimento das mensagens e táticas de apropriação e transformação de sentidos, constituindo-se como receptores/produtores de mensagens, portanto, como sujeitos midiaticizados. Vale ressaltar que nessa reprodução dos discursos midiáticos cada indivíduo, em articulação com os contextos, aciona seus próprios referenciais para interpretar aquilo que consome na relação com os meios.

O sistema de relações que articula as interações sociais entre os extrativistas funciona segundo lógicas do ambiente rural. Os circuitos comunicacionais configuram experiências midiáticas mais dependentes de interações face a face. Os laços de proximidade e afetividade envolvendo a família e o sistema de vizinhança ainda se apresentam como elementos que sustentam os processos comunicacionais nesses microespaços, em termos de experiências e trocas materiais e simbólicas, onde se juntam as formalidades dos processos midiáticos mais amplos e a informalidade das conversas interpessoais que vão regendo o cotidiano rural e ordenando as interações sociais. Esses elementos interagem, tendo como campo de ação as relações sociais atravessadas pelas mídias, pela cultura, por questões de territorialidade e pela espacialidade rural, além das carências tecnológicas deste contexto.

É interessante pensar que se os processos sociais desenvolvidos nas comunidades extrativistas também se vinculam a uma lógica globalizada, traduzida como uma forma de hibridizar a cultura rural, pelos meios massivos, via consumo midiático, essa ideia de considerar o rural como um contexto que também se mostra global revela a lógica da sociedade globalizada, onde mesmo os espaços que têm um modo de vida singularmente local funcionam como *sistemas abertos de convivência*. Nesse sentido, há uma tensão constante entre o local e o global, operada pelo midiático e pelos deslocamentos cotidianos dos extrativistas ao meio urbano, indicando um funcionamento do local em consonância com uma lógica global. Deste modo, a vida rural é pensada também nas mesclas construídas na articulação com o externo, que se manifestam no cotidiano dos extrativistas, seja pela via dos dispositivos midiáticos que funcionam como “janelas” para outras realidades, outras culturas, ou pelo intenso fluxo entre as comunidades extrativistas e o meio urbano, prática que coloca essa população em constante interação com processos mais globalizados.

Desse quadro de particularidades depreende-se que o meio rural extrativista também vivencia, ao seu modo, o processo de midiática social. Contudo, os processos comunicacionais midiaticizados baseiam-se em um *sistema periférico de referência* traduzido por formas presenciais de comunicar e interagir, pela concepção do ambiente rural como um espaço de laços mais sólidos de proximidade e amizade, por suas especificidades e por uma cultura singular que resiste ao tempo e às transformações e, enquanto cultura, também está atravessada por processos midiaticizados. É nos usos e apropriações cotidianas dos meios de comunicação que as mesclas da cultura se expressam e ajudam a constituir um rural midiaticizado pela via de uma sensibilidade local que se espalha pelos espaços de sociabilidades e se configura como um *ethos rural*, cuja configuração local se deixa penetrar por uma lógica global, processo que se dá mais acentuadamente na interação com as mídias.

Nessa realidade, se por um lado o rural ainda se conserva fortemente marcado por uma cultura local que atribui singularidades ao modo de vida e às formas de comunicar e interagir de sua população, por outro, está cada vez mais inserido em uma sociedade global, onde os meios de comunicação também funcionam como agentes mobilizadores das relações sociais e culturais. Cria-se, na conjugação destes fatores, uma ambiência que transpõe as características tecno-tecnológicas dos meios de comunicação e interfere intensamente nas formas de comunicar e na sociabilidade dos indivíduos, aqui entendida como *mediatização periférica*.

REFERÊNCIAS

- ACRE (Estado). Secretaria de Estado de Planejamento. **Acre em Números**. Rio Branco: CEPLAN, 2013. v 1.
- ACRE. Governo do Estado do Acre. Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre. **Zoneamento Ecológico-econômico do Acre Fase II: documento Síntese – Escala 1:250.000**. Rio Branco: SEMA, 2006. 354 p.
- ARAÚJO, Ana Cunha. **Interação urbano-rural Rio Branco – Acre**. (2010). Disponível em: <<http://planejurb.blogspot.com.br/2009/05/interacao-urbano-rural.html>>. Acesso em: 08 mar. 2014.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 1998.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção Social da realidade**. 34. Ed. Petrópolis, Vozes, 2012.
- BIZERRIL, José. O vínculo etnográfico: intersubjetividade e co-autoria na Pesquisa qualitativa. **Universitas Ciências da Saúde**, v. 2, n. 2. p. 152-163, 2004. Disponível em: <<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/cienciasaude/article/view/530/35>>. Acesso: 25 maio 2013.
- BOAVENTURA, K. T.; MARTINO, L. C. Estudos Culturais Latino-Americanos: convergências, divergências e críticas. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 22, p. 3-19, janeiro/junho 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/12802>>. Acesso em: 22 fev. 2014.
- BONFANTINI, Máximo; PRONI, Giampaolo. Suposição: sim ou não? Eis a questão. In: **O signo de três**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 9. ed. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. A procura de uma sociologia da prática. São Paulo: Ática, 1983.
- BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do campo da comunicação. In: Encontro da Compós, 13, 2004. **Anais...** São Bernardo do campo/SP, 2004.
- BRAGA, José Luiz. **Sobre a mediação como processo interacional de referência**. Compós. UNESP: Bauru, 2006.
- BRAGA, José Luiz. Pequeno roteiro de um campo não traçado. In: FERREIRA, Jairo (Org.). **Cenários, teorias e epistemologias da comunicação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, p. 73-88, jul./dez. 2008.

BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente – tentativa. **Matrizes**, São Paulo, ano 4, n. 1, p. 65-81, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/179/300>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 25, n 58, p. 62-77, 2011.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JEDER, Janotti Junior; JACKS, Nilda (Org.). **Mediação & Mdiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf>. Acesso: 10 jun. 2013.

BRAGA, José Luiz. Interação como contexto da comunicação. **Matrizes**, São Paulo, ano 6, n. 1, p. 25-41, jul./dez. 2012a.

BRAGA, José Luiz et all. (Org.) **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. Seminário PROCAD/UNISINOS. São Leopoldo, 2013. (no Prelo).

BRAGA, José Luiz. **A política dos internautas é produzir circuitos**. 2013. Cópia cedida pelo autor.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BIANCHI, Graziela. **Rural vivido e rural midiaticado**: relações simbólicas e sentidos produzidos a partir da escuta dos programas radiofônicos Hora do Chimarrão e Brasilde Norte a Sul por ouvintes das comunidades rurais Linha Batistela, Povoado Coan e Linha Bigolin. Dissertação (Mestrado em 2003). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM/UNISINOS). São Leopoldo, 2003.

BUAINAIN, A. M. et all. **A nova cara da pobreza rural**: desafios para as políticas públicas. Brasília: IICA, 2012. p. 121-59. (Série desenvolvimento rural sustentável; v. 16).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.

COMITÊ EXECUTIVO de Tecnologia de Informação e Comunicação. **Pesquisa CETIC/CGTic**, 2010. Disponível em: <http://www.cetic.br/tics>. Acesso: 30 abr. 2014.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIAGNÓSTICO SOCIECONÔMICO e Cadastro da Reserva Extrativista (Resex) Chico Mendes. **Plano Resex Sustentável**. Governo do Acre. Rio Branco. Dezembro de 2010.

FAUSTO NETO, Antonio. A deflagração do sentido. Estratégias de produção e de captura da recepção. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. (org.). São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 189 – 231.

FAUSTO NETO, Antonio. **Sobre um “modo de existência” do campo da comunicação**: uma leitura dos programas de Pós-Graduação. In: M.I.V. LOPES. Avaliação dos egressos dos

Programas de Pós-graduação em Comunicação no Brasil. Relatório de Pesquisa CNPq, NUPEM/COMPÓS. São Paulo, 2001, p. 52-63.

FAUSTO NETO, Antonio. **Mediatização**: prática social, prática de sentido. Paper, Bogotá: Seminário Mediatização, 2006.

FAUSTO NETO, Antonio. Ombudsman: a interrupção de uma fala transversal. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31, 2008, Natal; Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação: NP Semiótica, do Intercom, 8, 2008, Natal. **Anais...** Natal/RN, 2008.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antonio; VALDETTARO, Sandra (Org.) **Mediatización, Sociedad y Sentido: diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosario, Argentina: Departamento de Ciências de la Comunicación, Universidad Nacional de Rosario, 2010. p. 2-15. Disponível em: <<http://www.fcpolit.unr.edu.ar/wpcontent/uploads/Mediatizaci%C3%B3n-sociedad-y-sentido.pdf>>. Acesso: 2 mar. 2013.

FAUSTO NETO, A. As bordas da circulação. **Alceu**, n. 20, v. 10, jan/jun 2010a, p. 55-69.

FAUSTO NETO, A. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, A; VALDETTARO, S (org.). **Mediatización, sociedad y Sentido: diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosário: Universidad Nacional de Rosário, 2010b, p. 2-15.

FAUSTO NETO, A. AD: Rumos de uma nova analítica. In: FERREIRA, G.; SAMPAIO, A.; FAUSTO NETO, A. **Mídia, discurso e sentido**. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 27-42.

FERREIRA, Jairo. **Mídia e conhecimento**: objetos em torno do conceito de dispositivo. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25, 2002, Salvador. **Anais...** Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação: NP Comunicação Educativa do Intercom, Salvador/BA, 2002.

FERREIRA, Jairo. O Conceito de Dispositivo: explorando dimensões de análise. **Ecos Revista**. UCPel. V.7, n.2. Jul-dez/2003.

FERREIRA, Jairo. Inferências sobre a incerteza na formação midiaticizada brasileira: o caso da crítica no Observatório de Imprensa. **Animus**, Revista Interamericana de Comunicação Midiática. Vol. 12, n. 24, 2013a. Disponível em: <<http://ufsm.br/animus/article/viewFile/7677/pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

FERREIRA, Jairo. Mediatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. **E-Compós**, n. 10, p. 1-3, dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/files/12_jairo.pdf>. Acesso: 21 jun. 2013.

FERREIRA, Jairo. **Mediatização como contexto das instituições**: rupturas e continuidades com as mediações sócio-semióticas da cultura. Paper/Unisinos. São Leopoldo, RS. 2010. Cópia cedida pelo autor.

FERREIRA, Jairo. **Labirintos sobrepostos**: reflexões sobre o método na pesquisa empírica em Comunicação. 2011. Aula magna do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – UFG, Goiânia, 2011.

FERREIRA, Jairo. O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação. In: **Texto**. Porto Alegre, UFRGS, n.27, p. 161-172, dez. 2012.

FERREIRA, Jairo. **Mediatização como contexto das instituições**: rupturas e continuidades com as mediações sócio-semióticas da cultura. Paper/Unisinos. São Leopoldo, RS. 2012. Disponível em: <<http://redunidculturadigital.blogspot.com.br/2012/01/mediacoes-para-pensar-das-formacoes.html>>. Acesso: 5 dez. 2013.

FERREIRA, Jairo. Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. **Revista digital Cásper Líbero**. Ano IX, nº 17. Jun. 2006. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewFile/6112/5572>>. Acesso: 08 mar. 2013.

GEERTZ, Clifford. **Por uma teoria interpretativa da cultura**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GOMES, Pedro Gilberto. **O processo de mediatização da sociedade**. Paper/Unisinos. São Leopoldo, RS. 2005. Disponível em: <http://rolandoperez.files.wordpress.com/2009/02/mediatizacao-da-sociedade-pedro-gilberto-gomez.pdf>. Acesso: 25 fev. 2014.

GOMES, Pedro Gilberto. A tecnologia digital está colocando a humanidade num patamar distinto. In: **Mediatização: uma análise do processo de comunicação em rede**. IHU. Ano5. Nº 35, 2010. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. RS.

GONÇALVES, Diva. **Alô agricultor**: uma análise do programa de rádio Raízes da Terra como prática de comunicação no meio rural. Monografia (Ciências Sociais/Jornalismo) – Universidade Federal do Acre, 2008. 90 p.

GUBER, Rosana. **El salvaje metropolitano**: reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo. Buenos Aires: Paidós, 2004.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

IBGE. **Censo 2010**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível: <<http://censo2010.ibge.gov.br/resultados>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

IVC. **Instituto Verificador de Circulação**. (2012). Disponível: <<http://www.ivc.org.br/ijeweb/scripts/ijeweb.cgi>>. Acesso: 10 fev. 2014.

JAURÉGUIBERRY, Francis; PROULX, Serge. **Usages et enjeux des technologies de coomunication**. Toulouse: Érès, 2011.

KLEIN, O. J. A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos. **Revista estudos em comunicação**. Passo Fundo. n. 1, abril. 2007, p. 215-231.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A Nova Teoria da Comunicação propõe um novo olhar para o processo que se chama comunicação**. Universidade de São Paulo (USP/ECA). n. 12. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/existocom/artigo12c.html>>. Acesso: 10 dez. 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: **Sujeito o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**, 6ª ed., Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. As formas mestiças da mídia. **Fapesp**. São Paulo, set. 2009. Disponível em: <<http://www.revistapesquisa.fapesp.br/>>. Acesso: 15 mai. 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. Trad.: Fidelina González. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTINO, Luiz C. (org.). **Teorias da comunicação: poucas ou muitas?**. Ateliê. São Paulo, 2007.

MATTA, Maria Cristina da. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la comunicación**. Lima: Felafacs, n.56, out. 1999. p. 80-90.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. “O telespectador frente à televisão: uma exploração doprocesso de recepção televisiva”. **Communicare**. São Paulo, v. 5, n. 1, 2005, p. 27-42.

ORTIZ, Renato. Um outro território. In: BOLAÑO, César R. S. (org.) **Globalização e regionalização das comunicações**. São Paulo: EDUC/Editora da UFS/Intercom, 1999.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Trad. de J. T. Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PERAYA, Daniel. Médiation et médiatisation: le campus virtuel?. In: **Le Dispositif: Entre usage et concept**. Hermes 25: Cognition, Communication, Politique. Paris: CNRS Éditions, 1999. p. 153-167.

PESSIS, Anne Marie. **Registro visual na pesquisa e ciências humanas**. Recife: Universitária, UFPE, 2000.

PINHEIRO, F. de M. **Impactos de veículos de comunicação de massa numa reserva extrativista no Estado do Acre**. 1999. Dissertação (Mestrado em 1999). Programa de Pós-Graduação. Faculdade de Comunicação (PPGFAC/UnB). Universidade de Brasília. 1999.

PROULX, Serge. La puissance d’agir d’une culture de la contribution face à l’emprise d’un capitalisme informationnel: premières réflexions. In: CONSTANTO POULOU, Christiana. **Barbaries contemporaines**. L’Harmattan: Paris, 2012, p. 1-9.

PROULX, Serge. **Emergência de uma cultura da contribuição na era digital: Mutações da Comunicação**. Seminário da Escola de Altos Estudos/Capes. 2. UNISINOS. São Leopoldo (Transcrição). Abr. 2013.

RODRIGUES, L. P. Analogias, modelos e metáforas na produção do conhecimento em Ciências Sociais. **Revista Pensamento Plural**. Pelotas [01]: 11–28, 2007. Disponível em: <<http://pensamentoplural.ufpel.edu.br/edicoes/01/01.pdf>>. Acesso: 25 jan. 2013.

RODRIGUES, A. D. Experiência, modernidade e campo dos media. In: **Reflexões sobre o contemporâneo**, UFPI, 2000.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006 (Coleção Milton Santos).

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

SCHERER-WARREN, Ilse. "Movimentos em cena... e as teorias por onde andam?". In: SCHERER-WARREN, Ilse et al. (orgs.). **Cidadania e multiculturalismo: a teoria social no Brasil contemporâneo**. Lisboa: Socius/Florianópolis: UFSC, 2000.

SCHNEIDER, Sergio; FIALHO, Marco Antônio Verardi. Pobreza rural, desequilíbrios regionais e desenvolvimento agrário no Rio Grande do Sul. **Teoria e Evidência Econômica**, Passo Fundo, v. 8, n. 15, p. 117-149, 2000. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/376.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2011.

SCHWARTZ, C. **A recepção das tecnologias de informação e comunicação entre os agricultores familiares de Santa Maria, Rio Grande do Sul**. 2007. Dissertação (Mestrado em 2007). Programa de Pós-graduação em Extensão Rural. Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2007.

SCHWARTZ, Clarissa. **Relações de gênero e apropriação de tecnologias de informação e comunicação na agricultura familiar de Santa Maria – RS**. 2012. Tese (Doutorado em 2012). Programa de Pós-graduação em Extensão Rural. Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2012.

SIERRA, Francisco. Función y sentido de la entrevista cualitativa em investigación social. In: GALINDO CÁCERES, Jesús Luis. (coord.) **Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación**. México: CNCA/Addison Wesley Longman, 1998, p.277-346.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?**. São Paulo: Loyola, 2002.

SILVERSTONE, Roger. **Televisión y vida cotidiana**. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SODRÉ, Muniz. O globalismo como neobabárie. In: MORAES, Dênis (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SOUSA, Mauro Wilton. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SOUSA, Mauro Wilton (org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2009, p. 13-38.

SOUZA, Edinilsa Ramos et al. Construção dos instrumentos qualitativos e quantitativos. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves; SOUZA, Edinilsa Ramos.

Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005, p. 133-56.

STEINBRENNER, Rosane. **Rádios comunitárias na Transamazônica:** desafios da comunicação comunitária em regiões de mediação periférica. 2011. Tese (Doutorado em 2011). Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPA). Universidade Federal do Pará. Belém, 2011.

STEINBRENNER, Rosane; HURTIENNE, Thomas. **Mediação periférica e esfera pública na Transamazônica.** XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom. Recife, PE, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2925-1.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2013.

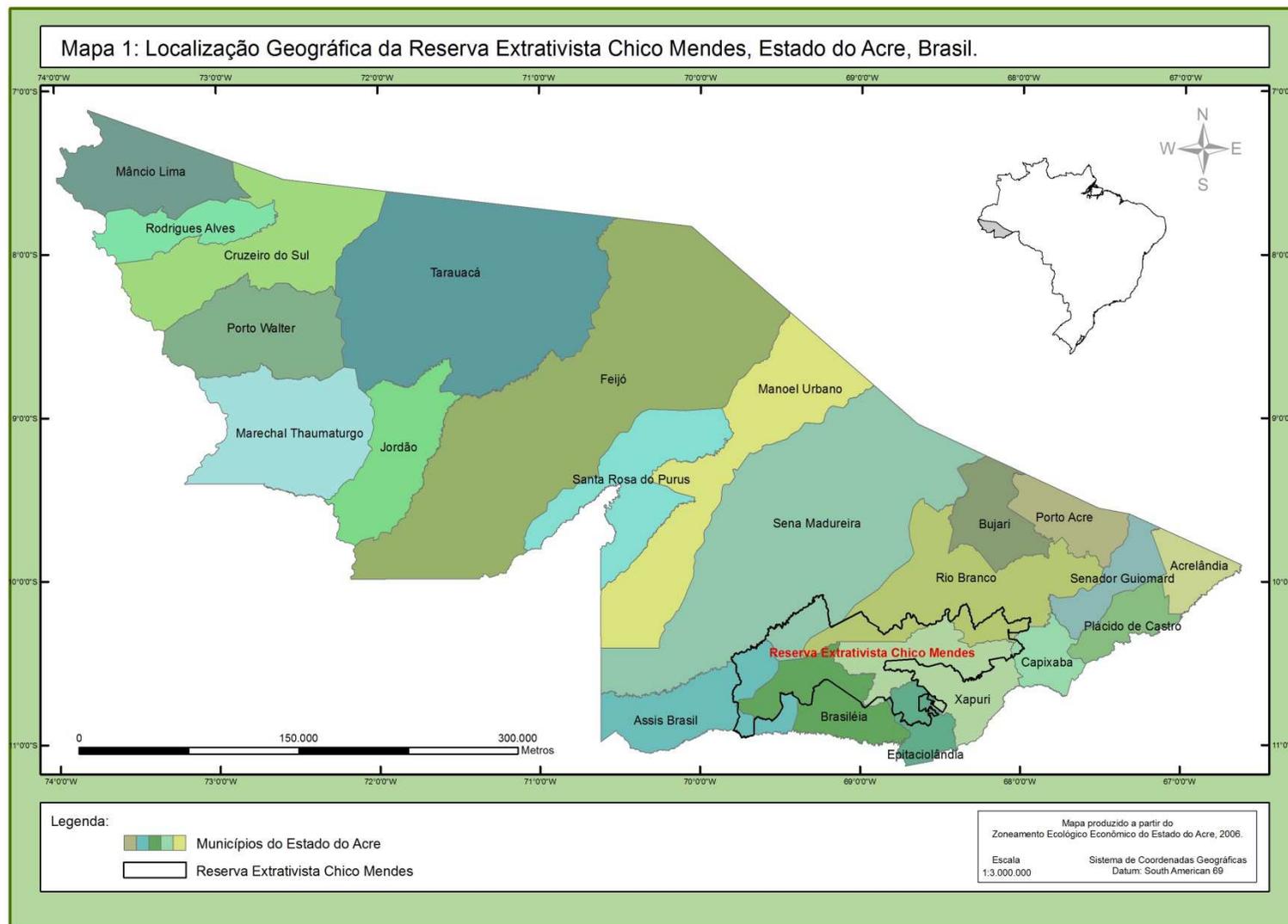
TRIGUEIRO, O. M. **Quando a televisão vira outra coisa:** as estratégias de apropriação das redes de comunicação cotidianas em São José de Espinharas (PB). Tese (Doutorado em 2004). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM/UNISINOS). São Leopoldo, 2004.

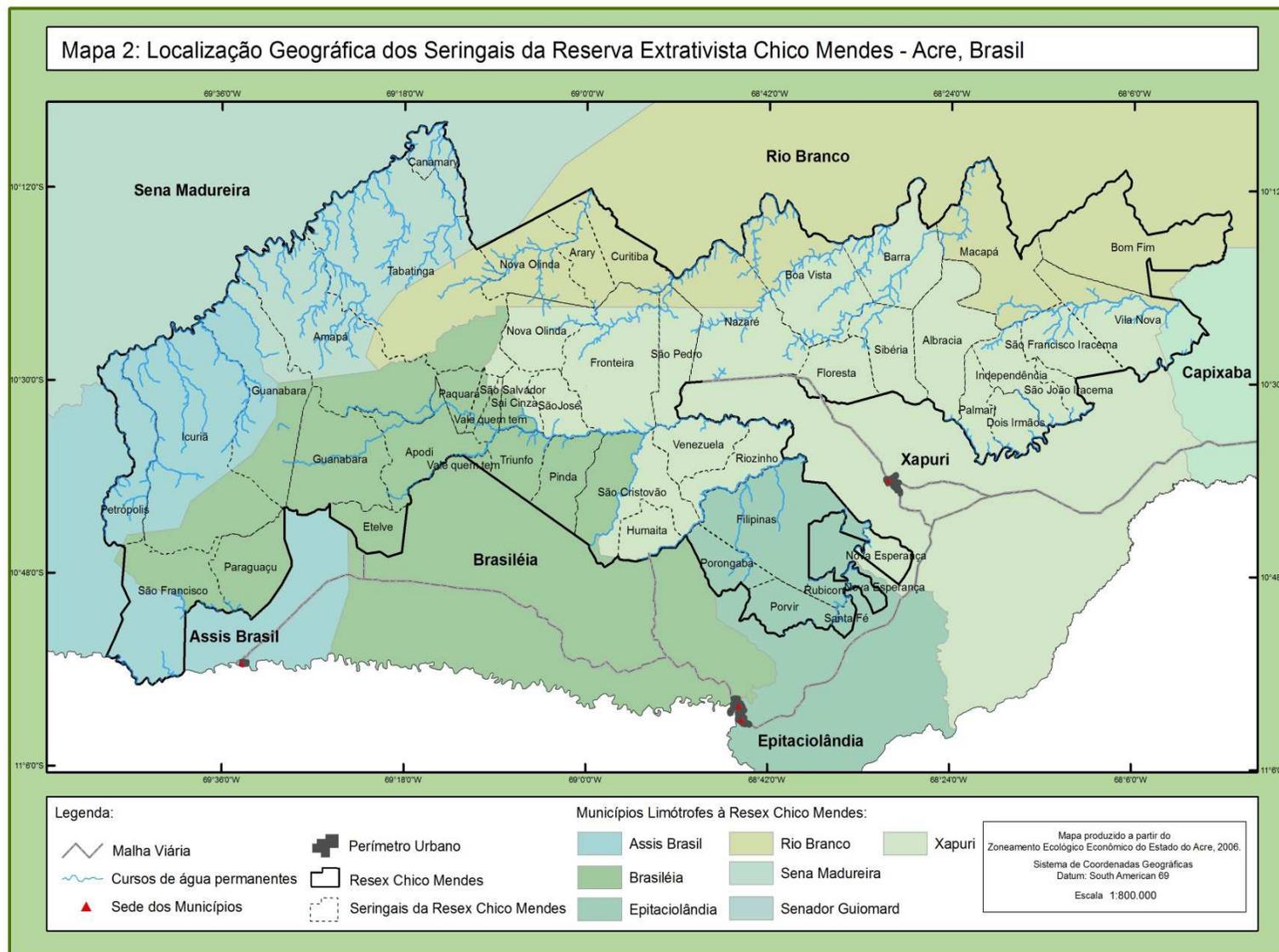
VERÓN, Eliseo. **Esquema para el análisis de la mediación.** Diálogos de la Comunicación. Lima: Felafacs, out. 1997. p. 9-17.

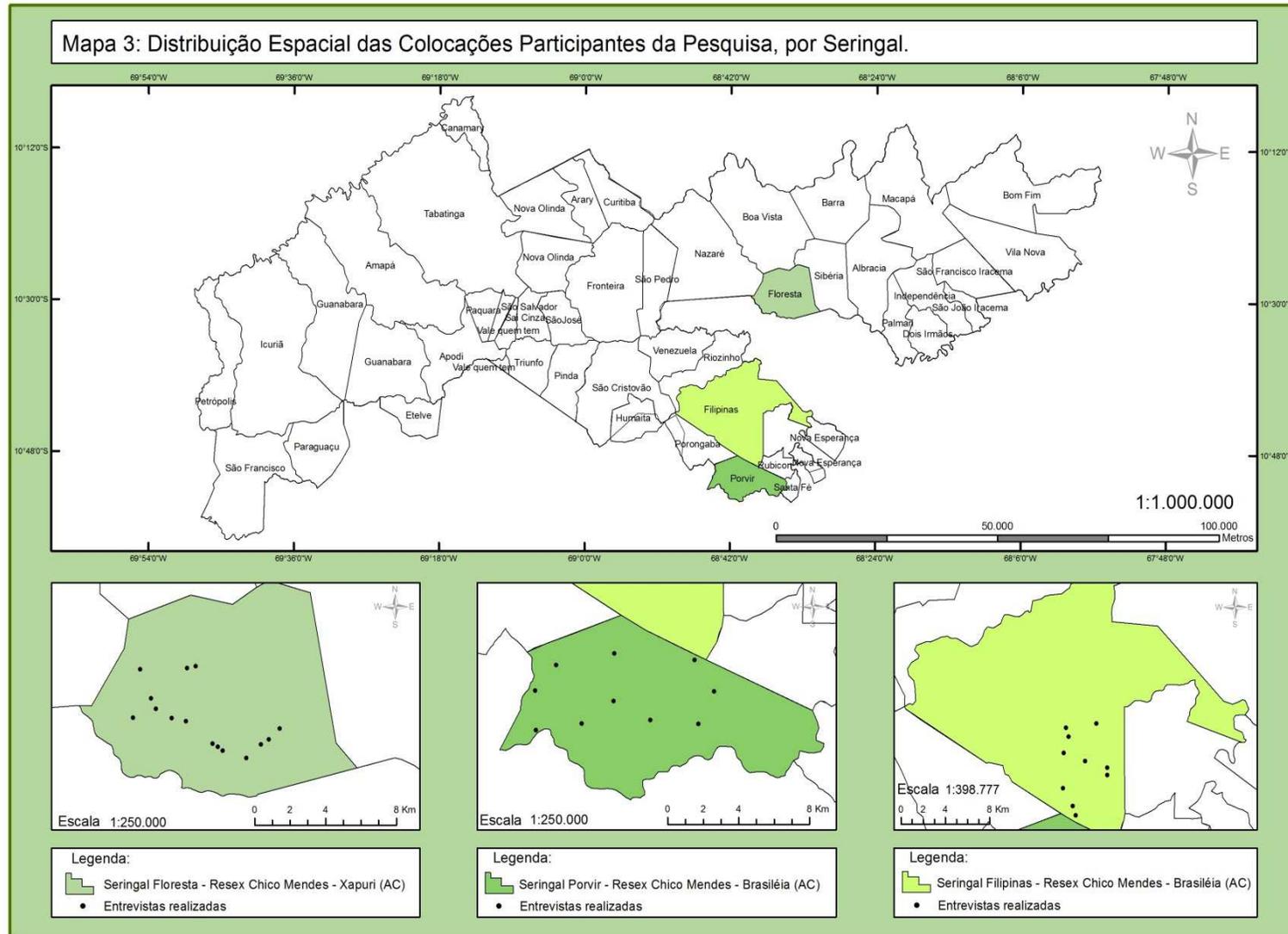
VERÓN, Eliseo. **Interfaces: sobre la democracia audiovisual avanzada.** In: FERRY, Jean-Marc et al. El nuevo espacio público. Barcelona: Ed. Gedisa, 1992, p. 124-139.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. **Pragmática da comunicação humana:** um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. São Paulo: Cultrix, 1981.

APÊNDICE A – MAPAS







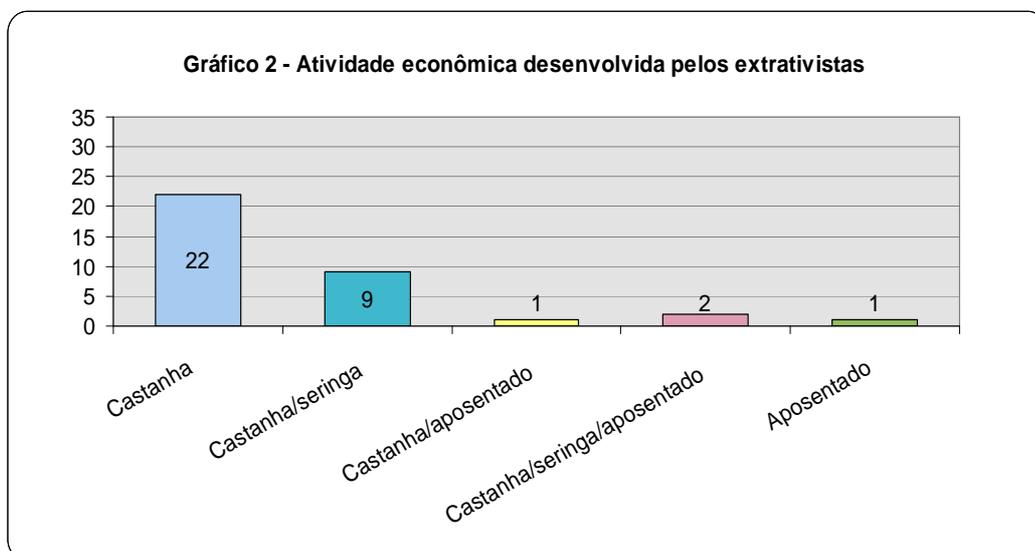
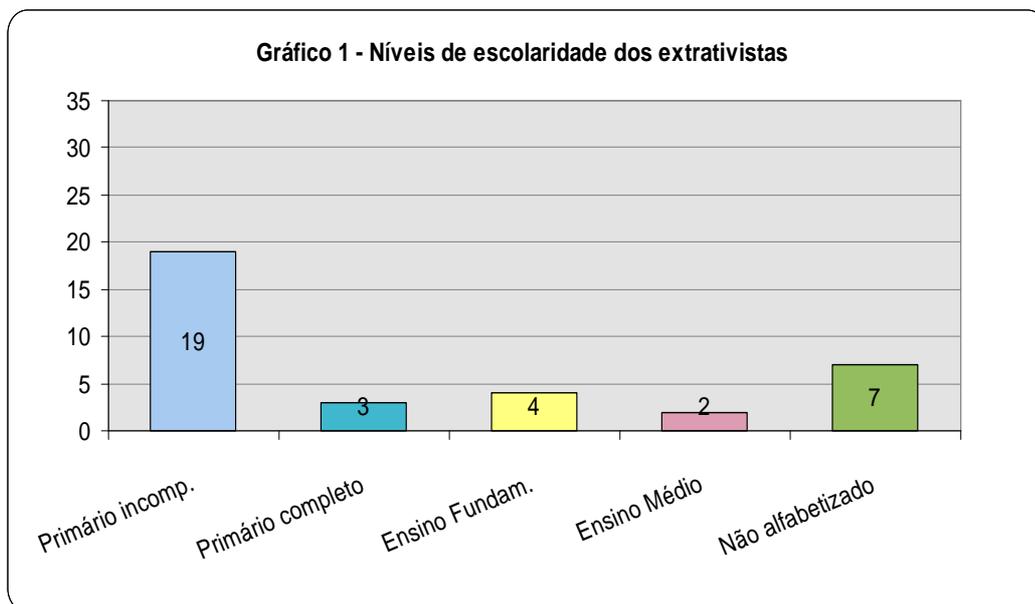
APÊNDICE B – GRÁFICOS

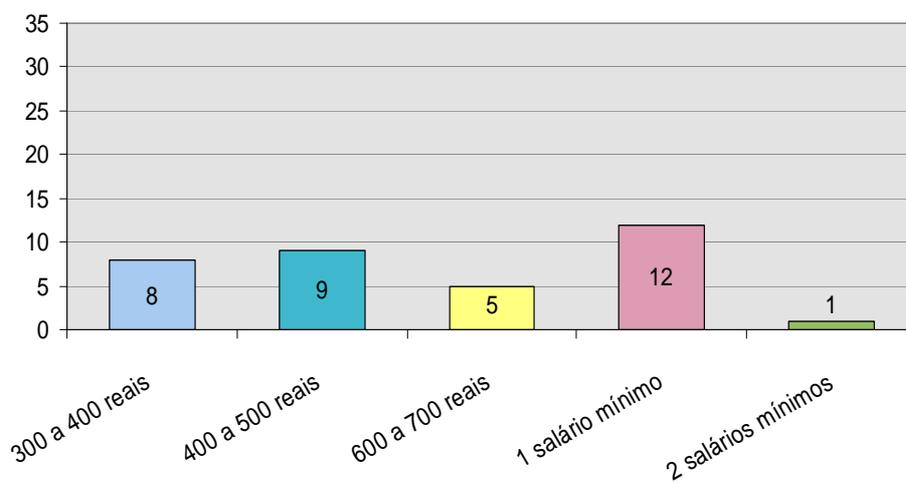
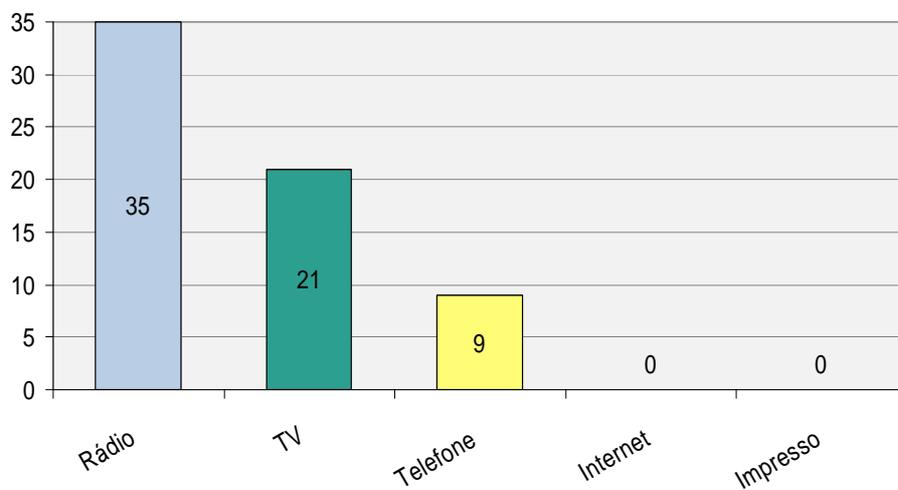
Gráfico 3 - Renda média familiar mensal dos extrativistas**Gráfico 4 - Oferta dos meios de comunicação nas comunidades extrativistas**

Gráfico 5 - Uso do telefone pelos extrativistas

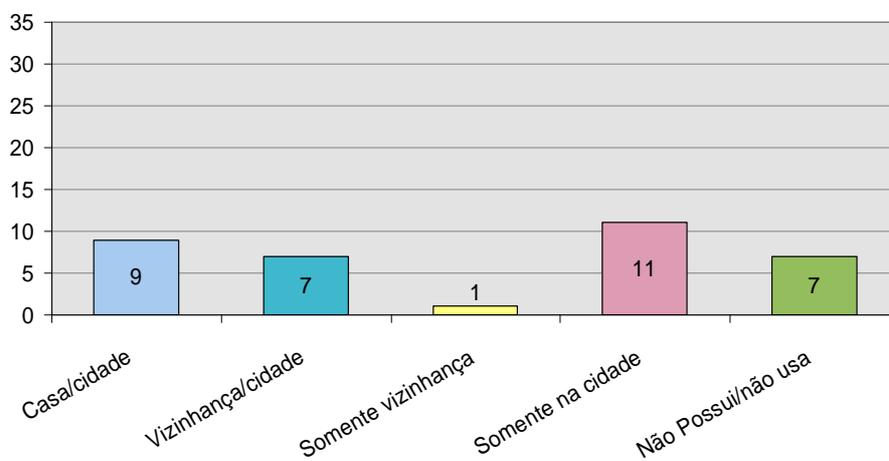
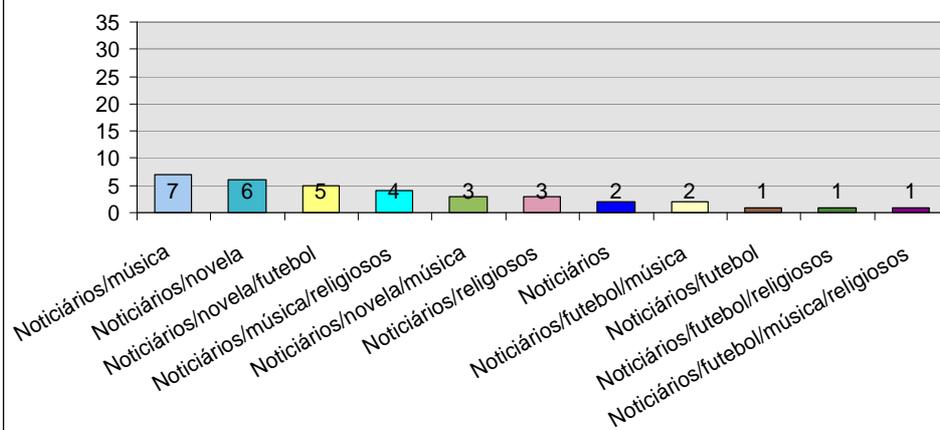
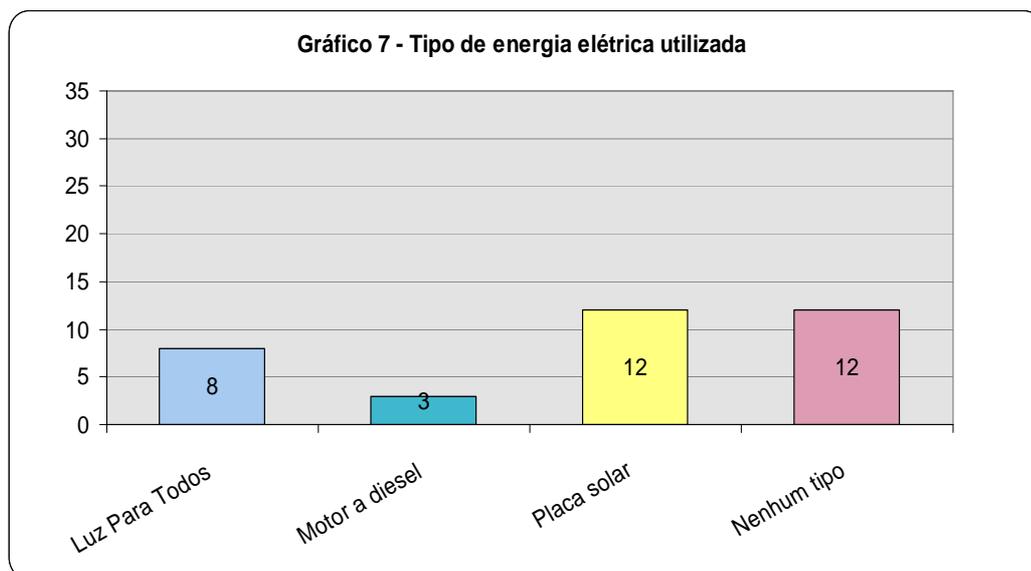


Gráfico 6 - Tipo de conteúdo buscado nos meios de comunicação





ANEXOS

ANEXO A - Roteiro de entrevista semiestruturada realizada com agricultores familiares de comunidades rurais dos distritos de Tuiuty e Pinto Bandeira, município de Bento Gonçalves (RS)

BLOCO I - Elementos configurados do perfil socioeconômico

1. Data da entrevista:
2. Nome:
3. Comunidade:
4. Idade e sexo:
6. Naturalidade:
7. Origem/Descendência:
8. Escolaridade:
9. Função na comunidade:
10. Tempo na comunidade:
11. Principal atividade econômica:
12. Desenvolve outras atividades econômicas para compor a renda familiar?
13. Número de pessoas na família:
14. Renda média mensal familiar:
15. Possui vínculo com organizações sociais (sindicato, cooperativas, associações etc.)?

BLOCO II - Elementos configuradores do perfil histórico e cultural

1. Conte-me um pouco sobre a sua história
2. Como é a sua rotina em casa e na comunidade?
3. Fale sobre a interação com a cidade

BOLOCO III - Disposições, acessos e práticas com os meios de comunicação

1. Que lembrança você tem, desde a infância, de como ficava sabendo dos acontecimentos?
2. Que meios de comunicação você usa?
3. Como você utiliza os meios de comunicação?
4. Costuma conversar sobre o que fica sabendo através dos meios de comunicação?
5. Com quem conversa e em que momento?
6. Já recebeu alguma informação pela mídia que tenha sido útil para a sua vida/trabalho?
7. Qual a sua opinião sobre os meios de comunicação?

ANEXO B - Roteiro de entrevista semiestruturada realizada com moradores de comunidades rurais (seringais) da Reserva Extrativista Chico Mendes (Resex), nos municípios de Xapuri e Brasileia (AC)

BLOCO I - Caracterização da comunidade

1. Data da entrevista:
2. Nome:
3. Município:
4. Distância da sede do município e formas de acesso (meios de transporte):
5. Número de famílias da comunidade:
6. Origem das famílias:
7. Principais atividades econômicas desenvolvidas na comunidade:
8. A comunidade tem serviço de fornecimento de energia elétrica?
9. Existem fontes de energia alternativa na comunidade?
10. Principais meios de comunicação presentes na comunidade:
11. A comunidade possui serviços posto de saúde?
12. A comunidade se organiza para enfrentar seus problemas? de que forma?

BLOCO II - Elementos configurados do perfil socioeconômico do entrevistado

1. Nome:
2. Idade e sexo:
3. Estado civil:
4. Naturalidade:
5. Origem/Descendência:
6. Escolaridade:
7. Função na comunidade:
8. Tempo de moradia na comunidade:
9. Número de filhos:
10. Faixa etária:
11. Principal atividade econômica:
12. Desenvolve outras atividades econômicas para compor a renda familiar?
13. Número de pessoas que trabalham na família:
14. Renda média mensal familiar:
15. Recebe algum benefício do governo por meio de programas sociais?

16. Possui vínculo com organizações sociais (sindicato, cooperativa, associações etc)?

17. Como é a relação com seus vizinhos?

BLOCO III - Elementos configuradores do perfil histórico e cultural

1. Conte-me um pouco sobre a sua história como extrativista

2. Como é a sua rotina como extrativista?

3. Conte-me sobre a vida na comunidade

4. Fale sobre a interação com a cidade

BOLOCO IV - Disposições, acessos e práticas com os meios de comunicação

1. Que lembrança você tem, desde a sua infância, de como ficava sabendo dos acontecimentos?

2. Que meios de comunicação você usa?

3. Como você costuma ouvir rádio?

➤ Que horários costuma ouvir rádio?

➤ Que programas costuma ouvir?

➤ Quanto tempo você ouve rádio?

➤ Porque você ouve rádio?

4. Como você costuma assistir à televisão?

➤ Que horários costuma assistir à televisão?

➤ Que programas costuma assistir?

➤ Quanto tempo você passa assistindo à televisão?

➤ Porque você assiste à televisão?

5. Como você usa o celular?

6. Por que motivos você utiliza esses meios de comunicação?

7. Que tipo de informação você busca nos meios de comunicação?

8. Costuma conversar sobre o que fica sabendo através do rádio e da televisão?

9. Com quem conversa e em que momento?

10. Já recebeu alguma informação pela mídia que tenha sido útil para a sua vida/trabalho?

11. Que tipo de informação? Quando?

12. Qual a sua opinião sobre os meios de comunicação?